



JAN-PHILIPP SENDKER

*A arte
de ouvir o
coração*



Para Anna, Florentine e Jonathan
E em memória de Vivien Wong (1969-2000)

PARTE UM

Os olhos do velho foram a primeira coisa que me surpreendeu. Eram afundados nas órbitas, e parecia que ele não conseguia parar de olhar para mim. Sim, todos na casa de chá me observavam mais ou menos abertamente, mas era ele quem fazia isso de modo mais explícito. Como se eu fosse uma criatura exótica que ele nunca tivesse visto.

Tentando ignorá-lo, olhei ao redor na sala, uma simples casinha de madeira com poucas mesas e cadeiras montadas no chão batido. Na parede mais distante, havia um balcão onde eram expostos doces e bolos de arroz, sobre os quais dezenas de moscas já haviam pousado. Ao lado, sobre um fogareiro a gás, a água para o chá fervia em uma chaleira escura. Em um canto, refrigerantes cor de laranja estavam armazenados em caixas de madeira. Eu nunca estivera em um casebre tão deplorável. Fazia um calor insuportável. O suor escorria por minhas têmporas e pescoço. Minha calça jeans grudava no corpo. Eu estava sentada, tentando me acostumar com o local, quando, de repente, o velho se levantou e se aproximou de mim.

“Mil perdões, jovem, por abordá-la de modo tão direto”, disse ele, sentando-se à minha mesa. “É falta de educação, eu sei, principalmente porque não nos conhecemos, ou pelo menos você não me conhece, nem mesmo de vista. Eu me chamo U Ba, e já sei muitas coisas sobre você, mas admito que tal fato não justifica, de forma alguma, meu atrevimento. Creio que você deve achar

estranho ser abordada por um desconhecido em uma casa de chá de uma cidade desconhecida em uma terra desconhecida. Compreendo totalmente a sua situação, mas gostaria de — ou talvez devesse ser mais franco afirmando que preciso — lhe fazer uma pergunta. Esperei por esta oportunidade durante tanto tempo que não consigo permanecer sentado observando-a em silêncio, agora que está aqui.

“Esperei quatro anos, para ser exato, e passei muitas tardes caminhando de um lado para outro na estrada de terra, onde o ônibus deixa os poucos turistas que se aventuram nesta cidade. Às vezes, nos raros dias em que um avião vinha da capital, e quando eu conseguia, ia ao nosso pequeno aeroporto esperar por você, em vão.

“Você demorou bastante.

“Minha intenção não é repreendê-la. Por favor, não me leve a mal. Mas já estou velho e não faço ideia de quantos anos restam para mim. As pessoas de nosso país envelhecem rápido e morrem jovens. O fim da minha vida pode estar próximo, e ainda tenho uma história para contar, uma história para você.

“Você sorri. Deve achar que fiquei maluco, que sou um pouco doido, ou no mínimo excêntrico? Tem todo direito de pensar assim. Mas, por favor, eu peço, não me ignore. Não se deixe enganar pela minha aparência.

“Vejo em seus olhos que estou testando sua paciência. Por favor, me dê uma chance. Não há ninguém à sua espera, certo? Você veio sozinha, como eu esperava que viesse. Ceda apenas alguns minutos de seu tempo. Sente-se aqui comigo por mais um tempo, Julia.

“Está surpresa? Seus lindos olhos castanhos estão ainda maiores, e pela primeira vez você está, de fato, olhando para mim. Deve estar abalada. Deve estar se perguntando como eu posso saber o seu nome se nunca nos vimos antes e esta é a primeira visita que

faz a este país. Está pensando que eu devo ter visto uma etiqueta em algum lugar, em sua jaqueta ou bolsa. A resposta é não. Sei seu nome, assim como sei a data e a hora de seu nascimento. Sei tudo sobre a pequena Julia que adorava, acima de tudo, escutar seu pai contando uma história. Posso até dizer qual era a sua preferida, aqui e agora: ‘A história do príncipe, da princesa e do crocodilo’.

“Julia Win. Nascida em 28 de agosto de 1968, na cidade de Nova York. Mãe norte-americana. Pai birmanês. O seu sobrenome faz parte de minha história, tem sido parte dela desde que nasci. Nos últimos quatro anos, não se passou um dia em que eu não pensasse em você. Explicarei tudo na hora certa, mas, antes, permita-me fazer minha pergunta: Você acredita no amor?”

“Está rindo. Como você é linda. Estou falando sério. Você acredita no amor, Julia?”

“Claro que não me refiro aos acessos de paixão que nos levam a fazer e dizer coisas das quais nos arrependemos depois, que nos iludem a pensar que não podemos viver sem determinada pessoa, que nos deixam tremendo de medo só de pensar em perdê-la — um sentimento que nos empobrece em vez de enriquecer, porque desejamos ter o que não podemos, manter o que não podemos.

“Não. Eu me refiro a um amor que dá visão ao cego. De um amor mais forte do que o medo. Eu falo de um amor que dá sentido à vida, que desafia as leis naturais da deterioração, que nos faz florescer, que não tem limites. Eu me refiro ao triunfo do espírito humano sobre o egoísmo e a morte.

“Você está balançando a cabeça, descrente. Não acredita em algo assim. Não sabe sobre o que estou falando. Não me surpreende. Mas espere. Você entenderá a que me refiro quando eu contar a história que tenho guardado em meu coração para você nesses últimos quatro anos. Peço só um pouco de paciência. Já está tarde, e você provavelmente está cansada da longa viagem. Se quiser, podemos nos encontrar de novo amanhã, no mesmo horário, nesta

mesa, nesta casa de chá. Foi aqui que eu conheci seu pai, a propósito, e, na verdade, ele estava sentado bem aí, onde você está, e contou sua história enquanto eu estava exatamente onde estou agora, surpreso — e confesso — desconfiado, até confuso. Nunca tinha escutado alguém contar uma história como aquela. As palavras conseguem criar asas? Conseguem planar como borboletas no ar? Podem nos cativar, nos levar a outro mundo? Podem abrir as últimas câmaras secretas de nossa alma? Não sei se as palavras sozinhas conseguem fazer essas coisas, mas, Julia, seu pai mostrou uma voz naquele dia que uma pessoa talvez ouça apenas uma vez na vida toda.

“Apesar de a voz dele ser baixa, não houve pessoa nesta casa de chá que não foi às lágrimas apenas ao ouvi-la. As frases dele logo tomaram a forma de uma história, e dessa história, uma vida surgiu, revelando seu poder e mágica. As coisas que eu ouvi naquele dia me fizeram acreditar, assim como seu pai acreditava.

“‘Não sou um homem religioso, e o amor, U Ba, é a única força na qual acredito de fato.’ Essas foram as palavras de seu pai.”

U Ba se levantou. Uniu as palmas das mãos diante do peito, fez uma discreta reverência, e saiu da casa de chá com poucos passos ligeiros e suaves.

Fiquei observando até ele desaparecer na confusão da rua.

Não, eu senti vontade de gritar para ele. Se acredito no amor? Que pergunta. Como se o amor fosse uma religião na qual se crê ou não. Não, eu queria dizer ao velho, não existe uma força mais poderosa do que o medo. Não existe triunfo sobre a morte. Não.

Permaneci encolhida em minha cadeira, com a sensação de que

ainda conseguia escutar a voz dele. Era tranquila e melodiosa, como a de meu pai.

Sente-se aqui comigo por mais um tempo, Julia, Julia, Julia...

Você acredita no amor, no amor...

As palavras de seu pai, de seu pai...

Minha cabeça doía; eu estava exausta. Como se tivesse despertado de um grande pesadelo. As moscas voavam ao meu redor, pousavam em meu cabelo, testa e mãos. Não tive força para espantá-las. À minha frente, havia três doces secos. A mesa estava coberta por açúcar mascavo grudento.

Tentei bebericar meu chá. Estava frio e minha mão tremia. Por que eu havia passado tanto tempo escutando um desconhecido? Poderia ter pedido para ele parar. Poderia ter saído. Mas algo me mantivera ali. Quando eu estava prestes a me afastar, ele dissera: Julia, Julia Win. Eu não podia imaginar que ouvir meu próprio nome me deixaria tão abalada. Como ele sabia? Será que ele realmente conhecera meu pai? Quando o vira pela última vez? Sabia se meu pai ainda estava vivo e onde podia estar escondido?

O garçom não quis receber meu dinheiro.

“Os amigos de U Ba são nossos convidados”, disse ele, fazendo uma reverência.

Ainda assim, tirei uma nota de *kyat* do bolso de minha calça. Estava gasta e imunda. Com nojo, eu a coloquei embaixo do prato. O garçom tirou a mesa, mas ignorou o dinheiro. Apontei para a nota. Ele sorriu.

Seria muito pouco? Muito suja? Coloquei uma nota de maior valor e mais limpa sobre a mesa. Ele fez uma reverência, sorriu de novo e a deixou ali também, intocada.

Do lado de fora, estava ainda mais quente. O calor me paralisou. Fiquei na frente da casa de chá incapaz de dar um passo que fosse. O sol fazia minha pele arder, e a luz forte irritava meus olhos. Coloquei um boné e abaixei a aba diante dos olhos.

A rua estava repleta de pessoas, mas, ainda assim, estranhamente silenciosa. Quase não havia veículos motorizados ali. As pessoas passavam a pé ou de bicicleta. Estacionadas em um cruzamento, havia três carruagens levadas por cavalos e um carro de boi. Os poucos carros da rua eram picapes japonesas velhas, amassadas e enferrujadas, repletas de cestos e sacos aos quais os jovens se

agarravam com unhas e dentes.

Na rua, havia fileiras de lojas de madeira baixas, térreas com telhado de metal corrugado, onde os vendedores ofereciam de tudo, desde arroz, amendoim, farinha e xampu além de coca-cola e cerveja. Não havia ordem... pelo menos não que eu percebesse.

A cada duas lojas, uma parecia ser uma casa de chá com clientes na frente, sentados em banquinhos de madeira. Eles tinham toalhas verdes e vermelhas enroladas na cabeça. Em vez de calça, os homens vestiam o que pareciam saias-envelope compridas.

Na minha frente, duas mulheres haviam passado uma pasta amarela nas bochechas, sobrancelhas e nariz e estavam fumando cigarrilhas compridas verde-escuras. Elas eram todas esguias, mas não abatidas, e caminhavam com a mesma elegância e leveza que eu sempre admirei em meu pai.

E a maneira como elas olhavam para mim, diretamente no rosto e nos olhos, sorrindo. Eu não conseguia entender aqueles sorrisos. Uma risadinha podia ser ameaçadora.

Outros me cumprimentavam com um meneio de cabeça. Será que eles me conheciam? Será que todos eles, assim como U Ba, estavam esperando a minha chegada? Tentei não olhar para eles. Desci a rua principal o mais rápido possível, com os olhos fixos em um ponto imaginário à distância.

Sentia saudade de Nova York, do barulho e do trânsito. Sentia saudade também dos rostos alheios de pedestres que não se interessavam uns pelos outros. Eu queria voltar para onde conhecia as ruas e sabia como me comportar.

A estrada se bifurcou depois de cerca de cem metros. Eu havia esquecido onde era meu hotel. Só conseguia ver as buganvílias grandes, mais altas até do que os casebres que elas escondiam. Os campos secos, as calçadas empoeiradas, os buracos profundos o bastante para engolir os postes que seguram cestas de basquete. Para qualquer lado que me virasse, tudo parecia estranho e

sinistro.

“Senhorita Win, senhorita Win”, alguém me chamou.

Não ousei virar o corpo, mas olhei para trás. Vi um jovem que me fez lembrar o carregador de malas de hotel. Ou o carregador do aeroporto em Rangum, ou o motorista de táxi. Ou talvez o garçom na casa de chá.

“Está procurando alguma coisa, senhorita Win? Posso ajudá-la?”

“Não, obrigada”, respondi, sem querer depender daquele desconhecido. “Sim... meu hotel”, disse, desejando encontrar, acima de qualquer coisa, um lugar para me esconder, mesmo que fosse o quarto de hotel onde havia me hospedado naquela manhã.

“Subindo o monte, aqui, à direita. Fica a menos de cinco minutos”, explicou ele.

“Obrigada.”

“Espero que goste de sua estada na cidade. Bem-vinda a Kalaw”, disse ele, e ficou de pé, sorrindo, enquanto eu me virava.

No hotel, passei silenciosa e rapidamente pela recepcionista sorridente, subi a enorme escada de madeira que levava ao segundo andar e me afundei na cama.

A viagem de Nova York para Rangum havia demorado mais de setenta e duas horas. Depois passei a noite toda e metade do dia seguinte em um ônibus caindo aos pedaços lotado de pessoas malcheirosas, pessoas que não estavam usando nada além de saias encardidas, camisetas puídas e sandálias de plástico. Com frangos e porquinhos berrando. Uma viagem de vinte horas em estradas que mal lembravam ruas. Leitos de rios secos, se quer saber. Tudo isso só para sair da capital para esse pequeno vilarejo montanhoso

afastado.

Devo ter dormido. O sol havia desaparecido; a noite caía. Uma semiescuridão tomava conta da sala. Minha mala estava fechada sobre a outra cama. Olhei ao redor, e meus olhos iam de um lado a outro, como se eu precisasse lembrar a mim mesma onde estava. Havia um velho ventilador de madeira no teto bem acima de mim. A sala era grande, e os móveis espartanos davam a ela um ar monástico. Ao lado da porta, havia um armário simples; perto da janela, uma mesa e uma cadeira; entre as camas, um pequeno criado-mudo. As paredes brancas não tinham decorações, quadros nem espelhos. Os velhos tacos de madeira do chão eram lisos devido ao desgaste. O único luxo era uma pequena geladeira coreana. Não funcionava. O vento frio da noite passava pelas janelas abertas.

No lusco-fusco, algumas horas depois de o sol ter se posto, meu encontro com o senhor na casa de chá parecia ainda mais absurdo e misterioso do que tinha sido à luz do dia. Imagens espectrais atravessavam minha mente, imagens que eu não sabia interpretar, imagens que não faziam sentido. Eu tentei me lembrar. Ele usava uma camisa branca amarelada pelo uso, um *longyi* verde e chinelos de dedo de borracha. Tinha cabelos brancos, crespos e cortados rente à cabeça. Seu rosto era marcado por rugas profundas. Não sabia sua idade. Sessenta, talvez setenta. Ele sorriu de novo, um sorriso cuja relevância eu não conseguia determinar. Seria desdenhoso, debochado? Compassivo? O que ele queria de mim?

Dinheiro. O que mais? Ele não havia pedido nenhum, mas seus dentes e camisa deixavam claro. Sabia aonde ele queria chegar.

Podia ter perguntado qual era o meu nome para alguém do hotel. Ele provavelmente tinha esquemas com a recepção. Um trapaceiro que queria despertar minha curiosidade, causar uma impressão para oferecer seus serviços de vidente. Não, não... um astrólogo. Eu não cairia na história. Ele estava perdendo seu tempo.

Ele havia dito alguma coisa que sugerisse que havia, de fato, conhecido meu pai? Meu pai, supostamente, disse a ele: “Não sou um homem religioso, e o amor, U Ba, é a única força na qual acredito de fato”. Meu pai sequer teria pensado algo daquele tipo, muito menos dito em voz alta. Muito menos para um desconhecido. Ou será que eu estava me enganando? Não era mais provável uma ridícula presunção de minha parte imaginar que eu compreendia os pensamentos ou sentimentos de meu pai? Até que ponto eu o conhecera? O pai que eu acreditara conhecer teria desaparecido, de repente, sem ao menos deixar um bilhete? Teria abandonado a esposa, o filho e a filha sem explicação, sem enviar uma palavra que fosse?

Seu rastro desaparece em Bangcoc, segundo a polícia. Pode ter sido assaltado e morto na Tailândia. Ou teria sido vítima de um acidente no golfo de Sião? Será que ele esperava aproveitar duas semanas de paz e tranquilidade, para variar? Talvez ele tivesse ido para o litoral e se afogado ali enquanto nadava. Essa é a versão de nossa família, a oficial, pelo menos.

O grupo de investigação de homicídios suspeitava que ele tivesse vida dupla. Eles se recusaram a aceitar o relato de minha mãe, de que ela não sabia nada dos primeiros vinte anos da vida dele. Consideravam essa ideia tão absurda que a princípio suspeitaram que ela tivesse participado de alguma forma do desaparecimento dele, como cúmplice ou autora do crime. Apenas quando ficou claro que não havia seguros de vida de valores exorbitantes envolvidos, que ninguém se beneficiaria financeiramente de sua morte arranjada, eles deixaram de lado suas suspeitas. Podia muito

bem haver um lado de meu pai escondido no mistério daqueles primeiros vinte anos há muito esquecidos, um lado que nós, sua família, nunca tínhamos visto.

Minha última lembrança dele já tinha quatro anos.

Foi na manhã seguinte à minha formatura no curso de direito. Nós havíamos comemorado minha graduação na manhã anterior, e eu não quis voltar para casa naquela noite. Por algum motivo, queria começar o dia com a segurança de minha rotina de infância. Sentir aquela sensação de segurança. Só mais uma vez.

Meu pai acordou cedo e parou aos pés de minha cama, com seu velho sobretudo cinza e um chapéu borsalino marrom. Na infância, eu o observava sair para trabalhar vestido daquela forma. Todas as manhãs, eu ficava de pé na janela acenando, às vezes chorando por não querer que ele se fosse. Mesmo anos depois, quando o motorista esperava por ele, que só precisava dar três passos na calçada para entrar na limusine, ele sempre usava os mesmos casaco e chapéu. Durante todo aquele tempo, ele nunca variou seu guarda-roupa; apenas comprava novos casacos e chapéus de tempos em tempos, e os chapéus eram exclusivamente borsalinos. Tinha seis: dois pretos, dois marrons e dois azuis-marinhos. Quando não conseguia mais encontrar os sobretudos, mesmo nas mais conservadoras lojas de roupa masculina de Nova York, começou a encomendá-los sob medida.

O borsalino era seu talismã. Ele havia comprado aquele chapéu italiano para usar em sua primeira entrevista de emprego. Conseguiu a vaga. Naquela época, o chapéu tinha sido uma prova de seu bom gosto e estilo. Mas ao longo dos anos, passou de antigo

para excêntrico e, então, finalmente, ele passou a parecer um figurante de um filme dos anos 1950. Na adolescência, eu sentia vergonha das roupas que meu pai usava. Ele parecia totalmente deslocado, e cumprimentava as mães de minhas amigas com uma reverência. As outras crianças riam quando ele me buscava na escola. Nunca usava tênis, calça jeans nem blusa de moletom. Detestava o estilo casual de se vestir dos norte-americanos, que ele dizia dar vazão aos instintos humanos mais inferiores, e um deles era o desejo pelo conforto.

Meu pai aproximou-se de minha cama e sussurrou meu nome. Disse que tinha um compromisso em Boston e não sabia exatamente quando voltaria. Provavelmente passaria alguns dias fora, o que era estranho, porque sua agenda de compromissos era tão regulada quanto um relógio. Além disso, ele ia a Boston o tempo todo e nunca passava a noite. Ele beijou minha testa e disse: “Amo você, pequena. Nunca se esqueça disso, entendeu?”.

Assenti meio grogue. “Eu também amo você.”

Virei na cama, afundei o rosto no travesseiro e voltei a dormir. Nunca mais o vi.

O primeiro sinal de que algo não estava bem veio um pouco antes das dez daquela manhã. Eu havia dormido até mais tarde e estava entrando na cozinha. Minha mãe me esperava para tomar o café da manhã. Estava sentada no solário com uma xícara de café, folheando a *Vogue*. Nós duas ainda vestíamos nossos roupões de banho. Havia doces de canela quentes na mesa, além de pão fresco. Eu estava no meu antigo lugar, de costas para a parede, os pés na beirada da cadeira, braços envolvendo os joelhos, bebericando suco

de laranja e contando à minha mãe sobre meus planos para o verão, quando o telefone tocou. Susan, a secretária de meu pai, queria saber se ele estava doente. A pessoa com quem ele tinha um horário marcado às dez da manhã — e não era um cliente comum — queria saber onde ele estava. Ninguém havia dito nada a respeito de Boston.

Algo devia ter aparecido em cima da hora, as duas mulheres concordaram. Ele não havia conseguido telefonar, estava preso em alguma reunião, e certamente apareceria nas horas seguintes.

Minha mãe e eu terminamos de tomar o café. Eu estava um pouco ansiosa, mas ela estava tão calma que eu relaxei. Depois do café da manhã, fomos juntas fazer uma limpeza de pele, e então passamos pelo Central Park para chegarmos à loja Bergdorf Goodman. Era um daqueles dias do início de verão em que Nova York estava mais fresca. O parque tinha cheiro de grama cortada, as pessoas estavam deitadas ao sol no Sheep Meadow, e dois rapazes, sem camisa, lançavam um *frisbee* de um lado a outro. Dois homens mais velhos apareceram patinando de mãos dadas à nossa frente.

Minha mãe me guiou. Na Bergdorf Goodman, ela comprou para mim um vestido florido de verão, e depois, como sempre, fomos tomar chá no Plaza.

Eu não gostava muito daquele hotel. Seu estilo renascentista francês era muito exagerado, na minha opinião, cafona demais, mas há muito tempo eu já havia reconhecido que era inútil tentar tomar chá com minha mãe em qualquer outro lugar. Ela adorava o salão de gesso dourado nos tetos altos e nas paredes, as colunas elaboradas e decoradas — como se fossem feitas de glacê. Ela gostava muito da postura pretensiosa dos garçons, da maneira com que o maître francês a cumprimentava (*"Bonjour, madame Win"*). Nós nos sentamos entre duas palmeiras ao lado de uma pequena mesa de bolos, doces e sorvete. Dois violinistas que passavam por

ali tocavam valsas vienenses. Minha mãe pediu blinis de caviar e duas taças de champanhe.

“Estamos comemorando alguma coisa?”, perguntei.

“Sua formatura, querida.”

Provamos os blinis. Estavam salgados demais, o champanhe estava quente demais. Minha mãe fez um sinal para o garçom.

“Deixe assim, mamãe”, protestei. “Está tudo bem.”

“De jeito nenhum”, disse ela de modo calmo, como se eu não soubesse nada de coisas daquele tipo.

Ela repreendeu o garçom, que levou nosso pedido de volta desculpando-se sem parar. A voz dela conseguia ser fria e pungente. Em certa época, eu a temia. Naquele dia, só a considerava desagradável.

Ela olhou para mim:

“Você teria comido, não teria?”

Assenti.

“O seu pai também. Em muitos aspectos, vocês são iguais.”

“Como assim?”, perguntei. Não me pareceu um elogio.

“É por humildade, passividade ou medo de conflito? Ou arrogância?”, perguntou ela.

“O que a arrogância tem a ver com isso?”

“Nenhum de nós gosta de lidar com garçons”, disse ela. Não consegui entender a ira pesada em sua voz. Não tinha ligação nenhuma com o champanhe quente nem com os blinis salgados.

“Eles não valem o esforço. Chamo isso de arrogância.”

“É que simplesmente não dou muita importância a isso”, respondi.

Aquilo era apenas parte da verdade. Eu achava embaraçoso reclamar de tudo, fosse em um restaurante, hotel ou loja. Mas coisas como aquelas eram mais importantes para mim do que eu demonstrava. Elas me irritavam e, depois do acontecido, eu costumava me chatear por ter sido frouxa. Com meu pai, era

diferente. O silêncio dele em situações como aquelas era sincero. Para ele, coisas como aquelas não importavam de jeito nenhum. Ele sorria sempre que alguém cortava a fila na frente dele. Nunca conferia o troco. Minha mãe contava cada centavo. Eu invejava a compostura dele. Minha mãe não o compreendia. Ela era rígida consigo mesma e com os outros da mesma forma — meu pai só era rígido consigo mesmo.

“Como pode não se importar com o fato de não receber algo pelo qual você pagou? Não consigo entender.”

“Podemos mudar de assunto?”, perguntei, uma súplica mais do que uma ordem. “Não está preocupada com o papai?”

“Não. Deveria?”

Relembrando, fico imaginando se a calma de minha mãe não podia ser apenas fingimento. Nenhuma de nós disse nada sobre o compromisso não cumprido. Ela não telefonou para o escritório para saber se ele havia telefonado. Como podia ter tanta certeza de que nada de ruim havia acontecido com ele? Será que simplesmente não se importava? Ou será que já suspeitava há anos de que as coisas acabariam daquela maneira? Sua aparente tranquilidade naquele dia seria sinal do alívio — talvez até felicidade — que uma pessoa pode sentir quando uma catástrofe há muito prevista e inevitável finalmente passa?

“Influente advogado de Wall Street desaparece sem deixar vestígios”, o *New York Times* anunciou alguns dias depois do desaparecimento de meu pai. Nos vários dias que se seguiram, os jornais apareceram repletos de especulação. Teria sido um assassinato, um cliente em busca de vingança? Um sequestro

dramático? Teria alguma relação com Hollywood? Tudo o que a polícia descobriu nas primeiras duas semanas só tornou o caso mais misterioso. Na manhã do dia do desaparecimento, meu pai havia ido ao aeroporto JFK, de fato, mas em vez de pegar um voo para Boston, seguira para Los Angeles. Ele havia comprado a passagem no aeroporto e não havia despachado nenhuma mala. De Los Angeles, ele voou de primeira classe a Hong Kong no voo 888 da United Airlines. Uma aeromoça se lembrou dele porque ele não bebeu nada de champanhe e, em vez de um jornal, ele lia um livro de poesia de Pablo Neruda. A funcionária descreveu meu pai como uma pessoa muito calma e excepcionalmente educada. Ele não comeu muito e mal dormiu, não assistiu a nenhum filme, e passou a maior parte do tempo lendo.

Meu pai, então, aparentemente, passou uma noite em Hong Kong, no hotel Peninsula, quarto 218, pediu frango com curry e água mineral ao serviço de quarto e, de acordo com os funcionários, não saiu de lá. No dia seguinte, pegou o voo 615 da Cathay Pacific para Bangcoc, onde passou a noite no Mandarin Oriental. Não tentou esconder seu rastro. Hospedou-se nos mesmos hotéis onde costumava ficar nas viagens a negócios e pagou todas as contas com cartão de crédito, como se soubesse que aquele seria o fim de sua viagem, pelo menos para os investigadores. Quatro semanas depois, o pedreiro de uma obra encontrou o passaporte dele nos arredores do aeroporto de Bangcoc.

Diversas circunstâncias sugeriam que ele não havia saído da Tailândia. A polícia analisou todas as listas de passageiros dos voos saídos de Bangcoc. O nome dele não constava em nenhuma. Em determinado momento, os detetives especularam que ele havia conseguido um passaporte falso na Tailândia e então partido para outro lugar com outro nome. Diversas aeromoças da Thai Airways afirmavam tê-lo visto: uma em um voo para Londres, outro em

rota para Paris, e ainda, mais uma, em um avião para Phnom Penh. Nenhuma dessas pistas foi útil.

De acordo com as autoridades da imigração, meu pai veio da Birmânia para os Estados Unidos com um visto de estudante, em 1942. Estudou direito em Nova York e se tornou cidadão americano em 1959. Indicou Rangum, a capital da antiga colônia britânica, como seu local de nascimento. Investigações feitas pelo FBI e pela embaixada norte-americana em Rangum não deram pistas. Win é um sobrenome comum na Birmânia, e ninguém parecia conhecer a família de meu pai.

E deve haver na vida algo como um ponto de virada catastrófico, quando o mundo, da maneira como o conhecemos, deixa de existir. Um momento que nos transforma em uma pessoa diferente de um instante para outro. O momento em que um namorado confessa ter outro alguém e que está partindo. Ou o dia em que enterramos um pai, uma mãe ou o melhor amigo. Ou o momento em que o médico nos dá a notícia de um tumor maligno no cérebro.

Ou será que tais momentos são apenas as conclusões dramáticas de processos mais compridos, conclusões que poderíamos ter tirado se tivéssemos prestado atenção aos maus presságios em vez de ignorá-los?

E se esses pontos de virada são reais, temos consciência deles conforme acontecem, ou reconhecemos a descontinuidade muito tarde, quando relembramos os fatos?

São questões que nunca me interessaram antes e para as quais eu não tinha respostas. O desaparecimento de meu pai não era uma delas, de jeito nenhum. Eu amava meu pai, sentia sua falta, mas minha vida nos últimos quatro anos não teria sido diferente em nada; se ele ainda estivesse conosco, não teria alterado nenhuma decisão importante. Pelo menos era o que eu pensava.

Cerca de uma semana atrás, um pouco depois das oito, quando voltei para casa, o porteiro me chamou de volta quando eu já havia entrado no elevador. Chovia forte lá fora. Meus sapatos estavam

molhados. Eu estava congelando e mal conseguia esperar até chegar ao meu apartamento.

“O que foi?”, perguntei impacientemente.

“Encomenda.”

Olhei pela enorme janela de vidro da recepção para a rua. As lanternas dos carros reluziam no asfalto molhado. Eu estava doida por um banho quente e uma xícara de chá. O porteiro entregou para mim uma sacola na qual havia um pacote de papel pardo aproximadamente do tamanho de uma caixa de sapato. Eu a coloquei embaixo do braço e subi para o meu apartamento no trigésimo quinto andar. Meu pai o havia comprado para mim antes de eu me formar em direito.

Chequei minha secretária eletrônica: duas mensagens. Sobre a mesa, havia uma pilha de contas e propagandas. Havia um cheiro de produtos de limpeza no ar, por isso abri a porta da varanda. Ainda estava chovendo, e as nuvens estavam tão baixas que eu mal conseguia ver o outro lado de East River. Mais para baixo, o tráfego estava preso na Segunda Avenida e na Queensboro Bridge.

Depois do banho, tirei o pacote da sacola. No mesmo instante, reconheci a letra de minha mãe. Às vezes, ela enviava cartões ou recortes de jornal nos quais acreditava que eu poderia — ou pelo menos deveria — me interessar. Não gostava de secretária eletrônica, e era a sua maneira de deixar um recado. Já fazia muito tempo, no entanto, desde que havia enviado um pacote para mim. Ali dentro, encontrei uma pilha de fotos antigas, documentos e papéis pertencentes a meu pai, juntamente com algumas frases escritas por ela:

Julia,

Encontrei esta caixa enquanto organizava o sótão. Ela havia caído atrás da antiga penteadeira chinesa. Talvez você tenha interesse nessas coisas. Incluí a última foto de

nós quatro. Não preciso de mais nada disso. Me liga.

Com amor,
Judith

Espalhei a pequena pilha sobre a mesa. Em cima, havia um retrato da família, uma foto feita no dia em que me formei. Estou de braços dados com meus pais, sorrindo. Meu irmão está de pé atrás de mim, com as mãos em meus ombros. Minha mãe sorri para a câmera de modo orgulhoso. Meu pai também está sorrindo. A família feliz e perfeita. Como as fotografias mentem! Não havia nada que indicasse que aquela seria a nossa última foto juntos ou, pior ainda, que um de nós estivesse planejando desaparecer há tanto tempo. Minha mãe havia incluído dois passaportes vencidos, a certidão de naturalização norte-americana de meu pai e algumas agendas de compromissos antigas, repletas de curtas anotações. Boston. Washington. Los Angeles. Miami. Londres. Hong Kong. Paris. Houve anos em que meu pai deu várias voltas ao mundo. Ele havia galgado seu lugar como um dos oito sócios da empresa, e como advogado, havia se especializado cedo na indústria do entretenimento. Prestava consultoria aos estúdios de Hollywood acerca de contratos de filmes, aquisições e fusões. Ele também tinha, entre seus clientes, os maiores astros.

Nunca compreendi por que ele tinha tanto sucesso profissional. Trabalhava muito, mas nunca demonstrava um ar de ambição. Não era egoísta e nunca tentou ganhar em cima da fama de seus clientes. Seu nome nunca aparecia na coluna de fofoca. Nunca ia a festas, nem mesmo aos grandes bailes beneficentes que minha mãe e suas amigas organizavam. A necessidade de se encaixar em algum lugar, tão comum aos imigrantes, parecia totalmente desconhecida para ele, que era um solitário e a antítese da imagem que a maioria das pessoas fazia de um advogado de celebridades. Talvez essa fosse

a qualidade que inspirava confiança e o tornava um negociador tão cobiçado: sua calma e compostura, a falta de pretensão, seu jeito ausente, sempre meio inocente. Mas ele também tinha outros comportamentos que às vezes deixavam seus parceiros nos negócios e alguns amigos intranquilos. Por exemplo, sua memória era boa demais, e ele era extremamente crítico. Um olhar rápido bastava para ele memorizar quase tudo; descrevia memorandos e cartas de anos anteriores palavra por palavra. No começo de uma conversa, ele fechava os olhos e se concentrava na voz de uma pessoa como quem se entrega a uma música, e a partir de então ele parecia saber exatamente qual era o estado mental da pessoa, sua autoconfiança, se estava dizendo a verdade ou blefando. Supostamente, era algo que alguém podia aprender, mas quem havia ensinado isso a ele, quando e onde, ele não revelava, por mais que eu pedisse. Nem uma vez na vida consegui enganá-lo.

A última agenda era de 1960. Eu a folhee — não havia nada além de compromissos de negócios, nomes desconhecidos, lugares e horários. No meio de tudo aquilo, havia uma anotação escrita por meu pai:

*Quanto vive o homem, por fim?
Vive mil dias ou apenas um?
Uma semana ou vários séculos?
Por quanto tempo morre o homem?
O que quer dizer "Para sempre"?
Pablo Neruda*

Então, no fundo, um envelope azul fino, muito bem dobrado em forma de um triângulo pequeno. Eu o peguei e desdobrei. Estava endereçado a:

Mi Mi
38 Circular Road
Kalaw, Shan
Birmânia

Eu hesitei. Será que aquele papel azul e fino guardava o caminho até meu pai? Peguei a carta e caminhei até o fogão. Podia queimá-la. As chamas transformariam o papel em cinzas em segundos. Girei o botão, ouvi o som do gás vazando, o acendimento automático apitando, a chama. Segurei o envelope perto do fogo. Um movimento e a família teria paz. Não consigo lembrar quanto tempo fiquei na frente do fogão; só sei que, de repente, comecei a chorar. Lágrimas rolaram por meu rosto. Eu não sabia que estava chorando, mas as lágrimas não paravam de cair, cada vez mais grossas e cada vez mais depressa, até que, em determinado momento, eu me vi de novo em minha cama, chorando e soluçando como uma menininha.

O relógio na minha mesa de cabeceira mostrava cinco e vinte quando acordei. Eu ainda sentia o pesar em meus ossos. No intervalo de algumas respirações, não consegui me lembrar do motivo e torci para que fosse apenas um sonho. À mesa, eu desdobrei a carta com muito cuidado, como se ela pudesse estourar como uma bolha de sabão em minhas mãos.

24 de abril de 1955
Nova York

Minha querida Mi Mi,

Cinco mil oitocentos e sessenta e quatro dias se passaram desde que escutei pela última vez as batidas de seu coração. Você tem ideia de quantas horas são? Quantos minutos? Tem ideia de como se sente fraco um passarinho que não consegue cantar, uma flor que não consegue se abrir? Consegue entender como se sente infeliz um peixe fora da água?

É difícil escrever para você, Mi Mi. Escrevi muitas cartas que nunca enviei. O que eu

poderia dizer que você já não saiba? Como se precisássemos de tinta e papel, letras e palavras, para nos comunicarmos. Você esteve comigo ao longo de cada uma das 140.736 horas — sim, tudo isso — e estará comigo até nos encontrarmos de novo. (Perdoe-me por dizer o óbvio apenas desta vez.) Quando a hora chegar, retornarei. As palavras mais lindas podem parecer simples e vazias. A vida pode ser chata e assustadora para aqueles que precisam de palavras, que precisam tocar, ver, escutar um ao outro para poderem ficar próximos. Que precisam provar seu amor, ou mesmo apenas confirmá-lo, para poderem ter certeza dele. Sinto que estas linhas também nunca chegarão até você. Há muito tempo você compreende qualquer coisa que posso escrever, por isso, estas cartas são, na verdade, dirigidas a mim mesmo, tentativas simples de acalmar meu desejo.

Eu a li mais duas vezes, dobrei e enfiei de novo no envelope. Vi a hora. Era sábado de manhã, passava das sete. A chuva havia parado, as nuvens haviam dado espaço a um céu azul-escuro sob o qual Manhattan estava acordando lentamente. O sol nascia do outro lado de East River. Seria um dia frio e bonito.

Peguei um pedaço de papel para poder fazer algumas anotações, analisar a situação, criar uma estratégia, assim como teria feito no escritório. Mas o papel permaneceu vazio; eu já havia passado do meu limite. A decisão havia sido tomada para mim, ainda que não soubesse dizer por quem.

Eu sabia o número de telefone da United Airlines de cabeça. O próximo voo para Rangun seria no domingo, voava por Hong Kong e depois por Bangcoc. Eu teria que conseguir um visto lá para seguir viagem, na quarta-feira, com a Thai Air, para a Birmânia.

“E o voo de volta?”

Pensei por um momento.

“Deixe em aberto.”

Então, telefonei para a minha mãe.

Minha mãe já estava tomando café e lendo o *Times* quando cheguei lá.

“Vou viajar amanhã.” Minha voz parecia ainda mais acovardada do que eu temia. “Para a Birmânia.”

“Não seja ridícula”, disse ela, sem desviar o olhar do jornal.

Era com frases como aquela que ela havia sido capaz de me silenciar a vida toda. Bebi um gole de água mineral e olhei para a minha mãe. Seus cabelos grisalhos estavam pintados de loiro escuro de novo, e cortados curtos. O corte fazia com que ela parecesse mais jovem, mas também mais séria. O lábio superior havia quase desaparecido, e os cantos da boca, sempre virados para baixo, davam a seu rosto um ar amargurado. Os olhos azuis tinham perdido o brilho de que eu me lembrava da infância. Seria a idade ou a aparência de uma mulher que não havia sido amada — pelo menos não da maneira com que precisava ou queria ser? Será que ela já sabia sobre Mi Mi e escondera esse fato de seus filhos? Ela bebericou o café; não consegui interpretar sua expressão.

“Por quanto tempo ficará longe?”

“Não sei.”

“E seu trabalho?”

“Não sei.”

“Você está colocando sua carreira em risco.”

Ela tinha razão. Eu não sabia quem era Mi Mi, onde ela estava, que papel desempenhava na vida de meu pai, ou se ainda estava

viva. Eu tinha um nome e um antigo endereço de uma vila cuja localização exata não me era clara. Não sou o tipo de pessoa que age de modo impetuoso. Confio em meu intelecto mais do que em meus instintos.

Mas mesmo assim.

“O que você espera encontrar lá?”, perguntou ela.

“A verdade”, respondi. Era para ser uma afirmação, mas mais pareceu uma pergunta.

“A verdade de quem? A dele? A sua? Posso dizer qual é a minha aqui e agora, em três frases. Se quiser saber.” Ela parecia cansada e vazia.

“Gostaria de saber o que aconteceu com meu pai.”

“De que isso importa agora?”

“Pode ser que ele ainda esteja vivo.”

“E daí se estiver? Não acha que ele teria entrado em contato se quisesse alguma coisa conosco?”

Ela viu que me assustei e acrescentou:

“Ou você quer brincar de detetive?”

Balancei a cabeça e olhei para ela.

“O que você quer saber?”

“A verdade.”

Lentamente, ela soltou o jornal e olhou para mim por muito tempo. “Seu pai me deixou muito antes do dia em que desapareceu. Ele me traiu. Não uma nem duas vezes. Ele me traía todas as horas, todos os dias dos trinta e cinco anos que passamos casados. Não com uma amante que o acompanhava secretamente em suas viagens, ou com quem ele passava as noites quando, supostamente, trabalhava até tarde. Não sei se ele já teve um caso. Não importa. Ele fez promessas falsas. Ele se prometeu para mim. Tornou-se católico por minha causa. Repetiu as palavras do padre no casamento: ‘Na alegria e na tristeza’. Não estava sendo sincero. A fé dele era uma mentira, assim como o amor por mim. Ele

nunca se entregou a mim, Julia, nem mesmo na alegria.”

Ela parou.

“Você acha que eu nunca perguntei sobre o passado dele? Acha mesmo que nunca dei a mínima para os primeiros vinte anos de sua vida? Na primeira vez em que perguntei, ele me consolou, me lançou aquele olhar ao qual eu ainda não havia aprendido a resistir, e prometeu que, um dia, ele me contaria tudo. Isso foi antes de nós nos casarmos, e eu acreditei nele, confiei nele. Mais tarde, eu o persegui. Chorei, gritei e ameacei pedir o divórcio. Disse que me mudaria e que só voltaria quando ele parasse de esconder as coisas de mim. Ele dizia que me amava, por que não bastava? Como alguém pode realmente afirmar amar uma pessoa se não está preparado para dividir tudo com ela, incluindo seu passado?

“Quando você nasceu, eu encontrei uma antiga carta em um dos livros dele. Ele a havia escrito um pouco antes de nosso casamento. Era uma carta de amor a uma mulher na Birmânia. Ele quis explicar, mas eu não queria escutar nada. É estranho, Julia, mas uma confissão, uma revelação, é inútil quando vem no momento errado. Se vier cedo demais, ela nos assusta. Não estamos prontos para ela e ainda não podemos valorizá-la. Se vier tarde demais, a oportunidade é perdida. A desconfiança e a decepção já são grandes demais; a porta já está fechada. De qualquer maneira, o que deveria alimentar a intimidade apenas cria distanciamento. Para mim, foi tarde demais. Não tinha mais interesse nas histórias. Elas não nos aproximavam, apenas aumentavam a ferida. Eu disse que o abandonaria se encontrasse outra carta como aquela, por mais velha que fosse, e que ele nunca mais teria notícias minhas nem dos filhos. Nunca mais encontrei nada, mas procurava nas coisas dele com muita atenção a cada poucas semanas.”

Ela fez uma pausa, bebeu um copo de água e olhou para mim. Tentei segurar sua mão, mas ela a afastou e balançou a cabeça.

Também para aquilo, já era tarde demais.

“Como eu poderia me defender? Como poderia fazer com que ele pagasse pelo que estava fazendo comigo? Decidi ter os meus segredos. Passei a compartilhar menos com ele, mantinha meus pensamentos e sentimentos para mim. Ele nunca perguntou. Para ele, se eu quisesse contar alguma coisa, se eu quisesse dividir algo, eu o faria. E então, passamos a viver em mundos paralelos até a manhã de seu desaparecimento.”

Ela ficou de pé e pegou outro copo de água, caminhou pela cozinha por um tempo e se sentou de novo. Eu permaneci em silêncio.

“Eu era jovem, não tinha sequer vinte e dois anos, e era muito ingênua quando nos conhecemos. Foi na festa de aniversário de uma amiga. Eu o vi entrando pela porta, alto e esguio, com os lábios carnudos, lábios que sempre pareciam esboçar um sorriso. Ele era belo, e as mulheres o adoravam, independentemente de ele querer a atenção delas. Talvez ele não as notasse. Qualquer uma de minhas amigas teria adorado conquistá-lo. O nariz grande, a testa alta e o rosto fino davam a ele um olhar misterioso que atraía todas. Os óculos pretos e redondos enfatizavam os belos olhos. Havia leveza em seus movimentos, uma elegância em seu rosto e sua voz, uma aura que impressionou até mesmo os meus pais. Ele teria sido o genro perfeito para eles — educado, inteligente, de modos impecáveis, autoconfiante sem qualquer vestígio de arrogância — se fosse branco. Nem mesmo no leito de morte meus pais me perdoaram por ter me casado com um ‘homem de cor’. Foi a primeira e única vez em que eu realmente me rebelei contra eles.

“Como você sabe”, disse ela, “não sou assim. Saí dos trilhos apenas uma vez, e pagarei por isso pelo resto de minha vida.”

Ela me contou que meu pai não queria se casar com ela.

“A princípio, ele me disse que nós não sabíamos o bastante um

sobre o outro, que deveríamos esperar e nos conhecermos melhor. Depois, ele disse que éramos muito jovens, que precisávamos ir com calma. Um pouco antes do casamento, ele me alertou de que não poderia me amar da maneira que eu talvez esperasse ou precisasse. Mas não ouvi nada daquilo. Não quis acreditar. Sua relutância, sua hesitação, apenas fortaleceu minha decisão. Eu queria ele, ele e mais ninguém. Nos primeiros meses, suspeitei que ele tivesse uma esposa na Birmânia, mas ele disse que não era casado. Isso foi tudo o que ele me contou a respeito daqueles anos em seu país de nascimento. E naquele momento, eu não estava realmente interessada. Estava convencida de que, a longo prazo, ele não conseguiria resistir a mim e a meu amor. A Birmânia estava muito distante.

“Era eu quem dormia e acordava ao lado dele”, disse ela. “Eu queria conquistá-lo. Seria meu orgulho ferido? Ou a filha bem-comportada de uma família de respeito rebelando-se contra os pais? Não podia haver protesto melhor contra o mundo de meu pai do que me casar com um homem de pele escura. Não sei. Ainda não sei.

“Tentei, durante muitos anos, encontrar uma resposta para as minhas perguntas. Sem sucesso. Talvez tenha sido uma combinação de motivos. Quando percebi que não poderia mudar o seu pai como queria, já era tarde demais. No começo, permanecemos juntos por você e pelo seu irmão. Depois, perdemos a coragem de nos separar. Pelo menos, eu perdi. Quanto a seu pai, não sei ao certo o que o motivou.

“Vá para a Birmânia, se é o que deseja”, disse ela, exausta. “E quando voltar, não perguntarei nada, e também não quero que me conte nada. O que você pode encontrar lá já não me interessa.”

Parti na manhã seguinte. A limusine para o aeroporto esperava na frente de meu prédio. Era uma manhã fria e clara. A respiração do taxista estava esbranquiçada no ar gelado enquanto ele caminhava de um lado a outro diante do carro. O porteiro levou minha bagagem ao veículo e a colocou no porta-malas. Eu não me sentia bem. Estava assustada, ansiosa e triste. Não havia me dado conta de como minha mãe tinha sido infeliz em seu casamento. Pensei em uma frase que ela havia dito para mim no dia anterior: “Seu pai me deixou muito antes do dia em que desapareceu”. E quanto a mim?, pensei. Há quanto tempo meu pai havia me deixado?

Apesar de mal conseguir me mexer por causa do esgotamento e exaustão, permaneci deitada e acordada por muito tempo e depois dormi mal. As dúvidas não me deram sossego. Muitas vezes durante a noite, eu acordei assustada, sentei em minha cama e olhei para o pequeno despertador de viagem ao meu lado. 2:30. 3:10. 3:40.

De manhã, não me senti melhor. Acordei de repente. Sentia dor de cabeça e meu coração batia forte, como se alguém pressionasse o meu peito. Era o que eu sentia em Nova York, nas noites que antecediam conferências e negociações importantes.

Uma brisa suave entrava pela janela aberta, e o frio da manhã se enfiou lentamente sob meus cobertores. Uma fragrância fresca e exótica que eu não conseguia localizar tomou conta da sala.

Já estava claro. Fiquei de pé e fui até a janela. O céu estava azul-escuro, sem nuvens. No gramado diante do hotel, havia árvores, flores e arbustos em flor, como nos contos de fadas — as cores mais fortes e intensas que eu já tinha visto. Até mesmo as papoulas pareciam mais vermelhas.

Não havia água quente para o banho.

As paredes e o teto do salão do café da manhã eram cobertos por placas de madeira escura, quase preta. Uma mesa perto da janela estava arrumada para a refeição. Eu era a única hóspede do hotel.

O garçom se aproximou de mim com uma pronunciada

reverência. Eu podia escolher chá ou café e ovos fritos ou mexidos. Ele nunca tinha ouvido falar de cereal matinal. Não havia salsicha nem queijo.

“Ovos fritos ou mexidos?”, ele repetiu.

“Mexidos”, respondi. “Café.”

Eu o observei entrar por uma porta vaivém do outro lado da sala grande. Ele pisava de modo tão leve que eu não ouvi seus passos, e me parecia, assim, que ele flutuava pela sala, a poucos centímetros do chão.

Eu estava sozinha. O silêncio me deixava desconfortável. Senti que as mesas e cadeiras vazias tinham olhos focados em mim, que controlavam todos os meus movimentos e a minha respiração. Eu não estava acostumada com aquele tipo de silêncio. Quanto tempo demoraria para o café da manhã ficar pronto? Para mexer os ovos? Por que ouvi vozes e sons vindos da cozinha? O lugar me deixava oprimida. Ele se tornava cada vez mais horripilante e fiquei tentando imaginar se era possível aumentar o silêncio, da mesma maneira com que se fazia com o volume. Como se em resposta à minha pergunta, a falta de movimento se intensificava a cada minuto, até fazer minhas orelhas doerem e se tornar insuportável. Pigarreei e bati a faca no prato para poder ouvir alguma coisa.

Fiquei de pé, caminhei até a porta que levava para o jardim, abri e saí. Estava ventando. Nunca antes o farfalhar de uma árvore, o zumbido de uma abelha, o cri-cri de um grilo me pareceram tão calmantes.

Quando a refeição finalmente chegou, o café estava morno, e os ovos mexidos, queimados. O garçom ficou parado em um canto, sorrindo e assentindo enquanto eu comia os ovos queimados, bebia o café morno e assentia e sorria de volta. Pedi mais uma xícara de café e folhee o guia de viagem. Kalaw não preenchia nem uma página inteira.

Situada no lado ocidental do planalto de Shan, um retiro montanhês popular entre os britânicos. Hoje, uma cidade pacífica e calma com grande atmosfera colonial. Elevação de 1300 metros, agradavelmente frio, um lugar ideal para fazer trilhas em florestas de pinheiros e bambuzais, com vistas impressionantes das montanhas e vales da província de Shan.

População: uma mistura única de tribos montanhosas diversas e de Shan, Birmânia, muçulmanos birmaneses e indianos, e nepaleses (gurkhas que já atuaram no Exército britânico), muitos dos quais frequentaram escolas missionárias. Até os anos 1970, os missionários norte-americanos lecionavam nas escolas. Muitos dos residentes mais velhos ainda falam inglês hoje.

Três templos e a feira se destacavam como pontos de interesse. Havia, aparentemente, um restaurante birmanês, um chinês e um nepalês, um cinema e diversas casas de chá. Um inglês havia projetado meu hotel em estilo Tudor. Mesmo em épocas coloniais, ele havia sido o estabelecimento principal da região. Havia, além disso, vários pequenos hotéis e hospedarias para “satisfazer as mais modestas necessidades”.

Depois do café da manhã, fui para o jardim e me sentei em um banco de madeira embaixo de um pinheiro. Sem sinal do frio da manhã. Com o sol, o calor permanecera. Uma fragrância pesada e doce flutuava no ar.

Por onde começar minha pesquisa? Meu único ponto de referência era o endereço no envelope azul fino:

38 Circular Road
Kalaw, Shan
Birmânia

Informação de quase quarenta anos atrás.

Eu precisava desesperadamente de um veículo e de um morador da região que conhecesse as ruas. O que mais? Em meu caderno, fiz uma lista:

- Alugar carro e contratar motorista
- Encontrar um guia
- Encontrar lista telefônica
- Comprar mapa da região
- Encontrar endereço
- Questionar vizinhos e/ou a polícia
- Perguntar à polícia sobre meu pai
- Verificar com a prefeitura
- Talvez tentar encontrar outros norte-americanos e britânicos
- Mostrar a foto de meu pai em casas de chá, hotéis e restaurantes
- Conferir todos os hotéis, clubes *etc.*

Era assim que eu sempre me preparava para conferências e negociações com os clientes: fazendo listas, com pesquisa sistemática. Era familiar e tranquilizador.

O hotel me indicou um motorista que também poderia ser meu guia. Ele estava na estrada no momento, com dois turistas dinamarqueses, mas estaria disponível nos dias seguintes. Chegaria ao hotel perto das oito da noite. Fazia sentido esperar por ele, ainda que isso significasse ter que protelar a pesquisa até o dia seguinte. Além disso, eu poderia perguntar a U Ba a respeito do endereço, mesmo que ele fosse um mentiroso. Ele havia passado a vida toda em Kalaw, aparentemente.

Passava do meio-dia, e eu decidi sair para correr. Depois da longa viagem, meu corpo precisava de exercícios. Sim, estava quente, mas o ar seco da montanha e o vento tornavam o calor suportável. Eu estava em boa forma e era capaz de correr muitos quilômetros pelo Central Park nas noites mais quentes e úmidas de verão.

O cansaço físico me fazia bem. Ele me libertava. Parei de me preocupar com os olhares. Não precisava evitá-los, porque estava muito ocupada me concentrando em minhas pernas. Tinha a sensação de que podia correr de todas as coisas estranhas e sinistras, como se pudesse observar sem ser observada. Corri pelo vilarejo, pela rua principal, passei por uma mesquita e um templo, circulei a feira em um arco amplo, ultrapassando carros de boi e carroças puxadas por cavalos e diversos monges jovens. Correndo, pude perceber como as pessoas da região caminhavam devagar e sem pressa, como davam passos suaves. Agora, eu estava pronta para enfrentá-los. Podia estabelecer meu próprio passo. Não precisaria aceitar o ritmo deles.

Depois do banho, eu me deitei e descansei na cama. Senti-me melhor. Mas a caminho da casa de chá, o cansaço tomou minhas pernas. Senti cada passo. Estava nervosa e ansiosa, tentando imaginar o que me aguardava. Mas não sou o tipo de pessoa que gosta de surpresas. O que U Ba pretendia me dizer, e até que ponto eu poderia acreditar? Eu estava planejando fazer perguntas detalhadas. Se ele se enrolasse em contradições, eu poderia sair dali em um piscar de olhos.

U Ba já estava ali. Ficou de pé, fez uma reverência e segurou minhas mãos. Sua pele era macia, as palmas agradavelmente quentes. Ele pediu dois copos de chá e dois doces. Depois de um instante, fechou os olhos, respirou profundamente e começou sua história de novo.

O mês de dezembro em Kalaw é frio. O céu é azul, sem nuvens. O sol vagueia de um lado a outro do horizonte, mas não sobe o suficiente para gerar um calor forte de verdade. O ar fica fresco e suave, e apenas as pessoas mais sensíveis conseguem detectar o cheiro doce e carregado da temporada de chuva tropical, quando as nuvens pairam mais baixas sobre o vilarejo e o vale, e a água cai sem parar, como se para saciar a sede do mundo. A temporada de chuvas é quente e abafada. A feira recende a carne podre, e as moscas pretas e grandes se fixam nas entranhas e crânios de ovinos e gado. A terra parece suar. Minhocas e insetos saem de seus poros. Riachos inocentes se tornam rios caudalosos que devoram leitões, carneiros ou crianças descuidados, e os desovam, sem vida, no vale mais para baixo.

Mas dezembro promete às pessoas de Kalaw um alívio de tudo isso. Dezembro promete noites frias e dias misericordiosamente frescos. O mês de dezembro, pensou Mya Mya, é um hipócrita.

Ela estava sentada em um banco de madeira em frente à sua casa, observando os campos, o vale e o topo dos montes ao longe. O ar estava tão suave que ela teve a sensação de estar olhando por um telescópio para os confins da terra. Não confiava no clima. Apesar de não se lembrar de ter visto uma nuvem em um céu de dezembro, não descartava a possibilidade de uma tempestade repentina. Ou de um tufão, ainda que nenhum, pelo que ela se lembrava, houvesse passado pelo golfo de Bengala até as

montanhas próximas a Kalaw. Não era impossível. Enquanto houvesse tufões em alguma parte, um deles poderia muito bem destruir a terra nativa de Mya Mya. Ou a terra podia tremer. Até, ou principalmente, em um dia como aquele, quando nada dava sinais de que ocorreria uma catástrofe. A complacência era traiçoeira, e a confiança era um luxo ao qual Mya Mya não podia se dar. Ela sabia disso do fundo do coração. Para ela, não haveria paz nem sossego. Não neste mundo. Não em sua vida.

Ela havia aprendido a lição dezessete anos antes, naquele dia de calor escaldante de agosto, enquanto brincava à beira do rio com seu irmão gêmeo, que escorregou nas pedras lisas. Quando ele perdeu o equilíbrio e chacoalhou os braços, impotente, como uma mosca presa dentro de um copo virado com a boca para baixo. Quando caiu na água que o levou embora. Em sua viagem. A última. Ela permanecera na beira do rio, incapaz de ajudar. Vira o rosto dele aparecer das águas de novo, uma última vez.

Um padre diria ter sido a vontade de Deus, um teste de fé que o Senhor, em sua infinita sabedoria, havia estabelecido para a família. O Senhor age de modos misteriosos.

Os monges budistas explicavam a tragédia referindo-se às vidas anteriores do garoto. Ele devia ter feito algo terrível em uma das vidas e, por isso, a morte na atual havia sido a consequência.

Um dia depois do acidente, o astrólogo da região decidiu dar a própria explicação: as crianças tinham ido ao norte para brincar, e elas não deveriam ter feito isso, por terem nascido no dia em que nasceram, por ser aquele sábado de agosto. Não surpreendia o fato de terem tido problemas. Se ao menos ele, o astrólogo, tivesse sido consultado antes, poderia tê-los alertado. A vida era simples assim, complicada assim.

Uma parte dela morreu com o irmão, mas não houve velório para ela. Sua família nem mesmo percebeu a falta dessa parte. Os pais eram agricultores ocupados com a colheita, com o plantio e

com os outros quatro filhos. Já era suficientemente difícil colocar arroz e alguns legumes na mesa todas as noites.

Mya Mya, a morta-viva, estava sozinha. Nos anos seguintes, ela trabalhou com afinco para colocar ordem em um mundo desordenado. Todas as tardes, ela ia até o rio e se sentava no lugar onde estivera com o irmão pela última vez, para esperar que ele ressurgisse. O rio roubara seu corpo e nunca devolveu. À noite, antes de dormir, ela contava a ele sobre seu dia, sabendo que ele a escutaria. Ela dormia do lado dele no tapete de palha, sob o lençol dele, e anos depois, ainda sentia seu cheiro.

Recusava-se a ajudar a mãe a lavar as roupas no rio. Na verdade, evitava água de todas as maneiras e só se banhava na companhia dos pais. Como se pudesse se afogar em um balde. Vestia certas roupas em determinados dias, recusou-se, até os quinze anos, a falar aos sábados, e sempre jejuava aos domingos. Teceu para si mesma uma rede complexa de rituais e os adotou desde então.

Os rituais davam segurança. Desde a morte do irmão, a família deixou de consultar o astrólogo apenas uma vez por ano. Eles o consultavam quase todas as semanas. Agachavam-se ao lado dele. Absorviam cada palavra. Seguiam suas orientações, desesperados para serem protegidos de qualquer mal do mundo. Ainda mais do que seus pais, Mya Mya levava as palavras do astrólogo a ferro e fogo. Por ter nascido em uma quinta-feira, ela precisava ficar atenta especialmente aos sábados, um dia em que o azar sondava, principalmente em abril, agosto e dezembro. Para não correr nenhum risco, ela se recusava a sair da casa aos sábados, até uma vez, justamente em abril, quando um cobertor perto da fogueira na cozinha pegou fogo. As labaredas eram enormes. Em poucos minutos, elas devoraram a casa de madeira e também arrancaram de Mya Mya os últimos resquícios de confiança que ela tinha de que qualquer lugar no mundo poderia ser seguro para ela.

Agora, ao relembrar tais coisas, ela sentia um arrepio. O fogo estalava na cozinha, e ela ficou de pé. Uma camada fina de gelo, delicada e frágil, cobria a água dentro do balde à sua frente. Ela o chutou e observou os fragmentos de gelo trincado desaparecerem na água.

Respirou profundamente, segurou a barriga com as duas mãos e olhou para o próprio corpo. Era uma bela mulher jovem, ainda que nunca tivesse se sentido como tal e ninguém o tivesse dito. Mantinha os cabelos compridos e pretos em uma trança que chegava quase a seu quadril. Os olhos escuros, grandes, quase redondos, e os lábios cheios davam a seu rosto uma expressão sensual. Ela tinha dedos compridos e finos e braços e pernas fortes, porém esguios. A barriga era redonda e grande — tão grande que não parecia ser dela, mesmo depois de meses. Sentiu um chute, um empurrão e soube: sentiria tudo de novo.

Aquelas sensações tinham começado na noite anterior, com uma hora de intervalo. Agora, ocorriam de poucos em poucos minutos. Ondas irrompendo contra uma fortaleza, sempre mais, mais alto e mais forte. Ela tentou se prender a algo, um braço, um galho, uma pedra. Não havia nada. Não queria a criança, não naquele dia, não em um sábado de dezembro.

Sua vizinha, que já havia colocado quatro filhos no mundo, achava que o parto tinha sido simples, principalmente sendo o primeiro filho. Mya Mya não se lembrava; havia passado horas em outro mundo, onde suas mãos e pernas não mais a obedeciam,

onde seu corpo não era mais seu. Não passava de uma ferida enorme. Viu enormes nuvens escuras, e uma borboleta pousou em sua testa. Viu seu irmão na correnteza. Uma última vez. Um pensamento lhe ocorreu, como uma pena de galinha solta no vento. Seu filho. Naquele sábado. Um sinal? Seu irmão renascido?

Ouviu um choro de bebê. Não fraco, mas, sim, desafiador e bravo. Um menino, disse alguém. Mya Mya abriu os olhos e procurou o irmão. Não, não aquela coisa feia, enrugada, manchada de sangue. Aquele pacotinho impotente com a cabeça e o rosto tortos.

Mya Mya não fazia ideia do que uma criança precisava. Tornou-se mãe sem saber o que fazer. O amor que tinha havia desaparecido, há muito levado em um dia de calor escaldante de agosto.

Ninguém podia dizer que Mya Mya não havia tentado durante os primeiros dias de vida de seu filho. Ela fazia o que sua vizinha mandava. Ela o deitou em seu colo, diante de seu seio farto e o alimentou com seu leite. Ela o ninava para dormir e o levava de um lado a outro quando ele chorava. Ela o manteve próximo a seu corpo quando saía para comprar coisas no vilarejo. Permaneceu noites acordada entre o marido e a criança, prestando atenção à respiração do pequeno, seguindo seus suspiros e desejando sentir alguma coisa. Queria sentir algo quando o bebê mamava, quando segurava o dedo dela com a mãozinha cheia de covinhas. Desejava que algo chegasse para preencher o vazio que sentia. Qualquer coisa.

Ela se virava de lado e o pressionava contra si, um abraço que se dividia entre o desfalecimento e a violência. Ela o apertava com mais firmeza e dois olhos grandes e castanhos olhavam para ela, surpresos. Mya Mya não sentia nada. Mãe e filho eram como irmãos que se repeliam. Por mais que pressionasse, eles nunca se tocariam.

Talvez fosse apenas uma questão de tempo. Talvez tivesse conseguido, no fim das contas, e o instinto de proteger poderia ter se transformado em um sentimento de afeição, e o sentimento de afeição poderia ter se transformado no milagre do amor... não fosse pelo incidente com as galinhas.

Aconteceu em um sábado, duas semanas depois do nascimento.

Logo depois do nascer do sol, Mya Mya saiu no quintal para buscar madeira para a fogueira da cozinha. A manhã estava fria, e ela se apressou. À procura de galhos e alguns tocos, ela foi para trás da casa. A galinha morta estava bem na frente do monte de lenha. Mya Mya quase pisou nela. Encontrou a segunda logo depois do meio-dia, a hora do nascimento; a terceira e a quarta logo depois, e o galo, à tarde. Seu marido observou os animais mortos, mas não encontrou nada. Na noite anterior, eles estavam perto da casa, cacarejando com vigor, e não havia sinais de que um cão ou um gato, muito menos um tigre, os tivesse pegado. Para Mya Mya, não havia dúvidas. Os cadáveres confirmavam seus maiores medos. Eles eram a tempestade repentina — não, pior —, o tufão em dezembro, o terremoto que ela sempre temera e secretamente desejara: uma maldição a seu filho. Ele era um arauto da desgraça. O astrólogo havia feito a profecia. Ela nunca deveria ter dado à luz um filho em um sábado, não em dezembro.

Nem mesmo o fato de, nos dias que se seguiram, mais de doze galinhas dos vizinhos terem sofrido a mesma morte misteriosa não consolou Mya Mya. Pelo contrário, apenas confirmou o pior. Ela sabia agora que aquele era apenas o começo e que o azar que o menino trazia não se limitaria a sua família.

A partir de então, ela passava noites em claro, temendo a próxima catástrofe. Sabia que era apenas uma questão de tempo. Cada tossida, susto ou suspiro pareciam trovões no horizonte. Sem ousar se mexer, ela aguçava os ouvidos sempre que a criança se mexia. Como se sua respiração fosse a aproximação furtiva do desastre.

Uma semana depois, seu leite secou. Seus peitos estavam flácidos, como duas bexigas murchas. Uma amiga da vizinha, uma mulher que havia acabado de ter um bebê, passou a amamentar seu filho. Mya Mya alegrava-se nas horas que seu filho passava fora de casa. Queria conversar com o marido. As coisas não podiam

continuar daquele jeito. Eles tinham que fazer alguma coisa.

Khin Maung acreditava que a esposa estava exagerando o problema. Claro que ele também acreditava no poder das estrelas. Todo mundo sabe que o dia, a hora, até mesmo o minuto do nascimento de uma pessoa podem determinar o curso de sua vida — havia pouca dúvida a esse respeito. E havia detalhes que deviam ser observados, dias nos quais a pessoa devia se manter inativa, rituais que ela precisava seguir para evitar catástrofes. Naquilo, Khin Maung também concordava com a esposa. Ninguém ficava feliz com um nascimento em um sábado de dezembro, claro que não. Todos sabiam que as estrelas não favoreciam as crianças nascidas naqueles dias, que elas enfrentavam uma vida difícil, que suas almas raramente ganhavam asas. Toda família tinha um tio ou uma tia ou pelo menos um vizinho ou um amigo de um vizinho que conhecia alguém que tinha um parente nascido em um dos dias ruins e que sofria vida afora como um cachorro sem dono, que permanecia pequeno e limitado como uma planta à sombra. As coisas para seu filho não seriam fáceis, Khin Maung não se iludia, mas concluir que ele era amaldiçoado já era um pouco demais (apesar de o incidente com as galinhas tê-lo deixado preocupado, ainda que nunca admitisse à esposa). Quando Mya Mya sugeriu que eles consultassem o astrólogo, Khin Maung concordou prontamente, e não apenas por ser o tipo de pessoa que não gostava de dizer não. Ele também esperava que o velho consolasse a esposa com sua sabedoria ou que, se as estrelas

confirmassem os medos dela, que ele pudesse orientá-los a minimizar, ainda que não exatamente impedir, a calamidade que ameaçava seu filho.

O astrólogo vivia em um casebre modesto de madeira à beira do vilarejo. Nada ali dava sinais de seu prestígio na comunidade. Nenhuma casa era construída na região sem perguntarem para ele se o local era bom ou se o dia da demolição tinha uma estrela favorável. Antes de qualquer casamento, o casal ou seus pais o procuravam para saber se os horóscopos da noiva e do noivo combinavam. O astrólogo perguntava às estrelas a respeito dos melhores dias para uma caçada ou para uma viagem à capital. Ao longo dos anos, suas previsões tinham se mostrado tão certas que as pessoas começaram a sair de pontos distantes da província. Sua fama era tão boa que, supostamente — ninguém sabia com certeza, mas havia rumores fortes —, até mesmo muitos dos ingleses que viviam em Kalaw e que publicamente ridicularizavam a astrologia birmanesa como sendo superstição consultavam o astrólogo.

O velho estava sentado com as pernas cruzadas no meio da sala pequena. Uma cabeça redonda como a lua cheia, pensou Khin Maung. Olhos, nariz e boca eram igualmente bem formados, e apenas as duas orelhas grandes e protuberantes atrapalhavam a imagem de um rosto perfeitamente proporcional. Ninguém sabia sua idade. Nem mesmo o homem mais velho do vilarejo afirmava ter lembranças do astrólogo em sua juventude, e, assim, todo mundo imaginava que ele havia nascido há muito mais do que oitenta anos. Ele nunca falava sobre o assunto. Seu semblante e espírito atentos pareciam desafiar os efeitos do envelhecimento. Desde sempre, sua voz tinha sido calma e tranquila, sua audição e visão eram como as de uma pessoa de vinte anos. Os anos tinham marcado seu rosto, mas a pele não era flácida como normalmente acontecia com a de um homem velho.

Khin Maung e Mya Mya fizeram uma reverência e hesitaram na entrada. Mya Mya havia se sentado diante dele com tanta frequência desde a infância que há muito tempo ela já tinha parado de contar as visitas, mas ainda sentia algo nos joelhos e estômago todas as vezes. Não familiaridade, apenas respeito. Até assombro.

Era a primeira visita de Khin Maung, e seu respeito se misturava à curiosidade. Seus pais sempre consultaram o astrólogo sozinhos, e até mesmo para tratar a respeito do casamento dele com Mya Mya eles haviam ido perguntar ao astrólogo se tinham encontrado a noiva certa para seu filho.

Khin Maung olhou ao redor e fez uma reverência pela segunda vez. O chão e as paredes eram de teca escura. Ciscos de pó dançavam nos feixes de luz que entravam pelas duas janelas abertas. O sol desenhava dois retângulos no chão. Eles brilhavam na madeira desgastada pelos anos. Aquele brilho teve o poder de fazer Khin Maung tremer. Então, ele viu um Buda dourado brilhante entalhado na madeira. Nunca, em toda a sua vida, Khin Maung havia visto um tão lindo. Ele se apoiou em um dos joelhos e se abaixou até a testa encostar no chão. Na frente do Buda, havia dois arranjos de flores e um prato repleto de oferendas. Alguém havia disposto cuidadosamente quatro laranjas em uma pirâmide. Ao lado delas, havia duas bananas, um mamão e diversas porções de chá muito bem organizadas em um pequeno monte. As paredes estavam cobertas com papéis brancos repletos de pequenos números e letras. Varetas de incenso acesas estavam fincadas em pequenos vasos repletos de areia em cada um dos quatro cantos da sala.

O velho assentiu. Khin Maung e Mya Mya se ajoelharam em dois tapetes de palha diante dele. Mya Mya não ouviu nem sentiu nada além do bater acelerado de seu coração. Khin Maung tinha que falar, fazer as perguntas; ela havia deixado isso extremamente claro

para ele com antecedência. Eles estavam casados havia menos de um ano, mas ela conhecia muito bem a passividade do marido. Ele era um indivíduo calado que podia passar a noite toda sem dizer quase nada. Ela nunca o vira irritado, bravo ou agitado. Até mesmo a alegria e a satisfação eram pouco perceptíveis nele. Um sorriso era só o que ele revelava de suas emoções.

Ele não era preguiçoso. Pelo contrário, era um dos agricultores mais esforçados do vilarejo, e com frequência cuidava de seu campo antes de amanhecer, muito antes dos outros. Mas a vida parecia, para ele, um rio tranquilo cujo curso era pré-determinado. Qualquer tentativa de alterá-lo de modo significativo podia levar ao fracasso. Khin Maung era um trabalhador sem ambição, curioso sem fazer perguntas, feliz sem demonstrar alegria.

“Venerável mestre”, Mya Mya escutou o marido dizer com a voz discreta após uma longa pausa, “viemos para pedir seu conselho.”

O homem assentiu.

“Nosso filho nasceu no sábado, três semanas atrás, e queremos saber se ele está fadado à desgraça.”

O velho pegou giz e uma pequena chapa e perguntou qual era a data e hora exatas do nascimento.

“Três de dezembro, onze e quarenta da manhã”, disse Khin Maung.

O astrólogo escreveu os números nas caixinhas e começou a calcular. Acrescentou mais números e sinais, tirou outros, e desenhou diversos círculos inteiros e metades de círculos em várias linhas, como se estivesse escrevendo a vida em notação musical.

Depois de muitos minutos, ele colocou a chapa de lado, olhou para a frente e fixou o olhar em Mya Mya e Khin Maung. O esboço de sorriso já não era visível em seu rosto.

“A criança trará tristeza para seus pais”, disse ele. “Grande tristeza.”

Mya Mya sentiu-se caindo em um abismo. Algo a puxava para baixo, e não havia ninguém para ajudá-la, nada em que pudesse se segurar. Nem uma mão. Nem um galho. Ouvia a voz do velho e do marido, mas não entendia mais o que era dito. As vozes pareciam abafadas e muito distantes — como se estivessem em outra sala, em outra vida. Grande tristeza. Grande tristeza.

“Que tipo de tristeza?”, perguntou Khin Maung.

“De diversos tipos, principalmente médica”, disse o velho.

Ele pegou a placa e voltou a rabiscar e a fazer cálculos.

“Na cabeça”, disse finalmente.

“Em que lugar na cabeça?”, perguntou Khin Maung, palavra por palavra, enunciando como se construísse cada letra individualmente. Pensando bem, ele ficaria impressionado com seu acesso totalmente incomum de curiosidade persistente.

O velho olhou para a placa, que mostrava a ele todos os segredos do universo. Era o livro da vida e da morte, o livro do amor. Ele poderia ter contado aos pais o que mais havia visto, as capacidades excepcionais que aquela criança desenvolveria, a magia e o poder latentes naquele indivíduo, e o dom do amor. Mas ele sabia que Mya Mya não estava prestando atenção e que Khin Maung não compreenderia. Então, disse:

“Nos olhos.”

Mya Mya não havia captado aquela parte da conversa e, depois, também, no caminho para casa, quando o marido desandou a falar como nunca, ela teve dificuldade para compreender. As palavras zuniam em sua mente como moscas. Grande tristeza.

Nos meses seguintes, Khin Maung tentou, diversas vezes,

explicar à esposa que o astrólogo de fato havia falado sobre tristeza, até mesmo de grande tristeza, mas principalmente de tristeza médica, e que nada dissera a respeito de uma maldição ou de ele ser um arauto da desgraça. Ela não ouviu. Ele percebeu em seus olhos. Via na maneira com que ela tratava seu filho, quando o pegava sem tocá-lo, olhava para ele sem vê-lo.

Tin Win não tinha nem vinte e um dias quando, pelo menos no ponto de vista de sua mãe, seu destino todo já tinha sido decidido. Vivido. Perdido. Agora, era apenas uma questão de conseguir passar por aquilo com dignidade.

Seria uma tarefa gigantesca.

Agora que as estrelas tinham falado e o destino de seu filho estava traçado, Mya Mya dormia mais profundamente. Ela sabia o que esperar. Sentia-se à vontade com as pinceladas do destino e do azar. A felicidade e a alegria a deixavam nervosa, por serem desconhecidas, incomuns. Ela não precisava se martirizar com falsas promessas. Não havia ilusão pressionando sua alma, não havia sonhos colocando emoção em sua trajetória. Aquilo a acalmava.

Então, nos dias e semanas após a consulta ao astrólogo, era Khin Maung que ficava deitado ao lado da esposa e do filho adormecidos enquanto os pensamentos mais horrorosos invadiam sua mente. Talvez o velho tivesse errado. Havia, de fato, um destino inescapável? Se não éramos os senhores de nossa vida, então, quem era? Ele não desejava ouvir as estrelas.

“Mya Mya”, ele disse, sentando-se na cama naquela primeira noite. Sua esposa dormia a seu lado.

“Mya Mya.”

Parecia um feitiço.

Ela abriu os olhos.

Viu uma lua cheia, uma noite sem nuvens, e na luz fraca que entrava pela janela, ele viu o contorno do rosto dela, o movimento dos olhos, o nariz fino. Pensou que ela era linda e que nunca havia se dado conta disso. Ele se casara com ela por escolha de seus pais. O amor viria mais tarde, eles garantiram, e ele acreditou — em

primeiro lugar, porque sempre fazia o que eles mandavam, e também porque sabia muito pouco sobre o amor. Ele considerava o amor um presente, uma dádiva oferecida a alguns e não a outros. Ninguém podia exigir tê-lo.

“Mya Mya, temos, devemos, não podemos...”

Ele queria dizer muitas coisas a ela.

“Eu sei, Khin Maung”, disse ela, sentando-se. “Eu sei.”

Ela se aproximou dele, aconchegando-o em seus braços, pressionando a cabeça dele contra seu peito. Um gesto raro para Mya Mya, para quem o carinho era um luxo tão descabido como usar água quente de manhã ou abrir um sorriso na despedida. Era algo para sonhadores ou para pessoas com excesso de tempo, poder e emoções. Ela não se encaixava em nenhuma dessas categorias.

Mya Mya acreditava saber o que estava ocorrendo dentro do marido, e sentiu pena dele. Pela batida de seu coração, pelos tremores de seu corpo, pela maneira com que ele a abraçou, ela sentiu que ele precisaria de tempo. O marido ainda acreditava que eles podiam se proteger, que poderia haver uma chance de alterar o que não podia mais ser alterado.

Khin Maung deitou nos braços dela e começou a falar. Não em voz alta, não com ela. Ela não entendia nem uma palavra que ele dizia. Ele estava falando consigo mesmo, rapidamente e sem parar. Seus sussurros pareciam exigentes, desafiadores, quase uma ameaça, e então se tornaram suplicantes, duvidosos, muitas palavras que não cessavam. Era como se ele estivesse sentado ao leito de morte de alguém e apenas sua voz pudesse manter o paciente vivo.

Ele queria lutar por seu filho. Toda vida era promissora, disse a si mesmo, e no caso de seu filho, ele, Khin Maung, exploraria todas as possibilidades de cumprir aquela promessa. Se precisasse acontecer sem a ajuda de sua esposa, que assim fosse.

Era isso o que ele queria dizer a ela, logo cedo, até mesmo antes

do café da manhã. Então, adormeceu.

Mas a oportunidade de uma conversa não surgiu, nem antes do café da manhã nem à noite, depois do trabalho daquele dia.

Na noite seguinte, ele se lembrou de todos os detalhes da consulta ao astrólogo. A casa apareceu diante de seus olhos, borrada a princípio, e então, cada vez mais clara, como uma paisagem quando a névoa se dissipa. Ele viu o quarto, as velas, os palitos de incenso, a ardósia que revelava os mistérios da vida. O grande livro do amor. Ele escutou o que o velho disse, deixou tudo passar por sua mente, devagar, palavra por palavra. Nada sobre uma maldição havia sido dito. Ele conversaria com a esposa. Bem cedo. A oportunidade não se fez.

E assim passaram-se as noites. E os dias. Se Khin Maung fosse uma pessoa diferente, ele não teria esperado por uma oportunidade; teria procurado uma chance e a agarrado. Mas ele não era assim. Teria de transcender as limitações, as próprias limitações, e não era um herói. Só podia pensar e, em pouco tempo, sua força havia se esvaído. As dúvidas voltaram e, com a resistência abalada, tais dúvidas caíram sobre ele como ratazanas e urubus em cima da carniça. As estrelas estavam certas. Um sábado de dezembro. Grande tristeza em muitos aspectos. Não havia como ser mais claro.

Logo depois do incidente com as galinhas, uma tia-avó faleceu — oito semanas e um dia depois do nascimento do menino. Ela já era bem velha, estava doente e passou anos sem sair de seu casebre e, por um breve momento, Khin Maung quis dizer essas coisas à esposa. Um breve momento — depois ele também viu o sinal e

não teve como contradizer Mya Mya.

E então, ele se afastou da vida do filho, consolando a si mesmo com a ideia de que o menino seria, afinal, apenas o primeiro de muitos filhos que ele, Khin Maung, teria com Mya Mya, e que nem todos eles chegariam ao mundo em um sábado de dezembro, abril ou agosto. Ele deixou sua terra e passou a trabalhar como jardineiro e assistente em campos de golfe dos ingleses. Era um emprego que rendia um salário maior do que a agricultura e que também permitia que ele evitasse a própria casa até mesmo na época de seca, quando os agricultores tinham pouco trabalho a realizar na terra. O golfe era um esporte praticado ao longo de todo o ano.

Mya Mya se afundou nos serviços domésticos. A família vivia em um casebre de madeira e barro atrás de uma casa grande de dois andares pertencente a um tio distante de Khin Maung. Ficava no topo de um monte perto do vilarejo e, assim como a maioria das casas dos senhores coloniais em Kalaw, havia sido construída em estilo Tudor. A cidade era muito popular na época de seca. Quando as temperaturas na capital, Rangum, e em Mandalay chegavam quase aos 40°C, Kalaw, com uma elevação de mais de um quilômetro, oferecia um alívio do calor dos campos e do delta. Houve ingleses que permaneceram no país depois da aposentadoria e se mudaram para uma das regiões nas montanhas, como Kalaw. Um oficial inglês havia construído aquela casa para ser seu lar durante a aposentadoria, mas, tragicamente, não retornou de uma caça a um tigre realizada apenas duas semanas depois de ele ser dispensado do serviço à Sua Majestade.

A viúva do homem havia vendido a casa ao tio de Khin Maung, que havia ganhado respeito e uma bela fortuna como barão do arroz em Rangum. Era um dos poucos que haviam conseguido se estabelecer em um mercado dominado por uma minoria indiana, e ele era um dos birmaneses mais ricos do país. A casa não tinha

valor prático para ele. Nos seis anos desde que a adquirira, ainda não havia visto a casa. Era, na verdade, um símbolo de sua riqueza, um símbolo de status cuja simples menção servia para impressionar seus parceiros nos negócios na capital. Era responsabilidade de Mya Mya e de Khin Maung cuidar da propriedade e mantê-la como se o dono da casa pudesse chegar a qualquer momento. Desde o nascimento de seu filho, Mya Mya dedicava toda a energia que tinha à tarefa. Polia os pisos de madeira todos os dias, como se pretendesse transformá-los em espelhos. Tirava o pó das prateleiras de manhã, e repetia o procedimento à noite, ainda que nem uma sujeirinha tivesse parado sobre elas naquele intervalo. Ela limpava as janelas toda semana e aparava o gramado com tesoura de jardineiro, para fazer um trabalho melhor do que com o cortador. Mantinha as alegres buganvílias bem tratadas e cuidava dos canteiros fartos de flores com grande atenção.

Mya Mya viu dois policiais subindo o monte. Ela estava na cozinha, ralando cenouras. Era um daqueles dias frios e claros de dezembro, e Mya Mya estava apressada. Demorara tempo demais polindo o chão do segundo andar e estava preocupada com a possibilidade de não conseguir terminar a limpeza da cozinha naquela tarde, e se o dono chegasse no dia seguinte, não encontraria sua propriedade imaculada, e então todo o trabalho dos anos anteriores não teria valido de nada, porque ele pensaria que Mya Mya não estava cuidando de sua casa. Um dia de bagunça conta mais do que mil dias de ordem, ela pensou, olhando para o vale.

Ao subirem o monte, os oficiais de uniformes azuis asseados não seguiram o caminho usado por carros de boi e os poucos automóveis que passavam por ali. Na verdade, eles tinham tomado o caminho estreito que começava na floresta de pinheiros e se abria para os campos em direção ao topo. Mya Mya viu os homens se aproximando, viu seus rostos, e sentiu o pânico crescer. Era o sexto aniversário de Tin Win, e ela sempre pensou que, principalmente no dia do aniversário do filho, tinha que estar pronta para qualquer tipo de catástrofe.

No intervalo de duas respirações, o medo tomou conta dela, de sua alma, mente e corpo. Seu estômago e intestinos se contraíram como se estivessem sendo torcidos por mãos gigantes. Cada vez mais forte. Ela respirou fundo. Escutou os próprios gemidos. Escutou os próprios apelos. Escutou as próprias súplicas. Que não fosse verdade.

Os homens abriram o portão, entraram no quintal e voltaram a fechá-lo. Lentamente, eles caminharam até Mya Mya. Ela percebeu a relutância nos movimentos deles. Cada passo era como um chute em seu corpo. O mais jovem dos dois mantinha a cabeça abaixada. O mais velho olhava dentro dos olhos dela. Ela o conhecia de breves encontros no vilarejo. Eles se entreolharam e, na duração de uma batida do coração, Mya Mya conseguiu ler seu olhar. Bastou. Ela sabia de tudo, e o medo, o monstro que a vinha devorando, desapareceu com a mesma rapidez com que chegara. Ela sabia que uma terrível calamidade havia caído sobre ela, que ninguém seria capaz de desfazê-la, que nada em sua vida seria como antes, que isso estava acontecendo pela terceira vez agora, e que ela não tinha força para aguentar.

Os policiais estavam diante dela, e o mais jovem não ousava levantar a cabeça.

“Seu marido sofreu um acidente”, disse o mais velho.

“Eu sei”, disse Mya Mya.

“Ele morreu.”

Mya Mya não disse nada. Ela não se sentou. Não chorou. Não começou a se lamentar. Não disse nada.

Escutou os homens dizerem algo sobre o acidente, sobre uma bola de golfe que aparentemente saiu do trajeto, levada pelo vento. Bem na têtpora. Morreu na hora. O inglês assumiria as despesas do enterro. Uma pequena compensação. Ninguém se responsabilizou pela morte. Um gesto de solidariedade. Nada mais. Mya Mya assentiu.

Quando os oficiais partiram, ela se virou e procurou o filho. Ele estava sentado sozinho atrás da casa, brincando. Ao lado dele, havia uma enorme pilha de pinhas. Ele estava tentando lançá-las dentro de um buraco que havia aberto a poucos metros de distância. A maioria delas ultrapassou o alvo.

Mya Mya queria chamá-lo, para contar a ele sobre a morte do pai. Mas por quê? Presumidamente, ele já sabia. Afinal, tinha sido ele o causador dos problemas, e Mya Mya percebeu, pela primeira vez, que estava admitindo culpá-lo por isso. Não era apenas a ordem inadequada das estrelas; era Tin Win, aquele garoto discreto de cabelos pretos, com aqueles olhos enigmáticos tão inescrutáveis que ela não sabia se ele de fato olhava para ela. Não conseguia ver nada neles. Ele tinha sido o causador do azar, do caos. Ele criara tudo aquilo da mesma maneira com que as outras crianças construíam cavernas ou brincavam de esconde-esconde.

Mya Mya queria, de alguma forma, deixar tudo aquilo para trás. Não queria mais ver aquela criança.

Ao longo das trinta e seis horas seguintes, ela agiu da maneira como uma pessoa age quando tem apenas um objetivo em mente, um objetivo que a direciona, um objetivo maior do que todo o resto. Ela desempenhou o papel da viúva pesarosa, recebeu vizinhos e amigos, organizou o enterro para o dia seguinte, ficou diante da cova do marido e observou o caixão de madeira

desaparecer dentro da terra.

Na manhã seguinte, empacotou alguns pertences — algumas blusas e *longyis*, um outro par de sandálias, um pente, uma presilha de cabelo — em uma bolsa velha para bolas de golfe que seu marido havia trazido para casa. Tin Win ficou calado ao lado da mãe, observando.

“Preciso me ausentar por alguns dias”, disse ela sem olhar para a frente.

O filho não disse nada.

Ela saiu da casa. O filho correu atrás dela. Ela se virou e ele ficou parado.

“Você não pode vir comigo”, disse ela.

“Quando vai voltar?”, perguntou ele.

“Em breve.”

Mya Mya se virou e caminhou até o portão do jardim. Ouviu os passos leves atrás dela. E virou-se.

“Você não ouviu o que eu disse?”, perguntou ela em voz alta e tom incisivo.

O filho assentiu.

“Você fica aqui.” Ela apontou para o tronco serrado de um pinheiro. “Pode se sentar aqui e esperar por mim.”

Tin Win correu até o cepo e subiu nele. Dali, ele tinha uma boa vista do caminho que levava à casa deles. Mya Mya saiu andando de novo, abriu e fechou o portão do jardim sem se virar. Caminhando depressa, ela pegou o caminho para o vilarejo.

Tin Win a observou. Ele viu quando ela passou pelos campos e entrou na mata. Aquele era um bom local. Dali, ele conseguiria ver a mãe se aproximando mesmo a uma grande distância.

Tin Win esperou.

Esperou pelo resto daquele dia e da noite. Agachou-se no cepo, sem sentir fome nem sede. Até mesmo o frio, que tomava conta das montanhas e dos vales à noite, passava por ele sem tocá-lo, como uma ave sobre uma clareira.

Ele esperou o dia seguinte. Observou a escuridão chegar e viu quando a cerca, os arbustos e os campos ressurgiram da escuridão. Olhou ao longe, onde as árvores podiam ser vistas. Era dali que sua mãe viria, e com sua blusa vermelha, ele a reconheceria mesmo de longe, e desceria do cepo, pularia a cerca e correria até ela. Choraria de alegria, e ela se ajoelharia e o abraçaria, apertando-o contra seu peito. Com muita força.

Era assim que ele costumava imaginar a cena — quando brincava sozinho e sonhava —, ainda que sua mãe e seu pai nunca tivessem se abaixado para pegá-lo no colo, nem mesmo quando ele parava diante deles, agarrando suas pernas. Ele sentia que eles relutavam até mesmo em tocá-lo. Era culpa dele; sem dúvida. Era um castigo, uma punição justa, mas ele não sabia pelo quê, e esperava que, independentemente do crime cometido, o período de expiação terminasse logo. Tal esperança se tornou mais forte do que nunca depois que eles deitaram o corpo do pai, frio e rígido, em um caixão de madeira e o enterraram em um buraco. O desejo que sentia pelo amor da mãe o levava a aguentar a espera naquele cepo, a esperar pacientemente pelo ponto vermelho no horizonte.

No terceiro dia, uma vizinha levou água e uma tigela de arroz com legumes e perguntou se ele não preferia esperar na casa dela. Ele balançou a cabeça, negando veementemente. Como se, ao sair dali, ele pudesse perder a chegada da mãe. Não tocou nos alimentos. Quis deixar a comida para ela, para dividi-la com a mãe quando ela retornasse cansada da longa viagem.

No quarto dia, ele bebericou a água.

No quinto dia, Su Kyi chegou, a irmã da vizinha, trazendo uma jarra de chá e mais arroz e bananas. Preocupado com sua mãe, ele não comeu nada. Não deveria demorar muito. Em breve, dissera ela.

No sexto dia, ele não conseguia mais ver as árvores. A floresta estava borrada, como se ele tivesse água nos olhos. Parecia um pano balançando ao vento, manchado de pontinhos vermelhos, que se aproximaram dele e ficaram maiores, mas não eram blusas; eram bolas vermelhas vindo com força em sua direção. Elas passaram por ele e logo acima de sua cabeça, tão perto que ele sentiu o vento trazido por elas. Mais algumas outras voaram diretamente para ele, mas perderam força nos últimos metros e caíram no chão a centímetros dele.

No sétimo dia, ele estava agachado, rígido e imóvel no cepo. Quando Su Kyi o viu, pensou que estivesse morto. Estava frio e pálido como o gelo que cobre a grama na frente da casa em um dia especialmente frio de janeiro. Suas faces estavam mais fundas, o corpo parecia uma concha vazia, uma concha sem vida. Quando ela se aproximou, viu que ele estava respirando, que, sob sua camiseta, o peito magro se movimentava, como um peixe da feira abrindo a boca para respirar na cozinha.

Tin Win não ouviu nem viu a mulher. O mundo ao seu redor estava coberto por uma névoa branca leitosa na qual ele estava desaparecendo lenta, mas definitivamente. Seu coração batia forte. Ainda havia bastante vida dentro dele, mas sua esperança havia

desaparecido, o que o deixava parecido com um cadáver.

Ele sentiu duas mãos tocando seu corpo, erguendo-o num abraço para tirá-lo dali.

Era Su Kyi cuidando dele. Uma mulher mais velha e forte com voz grave e uma risada pela qual as turbulências da vida haviam passado sem deixar marcas. Sua única filha havia morrido no parto. O marido morreu no ano seguinte, de malária. Depois da morte dele, ela havia sido obrigada a vender o casebre que eles tinham terminado de construir um pouco antes. Desde então, morava com parentes, mais tolerada do que bem-vinda. Para a família, ela parecia uma mulher velha e um tanto mal-humorada com opiniões excêntricas sobre a vida e a morte. Diferentemente de todas as outras pessoas, ela não via sentido mais profundo nos problemas que o destino lhe dera. Tampouco acreditava que a organização desfavorável das estrelas tivesse ocasionado a morte de seus entes queridos. Essas perdas, na verdade, mostravam que o destino era caprichoso, um fato que a pessoa deve aceitar se quiser amar a vida. E ela amava a vida. Não acreditava na predestinação. A felicidade poderia viver dentro de todos. Ela nunca ousava dizer isso em voz alta, mas todos sabiam de suas convicções, que a tornaram a primeira aliada de Tin Win.

Ao longo dos anos, ela sempre observava o filho dos vizinhos e se surpreendia com sua pele clara, como o marrom-claro das agulhas caídas dos pinheiros ou as folhas dos eucaliptos. Ele era muito mais claro do que os pais. Ela vira a criança se tornar um garoto alto, quase desengonçado, tímido como uma das corujas que ela ouvia piar com tanta frequência, mas nunca aparecia, um menino que ela nunca via na companhia de outras crianças.

Ela o encontrara na mata, certa vez. Estava indo para a cidade, e ele estava sentado à sombra de um pinheiro observando uma pequena lagarta verde passando pela sua mão.

“Tin Win, o que você está fazendo aqui na mata?”, perguntou

ela.

“Estou brincando”, disse ele, sem olhar para a frente.

“Por que sozinho?”

“Não estou sozinho.”

“Onde estão seus amigos?”

“Estão todos aqui. Não está vendo?”

Su Kyi olhou ao redor. Não viu ninguém.

“Não”, respondeu.

“Os besouros, as lagartas e as borboletas são os meus amigos. E as árvores. Elas são as minhas melhores amigas.”

“As árvores?”, perguntou ela, surpresa.

“Elas nunca fogem. Estão sempre aqui, e sempre contam belas histórias. Você não tem amigos?”

“Claro que tenho”, disse ela, e acrescentou após uma pausa. “Minha irmã, por exemplo.”

“Não, estou perguntando sobre amigos de verdade.”

“Nenhuma árvore nem animais, se é o que está perguntando.”

Ele levantou a cabeça, e sua aparência a assustou. Será que ela nunca havia reparado nele antes ou era a luz da mata que alterava tanto seu rosto? Parecia de pedra, tão bem-proporcionado e ao mesmo tempo tão assustadoramente sem vida. E então, eles se entreolharam, e ele olhou para ela, com muita seriedade para uma criança, e ela se assustou de novo, porque sentiu que ele sabia demais sobre a vida para um menino de sua idade. Segundos depois, um sorriso — tranquilo como ela nunca tinha visto — apareceu naquele rosto sério. Foi aquele sorriso que a marcou. A impressão deixada por ele foi tamanha que ela demorou dias para se esquecer dele. Ela o via à noite, quando fechava os olhos, e de manhã, quando acordava.

“É verdade que as lagartas se transformam em borboletas?”, perguntou ele de repente, quando ela estava prestes a ir embora.

“Sim, isso mesmo.”

“E em que nos transformamos?”

Su Kyi ficou parada e refletiu.

“Não sei.”

Ninguém disse nada.

“Você já viu animais chorando?”, perguntou ele.

“Não”, respondeu ela.

“E as árvores e flores?”

“Não.”

“Eu já vi. Elas choram sem lágrimas.”

“Então, como você sabe que elas estão chorando?”

“Porque parecem tristes. Se você observar de perto, verá.”

Ele ficou de pé e mostrou para ela a lagarta em sua mão.

“Ela está chorando?”, perguntou ele.

Su Kyi observou a criatura por um tempo.

“Não”, disse por fim.

“Certo”, disse ele. “Mas você está só tentando adivinhar.”

“Como sabe disso?”

Ele sorriu de novo e não disse nada, como se a resposta fosse óbvia demais.

Nas semanas seguintes ao desaparecimento da mãe dele, Su Kyi cuidou de Tin Win, ofereceu a atenção necessária para restabelecer sua saúde. Quando o primeiro mês passou sem qualquer notícia de sua família em Rangum e Mandalay, ela passou a morar com ele e prometeu que cuidaria dele e manteria a casa de seu tio em ordem até o retorno de sua mãe. Tin Win não se opôs. Apenas se retraiu ainda mais, de modo que nem o vigor e o otimismo de uma mulher como Su Kyi conseguiam atingi-lo. Seu humor variava dia

a dia, às vezes de uma hora para a outra. Passava dias sem nada dizer, permanecia a maior parte do tempo sozinho no jardim ou na mata próxima. Em dias assim, à noite, quando eles se sentavam diante da fogueira na cozinha, comendo porções de arroz, ele mantinha a cabeça baixa e nada dizia. Quando Su Kyi perguntava a ele sobre as brincadeiras que fazia na mata, ele olhava para ela sem realmente vê-la.

As noites eram totalmente diferentes. Em seu sono, ele se aproximava dela e se aconchegava em seu corpo rechonchudo e macio. Às vezes, ele a abraçava tão forte, que ela despertava.

Em outros dias, ele a levava para o jardim e para a mata, e contava o que suas amigas árvores diziam a ele. Havia dado um nome a cada uma delas. Ou aparecia com as mãos cheias de besouros, lesmas ou as mais lindas borboletas que pousavam em seus dedos e voavam para longe apenas quando ele erguia os braços. Os animais não tinham medo dele.

À noite, antes de dormir, ele pedia a Su Kyi para contar uma história. Permanecia deitado, sem se mexer, até o fim e dizia: “Cante mais uma”.

E Su Kyi ria e dizia:

“Mas não estou cantando.”

E Tin Win respondia:

“Está, sim. Parece uma canção. Por favor, mais uma.”

Su Kyi contava outra e mais uma, e continuava falando até ele dormir.

Ela suspeitava que suas palavras apenas chegariam a ele daquele modo, em código, que ele vivia em um mundo fechado para ela, do qual ela deveria se aproximar de modo leve e respeitoso. Ela já havia passado por muito sofrimento, já havia vivido tantas coisas, que sabia que não podia pressionar para entrar nos refúgios dele. Já havia visto de perto como as pessoas se tornavam prisioneiras dessas fortalezas, de sua solidão, confinadas até o dia de sua morte.

Ela esperava que Tin Win aprendesse o que ela havia aprendido com os anos: que existem feridas que o tempo não cura, mas torna suportáveis.

Su Kyi não conseguia se lembrar da primeira vez em que percebeu. Teria sido naquela manhã, diante da casa? Tin Win estava próximo à cerca. Ela chamara o menino, que girou, virando a cabeça para um lado e para o outro, como se a procurasse. Ou talvez tivesse sido alguns dias depois, no jantar, enquanto eles estavam acorados em uma tábua de madeira, perto da cozinha, comendo arroz. Ela havia mostrado um pássaro sentado a poucos metros, na frente deles, no gramado.

“Onde?”, perguntara ele.

“Ali, do lado da pedra.”

“Ah”, dissera ele, assentindo na direção errada.

Parecia que ele sempre seguia os mesmos caminhos no quintal, na casa, ou nos campos e áreas adjacentes, e costumava tropeçar em gravetos ou pedras quando se desviava de suas rotas costumeiras. Quando ela oferecia a ele uma tigela ou uma xícara, ele estendia o braço e sentia o espaço entre eles por um segundo que parecia durar eternamente. Semicerrava os olhos sempre que se concentrava em algo que estivesse a poucos metros de si. Como se espiasse pela névoa pesada que tomava conta do vale tantas manhãs.

De fato, o próprio Tin Win não sabia quando aquilo havia começado. As montanhas e as nuvens no horizonte não estavam sempre meio encobertas?

A situação pareceu piorar depois do desaparecimento de sua

mãe. Em determinado momento, ele não conseguia mais ver a mata a partir do jardim; os contornos nítidos e escuros das árvores solitárias se misturavam e se tornavam um mar de marrom e verde, embaçado e distante. Uma névoa cinzenta lentamente envolvia a professora na escola. Ele ouvia a voz com bastante clareza, como se eles estivessem lado a lado, mas não conseguia mais distinguir a imagem visual — assim como não via as árvores, os campos e as casas, nem Su Kyi, a poucos metros.

Então, Tin Win simplesmente deixou de se orientar pelos objetos e seus detalhes. Agora, vivia em um mundo composto principalmente de cores. O verde era a mata; o vermelho, a casa; o azul, o céu; o marrom, a terra; o roxo, as flores dos arbustos; e o preto, a cerca ao redor do quintal. E as cores em si também não eram muito confiáveis. Elas também desbotavam, até que, por fim, um véu branco e leitoso as cobriu, tampando tudo do lado de fora em um raio de poucos metros. Assim, o mundo desapareceu diante de seus olhos, morrendo como uma fogueira apagada que não aquecia nem iluminava.

Tin Win teve que confessar que aquilo particularmente não o irritava. Ele não tinha medo da escuridão perpétua — ou do que pudesse substituir as imagens que seus olhos já tinham visto. Ainda que tivesse nascido cego, dizia a si mesmo, não teria perdido muita coisa. Tampouco imaginava que perderia muita coisa agora se sua cegueira se tornasse completa, como de fato ocorreu. Quando acordou e abriu os olhos, três dias depois de seu aniversário de dez anos, a névoa havia engolido o mundo todo.

Tin Win permaneceu deitado em sua cama naquela manhã, respirando em silêncio. Respirando e expirando. Fechou os olhos e os abriu de novo. Nada. Olhou para cima, para onde, até pouco tempo antes, ficava o teto, e não viu nada além de um buraco branco. Sentou-se na cama e virou a cabeça para os dois lados. Onde estava a parede de madeira com os pregos enferrujados? A

janela? A antiga mesa, onde ele mantinha o osso de tigre que seu pai encontrara na mata tantos anos antes? Para todos os lados que olhava, um arco branco sem forma, na parte da frente ou de trás. Sem limite. Como se ele estivesse vendo além do infinito.

Ele sabia que Su Kyi estava ao seu lado. Ela dormia, mas logo se mexeria. Ele percebeu na respiração dela.

Do lado de fora, já estava claro — o canto dos pássaros era um sinal. Ele se levantou com cuidado, encostando os dedos dos pés no chão à procura da borda do tapete de palha. Sentiu as pernas de Su Kyi e passou por cima delas, e então ficou de pé no quarto e tentou imaginar brevemente onde estava a cozinha. Deu alguns passos e encontrou a porta sem qualquer colisão. Caminhou até a cozinha, deu a volta na fogueira, passou pelo armário onde ficavam as tigelas de metal, e foi para o quintal. Não tropeçou nem uma vez, nem precisou estender os braços para encontrar o caminho. Do lado de fora, ele parou, sentindo o sol em seu rosto, satisfeito por atravessar a névoa com confiança, naquela terra de ninguém.

Mas ele havia se esquecido do banco de madeira. Seu rosto bateu com força na terra, e a dor em seu queixo lhe arrancou um grito. Algo rasgou seu rosto, que agora estava sujo de saliva e sangue.

Ele permaneceu deitado e imóvel. Sentiu algo descer seu rosto, passar por cima de seu nariz e testa e desaparecer dentro dos cabelos. Foi rápido demais para ser uma lagarta. Uma formiga, talvez? Um besouro? Ele não sabia e começou a chorar baixinho, sem lágrimas. Como os animais. Não queria que ninguém o visse chorando de novo.

Arrastou-se pelo chão apoiado nas mãos, percebeu as irregularidades, tocou com os dedos as pequenas depressões e elevações como se explorasse um terreno inexplorado. O chão era áspero, repleto de pedras e raízes. Como podia não tê-los visto antes? Ele rolou um galho entre o polegar e o dedo indicador e teve a sensação de que podia enxergar. Aquela imagem e todas as

impressões visuais em sua memória acabariam por desaparecer? Ou será que, no futuro, ele veria o mundo apenas por uma janela de lembranças e imaginação? Escutou com atenção. O chão murmurava, cantava baixinho, quase não era possível escutar.

Su Kyi o levantou.

“O banco estava bem à sua frente”, disse ela. Era uma observação, não uma acusação.

Ela buscou água e um pano. Ele enxaguou a boca, e ela lavou seu rosto. Sua respiração ofegante indicava como estava assustada.

“Está doendo muito?”, perguntou ela.

Ele assentiu. Sentia o gosto amargo de sangue na saliva.

“Vamos à cozinha”, disse ela, pondo-se de pé, e partiu na frente.

Tin Win permaneceu imóvel, sem saber que direção tomar. Alguns segundos depois, Su Kyi saiu da casa.

“Por que não vem?”

Os gemidos de Su Kyi chegaram até a cidade e, durante anos, o povo de Kalaw falou sobre como eles assustaram todos que os escutaram.

O médico no pequeno hospital do fim da avenida ficou desconcertado. A cegueira, naquela idade, sem qualquer trauma, do nada. Ele nunca tinha visto algo como aquilo. Só podia imaginar os motivos. Dificilmente poderia se tratar de um tumor cerebral, uma vez que o paciente não apresentava tontura nem dor de cabeça. Talvez fosse um distúrbio dos nervos ou genético. Sem saber a causa certa, não podia prescrever nenhum tratamento. Não havia cura. O melhor a se esperar seria que sua visão retornasse tão misteriosamente quanto desaparecera.

Naqueles primeiros meses, Tin Win se esforçou para dominar seu mundo — a casa, o quintal, os campos próximos. Permanecia sentado no jardim por horas, na cerca, no cepo do pinheiro, à sombra do abacateiro, e na frente das papoulas, tentando descobrir se cada lugar, cada árvore tinha sua própria fragrância, como uma pessoa. O jardim atrás da casa tinha um cheiro diferente do de antes?

Ele atravessava os caminhos, calculando distâncias e esboçando mapas em sua mente que incorporavam tudo o que seus pés e mãos tocavam, cada arbusto, cada árvore, cada pedra. Ele queria preservá-los. Eles substituiriam seus olhos. Com a ajuda deles, Tin Win imporia uma ordem à névoa opaca que o envolvia.

Não deu certo.

No dia seguinte, nada estaria onde ele se lembrava. Como se alguém tivesse reorganizado a mobília da noite para o dia. Nada no mundo tinha lugar fixo. Tudo estava em movimento.

O médico havia garantido a Su Kyi que os outros sentidos acabariam por compensar a perda da visão. Pessoas cegas aprendem a depender do ouvido, nariz, mãos e, dessa maneira, depois de uma fase de adaptação e ajustes, aprendem a percorrer seu ambiente.

Para Tin Win, o caso parecia ser exatamente o oposto. Ele tropeçava em algumas pedras que conhecia há anos. Trombava em árvores e galhos que antes ultrapassava. Mesmo dentro de casa, ele

batia em maçanetas e paredes. Por duas vezes, quase pisou na fogueira; os gritos de Su Kyi o impediram.

Algumas semanas depois, em sua primeira ida à cidade, ele quase foi atropelado por um carro. Ficou no canto da estrada, escutando o som do motor que se aproximava. Ouviu vozes e passos, o relinchar de um cavalo. Escutou pássaros, galinhas e um boi defecando, e nada disso fazia qualquer sentido nem dava a ele um indício de qual caminho seguir. Seu ouvido lhe servia menos do que o nariz, que pelo menos conseguia sentir o cheiro de fogo, ou suas mãos, que o alertavam em relação a obstáculos. Nem um dia se passava sem que ele machucasse os joelhos, ganhasse hematomas e galos na cabeça ou arranhões nas mãos e cotovelos.

Era ainda mais difícil na escola com as freiras e o padre da Itália. Apesar de eles agora permitirem que ele se sentasse na fileira da frente, e apesar de sempre perguntarem se ele estava acompanhando a aula, ele passou a entender cada vez menos o que eles diziam. Na presença deles, Tin Win se sentia muito solitário. Ouvia as vozes e sentia a respiração, mas não os via. Eles permaneciam ao lado dele, a poucos metros, mas, ainda assim, estavam fora de alcance, a quilômetros.

A proximidade das outras crianças era ainda mais intolerável. A voz delas o irritava e a risada ressoava em sua mente quando ele se deitava para dormir à noite. Enquanto elas corriam pelo pátio ao lado da igreja, gritando e brincando, ele permanecia sentado em um banco à sombra da cerejeira como se estivesse amarrado a ela, e a cada passo, grito ou expressão de alegria que ouvia, por menor que fosse, ele sentia as amarras ainda mais fortes.

Su Kyi não sabia ao certo se o mundo realmente havia desaparecido diante de seus olhos ou se Tin Win havia, de alguma forma, se afastado dele. E se fosse esse o caso, até que ponto ele chegaria? Será que seus ouvidos também deixariam de funcionar? O nariz? Será que os dedos delicados e finos deixariam de sentir,

tornando-se membros entorpecidos, inúteis? Ele era forte, muito mais forte do que sabia ou do que seu corpo esguio demonstrava. Ao longo dos anos, ela havia percebido isso. E ele, sem dúvida, tinha o poder de se recolher aos recôncavos da terra. O garoto poderia fazer o próprio coração parar de bater se quisesse, assim como seus olhos tinham deixado de enxergar. No fundo de sua alma, ela sentia que acabaria com a própria vida daquela maneira, e de nenhuma outra.

U Ba ficou em silêncio.

Há quanto tempo estava falando? Três horas? Quatro? Cinco? Eu não havia tirado os olhos dele, e percebi, de repente, que todas as pessoas tinham partido. As mesas estavam vazias. A sala, quieta. Não havia nenhum som além do ronco baixo de um homem sentado atrás de um balcão de vidro. Sua respiração assoviava e se mantinha constante como a fumaça que sai de uma chaleira. Duas velas estavam acesas sobre a mesa entre U Ba e eu. Eu percebi que estava tremendo. O resto da sala estava escuro.

“Você não acredita em mim, Julia?”

“Não acredito em contos de fadas.”

“Isso é um conto de fadas?”

“Se você me conhecesse tão bem quanto diz, não se surpreenderia com o fato de eu não acreditar em magia. Nem em poderes sobrenaturais. Nem mesmo em Deus. Muito menos em estrelas ou constelações. Pessoas que abandonam um filho por causa de um alinhamento das estrelas no momento do nascimento? Devem ser doentes.”

Respirei profundamente. Algo havia me irritado. Tentei me acalmar. Não queria que ele visse que eu estava brava.

“Você viajou por muitos lugares, Julia, enquanto eu saí deste vilarejo poucas vezes. E quando saí, minha estrada não me levou além da pequena capital de nossa província, uma viagem de um dia em uma carroça puxada por um cavalo. Minha última viagem

foi há muitos anos, mas você conhece o mundo todo. Quem sou eu para contradizê-la?”

Sua humildade me irritou ainda mais.

“Se você está dizendo”, continuou ele, “então, aceitarei de bom grado que não existem pais e mães em seu mundo que não amam os filhos, por qualquer motivo que seja. Talvez apenas pessoas tolas e ignorantes se comportem dessa maneira, mais uma prova de nosso atraso, pelo qual peço mais um pouco de sua paciência.”

“É claro que eu não quis dizer isso. Mas, para nós, as estrelas não têm nada a ver com essas coisas.”

Ele olhou para mim e se calou.

“Não viajei quase dez mil quilômetros para ouvir histórias. Onde está o meu pai?”

“Por favor, tenha um pouco mais de paciência. Estou contando a história de seu pai.”

“É o que você diz. Que prova tenho disso? Se em algum momento de sua vida meu pai foi cego, você não acha que nós, a família dele, saberíamos? Ele teria nos contado.”

“Você tem certeza?”

Ele sabia que eu não tinha certeza nenhuma.

Disse a ele que eu não era dada à introspecção e ao egoísmo. Provavelmente, eu era uma das poucas nova-iorquinas que nunca tinham feito terapia. Não era o tipo de pessoa que procurava as causas de todos os meus problemas em minha infância, e que não respeitava quem fazia isso. Reiterei que não acreditava que meu pai já tinha sido cego em algum momento de sua vida, mas quanto mais eu falava, menos me dirigia a U Ba. Ele ouviu e assentiu. Era como se ele compreendesse exatamente o que eu dizia e concordasse comigo. Quando terminei, ele quis saber o que era terapia.

Ele tomou um gole do chá.

“Sinto muito, Julia, mas preciso ir agora. Não estou mais

acostumado a falar por tanto tempo. Geralmente, passo dias inteiros em silêncio. Na minha idade, não há muito a ser dito. Sei que você gostaria de me perguntar sobre Mi Mi, a mulher a quem seu pai escreveu. Você quer saber quem ela é e onde está, e que papel ela desempenha na vida de seu pai e, conseqüentemente — talvez —, na sua.” Ele ficou de pé e fez uma reverência. “Acompanharei você até a rua.”

Fomos até a porta. Eu era bem mais alta do que ele, mas U Ba não parecia baixo. Pelo contrário, eu era grande demais. Seus passos rápidos e fluidos faziam com que eu me sentisse desajeitada e rígida.

“Você sabe voltar ao hotel?”

Assenti.

“Se quiser, posso buscá-la amanhã depois do café da manhã para levá-la à minha casa. Não seríamos interrompidos lá. Eu poderia mostrar algumas fotografias a você.”

Ele se despediu com uma reverência.

Eu já tinha me virado para descer a rua quando, de repente, escutei sua voz de novo, atrás de mim. Ele sussurrou: “E seu pai, Julia, ele está aqui... muito perto. Você consegue vê-lo?”.

Eu me virei, mas U Ba já havia desaparecido escuridão adentro.

De volta ao hotel, eu me deitei na cama. Tenho quatro ou cinco anos de novo. Meu pai está sentado na beira da cama. O quarto é pintado de rosa claro. Há um móbile pendurado no teto — abelhas com listras brancas e pretas. Ao lado de minha cama, duas malas cheias de livros, quebra-cabeças e jogos. Do outro lado do quarto, um carrinho de bebê dentro do qual três bonecas estão deitadas. Minha cama está repleta de bichinhos de pelúcia: Hopsy, a lebre amarela, que traz ovos de chocolate uma vez por ano. Dodo, a girafa, cujo pescoço comprido eu invejo, de certa forma. Arika, o chimpanzé que eu sei que, quando não tem ninguém por perto, caminha. Dois dálmatas, um gato, um elefante, três ursos e um Ursinho Puff.

Dolores, minha boneca preferida, está em meus braços com os cabelos pretos despenteados. Não tem uma mão. Meu irmão a cortou para ficar quite comigo por algo que eu fizera. Está quente, uma noite de verão em Nova York. Meu pai abriu a janela, e uma brisa suave sopra dentro do quarto, fazendo as abelhas se mexerem.

Meu pai tem cabelos e olhos escuros, pele morena e um nariz proeminente sobre o qual ele mantém os óculos, que são redondos, de aro preto; anos mais tarde, eu encontraria uma fotografia de Gandhi e me surpreenderia com a semelhança entre eles.

Ele se inclina sobre mim, sorri, e respira profundamente. Ouço sua voz, uma voz que é mais do que uma voz. Parece um

instrumento musical, um violino, uma harpa. Ele nunca, de jeito nenhum, se alterou. Nunca ouvi seu grito. Sua voz conseguia me consolar e confortar. Conseguia me proteger e me colocar para dormir. E quando ela me acordava, eu despertava sorrindo. Ela me acalmava como nada nem ninguém no mundo, até hoje.

Como no dia em que perdi o equilíbrio na minha bicicleta nova no Central Park e machuquei a cabeça em uma pedra. O sangue escorreu de dois cortes grandes, como se estivesse saindo de torneiras abertas. Uma ambulância me levou ao hospital na Sétima Rua. Um paramédico fez um curativo, mas o sangue vazava pela bandagem e escorria por meu rosto e pescoço. Eu me lembro das sirenes, da cara de preocupação de minha mãe, e de um jovem médico com sobrancelhas cheias. Ele deu pontos nos cortes, mas o sangramento não parava.

O que me lembro depois disso é de meu pai ao meu lado. Eu ouvira sua voz vinda da sala de espera. Ele segurou a minha mão, acariciou meus cabelos e me contou uma história. Em menos de um minuto, o sangramento parou. Como se sua voz tivesse pousado gentilmente sobre as minhas feridas, cobrindo-as e estancando-as.

As histórias que meu pai contava raramente tinham final feliz. Minha mãe as detestava. Cruéis e brutais, dizia ela. Os contos de fadas não são todos assim?, perguntava o meu pai. Sim, minha mãe concordava, mas as suas são confusas, bizarras e não têm moral, são totalmente inadequadas para crianças.

Mas eu as adorava — exatamente porque eram tão peculiares, tão totalmente diferentes de qualquer história ou fábula que eu já tivesse ouvido ou lido. As que ele contava eram todas birmanesas e me davam uma visão rara de sua antiga vida e seu passado misterioso. Talvez, por isso, elas me fascinassem tanto.

“A história do Príncipe, da Princesa e do Crocodilo” era a minha preferida. Meu pai contava e recontava até eu memorizar todas as

frases, todas as palavras, todas as pausas, todas as inflexões.

Era uma vez uma linda princesa. Ela vivia à beira de um enorme rio. Vivia com a mãe e com o pai, a rainha e o rei, em um antigo palácio, que tinha muros altos e densos atrás dos quais tudo era frio, escuro e silencioso. Ela não tinha irmãos nem irmãs e era muito solitária. Seus pais mal falavam com a filha. Os empregados apenas diziam “Sim, vossa majestade” ou “Não, vossa majestade”. No lugar todo, não havia ninguém com quem conversar nem brincar. Ela se sentia terrivelmente entediada, tomada pela tristeza. Com o tempo, tornou-se uma princesa verdadeiramente triste e sozinha, que sequer se lembrava da última vez em que dera risada. Às vezes, tentava imaginar se havia se esquecido de como rir. Então, olhava no espelho e tentava sorrir. Fazia uma careta. Não era engraçado. Quando se sentia totalmente triste, a ponto de não mais suportar, caminhava até o rio. Ali, ela se sentava à sombra de uma figueira, ouvindo o barulho da água e das aves e cigarras. Adorava as milhares de estrelinhas que a luz do sol salpicava nas ondas. Então, seu humor ficava um pouco melhor, e ela sonhava com um amigo que a fizesse rir.

Na outra margem do mesmo rio, vivia um rei famoso no reino todo por sua severidade. Nenhum de seus criados ousava ficar ocioso ou sonhar acordado. Os agricultores trabalhavam com afinho no campo; os artesãos atuavam com dedicação nas oficinas. E para ter certeza de que seus empregados realmente estavam trabalhando, o rei enviava seus supervisores para todos os lados da propriedade. Quem fosse flagrado sentado na hora do trabalho recebia dez golpes de vara de bambu. O filho do rei também não era poupado. O príncipe tinha que estudar de manhã até a noite, dia após dia. O rei reuniu em sua corte os professores mais renomados do país todo para lecionar para o rapaz. Ele pretendia tornar o filho o príncipe mais inteligente que já existira.

Mas, um dia, o jovem príncipe conseguiu sair do palácio.

Montou em seu cavalo e desceu até o rio, onde viu a princesa sentada à outra margem. Ela havia prendido flores amarelas nos longos cabelos pretos. Ele nunca tinha visto uma garota tão bonita e imediatamente foi tomado por um único desejo: atravessar aquele rio.

Mas não havia nem ponte, nem barco, com os quais pudesse atravessar a correnteza. Na verdade, os dois reis, que eram grandes inimigos, tinham proibido seus empregados de colocar os pés na propriedade um do outro. Quem desobedecesse à decisão, pagaria com a própria vida. Além disso, o rio era repleto de crocodilos que estavam à espera de um pescador ou de um agricultor que se aventurasse a entrar.

Inicialmente, o príncipe pensou em atravessar a nado, mas quando a água estava na altura de seus joelhos, os crocodilos se aproximaram de boca aberta. O príncipe voltou para a terra correndo. Se não podia falar com a princesa, pelo menos podia observá-la.

Assim, ele voltava ao rio todos os dias em segredo, sentava-se em uma pedra e observava, repleto de desejo, a bela princesa. Semanas e meses se passaram até que, finalmente, um dia, um dos crocodilos nadou até ele.

“Tenho observado você há bastante tempo, meu caro príncipe”, disse ele. “Sei que você é muito infeliz, e sinto pena de você. Gostaria de poder ajudá-lo.”

“Mas como você pode me ajudar?”, perguntou o príncipe, surpreso.

“Suba nas minhas costas, e eu vou levá-lo até o outro lado.”

O príncipe olhou para o crocodilo sem acreditar.

“É um truque”, disse ele. “Os crocodilos são vorazes e agressivos. Não deixam nenhuma pessoa sair viva da água.”

“Nem todos os crocodilos são assim”, respondeu o crocodilo. “Confie em mim.”

O príncipe hesitou.

“Confie em mim”, o crocodilo repetiu.

O príncipe não teve escolha. Se quisesse chegar à bela princesa, teria que acreditar nele. Subiu nas costas do crocodilo, que o levou, conforme o prometido, ao outro lado.

A princesa não acreditou ao ver o príncipe diante de seus olhos. Ela já tinha observado o rapaz e secretamente esperava que ele encontrasse uma maneira de atravessar. O príncipe estava envergonhado, sem saber o que dizer. Gaguejou, atrapalhando-se em todas as frases, e, de repente, os dois não controlaram o riso. E a princesa riu como não ria há muito, muito tempo. Quando chegou o momento de o príncipe partir, ela ficou muito triste e implorou para que ele ficasse.

“Não posso”, disse ele. “Meu pai ficará furioso se souber que estou com você. Certamente, ele me prenderia, e eu nunca mais poderia vir ao rio sozinho. Mas prometo que voltarei.”

O crocodilo gentil levou o príncipe para o outro lado do rio de novo.

No dia seguinte, a princesa esperou, mais uma vez tomada pela ansiedade. Já havia perdido as esperanças, quando viu o príncipe em seu cavalo branco. O crocodilo também estava ali, oferecendo seus serviços. A partir de então, o príncipe e a princesa se encontravam todos os dias.

Os outros crocodilos ficaram furiosos. Um dia, no meio do rio, eles barraram o crocodilo e o caminho que levava até a princesa. “Queremos o príncipe, queremos o príncipe!”, eles gritavam, abrindo a boca na direção do rapaz.

“Deixem-nos em paz”, o grande crocodilo vociferou, descendo o rio com o máximo de velocidade que conseguiu. Mas, logo depois, foi cercado por outros. “Entre em minha boca”, disse o crocodilo a seu amigo humano. “Você estará seguro ali.” Ele abriu a boca o máximo que conseguiu, e o príncipe entrou. Os animais não

afastaram o olhar nem um minuto. Para onde eles nadavam, os outros seguiam, esperando e esperando. O príncipe teria de emergir em algum momento, afinal. Mas o crocodilo amigo foi paciente, e depois de muitas horas, os outros finalmente desistiram e se afastaram. O crocodilo se rastejou até a beira da água e abriu a boca. O príncipe não se mexeu. O crocodilo ficou em choque e gritou: “Meu amigo, meu amigo, corra para a margem o mais depressa que puder”.

Ainda assim, o príncipe não se mexeu.

E então, a princesa também gritou da outra margem:

“Meu caro príncipe, por favor, saia.”

Mas não adiantou, porque o príncipe estava morto. Morrera sufocado dentro da boca de seu amigo.

Quando a princesa percebeu o que havia acontecido, caiu no chão e morreu de tristeza.

Os dois reis decidiram, independentemente, não enterrar seus filhos, mas, sim, queimá-los na beira do rio. Por acaso, as duas cerimônias aconteceram no mesmo dia, na mesma hora. Os reis xingaram e ameaçaram um ao outro, um culpando o outro pela morte de seus filhos.

Não demorou muito para que o fogo fosse aceso e os dois corpos estivessem em chamas. De uma vez, as labaredas começaram a diminuir.

Era um dia sem vento, e duas grandes colunas de fumaça subiram ao céu. De repente, tudo ficou silencioso. As fogueiras pararam de estralar, ardendo sem barulho. A correnteza do rio também se acalmou. Até os reis ficaram em silêncio.

E então, os animais começaram a cantar. Primeiro, os crocodilos. Mas crocodilos não cantam, eu dizia sempre.

Claro que cantam, respondia meu pai suavemente. Os crocodilos cantam, se você deixar. Só precisa fazer silêncio para ouvi-los.

E os elefantes também?

Os elefantes também.

E quem mais cantou?

As cobras e os lagartos. Os cães também, e então os gatos, os leões e os leopardos. Os elefantes se uniram à cantoria, e então os cavalos e os macacos. E, claro, os pássaros. Os animais cantavam em coro, com mais beleza, na verdade, do que nunca, e, de repente, ninguém soube o porquê, mas as duas colunas de fumaça se aproximaram lentamente uma da outra. Quanto mais alta e clara a canção dos animais, mais próximas as colunas se tornavam, até que, finalmente, elas se uniram e formaram uma só, como só os amantes conseguem fazer.

Fecho os olhos e escuto meus animais, e penso: meu pai tem razão. Eles cantam. Murmuram baixinho para eu dormir.

Minha mãe não gostava da história porque não tinha um final feliz. Meu pai achava que tinha um final feliz, sim. Era enorme o abismo entre eles.

Eu mesma nunca tive certeza.

PARTE DOIS

O silêncio da noite foi uma tortura. Eu fiquei deitada na minha cama do hotel, desejando escutar sons familiares. Buzinas de carros. Sirenes de incêndio. Música ou vozes vindas da televisão do apartamento ao lado. O toque do elevador. Nada. Nem mesmo o barulho da madeira das escadas ou o som dos passos de hóspedes caminhando no corredor.

Um tempo depois, ouvi a voz de U Ba. Como uma intrusa invisível, ela passou pela sala falando comigo partindo da mesa e do armário, e depois como se viesse da cama ao lado da minha. Não conseguia esquecer a história que ele me contara. Pensei em Tin Win. Nem mesmo depois de algumas horas, eu conseguia ver meu pai nele. Mas qual era a importância disso? O que sabemos sobre os nossos pais, e o que eles sabem sobre nós? E se sequer conhecemos os indivíduos que nos acompanham desde o nascimento — nós não os conhecemos e eles não nos conhecem —, então, o que sabemos sobre quem quer que seja? Não tenho que imaginar, a partir daí, que qualquer pessoa é capaz de qualquer coisa, até mesmo do crime mais hediondo? De que ou de quem, de quais verdades, uma pessoa pode depender? Existem pessoas em quem eu possa confiar de modo incondicional? Existe tal pessoa?

Nem mesmo o sono me libertou. Sonhei com Tin Win. Ele havia caído, cego, e chorava deitado no chão à minha frente. Eu queria levantá-lo, por isso me inclinei sobre ele, mas... apesar de seu

corpo pequeno, ele era extremamente pesado. Segurei suas mãos e puxei. Envolvi seu corpo de criança com os braços, mas era como se tentasse puxar um touro de ferro. Eu me ajoelhei ao lado dele como quem se aproxima da vítima ferida em um acidente de carro, sangrando na lateral da estrada. Disse palavras para confortá-lo, garantindo a ele que a ajuda estava vindo. Ele me implorou para não partir, para não deixá-lo sozinho. De repente, meu pai estava de pé ao nosso lado. Ele pegou o menino e sussurrou algo em seu ouvido. Por fim, nos braços de meu pai, Tin Win foi consolado. Ele encostou a cabeça no ombro de meu pai, soluçando, e então adormeceu. Os dois se viraram e se afastaram.

O ar estava quente quando acordei e senti um cheiro adocicado, como algodão-doce recém-feito. Do lado de fora, escutei insetos zumbindo e dois homens conversando sob a minha janela. Minhas panturrilhas arderam quando fiquei de pé, mas me sentia muito melhor do que no dia anterior. As muitas horas de sono me fizeram bem. A manhã quente tornou o banho frio suportável. Até mesmo o café estava com gosto melhor e mais quente do que no primeiro dia. Senti meu ânimo de volta e por um momento até me senti pronta para começar a procurar Mi Mi, mas algo me impediu. A história de U Ba. Ela havia me envolvido em um feitiço.

Fiquei sentada sem me mexer diante do hotel e vi um senhor cortar a grama com uma tesoura grande. Papoulas cresciam livremente entre frésias, gladiolos e orquídeas amarelas. Sobre as orquídeas, galhos arqueados repletos de centenas de hibiscos vermelhos, brancos e cor-de-rosa. No meio do jardim, havia uma pereira; botões brancos se espalhavam pela grama sob os galhos. Um pouco mais adiante, havia duas palmeiras e um abacateiro carregado. Havia feijões e ervilhas, rabanete, cenouras, morangos, amoras.

U Ba chegou um pouco depois das dez. Eu o vi se aproximando a

uma grande distância. Ele caminhava pela rua, cumprimentou um ciclista e se virou para a entrada do hotel. Para facilitar seus movimentos, ele levantou seu *longyi* ligeiramente com as duas mãos, como uma mulher de vestido comprido faz ao passar por uma poça. Sorriu para mim e deu uma piscadela, como se nós nos conhecêssemos há muitos anos e não tivéssemos nos despedido com um clima ruim no dia anterior.

“Bom dia, Julia. Você teve um bom descanso noturno?”, perguntou ele.

Sorri ao ouvir sua maneira antiquada de falar.

“Ah, que olhos bonitos e radiantes. Exatamente como os de seu pai! Os lábios cheios e os dentes brancos também são dele. Peço desculpas por estar me repetindo. Não é a minha simplicidade, mas, sim, a sua beleza que me faz ser repetitivo.”

Seu elogio me deixou envergonhada. Fomos para a rua e entramos em um caminho que levava ao rio. As plantas à beira da rua estavam floridas e tão cheias de botões como as do jardim do hotel. Nosso caminho era repleto de pés de damasco, manga e bananeiras altas e verdes tomadas de pequenas bananas amarelas. O vento quente cheirava a jasmim fresco e fruta madura.

Perto do rio, várias mulheres estavam ajoelhadas na água, lavando roupas, cantando enquanto trabalhavam. Colocavam as camisas torcidas e os *longyis* em cima das pedras, ao sol, para secar. Algumas delas cumprimentaram U Ba e me observaram de modo questionador. Atravessamos uma pequena ponte de madeira, subimos em um monte do outro lado do rio e caminhamos por uma trilha íngreme. A cantoria das mulheres nos seguiu até o topo.

A vista do vale e o topo à distância me deixaram um pouco nervosa. Alguma coisa naquela paisagem de cartão-postal não estava certa. As ladeiras eram salpicadas de modo esparsa com pinheiros jovens. Entre as árvores, havia grama marrom e

queimada.

“Houve um tempo em que não se via nada além de enormes florestas de pinheiros neste lugar”, disse U Ba, como se lesse minha mente. “Nos anos 1970, os japoneses vieram e derrubaram as árvores.”

Eu quis perguntar por que eles tinham permitido aquilo e se ninguém havia resistido, mas decidi me calar.

Passamos por antigas casas de estilo inglês em ruínas e casebres lúgubres e sem janela cujas paredes assimétricas eram formadas por folhas secas e palha. Quando finalmente paramos, foi na frente de uma das poucas casas de madeira. Era feita de teca quase preta e erguida sobre estacas a cerca de um metro e meio do chão, com um telhado de metal corrugado e uma varanda estreita. Havia um porco perto dela. E galinhas correndo soltas pelo quintal.

U Ba me levou até os degraus da varanda, para dentro de uma sala grande com quatro janelas sem vidros. A mobília parecia antiga, de uma época colonial. Havia molas saindo do assento de uma poltrona de couro marrom ao lado de dois sofás puídos, uma mesa de canto e um armário escuro. Havia um quadro a óleo da Torre de Londres pendurado na parede bem acima da poltrona.

“Sinta-se em casa. Vou fazer um pouco de chá”, disse U Ba, desaparecendo.

Eu estava prestes a me sentar quando escutei um zunido estranho. Várias abelhas voaram pela sala, vindas de uma das janelas, até o armário aberto, e voltaram. Só então eu vi o ninho delas pendurado na estante de cima, maior do que uma bola de futebol. Eu me recolhi cuidadosamente no outro canto da sala, sentei-me e permaneci parada.

“Espero que não tenha medo de abelhas”, disse U Ba ao voltar com uma chaleira e duas xícaras.

“Só de vespas”, menti.

“Minhas abelhas não picam.”

“Você quer dizer que elas ainda não picaram ninguém.”

“Tem diferença?”

“O que você faz com o mel?”

“Que mel?”

“O das abelhas.”

U Ba olhou para mim.

“Eu não o usaria. Ele pertence às abelhas.”

Acompanhei o voo das abelhas com um olhar cauteloso. Será que ele estava dizendo a verdade?

“Então, por que não tira o enxame delas dali?”

Ele riu.

“Por que eu as tiraria daqui? Elas não fazem mal algum. Pelo contrário, eu me sinto honrado por ver que elas escolheram a minha casa. Vivemos juntos de modo pacífico há cinco anos. Nós, birmaneses, acreditamos que elas trazem sorte.”

“É verdade?”

“Um ano depois de as abelhas chegarem, seu pai voltou. Agora, você está sentada à minha frente.”

Ele sorriu de novo e serviu o chá.

“Onde paramos a história? Tin Win havia perdido a visão, e Su Kyi tentava encontrar ajuda, certo?”

E então, ele retomou a história.

A chuva batia no telhado de metal corrugado como se a casa estivesse ruindo sob um desmoronar de pedras. Tin Win havia se recolhido no canto mais distante da cozinha. Ele não gostava daquelas tempestades. O baque da água no telhado era alto demais, e a veemência com que ela caía do céu o deixava nervoso. Ele escutou a voz de Su Kyi, mas a chuva engolia até mesmo as suas palavras.

“Onde diabos está você?”, ela chamou de novo, espiando pela porta da cozinha. “Vamos, está na hora de ir. Vai parar em breve.”

Su Kyi estava certa, como quase sempre, quando o assunto era o clima. Ela dizia sentir as tempestades e as chuvas tropicais dentro de si e, principalmente, nos ouvidos, que primeiro esquentavam, depois ficavam com cócegas e finalmente irritavam de modo terrível antes de as primeiras gotas caírem. Tin Win havia, muito tempo antes, deixado de duvidar das previsões do tempo. Dois minutos depois, eles estavam diante da casa, a chuva havia parado, e o único barulho era o da água pingando do telhado e das folhas, correndo com força na calha que atravessava o quintal.

Su Kyi segurou a mão dele. O chão estava escorregadio; a lama entrava entre seus dedos a cada passo. Ainda era cedo, um pouco depois de sete horas. O sol atravessava as nuvens e recendia no rosto dele, mas logo queimaria sua pele e faria subir nuvens brancas de vapor do chão, suando a terra. Eles caminharam pela lama, passando pelos casebres com os sons da manhã: crianças

chorando, cães latindo, o bater de tigelas de metal.

Ela queria levá-lo ao mosteiro no centro da cidade, onde um monge chamado U May era o abade. Ela o conhecia havia muito tempo e acreditava que ele conseguiria ajudar. U May talvez fosse a única pessoa em quem Su Kyi confiava, que ela sentia ser uma alma boa. Se não fosse por ele, ela não teria sobrevivido às mortes de sua filha e marido. O próprio U May já era velho, provavelmente tinha mais de oitenta anos. Ela não sabia ao certo. Desde que ficara cego alguns anos antes, ele vinha lecionando a uma pequena turma de crianças da região todas as manhãs. Su Kyi esperava ser capaz de colocar Tin Win sob os cuidados dele também, para tirá-lo da escuridão que o incomodava, para ensinar a ele o que ele havia ensinado a ela: que a vida é entremeada de sofrimento. Que em todas as vidas, sem exceção, as doenças são inevitáveis. Que vamos envelhecer, e que não podemos enganar a morte. Essas são as leis e as condições da existência humana, U May havia explicado a ela. Leis que se aplicam a todos, em todas as partes do mundo, independentemente de como as coisas mudem. Não existe força que liberte uma pessoa da dor ou da tristeza que ela pode sentir dessa percepção — apenas ela mesma. E apesar de tudo isso, U May havia dito a ela muitas vezes, a vida é um dom do qual ninguém pode desdenhar. A vida, segundo U May, é um dom repleto de mistérios no qual o sofrimento e a felicidade são entremeados inextricavelmente. Qualquer tentativa de ter um sem o outro estava fadada a simplesmente fracassar.

O mosteiro em si era cercado por um muro alto de pedra perto da avenida, atrás do qual meia dúzia de pequenos templos brancos estavam decorados com bandeirolas coloridas e pequenos sinos dourados. Como proteção contra enchentes, o mosteiro tinha sido construído em montes de cerca de três metros do chão. Ao longo dos anos, vários anexos tinham sido erguidos ao redor da construção central. No meio deles, havia uma torre de quatro

cantos, que se estreitava ao longo de sete camadas até chegar ao topo dourado visível de longe. As paredes eram amareladas, queimadas pelo sol, e cada forro era feito com madeira escura. Na entrada, um enorme Buda de madeira quase do tamanho do teto ficava encoberto na semiescuridão, revestido por uma camada dourada. A seus pés, havia mesas repletas de oferendas: chá, flores, bananas, mangas e laranjas. Na parede atrás do Buda, havia prateleiras com dezenas de pequenos Budas dourados, muitos envoltos em roupões amarelos, outros segurando guarda-sóis de papel vermelho, branco e dourado. Claro, Tin Wi não viu nada daquilo.

Ele e Su Kyi caminharam de mãos dadas pelo quintal amplo até a escada central, passando por dois monges que varriam a terra úmida com vassouras rústicas de ramos. Havia roupões vermelhos de monges pendurados para secar em um varal. O vento ao redor das construções estalava a lenha das fogueiras e cheirava a fumaça.

U May estava sentado de pernas cruzadas e imóvel sobre um estrado no fim do corredor, com as mãos macilentas dobradas em seu colo. Havia um pote de chá, uma pequena xícara e um prato de sementes assadas em uma mesa baixa diante dele. Sua cabeça era raspada. Os olhos fechados, afundados nas órbitas. Seu rosto era magro, mas não abatido. Su Kyi se surpreendia sempre que o via. Seus traços pareciam tão francos e claros para ela. Ele era esguio, mas não esquelético; tinha marcas da idade, mas não estava enrugado. Seu rosto era, obviamente, o espelho de sua alma. Nem um indício de excesso de bagagem.

Su Kyi não teve como não se lembrar da primeira vez em que o

vira. Ele veio no trem que partira da capital e estava de pé na frente da estação. Aquilo tinha acontecido havia mais de vinte e cinco anos. Ela estava indo à feira. Ele estava descalço, e sorriu para ela. Seu rosto a tocou mesmo naquele momento. Ele pediu informações. Por curiosidade, ela o acompanhou até o mosteiro. Durante a caminhada, os dois começaram a conversar e, assim, teve início a amizade. Nos anos seguintes, U May às vezes contava a ela sobre sua infância, juventude e sobre a vida que tivera antes de se tornar um monge. Não havia muito o que dizer, apenas algumas partes de histórias que Su Kyi reuniu e das quais uma imagem contraditória lentamente surgiu.

Ele era de uma família rica que possuía moinhos de arroz em Rangum e que pertencia à minoria indiana que havia chegado à Birmânia depois da anexação inglesa do delta, em 1852. Seu pai era um patriarca, autoritário e nervoso, temido na família por seus acessos de violência e raiva. Seus filhos o evitavam, e sua esposa sofria com doenças que nem mesmo os médicos ingleses em Rangum eram capazes de diagnosticar. Após o nascimento do terceiro filho, o pai, cansado da condição constantemente debilitada da esposa, mandou-a, juntamente com os dois filhos mais jovens, para viver com parentes em Calcutá. Ele dizia que o atendimento médico era melhor ali. Por ser o filho mais velho, esperava-se que U May um dia levasse adiante os negócios da família e, assim, foi forçado a ficar com o pai, que logo teria se esquecido do resto da família não fossem as cartas que chegavam de Calcutá, a cada poucos meses, descrevendo a recuperação surpreendente da mãe e seu retorno em breve — uma ideia que sempre deixava U May tomado por uma alegria indescritível. Mas, ao longo dos anos, as cartas passaram a chegar com menos frequência, até U May perceber que não voltaria a ver a mãe e os irmãos, a quem vira pela última vez no porto de Rangum onde, aos sete anos, observara o navio partir para a Índia.

E, assim, os empregados e as babás o criaram — principalmente a cozinheira e o jardineiro, a quem permanecera próximo desde que aprendera a andar. U May era uma criança calada e até reticente, cujo talento parecia ser adivinhar as expectativas dos outros e fazer tudo o que estava a seu alcance para satisfazê-las.

Naquela época, ele adorava brincar no jardim. No canto mais afastado da propriedade, o jardineiro reservou um pedaço de terra, do qual U May cuidava com muita dedicação. Seu pai, quando soube, arrancou todas as plantas e revirou a terra. Jardinagem era trabalho de empregados. Ou de moças.

U May aceitou aquilo sem nada dizer, assim como aceitava e seguia todas as ordens do pai até o dia — ele não tinha nem vinte anos — em que o pai anunciou que U May se tornaria noivo da filha de um magnata de importações. A união beneficiaria as duas famílias e os negócios de ambas. Logo depois, o pai tomou conhecimento do relacionamento de seu filho com Ma Mu, a filha da cozinheira. O fato em si não o teria preocupado; esse tipo de coisa acontecia. Seria até possível encontrar uma solução para a gravidez da garota de dezesseis anos. Mas o filho afirmava amar a menina, algo ridículo e indesculpável. Na verdade, o riso solto do pai tomou conta da casa por muitos minutos quando ele soube. Anos mais tarde, o jardineiro ainda jurava que centenas de flores tremeram com aquele som.

U May explicou de modo muito simples a seu pai que ele não estava preparado, de maneira alguma, para se casar com a noiva que havia sido escolhida para ele. Mais tarde, no mesmo dia, seu pai mandou a cozinheira e sua filha para trabalharem para um de seus sócios em Bombaim, e não deu nenhuma informação ao filho a respeito de onde elas estavam. U May saiu de casa à procura delas. Nos anos seguintes, ele viajou sem cessar pelas colônias britânicas no sudeste asiático. Certa vez, ele pensou ter visto Ma Mu ou, pelo menos, ouvido sua voz. Foi no porto de Bombaim

antes de embarcar em um navio para Rangum. Ele teve a impressão de que alguém chamara seu nome, mas, quando se virou, viu apenas rostos desconhecidos e, a certa distância no píer, um grupo de homens gesticulando sem parar. Uma criança havia caído na água.

Cada mês que se passava sem qualquer sinal de Ma Mu ou de sua mãe deixava U May ainda mais desesperado e furioso. Era uma fúria vaga e maléfica que ele sentia. Não tinha nome nem rosto, e era direcionada, em grande parte, a ele próprio. Ele passou a beber, a frequentar bordéis entre Calcutá e Cingapura, e ganhava mais em um mês com a venda de ópio do que seu pai ganhava em um ano, e voltava a perder tudo em jogos de azar. Em uma viagem de Colombo a Rangum, ele conheceu um falante vendedor de arroz de Bombaim que contou a ele, certa noite, sobre sua ex-cozinheira birmanesa e a morte trágica de sua filha e do filhinho da moça. Eles tinham caído dentro da água e se afogado quando a moça tentou seguir um homem que estava embarcando no navio. De acordo com testemunhas, ela o havia confundido com um conhecido de Rangum. As refeições da cozinheira, desde então, haviam se tornado insossas, o que não deixou outro caminho ao barão do arroz: ele teve que demiti-la.

U May nunca contou a Su Kyi, nem a ninguém, sobre o que soubera naquela noite. Quando o navio chegou a Rangum, ele deixou sua bagagem dentro do navio e foi do porto diretamente para o mosteiro de Shwegyin, aos pés do templo Shwedagon. Passou alguns anos ali, e então viajou para Sikkim, Nepal e Tibet, procurando orientação nos ensinamentos do Buda por meio de diversos monges famosos. Ele viveu por mais de vinte anos em um pequeno mosteiro em Darjeeling, até decidir partir para Kalaw, o local de nascimento de Ma Mu. Os jovens namorados tinham sonhado com Kalaw quando se encontravam no porão, no jardim e no aposento dos empregados. Planejavam fugir para lá com seu

filho. Antes, enquanto vagava de um lado a outro, U May não ousou ir até lá. Agora, sentia que estava na hora. Ele tinha mais de cinquenta anos, e era em Kalaw que queria morrer.

De pé diante de U May, Tin Win segurou a mão de Su Kyi. Ele a seguiu pela sala e os dois se ajoelharam. Tin Win a soltou, e eles se inclinaram até as mãos e testas tocarem o solo.

O velho ouvia com atenção enquanto Su Kyi contava a história de Tin Win. Às vezes, ele balançava um pouco o corpo e repetia palavras isoladas. Quando ela terminou, ele permaneceu bastante tempo sem nada dizer. Por fim, ele se virou para Tin Win, que permanecera ajoelhado e calado ao lado de Su Kyi o tempo todo.

U May falava lentamente e com frases curtas. Descrevia a vida dos monges, que não conheciam nada além da roupa e do *thabeik*, uma tigela que eles carregavam quando recolhiam doações. Explicou que os noviços percorriam as ruas todas as manhãs, logo após o sol nascer, que permaneciam em silêncio diante de uma casa e paravam na frente da porta, aceitando com gratidão qualquer donativo que recebiam. Ele descreveu como, com a ajuda de um monge mais jovem, ensinava os pupilos a ler, escrever e a fazer contas. Mas, essencialmente, seu maior objetivo era passar adiante a lição que a vida lhe ensinara: que o maior tesouro de uma pessoa é a sabedoria em seu coração.

Tin Win ajoelhou-se sem se mexer diante do homem, ouvindo com atenção. Não foram as palavras nem as frases que o prenderam. Foi a voz. Uma entonação suave e melódica, sutil e bem equilibrada, como o leve tocar de sinos da torre do mosteiro, sinos que só precisavam de uma brisa leve para tocarem. Era uma

voz que fazia Tin Win se lembrar dos pássaros ao alvorecer, da respiração calma e constante de Su Kyi enquanto dormia ao lado dele. Ele não apenas escutava a voz; ele a sentia na pele, como se fossem duas mãos. Só queria entregar o peso de seu corpo para aquela voz. O peso de sua alma. Algo aconteceu naquele momento pela primeira vez e passaria a acontecer cada vez mais frequentemente no futuro: Tin Win viu os sons — ele os viu quando a fumaça saiu de uma fogueira, subiu e se espalhou pela sala, indo de um lado a outro em ondas suaves, como se levado por uma mão invisível, enrolando-se, dançando e dissipando-se lentamente.

No caminho para casa, nem Tin Win nem Su Kyi disseram nada. Ele segurou a mão dela. Era quente e macia.

Tin Win estava agitado a caminho do mosteiro antes do nascer do sol no outro dia. Passaria as semanas seguintes com os monges. Receberia um roupão e sairia com os outros rapazes para recolher donativos nos arredores. Pensar naquilo o deixava inquieto, e seu medo aumentava a cada passo. Como ele caminharia pela cidade se mal conseguia caminhar poucos metros — mesmo em um terreno familiar — sem tropeçar? Pediu a Su Kyi que o deixasse livre, em paz. Preferia ficar em casa em seu tapete ou no banquinho no canto da cozinha, os únicos dois lugares onde se sentia seguro, ou, pelo menos, não ameaçado.

Não houve maneira de fazer com que ela mudasse de ideia. Tin Win a seguiu com relutância, arrastando os pés pela cidade. Para Su Kyi, era como se estivesse levando um animal arreado. De repente, o som de crianças cantando no mosteiro fez com que eles

parassem. As vozes delas acalmaram Tin Win. Como se alguém acariciasse seu rosto e sua barriga, acalmando-o. Ele permaneceu parado, ouvindo. O leve farfalhar de folhas entremeadas com as vozes. Mas era mais do que um simples farfalhar. Tin Win percebeu que as folhas, como a voz humana, tinham seu timbre próprio. Assim como com as cores, havia tons de farfalhar. Ele ouviu galhos finos esfregando-se uns nos outros e as folhas esfregando-se umas nas outras. Ouviu folhas sozinhas caindo suavemente no chão diante dele com leveza. Enquanto balançavam ao sabor do vento, ele percebeu que duas folhas não tinham o mesmo som. Ouviu zunidos e sopros, piados e estrondos. Ele estava percebendo algo muito importante. Será que havia, paralelo ao mundo de formas e cores, um outro inteiro de vozes e sons, de barulhos e tons? Um mundo escondido dos sentidos, ao nosso redor, mas, normalmente, inacessíveis a nós? Um mundo talvez ainda mais emocionante e misterioso do que o mundo visível?

Muitos anos depois, em Nova York, quando ele entrou pela primeira vez em um teatro e a orquestra começou a tocar, lembrou-se desse momento de novo. Estava praticamente embriagado de felicidade quando ouviu, ao fundo, as batidas do tambor que abriam a peça, e então os violinos se unindo, as violas e os celos, os oboés e as flautas. Cada um deles erguia sua voz como as folhas naquela manhã de verão em Kalaw. Cada instrumento independentemente a princípio, e então em um coral que tomava seus sentidos e fazia com que ele suasse e perdesse o fôlego.

Su Kyi o levou adiante em direção ao mosteiro e pela música; ele tropeçava ao lado dela como um bêbado. Alguns momentos depois, tudo o deixou com a mesma rapidez com que chegara. Ele escutou os próprios passos e a respiração ofegante de Su Kyi, o coral e os galos cacarejando... mas nada mais. Ainda assim, sentira o gosto de uma vida tão intensa que chegava a doer. Na verdade, às vezes, era

insuportável.

O dia estava nascendo quando eles chegaram ao mosteiro. U May sentou-se meditando no corredor, cercado por monges mais velhos. Um jovem monge sentou-se em um banco abaixo da cozinha, quebrando galhos secos. Ao redor dele, dois cães brincavam. Havia uma dúzia de noviços com roupas vermelhas, cabeças recém-raspadas, em fila ao lado da escada. Eles cumprimentaram Tin Win e deram a Su Kyi um dos robes vermelhos para ele vestir. Ela o colocou ao redor de seu corpo esguio. Ela havia raspado a cabeça do menino na noite anterior e, quando o viu de pé entre os outros monges, percebeu de novo que ele era alto para a sua idade e bonito. A parte de trás de sua cabeça era marcante. Ele tinha um pescoço fino, o nariz proeminente, não muito comprido, e dentes brancos como os botões da pereira que ficava diante da casa. Sua pele era cor de canela. As diversas quedas e os arranhões sofridos haviam deixado apenas duas cicatrizes em seus joelhos. As mãos eram estreitas; os dedos, compridos e elegantes. Ninguém diria que ele nunca havia usado sapatos.

Apesar de seu tamanho, ele parecia tão vulnerável quanto um franguinho correndo assustado pelo celeiro. Ela se emocionava ao vê-lo, mas não queria sentir pena dele. Queria ajudá-lo — e a pena atrapalhava o bom senso.

Ela teve dificuldade para deixá-lo ali, ainda que fosse por apenas algumas semanas, mas U May havia se oferecido para cuidar dele por um tempo. U May sentia que a companhia dos outros rapazes

faria bem a ele. A meditação em conjunto e as lições, a paz e a rotina previsível do mosteiro fortaleceriam seu senso de segurança e confiança.

Os noviços o colocaram entre eles, deram uma tigela preta para que ele segurasse, e também um cajado de bambu. O monge de pé à sua frente na fila prendeu uma das pontas do cajado embaixo do braço dele. Era assim que eles queriam que Tin Win se movesse. Em questão de segundos, a fila de monges partiu, dando passinhos lentos de modo que o cego também conseguisse avançar com facilidade. Os noviços marcharam atravessando o portão, e então viraram à direita, dirigindo-se lentamente para a entrada. Tin Win não notou, mas eles estavam se ajustando ao ritmo dele, movendo-se com mais rapidez quando ele apressava o passo ou com menos rapidez quando a incerteza tornava seus passos vagarosos. Na frente de quase todas as casas havia um homem ou uma mulher com uma tigela de arroz ou legumes que eles tinham cozinhado para os monges nas primeiras horas daquela manhã. A procissão parava várias vezes. Os benfeitores enchiam as tigelas dos noviços e faziam uma humilde reverência.

Tin Win segurava seu *thabeik* e o cajado. Estava acostumado a atravessar campos com uma vara comprida quando saía sozinho. Ele a balançava para a frente e para trás diante do corpo como se fosse um braço comprido procurando raízes, ramos ou pedras no chão. O cajado de bambu que segurava não substituíra a vara. Ele o tornava dependente do monge à sua frente. E sentia-se triste por estar lá fora sem Su Kyi. Sentia falta da mão dela, de sua voz, de sua risada. Os monges eram muito calados. À exceção de um

modesto “obrigado” por qualquer coisa que colocavam em suas tigelas, eles não diziam nada, e o silêncio servia apenas para deixá-lo mais agitado. Após cerca de uma hora, Tin Win percebeu que seus pés descalços estavam, aos poucos, ganhando confiança no chão de areia. Ele não havia tropeçado. Ele não havia caído. Nem os obstáculos nem os buracos da rua o desequilibravam. Suas mãos relaxaram. Seus passos se tornaram mais compridos e rápidos.

Quando voltaram ao mosteiro, os noviços o ajudaram a subir os degraus para a varanda. A escada era estreita e íngreme, sem corrimão, e Tin Win queria poder subir sem ajuda. Mas dois monges o seguraram pelas mãos, e um terceiro o segurou com firmeza por trás, e Tin Win seguiu dando um passo depois do outro, aprendendo a andar.

Acocorados no chão da cozinha, eles comeram o arroz e os legumes. A fogueira estava acesa e, sobre ela, havia uma chaleira manchada e amassada com água. Tin Win sentou-se entre eles, sem fome, porém cansado. Ele não sabia dizer qual esforço tinha sido maior: a longa caminhada ou ter de depender do monge à frente dele. Estava tão exausto que mal conseguiu acompanhar a aula de U May, e adormeceu enquanto meditava à tarde. Acordou com a risada dos monges.

Deitado em sua cama, mais tarde, ele se lembrou dos lindos sons da manhã. Teria sido um sonho? Se seus ouvidos não o tivessem enganado, onde estavam aqueles sons agora? Por que não conseguia ouvir nada além do ronco dos outros monges, por mais que se concentrasse? Desejou recuperar a intensidade que havia sentido horas antes, mas, quanto mais tentava, menos ouvia, até que, por fim, até o ronco ao seu redor tornou-se muito baixo.

Nas semanas seguintes, Tin Win fez o que pôde para participar da rotina monástica. A cada dia, sua autoconfiança no cajado de bambu aumentava, e ele gostava de caminhar pela cidade sem medo de cair e sem acidentes. Ele aprendeu a varrer o quintal e a

lavar as roupas, e passou muitas tardes com uma bacia e uma tábua de esfregar roupas, lavando os roupões, até a água gelada fazer seus dedos doerem. Ele ajudava a limpar a cozinha e demonstrou uma grande habilidade para cortar lenha. Ao tocar rapidamente um pedaço de madeira, ele conseguia dizer aos outros se seria melhor rachá-la sobre os joelhos ou sobre uma pedra. Em pouco tempo, passou a reconhecer os monges não apenas pela voz, mas também pelo som de seus lábios, tosse e arrotos, pela maneira com que caminhavam pelo piso, pelo som de seus pés na madeira.

Ele ficava mais feliz durante o tempo que passava com U May. Os rapazes se agachavam formando um semicírculo, Tin Win sempre ficava na fileira da frente e perto do monge, cuja voz ainda tinha o mesmo poder e magia que o haviam tocado tão profundamente na primeira vez em que se encontraram. Mesmo quando U May nada dizia, permitindo que o jovem monge que o ajudava desse a aula, Tin Win sentia sua proximidade, o que o deixava calmo. Normalmente, ele permanecia sentado quando os outros meninos se levantavam e saíam, aproximava-se de U May e o enchia de perguntas.

“Por que você não consegue ver nada?”, perguntou Tin Win, certo dia.

“Quem disse que não consigo ver?”

“Su Kyi. Ela disse que você é cego.”

“Eu? Cego? É verdade que perdi minha visão há muitos anos. Mas isso não quer dizer que eu seja cego.” Ele fez uma pausa, e então perguntou:

“E você? Você é cego?”

Tin Win pensou um pouco.

“Sei diferenciar a luz da escuridão, nada mais.”

“Você tem nariz para sentir cheiro?”

“Claro que sim.”

“Mãos com as quais tocar?”

“Tenho, sim.”

“Ouvidos com os quais ouvir?”

“É claro.” Tin Win hesitou. Será que devia dizer a U May? Isso tinha sido há semanas, e às vezes ele não sabia mais se não havia imaginado tudo.

“De que mais você precisa?”, perguntou U May. “A essência verdadeira das coisas é invisível aos olhos.” Um longo silêncio e então: “Nossos órgãos sensoriais adoram nos enganar, e os olhos são os que mais enganam. Dependemos muito deles. Acreditamos que vemos o mundo ao nosso redor e, ainda assim, só vemos a superfície. Devemos aprender a perceber a verdadeira natureza das coisas, sua substância, e os olhos costumam atrapaalhar mais do que ajudar nesse aspecto. Eles nos distraem. Adoramos ser deslumbrados. Uma pessoa que depende demais dos olhos deixa de lado todos os outros sentidos... e estou falando mais do que a audição ou o olfato. Falo do órgão dentro de nós para o qual não temos um nome para dar. Vamos chamá-lo de bússola do coração”.

O monge estendeu as mãos para ele e Tin Win se surpreendeu com o calor delas.

“Uma pessoa sem olhos deve ficar atenta”, disse U May. “Parece mais fácil do que é. Você deve prestar atenção a cada movimento e a cada respiração. Quando eu me torno descuidado ou permito que minha mente voe, meus sentidos me enganam. Eles fazem travessuras como crianças levadas querendo atenção. Sempre que me torno impaciente, por exemplo, quero que tudo aconteça com mais rapidez. Meus movimentos se tornam ligeiros. Derrubo chá ou a tigela de sopa. Não escuto direito o que os outros dizem porque já estou em outro lugar com meus pensamentos. Ou quando a raiva nasce dentro de mim. Certa vez, eu me irritei com um jovem monge, e logo depois, pisei na fogueira. Não ouvi seus estalos; não senti seu cheiro. A raiva havia entorpecido meus

sentidos. Olhos e ouvidos não são o problema, Tin Win. É a raiva que nos cega e nos ensurdece. Ou o medo. A inveja, a desconfiança. O mundo se contrai e sai do eixo quando você sente raiva ou medo. Acontece conosco e também com qualquer pessoa que enxergue com os olhos. Mas eles não percebem. Seja paciente.”

Tin Win se virou na direção do velho monge.

“Seja paciente”, ele repetiu.

U May tentou se levantar. Tin Win se levantou para ajudá-lo. O velho se apoiou em seu ombro, e os dois caminharam lentamente pelo corredor até a varanda. Estava chovendo. Não muito forte, mas uma garoa fina de verão; a água do telhado pingava aos pés deles. U May se inclinou para a frente para que a água caísse em sua cabeça careca, descendo pelo pescoço e costas. Ele levou seu pupilo para fora. A água desceu pela testa, faces e nariz de Tin Win. Ele abriu a boca e colocou a língua para fora. A chuva estava quente e um pouco salgada.

“De que você tem medo?”, perguntou U May.

“Por que acha que sinto medo?”

“Pela sua voz.”

É claro que U May tinha razão, mas Tin Win não sabia do que sentia medo; a sensação estava sempre presente, perseguindo-o como uma sombra em um dia de sol. Às vezes era pequena, quase imperceptível, e ele conseguia mantê-la sob controle. Em outros dias, ela ressurgia, crescendo muito até suas mãos ficarem molhadas de suor e seu corpo tremer como se estivesse tomado por uma febre.

Os dois permaneceram em silêncio lado a lado. Pombas piavam sob o beiral. Após alguns minutos em silêncio, o velho monge perguntou de novo:

“De que você tem medo?”

“Não sei”, respondeu Tin Win com delicadeza. “Do besouro

grande que rasteja por meus sonhos e me encara até eu acordar. Dos cepos de árvores nos quais me sento e dos quais caio sem nunca chegar ao chão. Do medo.”

U May acariciou as faces do menino com as duas mãos.

“Todos nós conhecemos o medo”, disse ele. “Tão bem! Ele nos circula como moscas em cima do esterco de vaca. Faz os animais fugirem. Eles partem em disparada, voam ou nadam até acreditarem que estão seguros ou até caírem exaustos. Os seres humanos são assim também. Vemos que não existe lugar na Terra onde possamos nos esconder do medo, mas, mesmo assim, tentamos encontrar um. Desejamos a riqueza e o poder. Nós nos entregamos à ilusão de que somos mais fortes do que o medo. Tentamos dominar... nossos filhos e esposa, nossos vizinhos e amigos. A ambição e o medo têm algo em comum: nenhum dos dois conhece limites. Mas com o poder e a riqueza, acontece como com o ópio, que experimentei mais de uma vez na juventude: nenhum cumpre sua promessa. O ópio nunca me deu felicidade eterna. Ele só exigiu cada vez mais de mim. O dinheiro e o poder não vencem o medo. Só existe uma força mais poderosa do que o medo.”

Naquela noite, Tin Win permaneceu deitado e imóvel em seu tapete de palha. À exceção de U May, todos os monges dormiam em um quarto grande perto da cozinha. Estendiam seus tapetes no piso de madeira e se cobriam com os cobertores de lã. Pelas rachaduras no piso, entrava o frio da noite. Tin Win escutou atento. Ouviu um cão latindo e outro respondendo. E então, mais um e mais outro. A fogueira na cozinha ainda estalava baixinho.

No telhado, os pequenos sinos dourados tilintavam até a brisa finalmente passar e eles também ficarem quietos. Tin Win observou que os monges adormeciam, escutava a respiração deles tornar-se calma e regular, até que, de uma vez, todos os sons desapareceram por completo. Um silêncio prevaleceu de um modo que Tin Win não conhecia. Era como se o mundo tivesse desaparecido. Tin Win caiu em um abismo, virando-se, atrapalhando-se, esticando os braços, procurando algo no qual pudesse se segurar, um galho, uma mão, uma árvore jovem, qualquer coisa que interrompesse sua queda. Não encontrou nada. Ele caiu cada vez mais até, de repente, ouvir a respiração ao seu lado. E os cães. E o ronco de uma moto. Será que ele havia caído em um sonho? Ou será que havia ficado acordado sem ouvir nada por alguns segundos? Será que seus ouvidos tinham falhado? De repente? Será que perderia a audição assim como a visão?

O medo o assaltou, e ele pensou em U May. Havia apenas uma força mais poderosa do que o medo. O velho o havia consolado. Ele descobriria. Só não deveria procurar.

Su Kyi atravessou o pátio do mosteiro. À sombra de uma figueira, seis monges a receberam com uma reverência. Ela viu Tin Win à distância, sentado no degrau mais alto da escada para a varanda, com um livro grande sobre os joelhos. Seus dedos percorriam as páginas, a cabeça levemente inclinada, os lábios se movimentando como se ele falasse sozinho. Todas as tardes, por quase quatro anos, ela o encontrava lendo sempre que chegava para buscá-lo no mosteiro. Quantas coisas tinham acontecido ao longo dos anos! Na semana anterior, U May confirmara de novo que Tin Win havia mudado muito, que era muito talentoso. Ele era o melhor e mais dedicado aluno. Tinha uma capacidade extraordinária de se concentrar e sempre surpreendia o instrutor com uma lembrança, uma imaginação, e um poder de dedução diferente de qualquer um que U May tivesse testemunhado em um rapaz prestes a completar quinze anos.

Tin Win era capaz de dizer o conteúdo das lições dias depois de ela ter ocorrido, sem esforço e completamente. Em uma questão de minutos, ele resolvia, de cabeça, problemas de matemática que outras pessoas precisavam fazer cálculos e demoravam meia hora. O velho monge tinha tanta consideração por ele que, depois de uma temporada, havia começado a dar aulas extras e privadas para ele à tarde. De uma caixa, havia tirado livros em Braille que um inglês havia dado a ele há alguns anos. Dentro de alguns meses, Tin Win aprendeu o alfabeto. Ele leu tudo o que U May havia

reunido ao longo dos anos e não demorou muito para que conhecesse todos os livros do mosteiro. Felizmente, graças à amizade de U May com um oficial britânico aposentado, cujo filho havia nascido cego, foi possível passar a Tin Win muitos livros novos. Ele devorava contos de fadas, biografias, relatos de viagens, romances de aventura, peças, até artigos de filosofia. Levava um livro novo para casa quase todos os dias, e na noite anterior, Su Kyi havia sido despertada mais uma vez por seu murmúrio. Ela o encontrou agachado no escuro a seu lado, com um livro no colo, as mãos passando pelas páginas como se as acariciasse, enquanto sussurrava baixinho todas as frases que seus dedos sentiam.

“O que você está fazendo?”, perguntou ela.

“Viajando.”

Ela sorriu, apesar de estar cansada. Alguns dias antes, Tin Win havia explicado para ela que ele não apenas lia livros, mas viajava com eles, que eles o levavam a outros países e a continentes desconhecidos e que, com a ajuda deles, estava sempre conhecendo novas pessoas, muitas das quais até se tornaram seus amigos.

Su Kyi balançou a cabeça porque, na vida fora dos livros, ele parecia incapaz de fazer amigos. Independentemente do que mais a escola tinha a oferecer, ele se mantinha alheio e retraído. E apesar de seu envolvimento com as aulas, ele tinha um contato apenas superficial e esporádico com os outros rapazes. Era respeitoso com os monges, mas mantinha-se afastado, e Su Kyi se preocupava com o fato de ninguém conseguir se aproximar dele. Ninguém, talvez, além dela mesma e de U May e, mesmo assim, ela não tinha muita certeza. Não, Tin Win vivia no próprio mundo, e às vezes ela tentava imaginar se ele era autossuficiente, se precisava de companhia.

Su Kyi permaneceu no fim da escada estalando a língua, mas Tin Win estava tão absorto em seu livro que não percebeu. Ela o observou e notou, pela primeira vez, que não havia mais nada de

infantil nele. Ele estava mais alto do que os outros monges. Tinha braços fortes e ombros largos como os de um agricultor, mas mãos delicadas como as de um ourives. Nos traços dele, ela reconheceu o homem que ele logo se tornaria.

“Tin Win”, disse ela.

Ele virou a cabeça em sua direção.

“Ainda tenho que comprar algo na feira antes de irmos para casa. Quer ir comigo ou esperar aqui?”

“Vou ficar.” Ele sentia medo das pessoas aglomeradas nos corredores. Pessoas demais. Muitos sons e cheiros desconhecidos que podiam assustá-lo e fazê-lo tropeçar.

“Serei rápida”, Su Kyi prometeu.

Tin Win ficou de pé. Ele puxou o novo *longyi* verde que havia amarrado com um nó forte na cintura, e então atravessou a varanda até o corredor do mosteiro. Estava a caminho da fogueira na cozinha quando ouviu um som que não reconheceu. A princípio, pensou que alguém estava rachando um pedaço de madeira no ritmo de um relógio, mas não eram batidas nem fortes nem fracas demais. Era um ritmo totalmente diferente, monótono. Tin Win ficou parado. Ele conhecia todas as salas, todos os cantos, todas as frestas do mosteiro, e aquele som ele nunca tinha ouvido. Nem ali, nem em qualquer lugar. De onde vinha? Do meio do corredor?

Ele prestou atenção. Deu um passo e parou. Escutou. E ali estava ele de novo, mais alto e mais claro, dessa vez. Parecia uma batida, como um toque baixo e suave. Alguns segundos depois, foi acompanhado por passos sorrateiros dos monges, seus arrotos e flatulência da cozinha, o rangido do assoalho e o balançar das cortinas. As pombas sob os beirais. Acima dele, uma movimentação: uma barata ou besouro atravessando o forro. Que tipo de piado era aquele na parede? Mosquitos esfregando as patas traseiras? Algo flutuou acima. Uma pena. Carunchos comiam a

madeira sob ele. Uma lufada de ar no quintal ergueu os grãos de areia e voltou a derrubá-los. De longe, veio o bufar de um touro nos campos e o estrépito de vozes da feira. Para ele, era como se uma cortina tivesse sido afastada lentamente, mostrando mais uma vez o mundo que ele havia visto brevemente antes, e então perdido. O mundo escondido dos sentidos que desejara por tanto tempo. Estava ali de novo.

E em meio a todo aquele estalar, crepitar, sussurrar, murmurar, gotejar e piar, vinha aquele leve toque inconfundível. Lento, calmo e estável. De certa forma, a fonte de todos os sons, tons e vozes do mundo. Era forte e delicado ao mesmo tempo. Tin Win virou-se na direção dele e hesitou. Ousaria aproximar-se dele? E se ele o espantasse? Lentamente, ele levantou um pé. Prendeu a respiração. Ouviu com atenção. Ainda estava ali. Ele ousou um único passo, depois mais um. Colocou um pé na frente do outro, com cuidado, como se pudesse pisar em algo. Depois de cada movimento, ele parava por um instante, para ter certeza de que não o havia perdido. Ficava mais claro a cada passo. E então, ele parou. Devia estar bem na frente dele.

“Tem alguém aí?”, sussurrou ele.

“Sim. Bem a seus pés. Você está prestes a tropeçar em mim.”

Era a voz de uma menina, que ele não reconheceu. Tentou, em vão, imaginá-la.

“Quem é você? Qual é o seu nome?”

“Mi Mi.”

“Está ouvindo essa batida?”

“Não.”

“Deve ser em algum outro lugar.” Tin Win ajoelhou-se.

Agora, estava perto de seu ouvido.

“Eu ouço cada vez com mais clareza. Um pulsar suave. Não está ouvindo, mesmo?”

“Não.”

“Feche os olhos.”

Mi Mi fechou os olhos.

“Nada”, disse ela, e riu.

Tin Win se inclinou e sentiu a respiração dela em seu rosto.

“Acho que está vindo de você.” Ele se aproximou ainda mais dela e manteve sua cabeça diante de seu peito.

Ali. O coração dela.

O coração dele começou a acelerar. Era quase como se estivesse ouvindo sem permissão, como se não tivesse direito àquela informação, como se estivesse se intrometendo. Ele sentiu o medo surgir dentro dele, até ela pousar a mão em seu rosto. O calor dela fluiu pelo corpo dele, e desejou que ela nunca afastasse a mão. Ele se endireitou.

“O seu coração. É o seu coração que estou ouvindo.”

“A uma distância tão grande?”, ela riu de novo, mas não estava rindo dele. Ele escutou em seu tom de voz. Era uma risada na qual podia confiar.

“Você não acredita em mim?”, perguntou ele.

“Não sei. Talvez. Como é o meu coração, então?”

“Maravilhoso. Não, mais bonito do que isso. Parece...”, Tin Win gaguejou, à procura de palavras. “Não sei descrever.”

“Você deve ter bons ouvidos.”

Ele podia pensar que ela estava rindo a sua custa. Mas seu tom mostrou a ele que não.

“Sim. Não. Não sei bem se ouvimos com nossos ouvidos.”

Por alguns momentos, nenhum deles disse nada. Ele não sabia o que dizer. Teve medo de que ela se levantasse e fugisse. Talvez ele devesse falar sem parar e torcer para a sua voz conquistá-la. Mi Mi poderia ficar e ouvir enquanto ele continuasse falando.

“Eu nunca...” Ele pensou em como dizer. “Notei você no mosteiro”, disse, finalmente.

“Já vi você muitas vezes.”

A voz alta de uma mulher a interrompeu.

“Mi Mi, onde você está escondida?”

“No corredor, mamãe.”

“Temos que ir para casa.”

“Já vou.”

Tin Win escutou que ela se ergueu, mas não ficou de pé. Ela estendeu o braço e rapidamente acariciou o rosto dele uma vez.

“Preciso ir. Até breve”, disse ela, e ele ouviu quando ela se afastou, mas não estava caminhando. Rastejava apoiando-se nas mãos e nos joelhos.

Tin Win sentou-se no chão, com as pernas encolhidas contra o peito, a cabeça nos joelhos. Adoraria poder ficar sentado ali pelo resto do dia, da noite e o dia seguinte também. Como se qualquer movimento pudesse destruir o que ele havia vivido. Mi Mi já havia partido, mas as batidas de seu coração ficaram com ele, que se lembrava do som e o ouvia como se ela estivesse sentada ao lado dele. E os outros tons e sons? Ele levantou a cabeça, virou-a de um lado a outro, e escutou. O farfalhar continuou baixinho no forro. O pio na parede e as mordidas na madeira continuavam ali. O ronco do búfalo nos campos, o riso dos clientes nas casas de chá... Tin Win tinha certeza de tê-los ouvido com clareza. Ficou de pé cuidadosamente e mal conseguiu acreditar. Aquela audição intensa havia permanecido com ele. Os sons, conhecidos ou não, ainda estavam ali. Alguns eram mais altos, outros mais baixos, mas a força e a intensidade não diminuía. Eles o ajudariam a encontrar seu caminho no mundo?

Tin Win foi até a porta, desceu os degraus da varanda e atravessou o quintal. Ele queria caminhar, descer e subir a avenida. Queria explorar a cidade, escutar com atenção. Sons novos e desconhecidos o surpreendiam de todos os lados. O mundo estava batendo, batucando, estalando e farfalhando. Ele o ouvia sussurrando e gorjeando, guinchando e coaxando, e nada nesse dilúvio de impressões o assustava. Ele percebeu que os ouvidos funcionavam da mesma maneira que os olhos. Ele se lembrava de

ter olhado para a floresta, de ter visto dezenas de árvores com centenas de galhos e milhares de folhas simultaneamente, sem falar do campo com as flores e arbustos, e ele se lembrou de que, de alguma forma, nada daquilo o havia confundido, nem um pouco. Seus olhos tinham se concentrado em alguns detalhes da cena. O resto era periférico. E a cada pequena mudança de suas pupilas, ele conseguia mudar seu foco e considerar novos detalhes sem perder os outros de vista. Era isso o que ele estava vivendo naquele momento. Estava notando uma variedade de barulhos que ele não seria capaz de contar, mas, ainda assim, eles não se misturavam. Assim como antes ele havia direcionado o olhar para a grama, para um botão de flor ou um pássaro, agora, podia treinar o ouvido para um determinado som, ouvi-lo por lazer, e sempre detectar novos tons dentro dele.

Ele caminhou ao longo do muro do mosteiro, parando de vez em quando para ouvir. Não conseguia acompanhar todos os barulhos que tomavam o ar. De uma casa do lado mais afastado da rua, ele ouviu uma fogueira acesa. Alguém estava descascando e fatiando alho e gengibre, cortando cebolinha e tomates, colocando o arroz na água fervente. Ele reconheceu esses sons de sua casa, da cozinha de Su Kyi, e os ouvia com clareza, ainda que a casa estivesse a pelo menos cinquenta metros dali. Em sua mente, surgiu uma imagem — ele não a teria visto mais claramente com os olhos — de uma mulher jovem suando na cozinha. A seu lado, ele ouviu um cavalo relinchando e um homem cuspiendo o sumo de noz-de-areca na rua. E os outros vários ruídos que ele conseguia detectar? Os pios melódicos, mastigação e coxos? Mesmo quando reconhecia o som, não sabia a quem ou a o que ele pertencia. Escutava o quebrar de um galho, mas seria de um galho de pinheiro, abacateiro, figueira ou buganvília? E o farfalhar a seus pés? Besouro? Cobra? Rato? Algo que ele nunca pensou que pudesse fazer barulho? Por si só, sua habilidade extraordinária

tinha pouca serventia. Ele precisava de ajuda. Aqueles sons eram o vocabulário de um novo idioma, e ele precisava de um tradutor. Alguém com quem ele pudesse contar, alguém em quem pudesse confiar, alguém que diria a verdade a ele e que não sentiria prazer em enganá-lo.

Ele havia chegado à rua principal, e a primeira coisa que notou foi uma vibração constante em todos os lados. Todos os corações dos transeuntes. Para sua surpresa, percebeu que não existiam dois com o mesmo som, assim como não existiam duas vozes iguais. Alguns eram claros e suaves, como vozes de crianças, enquanto outros batiam depressa, martelando. Havia aqueles que lembravam o piar ansioso de um pintinho, e outros cujas batidas calmas e constantes fizeram com que ele se lembrasse do relógio de parede que Su Kyi acertava todas as noites na casa de seu tio.

“Tin Win, o que você está fazendo na avenida sozinho?” Era Su Kyi, que havia chegado para buscá-lo. Ela estava chocada. Ele percebeu em sua voz.

“Pensei em ir até a esquina esperar você lá”, respondeu ele.

Ela segurou a mão dele, e eles desceram a rua, passaram pelas casas de chá e pela mesquita, viraram atrás de um pequeno templo e lentamente desceram o monte no qual viviam. Su Kyi estava contando algo, mas Tin Win não prestava atenção a suas palavras. Ele estava ouvindo o coração dela. A princípio, pareceu estranho. Batia de modo tão irregular, um tom claro depois de um escuro, e o contraste com a voz conhecida o confundiu. Mas depois de alguns minutos, ele se acostumou com seu ritmo e pensou que ele combinava com Su Kyi, cujo humor e temperamento, assim como sua voz, às vezes mudavam abruptamente.

Em casa, estava ansioso para pedir a ajuda de Su Kyi. Sentou-se em um banquinho na cozinha e escutou. Su Kyi estava cortando lenha do lado de fora. Galinhas corriam ao redor dela, cacarejando. Pinheiros balançando ao vento. Alguns pássaros cantavam. Barulhos que ele conseguia reconhecer e classificar. Então, ele notou um farfalhar suave, ou seria um zunido, um piado curioso? Seria um besouro ou uma abelha? Se Su Kyi conseguisse descobrir a fonte daquele som, ele teria aprendido a primeira palavra de seu vocabulário.

“Su Kyi, por favor, venha aqui”, gritou ele, animado.

Ela deixou o machado de lado e entrou na cozinha.

“O que foi?”

“Está ouvindo esse zunido?”

Os dois pararam para escutar. Ele pôde escutar pelas batidas do coração dela, rápidas e altas, como ela se esforçava para se concentrar. Ele batia agora como batera minutos antes, quando eles estavam subindo o monte.

“Não estou ouvindo nenhum zunido.”

“Está vindo de cima, acima da porta. Está vendo alguma coisa ali?”

Su Kyi foi até a porta e olhou para o teto.

“Não.”

“Olhe com atenção. O que há ali?”

“Nada. Barras de madeira, poeira e sujeira. O que estava esperando encontrar?”

“Não sei, mas o barulho está vindo de lá, do canto que estou pensando, onde a parede se une ao teto.”

Su Kyi olhou com mais atenção para a parede. Não conseguiu ver nada de estranho.

“Tente ficar de pé em um banquinho. Talvez consiga ver melhor.”

Ela subiu em um banquinho e analisou a madeira. Na verdade,

sua visão não era a mais apurada, e até mesmo os objetos bem à sua frente tinham começado a perder a clareza, mas aquilo ela podia ver claramente: naquele canto sujo da cozinha, não havia nada nem espaço para a imaginação — ou para qualquer barulho que fosse. Uma aranha gorda estava tecendo sua teia. Nada mais.

“Não há nada aqui. Pode confiar em mim.”

Tin Win ficou de pé. Ele estava desanimado.

“Pode ir comigo ao quintal?”, ele pediu.

Eles ficaram diante da casa. Ele segurou a mão dela e tentou concentrar-se em um único som que era desconhecido: um barulho de sugar, chupar.

“Está ouvindo esse som de chupar, Su Kyi?”

Ela sabia que era muito importante para ele que ela ouvisse também. Mas ela não ouviu ninguém bebendo nem comendo nada.

“Estamos sozinhos, Tin Win. Não tem ninguém bebendo nada no nosso quintal.”

“Não estou dizendo que há uma pessoa aqui. Ouço um barulho que parece de algo sugando ou chupando alguma coisa. Não está longe.”

Su Kyi deu alguns passos.

“Mais longe, um pouco mais longe”, disse ele.

Ela foi mais para a frente, quase até a cerca do jardim, ajoelhou-se no chão e não disse nada.

“Está ouvindo agora?” Não era uma pergunta, mas, sim, um pedido, e ela teria feito qualquer coisa para ouvir. Mas não ouviu nada.

“Não.”

“O que mais está vendo?”

“Nossa cerca. Grama. Terra. Flores. Nada que possa fazer um som de chupar.” Ela olhou para as orquídeas amarelas e para a abelha que saía de uma das flores e voltou a ficar de pé.

A areia cobriu seu rosto. Ele a notou nos lábios e entre os dentes. Tin Win deitou-se na terra da estrada, sentindo-se tão impotente quanto um besouro de barriga para cima. Estava prestes a chorar. Não porque havia se machucado, mas por vergonha e raiva. Havia pedido a Su Kyi para não buscá-lo naquele dia, dizendo que, pelo menos uma vez, queria ir andando do mosteiro até sua casa. Tinha certeza de que saberia o caminho, depois de tantos anos.

Não sabia se havia tropeçado em uma pedra, uma raiz ou em uma abertura na terra causada pela chuva. Sabia apenas que havia cometido o mais tolo dos erros: excesso de autoconfiança. Deixara de prestar atenção. Colocara um pé diante do outro sem se concentrar, distraidamente. Ele não sabia se as pessoas que enxergavam conseguiam prestar a devida atenção a diversas coisas de uma vez ou se simplesmente diziam conseguir. Só sabia que ele não conseguia. Para piorar, ele estava bravo, e essa emoção em especial sempre causara problemas em sua vida. U May tinha razão. A ira e a raiva confundiam seus sentidos todas as vezes, fazendo com que ele tropeçasse ou topasse com árvores e muros. Tin Win colocou-se de pé, bateu a terra do rosto com seu *longyi* e prosseguiu. Seus passos eram incertos. Ele parava depois de cada um, sentindo o caminho com seu cajado, como se atravessasse um território inimigo.

Queria chegar em casa o mais depressa possível. Inicialmente,

pretendera seguir sua audição, explorar mais a área, descobrir novos barulhos e investigá-los; talvez até ir à feira de que Su Kyi falava tanto. Mas agora, só conseguia sentir medo do véu de sons que o cercava. Pios, sussurros, mordidas e falatório... cada som o assustava. Estava retraído e adoraria fugir o mais rápido possível. Em vez disso, teve que avançar devagar tateando, percorrendo passo a passo pelo muro, mantendo-se afastado da avenida, dependendo de seu cajado o tempo todo, como um náufrago se agarra a uma prancha. Virou para a direita e percebeu que a subida começava. Alguém desconhecido chamou seu nome.

“Tin Win. Tin Win.”

Ele respirou profundamente.

“Tin Win.”

Ele reconheceu a voz.

“Mi Mi?”, perguntou ele.

“Sim.”

“O que você está fazendo aqui?”

“Estou sentada perto do pequeno templo à espera de meu irmão.”

“Onde ele está?”

“Vendemos batatas na feira todas as semanas. Agora, ele foi levar arroz e uma galinha a uma tia doente que vive no monte. Ele voltará para me buscar depois.”

Tin Win caminhou com cuidado até o templo. Havia tropeçado tantas vezes, que era como se alguém estivesse colocando pedras e gravetos em seu caminho. Só podia esperar ser poupado da humilhação de cair na terra bem na frente de Mi Mi. Ele ouviu, pelo som de seu cajado, que havia chegado ao templo, e sentou-se ao lado dela. Então, ouviu seu coração bater e, a cada batida, ele se sentia mais calmo. Não conseguia imaginar um som mais lindo. O coração dela era diferente dos outros — mais suave, mais melódico. Ele não batia; cantava.

“Sua camisa e seu *longyi* estão sujos. Você caiu?”, perguntou ela.

“Sim. Mas não foi nada.”

“Você se machucou?”

“Não.”

Tin Win estava recobrando sua confiança. Cada som voltava ao volume de antes. Mi Mi se aproximou dele. Seu cheiro fazia com que ele se lembrasse de pinheiros depois da primeira chuva de verão. Doce, mas não pesado, muito bom, camadas múltiplas e finas. Por um tempo, eles não disseram nada, e Tin Win tentou ouvir com atenção de novo. Ouviu um bater ou gotejar leve. Vinha do outro lado do templo. Deveria perguntar a Mi Mi se ela também o estava ouvindo? E se estivesse, se poderia observar para ver o que era, de modo que ele pudesse classificá-lo no futuro? Ele hesitou. E se ela não ouvisse nem visse nada? Nesse caso, ele se sentiria ainda mais solitário do que se sentira no dia anterior, com Su Kyi. Além disso, não queria fazer papel de tolo na frente de Mi Mi. Melhor não perguntar. Mas a tentação era grande demais. Por fim, decidiu chegar ao objetivo com uma pergunta de cada vez, dependendo da reação dela.

“Você está ouvindo um som parecido com um gotejar?”, perguntou ele, meio receoso.

“Não.”

“Pode não ser exatamente um gotejar. Parece mais um murmurar delicado.” Ele tamborilou o dedo no cajado muito depressa. “Algo assim.”

“Não estou ouvindo nada.”

“Pode dar uma olhadinha atrás do templo?”

“Não há nada ali além dos arbustos.”

“E nos arbustos?”, Tin Win estava tendo dificuldade para esconder sua ansiedade. Se ao menos ela conseguisse ajudá-lo, pelo menos a solucionar aquele mistério.

Mi Mi se virou e rastejou para trás do pequeno templo. A

vegetação rasteira era densa e galhos pontiagudos arranharam seu rosto. Ela não conseguiu encontrar nada que fizesse o barulho que Tin Win havia descrito. Só viu um ninho de passarinhos.

“Não há nada aqui.”

“Diga-me o que vê, exatamente”, Tin Win pediu.

“Galhos. Folhas. E um ninho velho de passarinho.”

Tin Win pensou.

“O que tem dentro do ninho?”

“Não sei, mas parece abandonado.”

“O som está vindo de dentro do ninho, com certeza. Consegue ver mais de perto?”

“Não vai dar. Está no alto. Não consigo alcançar.”

Por que ela não podia simplesmente ficar de pé e olhar dentro do ninho? Estava bem à sua frente. Uma breve espiada bastaria... uma espiada e ele saberia ao certo se podia confiar em seus ouvidos.

Ela voltou.

“O que você espera que haja ali dentro?”

Ele hesitou. Será que ela acreditaria nele? Será que riria dele? Ele tinha opção?

“Um ovo. Acho que o tamborilar são as batidas do coração de um pássaro ainda dentro do ovo.

Mi Mi riu.

“Você está brincando. Ninguém pode ouvir uma coisa dessas com clareza.”

Tin Win não disse nada. O que responder?

“Se você me ajudar, poderei checar se você está certo”, disse Mi Mi depois de uma pausa. “Pode me carregar em suas costas?”

Tin Win agachou-se, e Mi Mi enlaçou seu pescoço com os braços. Tin Win endireitou-se lentamente. Ficou de pé de modo incerto, balançando de um lado a outro.

“Sou muito pesada?”, perguntou ela.

“Nem um pouco.” Não foi o peso que o desequilibrou. Foi a sensação esquisita de ter alguém em suas costas. Ela envolveu a cintura dele com as pernas, e ele dobrou os braços nas costas para segurá-la. Agora, não tinha uma mão livre com a qual segurar o cajado, e não conhecia o caminho à sua frente. Sentiu os joelhos tremerem.

“Não tenha medo. Vou guiar você.” Tin Win deu um pequeno passo. “Isso. Mais um. Cuidado, tem uma pedra ali na frente. Não se assuste.”

Tin Win sentiu a pedra com o pé esquerdo, examinou-a e apoiou o pé atrás dela. Mi Mi o direcionou para trás do pequeno templo. Com uma das mãos, ela tentou manter os galhos afastados de seu rosto.

“Isso. Mais um passo. Mais um.” Ele a sentiu segurando-se com as mãos em seus ombros, endireitando-se e inclinando-se para a frente. O coração dele se acelerou, e ele precisou se esforçar muito para manter o equilíbrio.

“Um. Não é grande.”

“Tem certeza?”

Tin Win não tentou disfarçar sua alegria. Eles estavam sentados de novo lado a lado na calçada, e ele mal conseguia se conter. Mi Mi havia aberto uma fresta. Deixara um feixe de luz entrar na escuridão dele. Ele adoraria poder correr com ela naquele momento. Para investigar cada tom, cada som, cada barulho que encontrasse. Havia aprendido sua primeira palavra. Agora, conhecia a batida do coração de um passarinho no ovo e, um dia, descobriria como reconhecer as batidas de asas de uma borboleta, por que havia gorgolejos ao seu redor — mesmo quando não havia água por perto — e por que, mesmo no silêncio, conseguia ouvir um murmúrio. Com a ajuda de Mi Mi, ele solucionaria um mistério atrás do outro, e, no fim, talvez, um novo mundo emergisse.

“Mi Mi, por que você não olhou no ninho sozinha?”, perguntou Tin Win.

Ela segurou as mãos dele e as colocou em suas panturrilhas. Tin Win nunca havia sentido uma pele tão macia. Ainda mais macia do que o musgo na mata contra o qual ele adorava esfregar o rosto. Seus dedos desceram lentamente pelas pernas dela, até os tornozelos, que eram finos, mas estranhamente sem forma. Seus pés não se mexiam. Eram rígidos e virados para dentro.

Yadana sempre se referia ao nascimento de sua filha como o momento mais lindo de sua vida, sem querer ofender seus outros cinco filhos mais velhos. Talvez fosse porque ela já se considerava velha demais para mais uma gravidez, mas sempre desejou ter uma menininha. Ou porque agora, aos trinta e oito anos, via o nascimento e sua filha pelo que eram: um presente singular e incomparável. Talvez fosse porque durante os nove meses em que a criança passou crescendo dentro de seu ventre, ela não sentiu nenhum desconforto físico. Nem um dia se passara em que ela não tivesse ido ao campo, onde parava, fechava os olhos, acariciava a barriga e se sentia feliz. À noite, ela ficava acordada na cama, sentindo a criança crescer dentro dela, virando, chutando e empurrando a parede de seu útero. Nenhum momento foi mais bonito. Se fosse dada a sentimentalismos, teria chorado. Ou será que ela não conseguia esquecer o primeiro olhar de sua filha, com aqueles olhos castanho-escuros, quase pretos? Ela era linda! Sua pele morena era muito mais macia do que a dos outros filhos de Yadana. Sua cabecinha era redonda, nada deformada pelos esforços do parto, e seu rosto era bem-proporcionado. Até mesmo a parteira dissera nunca ter visto um recém-nascido tão lindo. Então, Mi Mi foi para os braços de Yadana, e a filha observava a mãe, que, naquele momento, sentia-se ainda mais unida à filha do que antes, nos nove meses anteriores. E então, a criança sorriu. Um sorriso diferente de qualquer um que Yadana já tinha visto ou que viu

desde então. E, assim, foi Moe, seu marido, o primeiro a notar os membros deficientes. Ele gritou, chocado, e mostrou à esposa os pés pequenos e tortos.

“Cada criança é de um jeito”, respondeu ela. E para Yadana, a história terminava ali. Nem mesmo os rumores espalhados pelo vilarejo nas semanas seguintes alteraram sua opinião. As pessoas sugeriam que sua filha era a reencarnação do burro de um escocês, que havia quebrado as patas da frente alguns meses antes e havia sido morto a tiros. As pessoas acreditavam que a menina não viveria por muito tempo. Os vizinhos pensavam que a pobre menininha era um merecido castigo pelas boas colheitas das quais a família gozara nos últimos anos, cujos lucros permitiram que eles construíssem uma casa de madeira com estacas e telhado de metal. Tanta sorte não vinha de graça. Outras pessoas tinham certeza de que a menina traria desastres à comunidade, e havia até mesmo aqueles que secretamente acreditavam que ela tinha que ser abandonada na mata. A família de seu marido pressionou Yadana a consultar um astrólogo, que poderia, certamente, dizer os sofrimentos que aguardavam a menina e se não seria mais misericordioso livrá-la de seu destino. Yadana não quis saber. Sempre dependera muito mais de sua intuição do que dos astros, e sua intuição não deixava espaço para dúvidas: ela havia dado à luz uma criança muito especial com capacidades extraordinárias.

Quase um ano se passou até seu marido passar a pensar de modo parecido. A princípio, ele mal tocava a filha, preferia mantê-la distante e impedia os filhos de se aproximarem dela. Até que, uma noite, sua esposa o repreendeu:

“Pés atrofiados não são contagiosos.”

Ele tentou acalmá-la.

“Eu sei, eu sei.”

“Então, por que você não olha para a sua filha há quase um ano?” Ela tirou os lençóis que cobriam o corpo de Mi Mi com um

rápido movimento das mãos.

Moe olhou da filha para a esposa e de novo para a filha.

Mi Mi estava nua diante dele. Estava frio, e ela estava arrepiada, mas não chorava. Apenas olhava para ele com ansiedade.

“Por quê?”, Yadana repetiu.

Ele estendeu os braços e tocou a barriguinha. Passou os dedos pelas coxas magras, pelos joelhos, descendo até segurar os pequenos pés. Mi Mi sorriu para ele.

Os olhos dela fizeram com que ele se lembrasse do olhar da esposa quando os dois se viram pela primeira vez. O sorriso dela também tinha aquela magia à qual ele não conseguia resistir até hoje. Moe sentiu vergonha.

Yadana voltou a cobrir a menina, descobriu o próprio seio e amamentou Mi Mi.

Logo, ficou claro para Moe que a filha não havia herdado apenas os belos olhos da mãe, mas também o jeito satisfeito, tranquilo e alegre. Nunca chorava, raramente gritava, dormia a noite toda, e dava a impressão de ser uma pessoa em harmonia consigo mesma e com o ambiente a seu redor.

E nada disso mudou quando, depois de mais de um ano, ela tentou, pela primeira vez, colocar-se de pé. Ela havia se rastejado até a grade da pequena varanda na frente da casa. Moe e Yadana, que estavam no quintal alimentando as galinhas e os porcos, observaram a filha segurar-se nas barras da grade. Ela apoiou o peso nos pés tortos e, por um momento, ficou de pé, olhando com medo para os pais, e então caiu. Tentou de novo e mais uma vez, e Moe quis apressá-la, ajudá-la, apesar de não saber como. Yadana o deteve com firmeza. “Os pés dela não suportam seu corpo. Ela precisa aprender isso”, disse ela, sabendo que ninguém poderia mudar aquele fato.

Mi Mi não chorou. Esfregou os olhos e observou a grade, como se houvesse algo de errado com a madeira. Tentou de novo,

esforçando-se para manter o equilíbrio. Na sexta tentativa, depois de cair de novo, ela desistiu, engatinhou até a escada, sentou-se, olhou para os pais e sorriu. Foi a primeira e única vez que ela tentou ficar de pé e andar. A partir de então, passou a percorrer a casa e o quintal em quatro apoios. Ela descia a escada da varanda com tanta rapidez que os pais quase não conseguiam acompanhá-la. Corria atrás das galinhas e, nos dias de verão, quando a chuva amaciava o chão do quintal, ela adorava se refestelar na lama. Brincava de esconde-esconde com os irmãos, rastejando-se para os cantos mais distantes do quintal, onde raramente alguém conseguia encontrá-la. Aparentemente, Mi Mi manteve a calma até mais tarde, quando passou a entender com mais clareza a utilidade dos pés. Quando ficava sentada na varanda observando os filhos do vizinho brincando no quintal ou escalando os enormes eucaliptos que separavam as propriedades. Yadana sentia que a filha aceitava as limitações que a natureza lhe havia imposto, o que não a excluía nem afastava da vida. Pelo contrário, sua liberdade de movimento podia ser limitada, mas a curiosidade e seus talentos em outros aspectos da vida raramente encontravam limites.

O mais marcante era sua voz. Quando bebê, Mi Mi passava a maior parte do tempo presa às costas da mãe, e Yadana adquiriu o hábito de cantar para a filha enquanto trabalhava nos campos. Em pouco tempo, Mi Mi aprendeu todas as letras, e mãe e filha cantavam juntas. A voz de Mi Mi tornou-se ainda mais adorável, e quando a menina de sete anos cantava à noite enquanto ajudava a mãe a cozinhar, os vizinhos se reuniam no chão, em silêncio, na frente da casa. A cada semana, mais pessoas apareciam. Em pouco tempo, eles tomaram o quintal todo, e ficavam de pé no caminho ao lado da casa ou sentados no topo das árvores ao redor da propriedade. Os mais supersticiosos diziam que a voz de Mi Mi tinha poderes mágicos. Eles adoravam falar da senhora viúva que vivia perto o suficiente para escutar e que não deixava sua tenda

havia dois anos, até uma noite em que uniu-se aos outros e começou a dançar. E também havia o menino que vivia em um casebre do outro lado do caminho, a quem todos chamavam de Peixe. Sua pele era seca e coberta por eczema e cascas parecidas com escamas. Menos de seis meses depois de a cantoria de Mi Mi começar, todas as feridas desapareceram.

Na feira onde ela comprava batatas e arroz com a mãe, suas canções atraíam tantas pessoas que dois policiais se aproximaram para pedir que ela parasse, para que eles pudessem manter a segurança e ordem públicas. Um bebedor irlandês — que, apesar do hábito ruim, havia chegado ao alto escalão do Exército de Sua Majestade e que agora passava o fim da vida em Kalaw — pediu a ela que cantasse em seu leito de morte. Mi Mi era convidada a casamentos e nascimentos e, em troca, sua família era ricamente recompensada com chá, galinhas e arroz. Mas quando Moe pensava em arrendar seus pastos, Mi Mi contou aos pais que não cantaria mais.

Eles estavam sentados em uma placa de madeira no quintal. Ainda não havia escurecido, mas o frio da noite já havia chegado. Yadana colocou um casaco pesado sobre os ombros da filha. Mi Mi estava amassando *thanakha* em um pilão, e sua mãe lavava tomates e cebolinha. O porco roncava perto da casa, e o búfalo defecava na frente da porteira do quintal. Eles conseguiram sentir o fedor de onde estavam. Moe acreditou que ela estava brincando.

“Por que gostaria de parar de cantar?”

“Porque já não é divertido.”

“Como assim? O que aconteceu?”

“Não aconteceu nada.”

“Mas a sua voz fica mais linda a cada dia.”

“Não aguento mais ouvi-la.”

“Está dizendo que nunca mais quer cantar?”

“Quero poupar a minha voz.”

“Poupá-la? Para quê?” Moe ficou desconfiado.

“Não sei bem.”

Moe sabia que não faria sentido discutir com a filha. Ela era tão obstinada quanto a mãe. Raramente insistia em algo, mas quando se decidia, era impossível demovê-la. Secretamente, ele admirava aquela característica.

Yadana, em especial, tinha consciência de quanto Mi Mi havia mudado recentemente. Havia acabado de completar catorze anos, e seu corpo, aos poucos, ganhava contornos de mulher. Não era apenas a sua voz que se tornava cada vez mais adorável. Sim, seus olhos não dominavam mais o rosto, mas continuavam brilhantes como sempre. Sua pele era da cor de tamarindo, e as mãos, apesar de serem usadas para sustentar seu corpo no chão, não eram grosseiras, ásperas nem cheias de calos, mas, sim, compridas e macias. Seus dedos eram tão ágeis que Yadana mal conseguia acompanhá-los quando Mi Mi a ajudava a cozinhar, descascando um gengibre e fatiando-o finamente. Dois anos antes, ela havia ensinado a menina a tecer, e não demorou para que a filha superasse a mãe na arte. Mas, acima de qualquer coisa, Yadana admirava a confiança com que Mi Mi se movia. No passado, Yadana tivera pesadelos. Via a filha rastejando como um animal pela sujeira ou pela feira enquanto as pessoas a ridicularizavam. Às vezes, ela ainda sonhava que Mi Mi queria pegar o trem para Thazi e rastejava pela plataforma até seu vagão, quando a locomotiva entrava em movimento. Mi Mi tentava se rastejar cada vez mais depressa. E nunca pegava o trem.

Mesmo durante o dia, Yadana se flagrava preocupada com Mi Mi, pensando como ela, adulta, receberia os convidados em sua casa. Apoiada nas mãos e nos joelhos? Que horror!

E agora, ela mal conseguia acreditar na elegância da filha e na autoconfiança com que ela se movia. Não havia nada de bestial nem humilhante na maneira com que ela se rastejava. Ela usava os

mais belos *longyis* que ela mesma tecia e, apesar de engatinhar no chão com eles, sempre os mantinha apresentáveis. Quando se movia, rapidamente colocando uma mão na frente da outra e um joelho na frente do outro, ela irradiava tanta dignidade que as pessoas da feira abriam caminho e a tratavam com muito respeito.

A Julia que eu conhecia até aquele momento — e que pensava conhecer a fundo — teria se sobressaltado naquele momento. Estaria irritada. Teria lançado a U Ba um olhar desdenhoso e pungente, e pegado a pequena mochila sem nada dizer. Ou teria rido na cara dele e dito que tudo aquilo não fazia sentido. Teria ido embora.

Mas não mexi nem um músculo. Apesar de ter sentido vontade de me levantar, não tive coragem, como um reflexo do passado. Eu não sabia o que pensar da história de U Ba. Era demais para mim. Eu tinha que acreditar que meu pai, além de ter sido cego, havia se apaixonado por uma aleijada? Seria ela a mulher que fizera com que ele deixasse sua família, sem mais nem menos, depois de quase trinta e cinco anos? Depois de cinquenta anos de separação? Aquilo me pareceu um absurdo. Ao mesmo tempo, não conseguia parar de pensar em algo que meu pai dissera: Não existe nada, bom ou ruim, de que uma pessoa não seja capaz. Foi essa a resposta que ele deu quando ficamos sabendo que um dos primos de minha mãe, um fervoroso católico, tivera um caso com a babá de dezesseis anos. Minha mãe não conseguia entender: Isso não é coisa do Walter, dissera ela, muitas vezes. Meu pai considerara aquilo um erro. Aparentemente, ele achava que qualquer pessoa era capaz de qualquer coisa, ou pelo menos não excluía a possibilidade só porque acreditava conhecer a pessoa em questão. E ele insistia que aquela não era a opinião de um pessimista

amargurado. Pelo contrário, ele dizia. Seria muito pior esperar coisas boas das outras pessoas, e acabar decepcionado quando elas não satisfizessem suas altas expectativas. Isso levaria a ressentimento e ódio pela humanidade.

Em muitos dos traços e maneirismos que U Ba descreveu, eu estava começando a discernir os traços de meu pai. Era como se eu estivesse ouvindo a briga entre vozes internas e contrárias. Uma voz era o advogado. Ela se mantinha cética. Queria fatos. Procurava os culpados, um juiz que poderia dar a sentença ou que, por sua autoridade, colocasse fim a uma questão. A outra era uma voz que eu nunca tinha ouvido antes. Espere, dizia ela, não fuja. Não tenha medo.

“Você deve estar com fome”, U Ba interrompeu meus pensamentos. “Tomei a liberdade de preparar algo para nós.” Ele disse o nome do prato, eu não entendi, e, quase imediatamente, uma jovem saiu da cozinha com uma bandeja. Ela fez uma reverência breve. U Ba levantou-se e me entregou dois pratos lascados. Em um deles, havia três pães finos e redondos. No outro, havia arroz, um molho marrom e pedaços de carne. Ele também me entregou um guardanapo branco puído e uma colher fina e torta.

“Frango birmanês ao curry. Muito suave. Nós o comemos com pão folha indiano. Espero que seja de seu agrado.”

Devo ter feito uma cara desconfiada. U Ba riu e tentou me acalmar.

“Pedi à minha vizinha para dar atenção especial à limpeza no preparo desta refeição. Sei que nossos pratos nem sempre agradam aos nossos convidados. Mas nem mesmo nós estamos imunes. Pode acreditar, eu também já passei muitas horas de minha vida preso a um vaso sanitário.”

“Isso não me conforta muito”, eu disse, mordendo um dos pães. Eu havia lido em meu guia de viagem que era preciso tomar

cuidado com saladas, frutas, água sem tratamento e gelo. Pão e arroz, por outro lado, eram considerados simples, em comparação aos outros alimentos. Comi um pouco de arroz com molho. Estava um pouco amargo, quase forte, mas não ruim. O frango estava tão duro que mal consegui mastigá-lo.

“Onde está o meu pai?”, perguntei depois de passarmos algum tempo comendo em silêncio. A pergunta pareceu mais severa e exigente do que eu pretendia. A voz do advogado.

U Ba me observou por muito tempo. Com o último pedaço de pão folha, ele limpou o prato.

“Você está chegando mais perto dele a cada momento. Não está sentindo?”, perguntou ele, e limpou a boca com o guardanapo velho. Tomou um gole de chá e se recostou na poltrona.

“Eu poderia dizer em uma frase onde ele está. Mas agora você esperou tanto, mais de quatro anos, que diferença farão algumas horas a mais ou a menos? Você nunca mais terá a chance de saber tanto sobre o seu pai. Não quer saber o que aconteceu entre ele e Mi Mi? Como ela mudou a vida dele? Por que foi tão importante? Por que ela mudará a sua vida também?”

U Ba não esperou pela minha resposta.

Su Kyi notou, de cara, que algo havia acontecido a Tin Win. Estava sentada na frente do portão do jardim, esperando por ele, e havia começado a se preocupar. A estrada estava em um estado deplorável. A chuva constante dos últimos dois dias havia amolecido a terra, e as carroças abriram grandes marcas no chão. O sol havia secado a lama, e agora a superfície estava dura, rachada e repleta de depressões e elevações — difíceis até para uma pessoa com boa visão. Teria sido uma boa ideia permitir que ele voltasse sozinho, justamente naquele dia? Então, ela reconheceu seu *longyi* vermelho e verde e a camisa branca subindo o monte. Mas o jeito de caminhar estava diferente. Seria mesmo Tin Win?

Naquela noite, ele se mostrou falante como nunca. Deu a ela muitos detalhes de U May e contou como se sentira ansioso ao sair do portão do mosteiro para a rua, contou também que caiu e ficou bravo, mas que, a partir daquele dia, pretendia percorrer o caminho sem precisar da ajuda dela. Contou sobre barulhos, sobre penas de pássaros e folhas de bambu que ouviu flutuarem em direção ao chão, dos corações batendo que pareciam vozes em canções. Su Kyi divertiu-se com sua imaginação.

A respeito de Mi Mi, ele não disse nada e, assim, a pobre Su Kyi ficou confusa, sem saber o que estava acontecendo a Tin Win. Ele, que sempre se recolhia e passava horas em silêncio, mal conseguia parar quieto. Andava sem parar pela casa e pelo quintal. De repente, passou a se interessar pela feira, querendo saber por que

ela só abria a cada cinco dias e quando seria a próxima ida. Seu apetite foi diminuindo a cada refeição até que, no terceiro dia, ele bebeu apenas chá. Su Kyi não sabia o que fazer. Tin Win estava doente, certamente, mas não reclamava de nenhum mal-estar. Aos poucos, os relatos dos barulhos que ele estava ouvindo começaram a deixá-la preocupada. Era claro que ele estava enlouquecendo.

Tin Win contou os dias — e as horas e os minutos — até a próxima ida à feira. Um dia era muito longo. Por que a Terra demorava uma eternidade para cumprir uma volta em seu eixo? O tempo passava tão lentamente como uma lesma atravessava o chão da floresta. Ele não podia fazer nada para apressar sua passagem?, perguntou a U May, que apenas riu.

“Seja paciente”, disse ele. “Sente-se e medite. Assim, o tempo perderá o sentido.”

A meditação havia ajudado Tin Win nos anos anteriores, mas não se mostrava muito útil agora. Ele tentou se sentar entre os monges do mosteiro, em um campo, e no cepo diante de sua casa. O que quer que tentasse, onde quer que estivesse, escutava o coração dela batendo. Ouvia sua voz. Sentia sua pele. Sentia seu peso em suas costas.

O cheiro dela tomava suas narinas. Aquela fragrância suave, doce, inconfundível. Na noite anterior ao dia em que iriam à feira, ele não conseguia relaxar. Ouvia Su Kyi deitar-se no tapete ao lado dele, puxar os cobertores até as orelhas. Logo depois, o coração dela também se acalmou para o descanso noturno. Batia lenta e constantemente, como se nunca fosse parar. O coração dele estava acelerado. Uma batida exagerada e impetuosa. Ele sequer sabia o que tanto o deixava ansioso; era um mundo no qual os olhos não participavam do ato de ver, onde os movimentos não dependiam de seus pés.

Como seria melhor localizar Mi Mi naquela manhã entre todas as barracas e pessoas? Pelas descrições de Su Kyi, Tin Win

imaginava a feira como um grupo de pássaros descendo em um campo. Um tumulto de vozes, sons e cheiros. Vai estar lotado, pensou ele, e eles empurrarão, e ninguém vai cuidar de mim. Curiosamente, aquele pensamento não o amedrontou, justamente ele, que tinha tanto receio das pessoas. Tinha certeza de que encontraria Mi Mi depressa. Reconheceria o som de seu coração. Seguiria seu cheiro. Ouviria sua voz, ainda que ela apenas sussurrasse algo no ouvido do irmão.

Durante alguns minutos, Tin Win ficou imóvel na calçada. Amarrou seu *longyi*. O suor aparecia em gotículas em suas sobrancelhas e nariz. As vozes na feira eram mais altas e mais intimidadoras do que ele pensara, como um riacho engolido em uma ameaçadora e invencível correnteza. Como encontraria o caminho? Não sabia como andar entre os corredores. Não sabia o que havia no chão. Nenhuma voz era conhecida.

Ele colocou um pé diante do outro, lentamente, mas sem hesitar. Permitiria ser levado pelas pessoas. Alguém o acertou por trás. Ele sentiu um cotovelo em suas costelas.

“Olhe por onde anda”, um homem resmungou. Os homens que mastigavam noz-de-areca estalavam os lábios e cuspiam o sumo na rua. Um bebê chorou. Tantos corações bufavam, roncavam, tossiam e ressoavam ao seu redor. As entranhas resmungavam. Era muito alto, de modo que ele não conseguia distinguir uns dos outros. Mas ele a encontraria. Sabia disso. Nada o preocupava além do calor. Havia bebido pouca água no mosteiro e suava mais do que o normal. Sua camisa estava molhada; a boca, seca. De repente, ele percebeu que a multidão se dividia em duas direções, e tentou

se manter firme, mas a pressão de trás era muito grande. Ele seguiu quem virava para a direita.

“Cuidado!”, gritou uma mulher. Ele escutou um som de algo se quebrando e então sentiu algo macio e úmido a seus pés, entre os dedos. Ovos.

“Você é cego?”

Ele virou na direção dela. Ela viu o branco leitoso em seus olhos e murmurou um pedido de desculpas, assustada. Tin Win foi levado adiante. Aquelas deviam ser as barracas de peixe. Sentiu o cheiro salgado de peixe seco. Em seguida, sentiu o cheiro de coentro, e então o cheiro apimentado de raiz-amarela, um aroma que foi diretamente para a sua cabeça e fez arder suas membranas mucosas quando ele respirou. Sentiu o cheiro de canela, de curry e de pimenta. De capim-limão e gengibre. Entremeado o tempo todo com o cheiro atraente, forte e saturado de fruta madura.

Assim que se concentrou, as pessoas pararam de trombar com ele. Aqueles que vinham de trás desviavam como se percebessem que empurrar não seria possível. Tin Win ouviu com atenção. Pronto. Tão suave e frágil, tão constante. Chamaria sua atenção em meio a todo barulho no mundo. À distância, ele sentiu a pele dela em suas mãos. Os braços em seu pescoço. Seguiu a batida que vinha até ele de um canto distante da feira.

Mi Mi estava sentada no canto, ao lado de um monte de batatas. Na mão esquerda, segurava uma sombrinha pequena para se proteger do sol. Era de cor vermelha, quase marrom, como as roupas dos monges. Vestia seu *longyi* mais bonito, vermelho de estampa verde. Ela havia acabado de tecê-lo na noite anterior. Mantinha os cabelos escuros em uma trança. Naquela manhã, ela pedira à mãe para pintar dois círculos amarelos em suas bochechas. Todas as garotas mais velhas e as mulheres se arrumavam daquela maneira, mas Mi Mi postergara tal atitude até então. A mãe sorriu e não fez perguntas. Quando Mi Mi se ajeitou nas costas do irmão, Yadana se despediu da filha com um beijo na testa. Era verdade que ela fazia a mesma coisa sempre que elas se afastavam, mas aquele beijo foi diferente. Mi Mi percebeu, ainda que não conseguisse explicar a diferença.

Agora, ela estava sentada em seu cobertor feito à mão e esperava. Na verdade, não fizera outra coisa nos últimos quatro dias. Enquanto se rastejava pelo quintal para pegar ovos de galinha ou morangos atrás da casa, enquanto ajudava a mãe a cozinhar, separava as batatas ou tecia, estava esperando. Esperando o dia da feira. Esperando por Tin Win.

Não se importava em esperar. Havia aprendido, desde cedo, que aquela era uma parte natural da vida para quem não conseguia andar, para quem dependia da ajuda dos outros. Esperar era algo tão entremeado ao ritmo de sua vida que ela praticamente se

irritava quando alguma coisa acontecia depressa. Não compreendia as pessoas que estavam sempre apressando as coisas. Um momento de espera oferecia instantes, minutos, até mesmo horas de paz, de descanso, durante os quais, como regra, ela ficava sozinha consigo mesma. E precisava daqueles intervalos para se preparar para qualquer coisa nova, para qualquer tipo de mudança. Independentemente de ser uma visita à casa da tia, do outro lado do vilarejo, ou um dia no campo. Ou a feira. Não conseguia compreender como seus irmãos não se cansavam por terem de correr de um lado a outro, de uma pessoa a outra. Sempre que, por acaso, era carregada inesperadamente e sem espera até a casa dos amigos no topo do monte, demorava algum tempo até finalmente chegar. Permanecia sentada em silêncio durante os primeiros minutos no novo lugar. Como se sua alma estivesse vindo mais devagar pelo vale. Ela sentia que todas as coisas exigiam um certo tempo. Assim como a Terra precisava de vinte e quatro horas para dar uma volta ao redor do próprio eixo, ou trezentos e sessenta e cinco dias para dar a volta ao Sol, ela sentia que todas as coisas precisavam de um certo tempo. Seus irmãos deram a ela o apelido de Lesminha.

O pior de tudo eram os trens e carros nos quais alguns britânicos transitavam por Kalaw, aparentemente até a capital. Ela não sentia medo do barulho alto e assustador com que eles passavam pelo vilarejo, assustando galinhas e cavalos e espantando bois. Tampouco se incomodava com o fedor que eles deixavam. Era a velocidade que a assustava. Seria realmente possível para uma pessoa diminuir o tempo que levava para ir de um lugar a outro, ou de uma pessoa a outra? Como alguém podia pensar que sim?

Mi Mi ficou contente por ter quatro dias antes da feira, por mais que quisesse ver Tin Win no dia seguinte. A espera significava que ela seria livre para pensar nele à vontade, relembrando todos os detalhes do último encontro com calma. Isso também era uma

vantagem da espera: dava a ela a chance de limpar a mente. Como sempre, quando deixava seus pensamentos vagarem, surgiam imagens em sua mente, imagens que ela analisava com cuidado, como se elas fossem pedras ou metais preciosos cuja autenticidade tinha de ser averiguada: ela se lembrou de Tin Win se aproximando; lembrou-se de ter subido nas costas dele; lembrou-se de quando ele se sentou ao lado dela depois, tremendo de alegria e ansiedade. Ela teve a impressão de que ele estava pronto para colocá-la em suas costas e correr com ela, em meio a dez mil coisas desconhecidas.

Em casa, depois, ela passou muito tempo na varanda, com os olhos fechados, tentando fazer como Tin Win fizera. Ela escutou com atenção. O porco grunhia perto da casa. O cachorro roncava. Havia as aves e as vozes dos vizinhos, mas não o bater do coração deles. Ela queria perguntar a Tin Win se havia um truque e se ele conseguiria ensinar a ela aquela arte de ouvir. Ainda que fosse apenas o básico.

Ela contou ao irmão mais novo a história do ninho do passarinho, mas ele riu dela. Como ela podia acreditar que a audição de alguém fosse tão apurada? Alguém provavelmente havia dito a ele, com antecedência, que havia um ovo no ninho. Tin Win só queria impressioná-la.

Aquilo deixou Mi Mi irritada — mais consigo mesma do que com o irmão. Ela devia ter percebido. Havia coisas que as pessoas que atravessavam o mundo andando com os dois pés saudáveis simplesmente não conseguiam compreender. Elas acreditavam que todos enxergavam com os olhos. Que os passos superavam distâncias.

O sol do meio-dia incidia quase diretamente sobre a feira. Tin Win e Mi Mi se abrigaram sob o pequeno guarda-sol e se aproximaram um do outro. O irmão de Mi Mi colocou as batatas restantes dentro de um saco. Ele levaria o saco e então voltaria para buscar a irmã.

“Posso levar Mi Mi para casa. Assim, você não precisa fazer duas viagens”, disse Tin Win.

O irmão olhou para a irmã como se perguntasse: Como esse rapaz cego poderá levar você montanha acima? Mi Mi assentiu para ele.

“Não se preocupe.”

O irmão dela jogou o saco de batatas nas costas, murmurou algo ininteligível e partiu.

“Você se importaria se fôssemos pela cidade?”, perguntou Tin Win.

“Como quiser”, respondeu Mi Mi. “É você que vai me carregar, não o contrário.” Ela riu e passou o braço pelo pescoço dele. Tin Win colocou-se de pé lentamente.

Eles desceram uma rua lateral, onde havia diversos carros de bois e carroças estacionados. Homens e mulheres atravessavam a rua, enchendo seus veículos com sacos de arroz e batatas e cestos repletos de frutas. Os animais estavam agitados. Os cavalos relinchavam e batiam os cascos na terra. Os bois ruminavam e se balançavam, de modo que seus jugos fizeram barulho. Eles estão

cansados por causa do sol e pela espera, e também estão com fome, pensou Tin Win. Ele ouviu o estômago dos animais roncando. Havia carroças dos dois lados da rua e, juntamente com os muitos barulhos desconhecidos, elas pareciam formar uma parede na qual ele certamente bateria a qualquer momento. Onde estava a guia que o ajudava a evitar os empecilhos? Que alertava dos buracos e valetas, das pedras e galhos, casas e ruas, pelo menos quando ele prestava atenção? Agora, ele tinha a sensação de estar atravessando um labirinto no qual os muros altos bloqueavam seu caminho. Nos quais havia cantos e viradas para desorientá-lo. Um labirinto no qual ele não tinha como não se perder. Como poderia levar Mi Mi de volta para casa em segurança?

Nunca antes sua cegueira o havia perturbado tanto. Suas pernas fraquejaram. Perdeu o senso de direção. Onde estava? Estaria andando em círculos? Caminhando em direção a um abismo? Como saberia se seu passo seguinte não seria o último? Em breve, não sentiria o chão sob seus pés. Perderia o equilíbrio e cairia no grande vão que sempre temera.

“Cuidado. Se der mais dois passos, vai bater em um cesto de tomate.” A voz de Mi Mi estava próxima de seu ouvido. Ela sussurrava.

“Mais um passo para a esquerda. Ótimo. Em frente. Pare.” Ela apertou os ombros dele com delicadeza, indicando a direita. Ele hesitou por um momento e então se virou noventa graus. Devia haver um carro de boi bem na frente dele. O coração forte do animal bateu como o tambor abafado que os monges às vezes tocavam no mosteiro. A respiração do animal soprou quente na pele dele.

“Em frente?”

“Em frente.” Ele remexeu os pés, não ousou levantá-los. Alguns passos depois, ela apertou levemente seu ombro esquerdo, e ele virou naquela direção. Ele bateu em algo de madeira e fez uma

careta.

“Desculpa, o carrinho. Pensei que já tivéssemos passado dele. Doeu?”

Ele balançou a cabeça, negando, e caminhou lentamente até ela apertar seu ombro de novo, e ele cuidadosamente mudou o rumo.

“Afastese, tem um saco de arroz no caminho.”

Ele ergueu a perna, sentiu o saco com os dedos do pé e deu um grande passo.

“Isso”, disse ela, e apertou seu ombro brevemente.

Eles seguiram em frente, Mi Mi o conduziu pelas ruas com seus toques delicados, como se guiasse um barco por corredeiras. A cada volta, a cada virada, a cada obstáculo superado, os passos de Tin Win se tornavam mais firmes e confiantes. A voz dela, tão próxima de seu ouvido, o confortava. Ele confiava nas orientações dadas por ela. Ele, que muitas vezes não conseguia confiar nem mesmo nos próprios sentidos, viu-se dependendo dos olhos dela. Ela secou o pescoço dele com seu *longyi*.

“Estou muito pesada?”, perguntou ela.

“Nem um pouco.” Como ele poderia explicar que se sentia mais leve com Mi Mi em suas costas?

“Está com sede?”

Ele negou, balançando a cabeça.

“Podemos beber um pouco de garapa fresca logo ali.” Era caro, mas sua mãe permitira que ela bebesse um suco por mês depois da feira, e a mãe certamente não reprovava o fato de ela estar tratando Tin Win bem. Ele notou que eles tinham chegado à sombra de uma grande árvore.

“Pare aqui”, disse ela. “Coloque-me no chão.”

Ele se abaixou e se apoiou em um dos joelhos. Ela escorregou lentamente de suas costas até o chão e subiu em um banquinho de madeira da barraca de garapa. Colocou mais um banquinho atrás de Tin Win e puxou a mão dele. Ele se sentou sem hesitar.

Eles se sentaram sob a copa ampla de uma figueira-de-bengala, e Mi Mi pediu duas garapas. Ele ouviu a cana sendo moída na prensa, mais ou menos como o barulho de quando alguém pisava em cima de uma barata na cozinha. Será que Mi Mi havia notado seu medo? Tinha importância? Ela o havia guiado pelo labirinto. Eles não bateram em nenhum muro nem caíram em um abismo. Ela havia construído pontes e derrubado muros. Ela fazia mágica.

Mi Mi tomou um gole de seu suco. Não conseguia imaginar nada que tivesse sabor melhor. Olhou para Tin Win. Não sabia que um rosto com olhos cegos era capaz de expressar tanta alegria. Ela sorriu, e ele retribuiu o sorriso. Ela não percebeu como aquilo era estranho.

“Tin Win, o que está ouvindo agora? Meu coração?”, perguntou Mi Mi.

“Escuto seu coração também.”

“Pode me ensinar?”

“O quê?”

“A ouvir corações.”

“Acho que não.”

“Por favor, tente.”

“Eu não saberia por onde começar.”

“Mas você consegue ouvir.”

Tin Win pensou.

“Feche os olhos.” Mi Mi obedeceu. “O que está ouvindo?”

“Vozes. Passos. O toque dos sinos dos bois.”

“Nada mais?”

“Sim, claro. Estou ouvindo os pássaros, alguém tossindo e uma criança chorando, mas não escuto nenhum coração batendo.”

Tin Win ficou em silêncio. Mi Mi escutou mais atentamente. Depois de alguns minutos, os barulhos se uniram, obscuros como as imagens diante de olhos marejados. Escutou o sangue correr em seus ouvidos, mas não seu coração, muito menos o de Tin Win ou

de qualquer outra pessoa que fosse.

“Talvez haja muito barulho aqui”, disse Tin Win depois de uma longa pausa. “Talvez precisemos de mais silêncio. Vamos, e podemos tentar de novo quando encontrarmos um lugar onde não escutemos nada além dos pássaros, o vento e nossa respiração.” Ele se ajoelhou diante de Mi Mi. Ela se segurou nos ombros dele. Ele ficou de pé, e ela envolveu o corpo dele com as pernas.

Eles estavam descendo uma rua mais silenciosa. Tin Win sentia a respiração dela em seu pescoço. Ela era muito leve. Ele quase pisou em um cão que dormia protegido do sol, à sombra de uma casa.

“Desculpe, eu não o vi”, disse ela.

“Nem eu”, respondeu ele. Os dois riram.

Um pouco além da estação de trem, Mi Mi o direcionou para fora da rua.

“Conheço um atalho”, disse ela. Alguns metros depois, eles estavam na encosta de um monte cercado por arbustos de hibisco. Tin Win reconheceu o aroma adocicado da planta. Deu um passo e percebeu que eles desceriam uma ladeira. Não era muito íngreme, mas o suficiente para tirar seu equilíbrio.

“Talvez seja mais fácil andar de costas”, sugeriu Mi Mi. Ela estava acostumada a descer montes como aquele em poucos saltos nas costas dos irmãos. Ele se virou e começou a descer com cuidado. Mi Mi esticou o braço e segurou firme nos galhos.

Juntos, eles desceram a ladeira, e logo Tin Win sentiu as pedras sob seus pés.

“Onde estamos?”, perguntou ele.

“Em uma estrada de ferro”, ela explicou. “Podemos caminhar nas tábuas de madeira entre os trilhos. Meus irmãos sempre fazem isso.”

Ele ficou parado. Ela poderia ter dito Mandalay. Ou Rangum. Ou Londres. Até aquele momento, a estrada de ferro, para ele, era um

local além de seu alcance. Só o conhecia pelas histórias que os meninos contavam na escola. Eles costumavam se gabar de suas aventuras nos trilhos enquanto esperavam pela locomotiva preta. Diziam que colocavam pinhas ou tampinhas de garrafa nos trilhos, e testavam sua coragem caminhando o mais perto possível dos trens que passavam. Tin Win desejava poder fazer as mesmas coisas que eles. Mais tarde, perdeu as esperanças. A estrada de ferro não fazia parte de seu mundo. Era para os que enxergavam.

Agora, era ele quem caminhava nos trilhos, e logo encontrou um ritmo que permitiu que ele pisasse em uma tábua a cada passo. Ali, não precisava se preocupar com a possibilidade de trombar com uma árvore ou arbusto, nem de tropeçar em algo. Subia uma escada em uma caverna fria e úmida e o mundo se tornava mais claro e mais quente a cada passo. Caminhava mais depressa, e logo passou a pular as tábuas e a correr. Mi Mi não disse nada. Com os olhos fechados, ela se segurava firmemente e balançava no ritmo das passadas dele, como se estivesse em cima de um cavalo. Tin Win dava longos passos, correndo o mais depressa que conseguia. Já havia parado de se preocupar com a distância entre as tábuas, e não ouvia nada além das batidas de seu coração, um batuque que o levava adiante. Cada vez mais altas e mais fortes, poderosas e livres. Um clamor que ressoava além do vale e das montanhas. Nem mesmo uma locomotiva faria mais barulho, ele pensou.

Quando finalmente parou, foi como sair de um sonho.

“Desculpa”, disse ele, totalmente sem fôlego.

“Pelo quê?”, perguntou Mi Mi.

“Você não sentiu medo?”

“Do quê?”

Eles se deitaram na grama, e Mi Mi olhou para o céu. Estava tarde, e o sol logo se poria. Perdendo apenas para o amanhecer, para Mi Mi, aquele era o momento mais lindo do dia. A luz era diferente, mais clara, e os contornos das árvores, montanhas e casas ficavam mais definidos do que ao meio-dia. Ela gostava das vozes da noite e do cheiro das fogueiras que queimavam na frente das casas antes do anoitecer.

“Você faz ideia de como é o som de um coração?”, perguntou Tin Win.

Mi Mi ficou pensando, tentando se lembrar se já havia escutado um coração batendo.

“Certa vez, pressionei a cabeça no peito de minha mãe, porque queria saber o que estava fazendo barulho. Mas faz muito tempo.” Na época, ela pensou que havia um animal no peito da mãe, batendo em suas costelas para poder sair.

Ele não conseguiu dormir naquela noite. Nem na seguinte, nem na outra. Deitou-se ao lado de Su Kyi e pensou em Mi Mi. Passou três noites acordado, mas não estava cansado. Sentia-se mais alerta. Seus sentidos, pensamentos e lembranças estavam mais claros do que antes. Eles haviam passado uma tarde juntos. Uma tarde que ele valorizava como se fosse um talismã. Lembrava-se de todas as palavras que tinham sido trocadas entre eles, de todos os tons de voz, de todas as batidas do coração dela.

Naquela tarde, com Mi Mi em suas costas, a voz em seu ouvido, as coxas ao redor de sua cintura, ele havia, pela primeira vez, sentido algo parecido com tranquilidade, um toque de alegria. Uma emoção tão desconhecida que ele não soube nem mesmo como chamá-la. Felicidade, leveza, diversão — aquelas eram, para ele, palavras sem conteúdo, um discurso sem sentido. Ele percebeu quanta energia cada dia exigia dele. Acordar naquela névoa branca e leitosa. Atravessar um mundo que havia dado as costas para ele. De repente, passou a sentir que a solidão na qual ele vivia era insuportável, apesar de ter Su Kyi e U May. Ele respeitava e confiava em ambos, era infinitamente grato a ambos pela atenção e pelo carinho que eles demonstravam. E, ainda assim, como todas as pessoas que ele conhecia, sentia uma estranha distância entre os dois e ele próprio. Muitas vezes, sentava-se ao redor da fogueira no mosteiro, com os outros rapazes ou monges, desejando pertencer a algo, fazer parte de algum grupo, de algum sistema. Desejando

sentir algo pelos outros — carinho, raiva, ou mesmo curiosidade. Qualquer coisa. Mas ele sentia pouco mais do que vazio, e não sabia o porquê. Mesmo quando alguém o tocava, passava o braço ao redor de seu ombro, ou segurava sua mão. Tin Win não se alterava. A mesma névoa que cobria seus olhos parecia ter se colocado entre ele e o mundo.

Mas com Mi Mi... os olhos dela viam por ele. Com sua ajuda, ele não se sentia um estranho dentro da própria vida. Ela fazia com que ele se sentisse parte das coisas. Dos acontecimentos na feira. Do vilarejo. Dele.

Com ela, ele se virava em direção à vida.

Nos meses seguintes, os dois passavam todos os dias de feira juntos, explorando Kalaw e redondezas como se tivessem descoberto uma ilha inabitada. Investigavam o local com o cuidado meticuloso de dois cientistas, rua por rua, casa por casa. Eles passavam horas acorados à margem da estrada. Na maior parte das viagens, eles cobriam pouco mais de uma única rua, um pouco de prado.

Com o tempo, eles estabeleceram um ritual fixo para descobrir os segredos desse novo mundo. Depois de dar alguns passos, eles paravam, silenciosos e imóveis. O silêncio podia durar alguns minutos, meia hora, talvez mais. Tin Win absorvia os sons, os tons, o barulho. Depois, descrevia com detalhes o que havia escutado, e Mi Mi dizia o que havia visto. Como uma pintora, ela esboçava a cena para ele, um rascunho, a princípio, e então cada vez com mais precisão e detalhes. Quando as imagens e os sons não coincidiam, eles partiam em busca das fontes dos sons não conhecidos. Ela se

embrenhava em meio a arbustos e cercas vivas, arrastava-se por canteiros de flores e sob casas, desfazia muros de pedra e voltava a montá-los. Procurava em pilhas de lenha e cavava com as mãos em prados e campos até encontrar o que Tin Win escutara: serpentes e caramujos adormecidos, minhocas, mariposas. A cada dia, Tin Win conhecia mais do mundo. Graças às descrições de Mi Mi, ele conseguia relacionar sons e objetos, plantas e animais. Ele aprendeu que as batidas de asas de uma borboleta tigre eram mais leves do que as de uma borboleta-monarca; que as folhas de uma amoreira farfalhavam ao vento de modo diferente das folhas de uma goiabeira; que o mastigar de uma minhoca não podia ser confundido com o de uma lagarta; que cada espécie de mosca esfregava as patas emitindo um som distinto. Era um alfabeto totalmente novo.

Ele tinha mais dificuldade quando eram sons produzidos por pessoas. Logo depois de perder a visão, Tin Win começou a prestar atenção a vozes, aprendendo a diferenciá-las e interpretá-las. Elas se tornaram, para ele, um tipo de bússola que o guiava no mundo das emoções humanas. Quando Su Kyi estava brava ou cansada, ele percebia em sua voz. Se seus amigos o invejavam por suas conquistas, se estava perturbando os monges, se uma pessoa gostava dele ou não: tudo era revelado pelo tom com que uma pessoa falava.

Todas as vozes tinham um repertório próprio de formas de expressão, assim como todos os corações. Reconhecer desconhecidos pelas batidas do coração em um segundo ou terceiro encontro não era problema para Tin Win, ainda que as batidas nunca fossem totalmente idênticas. Elas revelavam muito sobre o corpo e a alma, e se alteravam com o tempo ou de acordo com a situação. Os corações tinham um som jovem ou velho, entediante ou entediado, misterioso ou previsível. Mas o que ele deveria pensar quando a voz e o coração de uma pessoa não

estivessem em harmonia, cada um contando uma história diferente e incompatível? U May, por exemplo. A voz dele sempre era forte e robusta, como se não fosse afetada pelo passar dos anos. Tin Win sempre o imaginara como um velho pinheiro grande com tronco forte, inabalável mesmo em meio a tempestades que às vezes aconteciam no planalto de Shan. Uma daquelas árvores sob as quais, antes, ele se sentia seguro e adorava brincar. O coração de U May, no entanto, não parecia nem forte nem robusto. Parecia frágil e fraco, cansado, desgastado. Fazia com que ele se lembrasse dos bois velhos que via na infância, passando por sua casa, puxando uma carroça pesada, repleta de sacos de arroz ou toras de madeira. Ele olhava para eles, certo de que cairiam mortos antes de chegarem ao topo da montanha. Por que a voz de U May não combinava com seu coração? Em qual ele deveria confiar? Na voz ou no coração? Eram perguntas para as quais ele não tinha resposta. Mas acreditava, de certa forma, que, com a ajuda de Mi Mi, ele as resolveria. Pelo menos algumas delas.

Mi Mi lembrava-se exatamente de quando ouvira falar em Tin Win pela primeira vez. Dois anos antes, um de seus irmãos tinha ido ao mosteiro como noviço. Quando ela foi visitá-lo com a mãe, ele falou sobre um menino cego que havia caído naquela manhã segurando um *thabeik*. Com medo de derramar a comida, ele não soltou a tigela e, assim, caiu de rosto no chão, machucando o nariz e a boca, e — para piorar as coisas — perdeu o arroz de um dia todo no chão. Diziam que ele era extremamente desajeitado, por ser cego, claro, mas, na aula, ele era o melhor. A história deixara Mi Mi triste, ainda que não soubesse o porquê. Será que aquela incapacidade fazia com que ela se lembrasse das próprias tentativas de dar alguns passos com os pés tortos, atrás da casa, onde ninguém pudesse vê-la? Da dor e dos dois passos que ela conseguia dar até cair no chão de terra? Ela tentou imaginar por que Tin Win havia caído, se aquilo acontecia com frequência e como ele conseguia se locomover. Como devia se sentir? Caído no chão, com a comida de todos perdida. Lembrou-se de um dia em que jogou bolinha de gude com os amigos na frente de sua casa. As outras crianças adoraram as bolinhas de gude que um inglês havia dado a ela. Elas as rolavam em pequenas depressões, e Mi Mi sentiu orgulho por poder ensinar a elas as regras do jogo. Uma menina, de repente, ficou de pé e disse que estava entediada. Sugeriu que apostassem uma corrida. O primeiro a chegar ao eucalipto seria o vencedor. E eles partiram. Mi Mi reuniu as

bolinhas de gude lentamente. Apenas uma vez ela havia feito a pergunta: por quê?, e soube que nunca teria uma resposta. Seus pés eram um capricho da natureza. Seria tolice procurar causas ou se revoltar. Não brigaria com o destino. Mas, mesmo assim, era doloroso.

Pior do que a dor era a distância que ela sentia de sua família em momentos como aqueles. Adorava os pais e os irmãos acima de qualquer coisa, mas o fato de eles não compreenderem o que acontecia dentro dela isolava Mi Mi quase tanto quanto seus pés a isolavam. O cuidado de seus irmãos era tocante. Eles se revezavam para levar a irmã ao campo ou aos lagos, carregando-a pelo vilarejo, à feira, ou à casa de algum parente em uma fazenda distante nas montanhas. Eles não viam aquilo como sacrifício, mas como algo rotineiro, como cortar lenha de manhã, carregar água ou colher batatas no outono. Não esperavam gratidão em troca, claro que não. Mas quando Mi Mi ficava triste, quando chorava sem motivo óbvio — algo raro, mas não impossível —, eles ficavam sem saber o que dizer ou fazer. Com expressão confusa. Como se dissessem: Estamos fazendo tudo para tornar a sua vida boa. Por que não basta? Sem querer parecer mal-agradecida, ela fazia o melhor que podia para engolir o choro. A mesma coisa acontecia com sua mãe. Yadana adorava a filha. Mi Mi sabia disso. Sentia orgulho da força e da graça com que sua Lesminha lidava com sua deficiência. E Mi Mi queria ser forte, mesmo que, às vezes, apenas para não decepcionar a mãe. Mas também desejava ter momentos em que pudesse se sentir fraca, quando não precisaria provar nada para ninguém. Não para seus pais. Nem para seus irmãos. Nem para si mesma.

Alguns dias depois, ela estava sentada na varanda do mosteiro, e seu irmão mostrou Tin Win caminhando pelo quintal.

Mi Mi não conseguia tirar os olhos dele. Ela ficou impressionada com a maneira detalhista com que ele limpava um lugar que não

enxergava. Às vezes, ele parava e levantava a cabeça, como se estivesse sentindo um cheiro ou escutando algo.

Nos dias seguintes, ela pensou nele muitas vezes e, em sua visita seguinte, ficou nos degraus até vê-lo de novo. Ele se aproximou com os braços carregados de lenha, subiu os degraus passando por ela e foi para a cozinha sem nem perceber sua presença. Quebrou alguns gravetos e colocou-os nas chamas. Colocou água na chaleira e levou para cima do fogo. Parecia algo simples. Ela ficou impressionada com a maneira calma e cuidadosa com que ele se movimentava, com a dignidade silenciosa que radiava. Como se fosse agradecido a cada passo que dava sem cair, por cada movimento que ele fazia sem se machucar. Será que a vida sem a visão era tão fácil para ele como parecia? Ou será que lhe exigia muito esforço, como a vida de Mi Mi sem os pés? Será que ele conseguia entender o que acontecia dentro dela quando as outras crianças corriam até os eucaliptos? Quando sua mãe olhava para ela tomada de orgulho, enquanto Mi Mi se sentia qualquer coisa menos forte? Quando seus irmãos a levavam e passavam perto das meninas da vizinha, sentadas com rapazes à beira da estrada, cantando músicas, dando as mãos com timidez? Muitas vezes, ela quis falar com ele ou rastejar-se em seu caminho, para que ele tropeçasse nela e, assim, percebesse sua presença. Mas ela controlava a vontade. Não por timidez, mas porque acreditava não ser necessário. Eles se encontrariam. Toda vida tem seu curso, seu ritmo, no qual Mi Mi acreditava ser impossível exercer qualquer influência decisiva.

Ela não se surpreendeu naquela tarde, no mosteiro, quando Tin Win parou de repente no caminho para a cozinha, fez uma meia-volta como se quisesse seguir em outra direção, aproximou-se dela e se agachou. Ela olhou para ele e viu mais em seus olhos encobertos por camadas brancas do que conseguia ver em seus pais e irmãos. Ela viu que ele sabia o que era a solidão, que entendia

por que podia estar chovendo dentro de alguém ainda que o sol estivesse brilhando do lado de fora, que a tristeza não precisava de causa imediata. Tampouco se surpreendeu quando ele disse a respeito da batida de seu coração. Ela acreditava em todas as palavras.

Ela vivia esperando pelos dias de feira, sentia-se impaciente pela primeira vez em sua vida, contando horas e minutos, mal conseguia esperar pela próxima vez em que se veriam. Seu desejo era tão grande que, depois de alguns meses, ela quis buscar Tin Win após suas aulas no mosteiro. Será que ele ficaria feliz, ou ela estaria sendo intrometida demais? Podia agir como se estivesse passando com seu irmão, por coincidência. Quando ele ouviu que ela o esperava na varanda, aproximou-se dela. Seu sorriso fez as dúvidas que ela tinha se dissiparem. Ele estava, no mínimo, tão feliz quanto ela. Ele se sentou ao lado dela, segurou sua mão sem nada dizer. A partir de então, eles se viram todos os dias.

Incansável, ele a carregava pelo vilarejo e pelos campos, subia as montanhas e descia de novo. Ele a levava no calor escaldante do meio-dia e nas tempestades. Em suas costas, em sua companhia, os limites de seu mundinho se evaporavam. Eles caminhavam para todos os lados, compensando todos aqueles anos em que o horizonte dela tinha sido a cerca do jardim.

Durante os meses de monção, nos dias em que eram quase afogados pela lama, eles permaneciam no mosteiro, buscando refúgio nos livros de Tin Win. Os dedos dele voavam pelas páginas, e agora era a vez de ele criar imagens para ela. Ele lia em voz alta, ela se deitava ao lado dele e era cercada por sua voz irresistível. Viajava com Tin Win de um continente a outro. Ela, que com os próprios pés não iria ao vilarejo vizinho, dava a volta ao mundo. Ele a levava para dentro dos cruzeiros marítimos, de um convés a outro, até a cabine do capitão. Na chegada, nos portos de Colombo, Calcutá, Port Said ou Marselha, chovia confete e a

banda do navio tocava. Ele a levava pelo Hyde Park, e eles observavam tudo na praça Picadilly Circus. Em Nova York, eles quase foram atropelados por um carro, Tin Win insistia, porque Mi Mi estava sempre olhando para cima em vez de prestar atenção ao trânsito e em guiá-lo pelas ruas que pareciam cânions. Ela não era um peso. Era necessária.

Com muita paciência, Tin Win estava ensinando Mi Mi a escutar. Claro, os ouvidos dela não eram tão sensíveis quanto os dele. Ela não ia escutar o coração dele batendo se não encostasse a cabeça em seu peito. Ela também não conseguia distinguir as libélulas pelo zunido, nem os sapos pelo coaxar, mas ele ensinou como ela devia prestar atenção a sons e vozes, não apenas ouvi-las, mas também reverenciá-las.

Agora, ao conversar com as pessoas, primeiramente, ela se concentrava no timbre, que ela chamava de cor da voz. O tom costumava dizer mais do que as palavras. Na feira, ela sabia logo de cara se os clientes queriam pechinchar ou se aceitariam o preço que ela cobrava pelas batatas. Ela surpreendia os irmãos ao perceber, à noite, depois de algumas frases serem ditas, como o dia deles tinha sido, se estavam felizes, entediados ou irritados. A Lesminha tornou-se a Lesminha Vidente.

Um dia, quando Mi Mi não o esperou nos degraus do mosteiro, Tin Win ficou assustado. Eles estavam se encontrando todos os dias havia mais de um ano e, na noite anterior, ela não havia dito nada sobre sua ausência. Estaria doente? Por que um de seus irmãos não lhe avisara? Ele partiu em direção à fazenda da família dela. Chovia muito ao entardecer, e o chão estava molhado e escorregadio. Tin Win não tentou escutar as poças de água com antecedência. Pisou nelas, cruzou a feira vazia, e correu em direção à montanha. Escorregou diversas vezes, caiu e se levantou, sem se preocupar com seu sarongue molhado e sujo de lama. Encontrou uma velha camponesa. Agitado, ele não havia escutado

nem sua voz nem as batidas de seu coração.

A casa estava vazia. Nem mesmo o cachorro estava ali. Os vizinhos não sabiam de nada.

Tin Win tentou se acalmar. O que poderia ter acontecido? Provavelmente, eles estavam no campo e voltariam logo. Mas não voltaram. À noite, sua ansiedade voltou. Tin Win gritou o nome dela. Balançou o corrimão até soltá-lo da parede. Imaginou que conseguia ver de novo. Uma borboleta gigante desceu do céu como uma ave de rapina, pousou no campo e se aproximou dele. Tin Win subiu no tronco de uma árvore. Pontos vermelhos partiram em sua direção. Sentia uma dor aguda sempre que era atingido. Tentou desviar deles, correndo pelo campo, mas seu rosto ficou todo machucado. Três vizinhos o levaram para casa.

Foi um gemido como nenhum outro que Su Kyi já ouvira. Era alto, mas não era isso que o tornava estranho nem assustador. Não era um lamento triste. Era uma revolta violenta, um grito de ódio e dúvida. Feria a alma, não os ouvidos.

Ela acordou de repente e se virou na direção de onde vinha o som. A seu lado, estava Tin Win, com a boca aberta, urrando alto. Ela chamou seu nome, mas ele não respondeu. Ela não sabia nem mesmo se ele estava acordado. Segurou seus ombros e o chacoalhou. O corpo dele estava tenso, quase rígido.

“Tin Win, Tin Win”, ela gritou, acariciando seu rosto e segurando a cabeça do rapaz. Isso o acalmou. Depois de alguns segundos, ele voltou a deitar-se lentamente no tapete, onde se encolheu, com os joelhos no peito, e continuou dormindo com a cabeça nas mãos dela.

Quando Su Kyi acordou com a luz da alvorada, Tin Win estava choramingando a seu lado. Ela sussurrou seu nome, mas ele não respondeu. Ela vestiu o *longyi*, uma camiseta e uma blusa, e colocou um cobertor sobre o rapaz. Talvez ele estivesse gripado, ela pensou. Ele havia chegado tarde em casa, na noite anterior. Três rapazes o levaram. Tin Win estava assustador: sujo de lama, sangue, com cortes por toda a cabeça. Ele se deitou no tapete sem nada dizer.

Ela foi para a cozinha e acendeu a fogueira. A canja quente com arroz e um pouco de curry do dia anterior faria bem a ele.

A princípio, ela não notou a tosse e os espasmos. Quando entrou no quarto, ele estava ajoelhado diante da janela aberta, vomitando, e parecia que seu corpo o forçava a devolver tudo o que ele já tinha comido. A ânsia vinha em ondas, e quanto menos ele vomitava, mais fortes eram os espasmos. Su Kyi percebeu que, em determinado momento, a ânsia tomou conta de seu corpo todo, até que, por fim, nada além de uma substância esverdeada e fétida saía de sua boca. Ela o levou de volta à cama. Ele procurou sua mão. Ela se sentou a seu lado e colocou a cabeça dele em seu colo. Os lábios dele estavam contraídos. Sua respiração estava ofegante.

Tin Win não sabia se estava sonhando ou se estava acordado. Perdeu qualquer noção de tempo e espaço. Seus sentidos se retraíram. A névoa diante de seus olhos deu lugar a uma escuridão sinistra. Sentia um fedor acre, o cheiro de suas vísceras. Seus ouvidos não detectavam nada além dos sons de seu corpo. O fluxo de seu sangue. Bolhas e contrações em seu estômago, o revirar de seu ventre. Seu coração. Acima de tudo, o medo. Não tinha nome nem voz. Simplesmente estava ali. Em todas as partes. Como o ar que ele respirava. Dominava seu corpo, pairava sobre seus pensamentos e sonhos. Em seu sono, ele ouvia as batidas do coração de Mi Mi e chamava seu nome, mas ela não atendia. Ele procurava, correndo na direção das batidas, mas nunca chegava ao coração. Corria cada vez mais rapidamente, mas nunca se aproximava dela. Corria até cair de exaustão. Ou, então, via Mi Mi sentada em um banco, aproximava-se dela e, de repente, a terra se abria e o engolia. Tudo ficava escuro e ele caía, e não havia nada em que pudesse se segurar. Ficava cada vez mais quente, até perceber que havia pousado e estava afundando em um pântano fervente. Em seguida, o sonho começava de novo, desde o começo. Por que ele não conseguia sonhar com a própria morte?

Mas não era a ideia de morrer que o assustava. Eram todas as outras coisas. Cada toque. Cada palavra. Cada pensamento. Cada

batida de coração. Sua próxima respiração.

Não conseguia se mexer. Não conseguia comer. Cuspia o chá que Su Kyi o forçava a beber. Sentia a mão dela e, ainda assim, não tinha certeza de que ela o tocava.

Sem parar, as palavras de U May rodavam em sua mente: “Só existe um poder que destrói o medo, Tin Win”. Mas que poder pode mitigar o medo do amor, U May?

Três dias depois, ele ainda não demonstrava sinais de melhora. Su Kyi o massageava por horas. Ela o esfregava com suas ervas. Ela não havia saído do lado dele nas últimas setenta e duas horas. Ele não reclamava de dor, não estava tossindo, e, em sua opinião, o corpo dele alternava temperatura alta demais ou fria demais. Ela não fazia ideia do que podia tê-lo acometido, mas tinha certeza de que era grave, e parecia querer levar sua vida. Pensou em alguém a quem pudesse recorrer para se aconselhar. Estava tão cansada das enfermeiras e médicos do pequeno hospital quanto dos astrólogos e curandeiros de Danus, Paos e Palongs. Se alguém podia ajudar, esse alguém era U May. Talvez, ela pensou, Tin Win não tivesse doença alguma. Talvez, fantasmas e demônios que — até onde Su Kyi sabia — viviam dentro de nós, esperando para surgirem de locais escondidos e se revelarem, tivessem sido despertados. Então, ela colocou um pouco de chá ao lado de Tin Win, que dormia, e correu até o mosteiro.

Descreveu com detalhes os últimos três dias e três noites para U May, mas a história não pareceu perturbá-lo. Ele murmurou algo a respeito de um vírus, o vírus do amor, a infecção que, se ela o compreendia bem, todos tinham, mas que afligia a poucos. Mas quando acontecia, vinha acompanhada, no começo, por medo, por estados tumultuosos que confundiam corpo e alma. Na maioria dos casos, tais sintomas eram amenizados com o tempo.

Na maioria dos casos, dissera ele. E Su Kyi só conseguia pensar em uma velha história, a de seu tio-avô que passara trinta e sete

anos de cama, que, por anos seguidos, permaneceu imóvel em seu tapete, olhando para o teto, sem fazer nenhum som, recusando-se a comer sozinho e sobrevivendo apenas porque seus parentes, com a paciência de anjos, o alimentavam todos os dias. E tudo isso porque a filha dos vizinhos, a quem ele desejara na juventude, havia se casado com outro homem, por ordem de seus pais.

E também houvera outra história parecida, do sobrinho de Su Kyi, que havia se apaixonado por uma garota do vilarejo e que ficava cantando canções de amor na frente da casa da família dela todas as noites. Isso não era nada incomum, um costume praticado pela maioria dos casais jovens em Kalaw. Mas seu sobrinho não parou de cantar nem mesmo quando ficou evidente que a família da moça não aprovava suas investidas. Depois de um tempo, ele passava as noites e também o dia todo cantando, e quando ele começava a cantar à noite, seus irmãos tinham que ir até ele e — como ele se recusava a partir — levá-lo dali. Em casa, ele subiu em um abacateiro e só parou de cantar quando sua voz desapareceu, três semanas e seis dias depois. A partir de então, ele passou a mexer os lábios no ritmo da música, seus lábios formavam as letras da canção que falava de amor eterno. Quanto mais ela pensava naquilo, mais se lembrava de histórias de camponeses e monges, de mercadores e negociadores, ourives e carroceiros — na verdade, até de ingleses —, que haviam enlouquecido de modos parecidos.

Talvez tivesse algo a ver com Kalaw. Talvez o local fosse afetado por um forte vírus. Talvez fosse o ar da montanha ou o clima. Algo naquela parte do sudeste asiático que tornava o problema muito grave.

U May não via motivo para preocupação.

Quando Su Kyi voltou para casa, Tin Win ainda estava deitado, imóvel. Ela amassou folhas de eucalipto e segurou-as perto do nariz do rapaz, na esperança de que o cheiro estimulasse seu olfato.

Ela tentou fazer a mesma coisa com um monte de flores de hibisco e jasmim. Massageou seus pés e cabeça, mas Tin Win não respondeu. Seu coração batia, e ele estava respirando, mas não demonstrava qualquer outro sinal de vida. Ele havia se recolhido em um mundo onde ela não conseguia alcançá-lo.

Na manhã do sétimo dia, um jovem apareceu em sua porta. Levava Mi Mi nas costas. Su Kyi a reconheceu da feira e sabia que Tin Win passava as tardes e os fins de semana com ela.

“Tin Win está em casa?”, perguntou Mi Mi.

“Ele está doente”, respondeu Su Kyi.

“O que houve com ele?”

“Não sei. Ele não está falando. Não está comendo. Está inconsciente.”

“Posso vê-lo?”

Su Kyi levou Mi Mi pela cozinha até o quarto. Tin Win estava deitado sem se mexer, o rosto extenuado, o nariz descarnado e a pele macilenta e sem vida, apesar da cor morena. O arroz e o chá não tinham sido tocados. Mi Mi escorregou das costas do irmão e se rastejou até Tin Win. Su Kyi não conseguia tirar os olhos dela. Aquela moça se movia com uma graça que Su Kyi nunca vira. Como se seus pés malformados tivessem dado a ela um sentido diferente de membros e movimentos.

Mi Mi segurou a cabeça de Tin Win e colocou-a em seu colo. Inclinou-se sobre ele, e o rosto dele desapareceu sob seus longos cabelos pretos. Ela sussurrou em seu ouvido. Seu irmão virou-se e saiu. Su Kyi o seguiu. Fez chá para os convidados e assou sementes de melão e girassol em uma panela velha, e então foi até o jardim e sentou-se à sombra de um abacateiro. Olhou para o outro lado do quintal, para a lenha cortada e empilhada de modo organizado contra a parede da casa; o cepo no qual, de vez em quando, ela matava uma galinha; a horta; o banco que o pai de Tin Win devia ter construído e que aos poucos se desfazia. As seis galinhas

corriam comendo migalhas no chão. Ela percebeu o pesar que aumentava dentro de si. Su Kyi conhecia aquela sensação. Ela a detestava e sempre se esforçava para afastá-la — na maioria dos casos, conseguia. Mas, agora, ela sentia a emoção ganhando peso e força. Não via causa, e a tristeza sem motivo era, em sua opinião, nada além de autopiedade, algo a que ela sempre resistira. Seria a doença misteriosa de Tin Win que a deixava tão preocupada? O medo de perdê-lo? Ou seria a percepção, voltando em longos intervalos, de como se sentia solitária, perdida e sozinha? Tin Win também. Sua irmã. Todos, na verdade. Ela sentia; algumas pessoas, não.

Naquele momento, escutou a canção. Vinha da mesma casa, baixa como se estivesse vindo do outro lado do vale. A voz elegante e suave de menina cantando uma canção que Su Kyi não conhecia. Tampouco conseguia entender a letra — só compreendia palavras isoladas. Eram a melodia e a intensidade que a tocavam tanto.

Esta é uma canção capaz de acalmar fantasmas e demônios, ela pensou. Sentou-se paralisada embaixo da árvore. Como se qualquer movimento pudesse estragar o momento. A voz de Mi Mi permeava a casa e o quintal como uma fragrância penetrando todos os cantos. Para Su Kyi, parecia que todos os outros sons — o canto dos pássaros, o trinado das cigarras, o coaxar dos sapos — estavam se acalmando até que um único som permaneceu. Tinha o poder de uma droga. Abria todas as células, todos os sentidos de seu corpo. Ela pensou em Tin Win. Não precisava mais temer por ele. Aquela canção sempre o encontraria, mesmo no esconderijo mais distante.

Su Kyi permaneceu sentada e imóvel à sombra do abacateiro, até que seus olhos se fecharam.

O frio da noite a despertou. Estava escuro, e ela sentiu um arrepio. A voz continuava cantando, com a mesma suavidade, com a mesma beleza. Su Kyi se levantou e entrou na casa. Uma vela

queimava na cozinha, e outra, no quarto. Mi Mi estava sentada ao lado de Tin Win, com a cabeça dele em seu colo. O rosto dele parecia mais cheio; a pele, menos pálida. O irmão dela havia partido. Su Kyi perguntou se ela sentia fome ou se queria se deitar. Mi Mi balançou a cabeça brevemente.

Su Kyi comeu um pouco de arroz frio e um abacate. Estava cansada e sentia que não havia muito o que fazer. Voltou para o quarto, pegou um tapete para Mi Mi, entregou a ela um casaco e um cobertor, e então se deitou.

Quando Su Kyi acordou na manhã seguinte, tudo estava silencioso. Olhou ao redor para ter certeza de que não estava mais sonhando. Tin Win e Mi Mi estavam deitados ao lado dela. Levantou-se e percebeu — sem entender o porquê — que se sentia muito bem e leve. Quase leve demais, pensou ao entrar na cozinha. Acendeu a fogueira e fez chá, lavou cebolinha-branca e tomates, e fez o arroz para o café da manhã.

Tin Win e Mi Mi acordaram tarde naquela manhã. Estava quente, mas não demais, e Su Kyi cuidava da horta quando viu Tin Win na porta, com Mi Mi nas costas. Parecia mais velho. Ou talvez a exaustão e o sofrimento tivessem deixado uma marca nele. Mi Mi parecia estar dando orientações a ele, pois ele desviou da lareira, de um banquinho e do machado, como se conseguisse enxergar tudo. Eles se sentaram no banco encostado na parede da cozinha.

Su Kyi largou o rastelo e correu até eles.

“Estão com fome?”, perguntou ela.

“Sim, um pouco”, disse Tin Win. Sua voz parecia mais grave do que o normal, quase um pouco desconhecida. “E com sede.”

Su Kyi trouxe arroz com curry e chá. Eles comeram devagar, e ele parecia ficar melhor e mais forte a cada mordida.

Depois da refeição, Tin Win disse que sairia para caminhar com Mi Mi e depois a levaria para sua casa. Sentia-se bem, não estava cansado. Su Kyi não precisava se preocupar. Suas pernas o

sustentariam, e ele voltaria antes do anoitecer. Prometeu.

Tin Win e Mi Mi pegaram o caminho até o topo e, então, pelo espinhaço. Ele se concentrou totalmente na caminhada, sem saber se um dia conseguiria entregar-se totalmente a ela de novo, se ela ainda saberia guiá-lo com tanta maestria entre os obstáculos.

“Você se lembra dos últimos dias?”, perguntou Mi Mi depois de eles terem permanecido quietos por algum tempo.

“Muito pouco”, disse ele. “Devo ter dormido muito. Não sabia se estava acordado ou dormindo. Não ouvi nada além de um arrulho e gorjeio baixo.

“O que você teve?”

“Não sei. Fiquei possuído.”

“Pelo quê?”

“Pelo medo.”

“Do que teve medo?”

“Quando cheguei à sua fazenda e não encontrei ninguém, e quando os vizinhos disseram não saber onde você estava, pensei que nunca mais a veria. Onde você estava?”

“Fomos visitar parentes nas montanhas. Uma tia morreu, e tivemos que partir antes do amanhecer.” Ela aproximou os lábios do ouvido dele. “Você não precisa ter medo. Não pode me perder. Sou parte de você, assim como você é de mim.”

Tin Win estava prestes a responder quando seu pé esquerdo não encontrou chão. O buraco estava encoberto pela grama, e Mi Mi provavelmente não o teria visto mesmo que estivesse prestando atenção. Tin Win sentiu-se paralisado, como se visse a si mesmo em câmera lenta. Seu pé buscou o chão, e uma eternidade parecia

ter passado até encontrá-lo. Ele hesitou, perdeu o equilíbrio e percebeu, ao cair, que controlara o instinto de proteger o próprio rosto com as mãos, e escolheu segurar Mi Mi. Não sabia até onde cairia, quando ou onde bateria, se cairia na grama ou em uma pedra ou arbusto que arranharia seu rosto. A queda parecia não acabar, e a pior parte foi a incerteza a respeito do que esperava por ele. Virou a cabeça para o lado e encostou o queixo no peito. Mi Mi se segurou nele com força. Eles caíram praticamente de cabeça. Tin Win percebeu que cobriu Mi Mi com seu corpo e que eles rolaram de lado, como uma lenha, monte abaixo.

Ele havia caído, mas havia pousado. Pararam em uma depressão.

Mi Mi estava deitada em cima dele. Só naquele momento, Tin Win percebeu como os dois se seguravam com firmeza um ao outro. Ele não queria soltá-la. O coração dela batia depressa. Ele o escutou e sentiu contra seu peito. Mi Mi sentiu-se muito diferente em cima dele. Era mais leve do que nas costas dele, e ele sentiu mais do que os braços dela ao redor de seu pescoço. Seu peito estava contra o dele, a barriga também. Os *longyis* dos dois estavam desarrumados, as pernas nuas entremeadas. Uma emoção desconhecida tomou conta dele, um desejo por mais. Queria possuir Mi Mi e entregar-se a ela. Queria ser um com ela, pertencer a ela. Tin Win virou-se para o lado, assustado com seu desejo.

“Está machucado?”, perguntou ela.

“Não. E você?”

“Não.”

Mi Mi tirou a terra do rosto dele. Limpou sua testa e espanou a areia do canto de sua boca. Seus lábios se tocaram por uma fração de segundos. Tin Win estremeceu.

“Consegue andar?”, perguntou ela. “Acho que vai chover.”

Tin Win ficou de pé e colocou Mi Mi nas costas de novo. Eles atravessaram o campo. Pouco tempo depois, escutaram a corrente

do rio, forte e carregada pela chuva das últimas semanas. Havia aberto uma pequena ravina na terra. Mais para baixo, havia uma ponte, mas não seria fácil chegar dali. Tin Win tentou calcular a profundidade pelo barulho das águas sob eles. Devia ser cerca de três metros.

“Qual é a largura?”, perguntou ele.

“Dois metros, talvez mais.”

“Como atravessaremos?”

Mi Mi olhou ao redor.

“Tem um tronco de árvore atravessado no rio mais à frente.” Ela guiou Tin Win para que ele passasse por uma pedra. Era um pinheiro, mais fino do que Mi Mi pensara, grosso como sua coxa. A casca tinha sido arrancada, e alguém havia cortado os galhos próximos ao tronco. Mi Mi hesitou.

“O que foi?”, perguntou ele.

“A descida é bem comprida”, disse ela.

“Só se você olhar. Para mim, não é nada.”

Ele pisou com cuidado no tronco. A planta do pé se moldou à madeira. Mi Mi tentou direcioná-lo com os ombros, mas ele a impediu.

“Confie em meus pés.”

Ele havia se virado um pouco para o lado, um pé na frente do outro. Não estava dando passos, mas, sim, escorregando o pé da frente alguns centímetros por vez, sentindo a madeira até perceber a forma dela, alternando o peso e arrastando o outro pé. Escutou o coração de Mi Mi batendo forte. Ao mesmo tempo, a corrente de água estava alta e clara. Eles deviam estar acima do rio. Rangendo assustadoramente, o tronco fino curvava-se com o peso.

Tin Win movia-se lentamente, mas não hesitou. Nem uma vez. Ela se sentiu zozza e fechou os olhos. Ele tinha razão. Era mais fácil daquela forma. Ela só tinha que se esquecer de onde estava.

Tin Win prosseguiu até o rio, mais uma vez, ficar mais quieto.

Eles tinham chegado ao outro lado. Mi Mi balançou-se com alívio nas costas dele e beijou seu rosto e pescoço. Ele sentiu as pernas tremerem de ansiedade. Hesitou e reequilibrou-se com dificuldade. Alguns passos mais à frente, eles escutaram um trovão perto dali. Ele ficou assustado. Tempestades o deixavam inquieto.

“Há um casebre mais para baixo no vale”, disse Mi Mi. “Talvez possamos chegar até lá antes de a tempestade começar pra valer. Vamos correr pela margem do rio.”

Tin Win moveu-se o mais rápido que conseguiu. Sempre que ficava muito perto do rio ou muito longe da margem, ela apertava o ombro do lado apropriado. A chuva chegou. A água estava agradavelmente morna. Molhou o rosto deles, escorreu pelo nariz, e desceu pelo pescoço e barriga. Mi Mi se agarrou ainda mais a ele, e ele sentiu os seios dela contra suas costas molhadas.

O casebre, um abrigo sem janelas feito com ripas de madeira, era do tamanho de dois ou três tapetes e, no chão, havia várias camadas de grama seca. A chuva batia no telhado de metal como milhares de socos. Chovia tanto que Mi Mi mal conseguia ver o rio a alguns metros de distância. A tempestade caía bem em cima deles agora, e Tin Win estremecia a cada trovão, mas, pela primeira vez durante uma tempestade, ele não se sentiu nervoso. Os trovões eram tão altos que Mi Mi tampava os ouvidos. Tin Win fazia caretas, mas não estava assustado.

Dentro do casebre estava mais quente e até mais úmido do que do lado de fora. Mi Mi deitou-se na grama seca. Tin Win sentou-se com as pernas cruzadas e a cabeça dela entre suas coxas. Passou as mãos pelos cabelos dela, pela testa, sentindo as sobrancelhas, o

nariz, a boca, acariciando suas faces e garganta.

As pontas de seus dedos davam choques em Mi Mi. A cada movimento, seu coração batia mais rápido. Ele se inclinou, beijou sua testa, seu nariz. Sua língua correu por seu pescoço e orelhas. Mi Mi mal conseguia acreditar como estava gostando de cada toque. As mãos dele passavam por seu rosto, têmporas, nariz. Contornavam seus lábios, acariciavam seus olhos e boca. Ela entreabriu os lábios, e foi como se ele nunca a tivesse tocado.

Ele aninhou a cabeça dela sobre um monte de grama e tirou a camiseta. Mi Mi fechou os olhos e expirou e inspirou profundamente. Ele acariciou seus pés. Tocou seus dedos, esfregou a palma sobre as unhas e os pequenos ossos por baixo da pele firme, pelos tornozelos. Subiu pelas panturrilhas até seu *longyi*, e voltou. Uma vez. Duas. Mi Mi ergueu o quadril e puxou a camisa um pouco para cima, segurou a mão dele e a colocou sobre sua barriga nua. O coração dele bateu forte, não rapidamente, mas alta e vigorosamente.

Ele percebeu a respiração dela acelerada. Passou os dedos por seu corpo, quase sem tocá-la. Entre as pontas dos dedos e a pele, surgiu uma tensão que era mais excitante do que qualquer contato. Aos poucos, ele continuou o caminho, descendo cada vez mais pelo *longyi* até sentir seus pelos pubianos. Ajoelhou-se ao lado dela. Ela viu o *longyi* dele erguido na parte da frente de seu corpo e ficou assustada — não com o que viu, não pelo toque, mas pelo desejo que sentia, por sua respiração e por seus batimentos cardíacos, cada vez mais rápidos e intensos. Cuidadosamente, ele tirou a mão. Ela quis mais e o segurou, mas ele repousou a cabeça em seu peito e não se mexeu. Ele esperou. O coração acelerado dela demorou a se aquietar.

Era um som que ele sempre valorizaria. A reverência e o respeito que ele sentia por cada batida faziam com que ele estremecesse. Ali estava, a poucos centímetros de seu ouvido.

Sentiu como se estivesse espiando, por uma fresta, o colo do mundo.

Quase quatro anos se passaram dessa maneira entre Mi Mi e Tin Win. Depois daquelas primeiras semanas, eles não tinham passado nem um dia sem se ver. Ela esperava por ele depois da escola, ou ele ia à feira depois das aulas. Nos fins de semana, ele a buscava em casa logo cedo. Vocês são inseparáveis, dissera sua mãe, certa vez, de modo meio brincalhão. *Inseparáveis*. Como era seu costume, Mi Mi havia pensado por muito tempo naquela palavra. Ela a havia virado e revirado em sua mente, para ver se o som daquela palavra chamava sua atenção, se conseguia se encaixar, e, depois de alguns dias, chegara à conclusão de que não havia uma descrição melhor. Eles eram inseparáveis. Seu coração batia acelerado ao vê-lo, e uma parte dela faltava quando ele não estava por perto. Como se o mundo parasse de girar na ausência dele. Ela sentia falta dele com todo o seu corpo. A cabeça doía. As pernas e braços ficavam pesados e descoordenados. Sentia pontadas na barriga e no peito. Até mesmo a respiração ficava difícil sem ele.

Durante o terceiro verão juntos, Mi Mi guiou Tin Win até os lagos, para nadar, e o local tornou-se o retiro favorito dos dois. Eles sempre iam para o menor dos lagos. Ficava fora dos caminhos de sempre, atrás de alguns pinheiros. Outros jovens evitavam o local porque diziam ter a maior concentração de cobras-d'água. Ela mesma já tinha visto duas. Quando perguntou a Tin Win se ele tinha medo delas, ele riu e disse que nunca tinha visto nenhuma.

Naquele dia, Mi Mi observou Tin Win com atenção. O vento

estava mais forte. Remexia a água, e Mi Mi escutava pequenas ondas batendo nas pedras a seus pés. Ela estava agachada no barranco do pequeno rio, olhando para ele. Ele não nadava mal. Havia desenvolvido um estilo próprio, deitado de lado na água, sempre com uma das mãos à frente do corpo para poder sentir qualquer obstáculo. Era cuidadoso e preferia ficar perto da margem, onde seus pés ainda tocavam o fundo. Mas ele tinha resistência e conseguia mergulhar muito bem.

Mi Mi adorava a água. Ainda criança, ela ia com seus irmãos aos quatro lagos que ficavam a cerca de uma hora de Kalaw. Eles se revezavam para carregá-la e logo ensinaram ela a nadar. Aqueles passeios estavam entre as lembranças mais queridas que ela guardava. Na água, ela podia interagir com os irmãos e brincar com outras crianças. Era rápida e hábil, a melhor mergulhadora entre eles. Os pés eram irrelevantes na água.

Tin Win nadara até o meio do lago, onde uma pedra grande o bastante emergia da água e eles podiam se sentar. Ele subiu nela e deixou o vento e o sol secá-lo. Mi Mi sentiu que o desejo tomava conta dela. Tal sensação desaparecia apenas quando voltava para as costas dele, quando colocava as mãos em seu pescoço e tocava seus ombros. Não havia lugar onde ela se sentisse mais segura ou feliz.

Mi Mi não conseguia parar de pensar naquela tarde em que a tempestade os surpreendeu e eles se abrigaram no casebre. Ele a havia tocado de fato naquele momento, e aquele toque havia despertado um desejo dentro dela que às vezes era mais forte do que todas as outras emoções combinadas. Ela se perguntava se tudo o que sentia em tais momentos ficava adormecido dentro dela. Será que Tin Win apenas havia despertado tudo aquilo? Ou tais sensações vinham de outro lugar? Será que ele a estava encantando? O que ele havia acordado com seus beijos? Sempre que seus lábios encostavam na pele dela. Sempre que seus dedos passavam por seu pescoço, seus seios, sua barriga, suas coxas, ela

tinha a impressão de que ele revelava seu corpo para ela mesma pela primeira vez. Tin Win não reagia de modo diferente a suas mãos, a seus lábios. Ela conseguia despertar o corpo dele, acariciava-o e tocava até ele se remexer com um desejo desconhecido. Em momentos como aqueles, ela se sentia tão viva que não sabia onde manter tanta felicidade. Parecia flutuar no vento, e era leve e livre de peso, como só se sentia na água. Sentia um poder que nunca pensou ser capaz de sentir. Um poder que apenas Tin Win despertava.

Ele havia lhe ensinado a confiar, havia lhe dado espaço para ser fraca. Quando estava com ele, ela não tinha nada a provar. Ele foi a primeira e a única pessoa a quem ela confessou considerar humilhante ter que se rastejar. Que às vezes sonhava em caminhar por Kalaw de pé e pular o mais alto que conseguisse. Só por querer. Ele não tentava consolá-la em tais momentos. Ele a abraçava e não dizia nada. Mi Mi sabia que ele compreendia o que ela queria dizer e como se sentia. Quanto mais falava sobre sua vontade de caminhar, com menos frequência aquilo a atormentava. E ela acreditava quando ele dizia que não havia corpo mais lindo no mundo do que o dela.

Não havia nada que ela não tentasse fazer com ele.

Mi Mi olhou para Tin Win e, apesar de ele estar a pouco mais de quinze metros longe, ela não conseguia lidar com a distância. Tirou a camisa e o *longyi*, entrou na água e deu algumas braçadas vigorosas. O sol havia esquentado o lago, mas a água ainda estava suficientemente fria para refrescá-la. Haveria espaço suficiente para os dois em cima da pedra se ela se sentasse entre as pernas dele e se recostasse em seu corpo. Ela nadou até ele, que esticou um braço e a ajudou a sair da água. Ela se recostou nele. Ele colocou os braços ao redor de sua cintura e a segurou com força.

“Não aguentei ficar sem você”, ela sussurrou.

“Estive aqui o tempo todo.”

“Queria sentir você. E fiquei triste.”

“Por quê?”

“Porque você estava longe, porque eu não podia tocá-lo”, respondeu ela, surpresa com as próprias palavras. “Todas as horas que passamos separados me entristecem. Todos os lugares aonde vou sem você. Todos os passos que você dá sem me levar em suas costas. Todas as noites em que não adormecemos abraçados e todas as manhãs em que não acordamos lado a lado.”

Ela se virou e se ajoelhou diante dele. Segurou a cabeça dele, e ele escutou as lágrimas correndo por seu rosto. Ela beijou as sobrancelhas e os olhos dele. Beijou seus lábios e pescoço. Os lábios dela estavam macios e úmidos. Ela o cobriu com beijos. Ele a puxou para si, e ela envolveu o quadril dele com as pernas. Ele a segurou com firmeza, com muita firmeza. Caso contrário, ela podia fugir.

As batidas faziam com que ele se lembrasse do gotejar constante de uma tempestade. Nos últimos dias, os silêncios entre as batidas tinham se tornado mais compridos. Era uma fonte que gradualmente secava.

Tin Win sabia que aquilo aconteceria. Semanas antes. O coração de U May sempre parecera cansado e desgastado, mas, recentemente, as batidas tinham se tornado mais fracas do que o normal. Nas duas últimas semanas, um jovem monge vinha lecionando para os alunos sozinho, enquanto U May descansava em sua cama, fraco demais para se levantar. Não comia nada e bebia muito pouco, apesar das temperaturas tropicais.

Mi Mi e Tin Win tinham passado os últimos dias e noites ao lado de sua cama. Tin Win havia lido para ele até as pontas de seus dedos ficarem doloridas. Mi Mi havia se oferecido para cantar para ele, mas U May recusara. Disse que conhecia os poderes mágicos da voz dela e que não pretendia prolongar sua vida por meios artificiais. E esboçou um sorriso agradecido.

Agora, depois de descansarem um pouco, os dois estavam sentados em uma casa de chá na avenida, bebendo garapa fresca. Estava quente. Nas duas últimas semanas, Kalaw estava sendo tomada por uma onda de calor que não dava sinais de que se dissiparia. O ar estava abafado. Ninguém dizia nada. Até mesmo as moscas sofriam naquele calor, Tin Win pensou. O zunido delas parecia mais preguiçoso e menos forte do que o normal. Ao lado

deles, havia mercadores e comerciantes; todos reclamavam sem parar do clima. Para Tin Win, aquilo era incompreensível. U May estava morrendo a menos de duzentos metros, e as pessoas apenas bebiam seu chá. Cuidavam da vida. Conversavam sobre trivialidades como o clima.

Ele reconheceu o monge que se aproximava pela maneira como caminhava, aquele modo irregular. Era Zhaw, cuja perna esquerda era levemente mais curta que a direita e que mancava por causa dela, ainda que não visivelmente — ninguém além de Tin Win havia notado. Zhaw tinha más notícias — seu coração parecia quase tão arrasado quanto o do bezerro ferido que Mi Mi havia encontrado pouco tempo antes e que morrera em suas mãos.

“U May perdeu a consciência”, disse Zhaw, completamente sem fôlego.

Tin Win levantou-se e ajoelhou-se diante de Mi Mi, que subiu em suas costas e, juntos, eles partiram. Ele desceu a avenida correndo, e Mi Mi o direcionou pelo tráfego e pelas carroças. Eles entraram na rua que levava ao mosteiro, atravessaram o quintal e subiram os degraus.

Todos os monges e muitas pessoas da cidade tinham se reunido ao redor de U May. Eles estavam sentados no chão e tomavam quase metade do grande corredor de meditação. Ao verem Tin Win e Mi Mi, eles abriram um corredor estreito até o leito de U May. Mi Mi ficou chocada ao vê-lo. Seu rosto havia se tornado ainda mais magro na última hora. Seus olhos estavam tão fundos que pareciam estar desaparecendo dentro do crânio. Seu nariz estava mais protuberante, e os lábios tinham quase sumido. A pele esticada de seu rosto era tão pálida e sem vida como um pedaço de couro. Suas mãos continuavam dobradas sobre seu abdome.

Eles se agacharam ao lado da cama, Mi Mi um pouco mais para trás. Tin Win mantinha os braços cruzados no peito.

Ele sabia que não tinham muito tempo. O coração de U May

estava um pouco mais alto do que o bater de asas de uma borboleta. Ele vinha temendo aquele momento. Há algum tempo, ele não conseguia imaginar a vida sem U May. Sem sua voz. Sem seus conselhos. Sem seu incentivo. U May tinha sido a primeira pessoa com quem ele se abrira. E U May havia tentado livrá-lo do medo.

“Toda vida tem a semente da morte”, ele havia explicado a Tin Win muitas vezes naqueles primeiros anos de amizade. A morte, assim como o nascimento, era uma parte da vida da qual ninguém podia escapar. Não fazia sentido resistir. Era muito melhor aceitá-la como natural a temê-la.

Tin Win gostava da lógica do argumento, mas nunca o convenceu. Seu medo permanecia. O medo da morte de U May, mas também a sua própria morte. Não que ele estivesse se prendendo à própria vida ou que a considerasse especialmente valiosa. Ainda assim, o medo estivera presente, beirando o pânico, algumas vezes. Tinha uma essência animal e o lembrava do leitão que ele vira o pai matar, certa vez. Uma cena da qual ele nunca se esqueceria. Aqueles olhos arregalados. Os gritos, a luta desesperada, o corpo todo estremecido. O medo da morte é, presumidamente, um instinto de sobrevivência, Tin Win pensou mais tarde. Deve ser uma parte essencial de nós, de todas as criaturas da Terra. Ao mesmo tempo, devemos transcendê-la para ficar em paz. Ele julgava esta uma enorme contradição. Nem uma vez, nos últimos dois anos, ele havia pensado na morte, e agora que a morte iminente de U May o levava à reflexão, sentiu-se inesperadamente tranquilo. Agora que finalmente tinha algo a perder, não sentia mais medo. Adoraria ter pedido uma explicação para U May, mas já era tarde demais. De repente, U May mexeu os lábios.

“Tin Win, Mi Mi, vocês estão aí?” Ele não estava falando, apenas respirando as palavras.

“Sim”, disse Tin Win.

“Você se lembra de como eu queria morrer?”

“Sem medo e sorrindo”, respondeu Tin Win.

“Não sinto medo”, sussurrou U May. “Mi Mi dirá se estou conseguindo sorrir.” Tin Win segurou a mão de U May e implorou para que ele não dissesse mais nada. “Poupe-se.”

“Para quê?”

Parecia sua última palavra. Tin Win desejou que ele dissesse algo. Nenhuma vida deveria acabar com uma pergunta. Para quê?

Parecia um esforço em vão. Como a dúvida. Como algo não realizado. Tin Win contou os segundos entre as batidas do coração. Várias respirações aconteceram entre cada batida. Mais uma vez, U May abriu a boca. Tin Win se inclinou para a frente.

E então, o silêncio. Tin Win esperou. Silêncio. Um silêncio sem limites, envolvendo tudo, engolindo todos os sons.

Ele escutou o coração de Mi Mi e então o seu próprio, os ritmos gradualmente se convergindo, pouco a pouco, combinando um com o outro, e por alguns segundos — pareceu muito tempo — ele escutou seus corações baterem juntos, como um.

De certos momentos fortes de sua vida, Yadana se lembraria até o dia de sua morte. A primeira vez em que viu Tin Win era um deles. Ela estava sentada na varanda de sua casa, pronta para tecer palha para fazer um cesto. Era o fim da tarde; ela já conseguia sentir o cheiro e ouvir a fogueira dos vizinhos, o bater de panelas e peças de metal. Estava sozinha. O marido e os filhos ainda estavam no campo. De repente, Tin Win apareceu no quintal, carregando Mi Mi nas costas. Nem mesmo depois de tanto tempo, ela conseguia explicar o que a deixara tão emocionada. Era o brilho no rosto jovem de Tin Win. Era a sua risada quando Mi Mi sussurrava algo em seu ouvido. Era a maneira com que ele subia os degraus da varanda animadamente, passando de um para o outro, agachando-se para permitir que Mi Mi descesse de suas costas. Era simplesmente a luz nova no rosto de sua filha, os olhos como duas estrelas na noite.

Depois disso, Tin Win levava Mi Mi para casa todas as noites. A princípio, ele se mostrava alheio, deixava Mi Mi descer e se despedia delas logo depois. Mas depois de algumas semanas, ele já estava ajudando Mi Mi a cozinhar e ficava para o jantar.

Yadana passou a chamá-lo de filho mais novo. Quanto mais o conhecia, mais gostava dele. Seu tato, sua consideração, a delicadeza com que tratava Mi Mi. Seu humor e simplicidade. Sua intuição. Geralmente, ele parecia saber como Yadana e sua família estavam antes mesmo de trocarem qualquer palavra. Yadana

também não notava nenhuma irritação com a falta de visão, muito menos quando Mi Mi estava nas costas dele. Às vezes, ver os dois subindo a montanha a levava às lágrimas. Apesar do peso, Tin Win caminhava perfeitamente ereto. Ele não carregava Mi Mi como uma obrigação. Ele a levava como se fosse um presente, de um jeito feliz e orgulhoso. Ela ficava em suas costas, cantando ou sussurrando em seu ouvido. Normalmente, Yadana reconhecia os dois pelas risadas muito antes de vê-los se aproximando. Seu marido se referia a eles como “irmão e irmã” depois de alguns meses e continuou chamando-os daquela maneira quase quatro anos depois. Estaria ele apenas sendo cuidadoso com as palavras escolhidas, ou realmente não conseguia entender o que estava acontecendo diante de seus olhos? Quanto mais ela pensava nisso, mais suspeitava de que ele era sincero no que dizia e que, como muitos homens, não tinha noção de certas coisas, que o teria ajudado a ver além do superficial.

Era óbvio que Tin Win e Mi Mi eram mais do que irmãos havia muito tempo. A alegria que Mi Mi irradiava não tinha nada de infantil. Tin Win continuava sendo discreto, educado e respeitoso, mas, em sua voz, gestos e movimentos, percebia-se mais do que atenção e delicadeza. Aqueles dois jovens dividiam uma intimidade da qual Yadana quase sentia inveja. Ela própria nunca havia sentido nada daquilo com o marido e, verdade seja dita, não conhecia duas pessoas tão próximas uma da outra.

Yadana tentava imaginar se era o momento certo, agora que os dois tinham dezoito anos, de falar sobre casamento. Mas como Tin Win era órfão, ela não sabia a quem recorrer. Talvez, pensou, ela devesse simplesmente esperar até Mi Mi ou Tin Win perguntar. Que diferença fariam alguns meses ou mesmo um ano? Ela estava certa de que não precisava se preocupar com a filha nem com Tin Win. Eles haviam descoberto um segredo da vida que ela não conhecia, apesar de saber de sua existência.

Já havia escurecido, certa noite de verão, quando Tin Win chegou em casa depois de passar a tarde no lago com Mi Mi. O nado e a longa caminhada o haviam deixado agradavelmente exausto. A temperatura estava amena depois de um dia quente. O ar estava seco e confortavelmente morno. O coaxar dos sapos na água perto dali estava tão alto que encobria todos os outros sons. Su Kyi já devia ter preparado o jantar. Ao abrir o portão do quintal, de repente, ele escutou duas vozes desconhecidas — homens conversando com Su Kyi. Eles estavam sentados perto da fogueira na frente da casa. Ele escutou Su Kyi se levantar e se aproximar dele. Ela o segurou pela mão e o levou até os desconhecidos. Os homens foram diretamente ao assunto. Estavam esperando por Tin Win a tarde toda. Su Kyi os havia deixado bem à vontade, servindo chá e castanhas. Agora, eles estavam cansados da longa viagem e ansiosos para irem ao hotel. Principalmente porque, no dia seguinte, eles fariam um trajeto cansativo. Eles tinham vindo de Rangum. Seu tio, o respeitado U Saw, deu a eles a incumbência de levar Tin Win para a capital pela maneira mais rápida possível. Ele tomaria conhecimento de todos os detalhes pessoalmente, com seu tio. Eles pegariam o trem para Thazi na manhã seguinte, onde, algumas horas depois, embarcariam no expresso noturno de Mandalay para chegarem a Rangum na outra manhã. As passagens já tinham sido compradas e os assentos, reservados. O primeiro trem partiria de Kalaw às sete. Eles iriam

buscá-lo. Pediram que ele os esperasse às seis, pronto para partir.

A princípio, Tin Win não compreendeu o que eles estavam dizendo. Como sempre acontecia com desconhecidos, ele havia escutado primeiro o coração e a voz deles e não as palavras. Os batimentos cardíacos não tinham revelado muita coisa. As vozes deles pareciam estranhamente inexpressivas. O que faziam em Kalaw, o que diziam a ele naquele momento, tinha pouca importância para eles.

Apenas o suspiro profundo de Su Kyi o colocou em alerta. E seu coração. Estava batendo mais apressado do que a situação pedia, como se ela tivesse acabado de subir um monte. Mas Tin Win havia aprendido, com a ajuda de Mi Mi, que não era apenas o esforço físico que fazia o coração bater daquele jeito. As pessoas podiam estar sentadas no chão, aparentemente tranquilas, enquanto seu coração batia dentro do peito como um animal fugindo para se salvar. Ele aprendera, por experiência própria, que os sonhos e as fantasias costumavam preocupar e ameaçar as pessoas mais do que a realidade, que a cabeça podia sobrecarregar o coração infinitamente mais do que o trabalho mais árduo.

Com o que Su Kyi estava tão preocupada? Agora que os homens tinham partido, e ela repetia frase a frase o que eles tinham dito, as palavras, aos poucos, se assentaram. De trem. Para a capital. Sozinho.

“Por quê? O que meu tio quer de mim?”, perguntou Tin Win quando finalmente compreendeu.

“Não sei”, respondeu ela. “As pessoas da cidade dizem que ele é muito rico, que tem amigos bons e influentes entre os ingleses. Dizem que ele é amigo até do governador. Tenho certeza de que ele pode ajudar você.”

“Não preciso de ajuda nenhuma”, Tin Win se irritou ao pensar que alguém, por pena, pudesse ajudá-lo.

“Talvez ele tenha sabido a respeito do problema com seus olhos

e queira que um médico inglês examine você. De qualquer modo, precisamos decidir o que você levará amanhã.” Ela se virou para entrar na casa.

“Su Kyi.” O coração dela estava fora de ritmo com as palavras que dizia para confortá-lo. “O que você acha, de verdade?”

“Ai, Tin Win. Vou sentir sua falta. Mas não devo dizer isso, estaria sendo uma velha egoísta. Preciso ficar feliz por você.”

“Su Kyi!” A voz dele era de reprovação. Ele percebeu de modo claro que ela estava escondendo o que realmente pensava.

“Além disso, você passará apenas algumas semanas fora, no máximo”, ela continuou, como se não tivesse ouvido o que ele dissera.

Tin Win ficou assustado. Até aquele momento, a ideia da viagem tinha sido algo abstrato. Ele nunca havia viajado e não sabia o que aquilo envolvia. Teria que deixar Kalaw. Chegaria a um novo lugar, desconhecido e, assim, ameaçador, e não sabia o que esperar ali. Teria que ficar sem Su Kyi, sem o mosteiro e os monges, sem sua casa, sem os sons e cheiros familiares. Sem Mi Mi.

A ideia era tão absurda que não havia sido absorvida até aquele momento. Agora, ele partiria em poucas horas sem nem ao menos saber quando voltaria. Dentro de poucas semanas? Dentro de dois meses? Nunca mais? Ele sentiu os demônios e fantasmas agitados em seu peito.

Tin Win pegou o caminho de pedras pela encosta da montanha. Conhecia todas as pedras, todos os buracos ao longo do caminho. Caminhou mais depressa, começou a correr. A princípio, devagar, e então, com passos mais rápidos, até alcançar velocidade máxima.

Uma força o levava adiante, uma força que não pensava no fracasso. Ele passou correndo pelo lago e entrou na plantação de bambu. Desceu o campo correndo e foi para o outro lado. Corria sem tropeçar, quase sem sentir a terra sob seus pés. Seria a memória, a intuição ou o desejo que o guiavam com tanta confiança para a casa de Mi Mi?

Ele percorreu os últimos metros mais lentamente e recuperou o fôlego por um momento atrás do arbusto de hibisco que protegia a casa da estrada. Entrou no quintal. O cachorro correu e pulou nele. Tin Win o acariciou e acalmou. O porco roncava na varanda. A casa estava em silêncio. Ele subiu os degraus lentamente. A porta estava destrancada. Rangeu quando ele a abriu. Soube, pelos batimentos cardíacos, onde Mi Mi dormia, e atravessou o caminho da porta até seu tapete com cuidado. Quase caiu em cima de uma lata de tinta no meio do chão. Ajoelhou-se ao lado dela e colocou a mão em seu rosto.

Ela acordou assustada.

“Tin Win, o que está fazendo aqui?”

“Preciso lhe contar uma coisa”, sussurrou ele.

Tin Win passou um dos braços embaixo do pescoço dela, e o outro, embaixo das pernas, e a ergueu. Seus rostos quase se tocaram. Ele nunca a havia carregado nos braços. Eles foram para a escada, desceram e atravessaram o quintal.

Ela acariciou seu rosto e pescoço.

“Você está suando.”

“Vim correndo o caminho todo. Precisava ver você.”

“Aonde vamos?”, perguntou ela.

“Não sei. A algum lugar onde possamos ficar sozinhos sem acordar ninguém.”

Mi Mi pensou por um momento. Os campos começavam algumas casas para baixo, e havia um abrigo para a chuva em um deles. Ela o direcionou para lá, e alguns minutos depois, eles

chegaram ao refúgio e entraram. As paredes eram feitas de palha, e, pelos furos no telhado, Mi Mi viu o céu, limpo, cheio de estrelas, e a noite estava quente. Mi Mi sentiu seu coração bater depressa, ansiosamente. Segurou a mão dele e a pousou sobre sua barriga.

“Mi Mi, vou partir para Rangum amanhã de manhã.”

Décadas depois, aquela frase ainda soaria nos ouvidos dela. Poucas horas antes, no lago, ela sonhara com o futuro deles, com o casamento. Ela imaginara a si mesma morando com Tin Win e uma casa com filhos no quintal, filhos com pés para andar e olhos para enxergar. Ela permanecera deitada nos braços dele, descrevendo a cena. Eles haviam decidido falar sobre o casamento com os pais de Mi Mi nas próximas semanas. E agora, ele estava indo para a capital. Mi Mi sabia o que aquilo significava. Rangum era o outro lado do mundo. Poucas pessoas iam para lá e menos ainda voltavam. Ela quis perguntar o que seu tio queria com ele, por quanto tempo ele ficaria fora e por que eles tinham que se separar, mas, ao mesmo tempo, sentiu que as palavras não podiam ajudá-la, não naquele momento, quando desejava Tin Win com todo seu corpo. Ela segurou as mãos dele e o puxou para ela. Seus lábios se encontraram. Ela tirou a camiseta, e ele beijou seus seios. Soprou a respiração quente sobre sua pele. Beijou seu corpo todo. Soltou seu *longyi*. Os dois estavam nus. Ele beijou as pernas e coxas de Mi Mi. Provocou-a com sua língua. Ela o sentiu naquele momento como nunca antes. E ela sentiu a si mesma. Mais e mais fundo, mais bonito do que nunca. Ele estava dando a ela um novo corpo a cada novo movimento. Ela se imaginou sobrevoando Kalaw, as florestas, montanhas e vales, de um pico a outro. A terra se tornou uma pequena bola na qual Rangum e Kalaw e todas as outras cidades e países ficavam a poucos centímetros de distância umas das outras. Ela perdeu o controle sobre seu corpo. Era como se cada uma de suas emoções tivesse, repentinamente, explodido, a raiva, o medo e a dúvida, a vontade, a delicadeza e o desejo. Por

um momento, na duração de algumas batidas do coração, cada uma das promessas do mundo foi cumprida, e nada poderia detê-la.

Não havia muito o que levar na viagem. Tin Win tinha poucas peças de roupa íntima, três *longyis*, quatro camisas e uma blusa, e não precisaria de tudo aquilo. Na capital, o clima era quente e úmido o ano todo. Su Kyi colocou as coisas em uma velha bolsa de pano que encontrara muito tempo antes do lado de fora de um dos clubes ingleses. Para a viagem, ela havia preparado arroz e seu curry preferido de peixe seco. Colocou a comida em uma tigela com tampa vedada e a deixou entre os *longyis*. No fundo, pôs o osso de tigre do pai de Tin Win. E a concha de caramujo e a pena de ave que Mi Mi havia dado a ele alguns meses antes. Su Kyi olhou pela janela. Devia ser cinco e meia. Ainda estava escuro, mas as aves já voavam e o amanhecer se aproximava. Tin Win voltara para casa poucos minutos antes. Estava sentado na frente da cozinha.

Pela primeira vez depois de muito tempo, Su Kyi estava, mais uma vez, preocupada com Tin Win. Desde o começo da amizade dele com Mi Mi, ele havia mudado de um modo que ela não pensava ser possível. Ele havia descoberto a vida, e quando eles comiam juntos de manhã, frequentemente, ela tinha a sensação de estar sentada ao lado de uma criança, pois ele irradiava alegria e disposição. Como se estivesse compensando todos os anos perdidos. Ela não conseguia imaginá-lo vivendo em um ambiente desconhecido sem a ajuda de Mi Mi. Ela nunca tinha visto tamanha simbiose entre duas pessoas, e havia momentos em que vê-los fazia com que ela pensasse que, talvez, uma pessoa não existisse

sozinha e que, em alguns casos, a menor unidade de humanos era formada por dois indivíduos, e não um. Talvez o tio realmente estivesse pensando no melhor para seu sobrinho. Talvez os médicos da capital pudessem curá-lo. Talvez ele voltasse dentro de poucos meses.

Ela saiu da casa e olhou para seu rosto. Já tinha visto pessoas morrerem e pessoas em luto, mas não conseguia se lembrar de ter visto um rosto tão manchado pela dor. Ela o segurou pelo braço e ele chorou inconsolavelmente. Chorou até os dois homens atravessarem o portão do quintal. Ela secou as lágrimas e perguntou se podia acompanhá-los até o trem. Claro que sim, disse um deles. O outro pegou a sacola.

Eles não trocaram nenhuma palavra no caminho. Su Kyi segurou a mão de Tin Win. Ele estava tremendo. Seu modo de caminhar estava desajeitado e incerto. Ele atravessou o caminho devagar, com receio, tropeçando mais do que caminhando, como se tivesse perdido a visão há pouco. As pernas de Su Kyi se tornavam mais pesadas a cada passo. Ela entrou em um tipo de transe, percebendo poucas coisas do que acontecia a seu redor. Escutou o zumbido da locomotiva, que já esperava na estação. Viu nuvens brancas saindo de uma torre preta. O local estava repleto de pessoas falando. Uma criança gritou. Uma mulher caiu. Tomates rolaram pelo caminho. Os dedos de Tin Win se afastaram dos delas. Os homens o levaram embora. Ele desapareceu atrás de uma porta.

A última imagem se misturou a muitas lágrimas que embaçaram sua visão. Tin Win sentou-se a uma janela aberta, com a cabeça nas mãos. Ela chamou seu nome, mas ele não reagiu. Com um apito agudo, o veículo começou a se mover. Su Kyi caminhou ao lado da janela. O trem ganhou velocidade. O zunido se tornou mais alto e mais forte. Ela começou a correr. Tropeçou. Trombou com um homem, saltou um cesto de frutas. E então, a plataforma chegou

ao fim. As duas luzes traseiras brilhavam como os olhos de um tigre na noite. Lentamente, elas desapareceram em uma curva. Quando Su Kyi se virou, a plataforma estava vazia.

U Ba estava falando por horas, sem parar. Seus lábios estavam entreabertos. Ele olhava diretamente para mim e estava parado, exceto pelo subir e descer de seu peito. Ouvi minha respiração, as abelhas. Eu estava segurando os braços da poltrona. Só me sentia tensa daquela maneira dentro de aviões e, mesmo assim, apenas quando havia uma turbulência e começavam os procedimentos de voo. Lentamente, eu relaxei e me afundei de novo nas almofadas macias.

Nosso silêncio persistiu, de modo que a casa foi tomada por sons irritantes. A madeira rangia. Escutei um farfalhar a meus pés. Algo arrulhava sob o beiral. Em algum lugar, o vento balançava uma janela. A torneira da pia estava pingando... ou será que imaginei ter escutado o coração de U Ba bater?

Tentei imaginar meu pai. A solidão na qual ele vivera, sua privação, a escuridão que o cercara até ele conhecer Mi Mi. Como devia ter se sentido com a possibilidade de perder tudo que ela havia dado a ele? Meus olhos ficaram marejados. Eu me esforcei para conter as lágrimas, mas isso deixou tudo pior. Então, simplesmente chorei... chorei como se eu mesma o tivesse levado ao trem para Rangum. U Ba ficou de pé e se aproximou de mim. Colocou a mão em minha cabeça. Eu estava desconsolada. Talvez aquela fosse a primeira vez em que eu realmente chorava pelo meu pai. Houve dias, depois de seu desaparecimento, em que eu senti muito a falta dele. Eu me sentia triste, desanimada. Acredito que

até já tivesse chorado, sim. Mas não tenho certeza. Além disso, para quem seriam as lágrimas? Para ele? Para mim, porque eu havia perdido o meu pai? Ou será que as lágrimas eram de raiva e decepção por ele ter nos abandonado?

Para ser sincera, ele nunca havia contado nada a respeito daqueles primeiros vinte anos e, assim, nunca nos dera a chance de sofrer com ou por ele. Mas eu teria me interessado em saber? Eu tinha o direito de sentir pena dele? Os filhos querem conhecer os pais como indivíduos independentes? Conseguimos vê-los como eram antes de chegarmos ao mundo?

Peguei um lenço de minha mochila e sequei o rosto.

“Você está com fome?”, perguntou U Ba.

Neguei, balançando a cabeça.

“Com sede?”

“Um pouco.”

Ele foi para a cozinha e voltou com uma caneca de chá gelado. Tinha gosto de gengibre e lima e me acalmou.

“Está cansada? Quer que eu a leve para o hotel?”

Eu estava exausta, mas não queria ficar sozinha. Pensar naquele quarto me deixava inquieta. A meu ver, ele era maior do que a sala de jantar vazia, e a cama parecia maior do que o gramado do hotel. Eu me vi deitada nela, sozinha e perdida.

“Gostaria de descansar um pouco. Você se importaria muito se eu... por alguns minutos, se eu...?”

U Ba me interrompeu.

“De maneira nenhuma, Julia. Deite-se no sofá. Vou buscar um cobertor.”

Mal consegui sair da poltrona, estava fraca demais. O sofá era mais confortável do que parecia. Eu me encolhi nas almofadas e notei vagamente que U Ba estendia um cobertor em cima de mim. Adormeci quase imediatamente, um sono leve. Escutei as abelhas. O zunido constante delas me ninou. U Ba passou pela sala. Cães

latiam. Um galo cantava. Porcos roncavam. A saliva escorregou pelo canto de minha boca.

Quando acordei de novo, estava escuro e silencioso. Demorou um pouco para eu perceber onde estava. Fazia frio. U Ba colocara um outro cobertor mais pesado em cima de mim e um travesseiro sob minha cabeça. Sobre a mesa à minha frente, havia uma xícara de chá, um prato de salgados e um vaso com flores de jasmim. Escutei uma porta pesada de madeira sendo fechada, virei para o lado, encolhi as pernas ainda mais, puxei os cobertores até o queixo e voltei a dormir.

Estava claro quando abri os olhos. À minha frente, o vapor saía de um copo de água. Ao lado dele, havia um sachê de Nescafé, um torrão de açúcar, leite condensado e salgados frescos. Os raios de sol entravam por uma das duas janelas, e, do sofá, conseguia ver um pouco do céu. Seu azul estava mais escuro e mais intenso do que eu já tinha visto em Nova York. Senti cheiro de manhã e, de repente, pensei em nossos fins de semana de verão nos Hamptons, quando eu ficava deitada na cama de manhã, uma menininha escutando o ronco do mar pelas janelas abertas, sentindo o cheiro do ar frio na sala, um ar que — apesar do frio — já prenunciava o calor do dia.

Eu me levantei e me espreguiceei. Surpreendentemente, não senti a dor nas costas que normalmente sentia depois de passar a noite em uma cama diferente da minha. Devo ter dormindo bem naquele velho sofá com fino estofamento. Caminhei até uma das janelas. Um vasto arbusto de buganvília crescia ao redor da casa. O quintal estava limpo. A lenha estava empilhada de modo organizado entre duas árvores, com atiçador ao lado. Um cão viralata andava por ali, e o porco chafurdava.

Fui até a cozinha. Havia uma pequena fogueira em um canto; acima dela, uma chaleira. A fumaça subia e desaparecia por uma abertura no telhado. Ainda assim, meus olhos arderam. Encostado na parede, havia um armário aberto com duas tigelas esmaltadas de branco e pratos, copos e panelas escurecidas. Na prateleira mais

baixa, havia ovos, tomates e um maço de cebolinha-branca, gengibre e limões-galegos.

“Julia?” A voz dele vinha do outro cômodo.

U Ba estava sentado a uma mesa, cercado por livros. A sala toda estava tomada por eles. Parecia uma biblioteca em ruínas. Os livros tomavam as prateleiras do chão ao teto. Estavam organizados em pilhas no chão de madeira e sobre uma poltrona. Formavam uma pilha alta na segunda mesa. Alguns eram finos como dedos, outros, do tamanho de dicionários. Havia livros de bolso entre eles, mas a maioria era de capa dura, alguns até de capa de couro. U Ba sentou-se curvado em um livro aberto cujas páginas amareladas possuíam vários pequenos furos. Ao lado dele, havia uma série de pinças e tesouras, e um jarro de uma cola branca viscosa. Duas lamparinas a óleo na mesa ofereciam mais iluminação. U Ba olhou para mim por cima dos aros grossos.

“O que você tem feito, U Ba?”

“Só estou passando o tempo.”

“Fazendo o quê?”

Ele pegou um pequeno pedaço de papel com uma pinça comprida e fina, enfiou-o levemente na cola, e então o posicionou em cima de um dos furinhos do livro. Com uma caneta preta fina, ele pintou a metade de cima de um *o*. Tentei ler o texto ao qual a letra pertencia.

Não de xaremos d exp orar

E a término de nos a expl ração

D veremos c egar ao p nto de part da

E conh cer esse l gar pel primei a ve .

U Ba olhou para mim e recitou as frases completas, de cor.

“De uma coleção de poemas de Eliot”, disse ele. “T.S. Eliot. Eu o

considero muito importante.” Ele sorriu, satisfeito, e mostrou para mim as primeiras páginas do livro. Elas estavam tomadas por pedaços de papel colados. “Talvez não esteja novo, mas, pelo menos, está legível de novo.”

Olhei para ele e para o livro. Estaria falando a sério? Aquele livro devia ter pelo menos duzentas páginas repletas de furos. “Quanto tempo um livro como esse demora para ficar pronto?”

“Hoje em dia, alguns meses. Eu era mais rápido. Agora, meus olhos não colaboram mais, e minhas costas reclamam depois de algumas horas que passo curvado. Em outros dias, minhas mãos tremem demais.” Ele folheou as páginas restantes e suspirou. “Este livro em especial está em um estado realmente deplorável. Até mesmo as traças parecem gostar de Eliot.”

“Mas certamente existe um modo mais eficiente de restaurar livros. Você nunca vai terminar, desse jeito.”

“Nenhum método que esteja ao meu alcance, receio.”

“Eu poderia enviar a você novas edições de Nova York, daqueles de que você mais gosta”, sugeri.

“Não se incomode. Eu leio os mais importantes enquanto eles ainda estão em boas condições.”

“Então, por que você os está restaurando?”

Ele sorriu.

Nós dois ficamos em silêncio, e eu olhei ao redor. Ali estava eu, em um casebre de madeira sem eletricidade e água potável, cercada por milhares de livros. “Onde conseguiu todos eles?”, perguntei.

“Com os ingleses. Eu sempre adorei livros, desde menino. Muitos dos ingleses não voltaram depois da guerra e, depois da independência, muitos mais partiam todos os anos. Os livros que eles não queriam levar, eles deixavam para mim.”

Ele ficou de pé, aproximou-se de uma estante, puxou um livro com capa de couro e folheou. As folhas pareciam perfuradas.

“Olha, muitos tiveram o mesmo triste destino que o livro de Eliot. O clima. As traças e os insetos.”

U Ba se aproximou de um pequeno armário atrás de sua mesa.

“Estes são os que terminei.” Ele apontou para cerca de vinte livros, pegou um deles e o entregou a mim. Ele tinha uma capa resistente de couro e a sensação de tocá-lo era ótima. Eu o abri. Até mesmo a página de rosto tinha pedaços de papel. A ALMA DE UM POVO, estava escrito em letra grande. Londres, 1902.

“Quem quiser aprender mais sobre o nosso país, deveria começar por aqui.”

“Não é exatamente atual”, disse eu, levemente irritada.

“A alma de um povo não muda de um dia para o outro.”

U Ba levou a mão ao lóbulo da orelha e olhou ao redor, procurando algo. Pegou alguns livros de uma estante mais baixa. Ele os havia alinhado, uma fileira atrás da outra. Tirando uma chave de uma caixa vermelha de sua mesa, ele abriu uma gaveta.

“Como eu pensei... eu o tranquei”, disse ele, pegando um livro. “Está em Braille. Su Kyi deu este livro para mim antes de morrer. É o primeiro volume de um dos preferidos de Tin Win. Ela se esqueceu de colocá-lo na bolsa dele quando ele partiu para Rangum.”

Era pesado e estranho. Diversos pedaços de fita seguravam as folhas unidas de modo precário.

“É melhor você se sentar. Venha comigo. Vamos tomar uma xícara de café, e você poderá analisá-lo o quanto quiser.”

Fomos para a sala de estar. U Ba despejou água de uma garrafa térmica em um copo e fez café. Coloquei o livro em meu colo e o abri. As páginas eram repletas de furos, como naqueles outros livros. Passei o dedo indicador em cima de uma página, de modo casual, como se analisasse a limpeza feita por minha faxineira na estante. O livro me afetou. Eu o fechei e coloquei em cima da

mesa. À distância, escutei um canto. Várias vozes, fracas e praticamente inaudíveis, tão suaves que ameaçavam desaparecer antes de chegar a meus ouvidos. Uma onda quebrando na areia antes de cobrir meus pés.

Escutei com atenção o silêncio, mas não ouvi nada, acompanhei a canção de novo, e então a perdi, segurei o fôlego e fiquei sentada, parada, até escutar as notas de novo, um pouco mais alto agora. Alto o suficiente para que eu não as perdesse de novo. Só podia ser um coral de crianças incansáveis repetindo um mantra melódico.

“São as crianças do mosteiro?”, perguntei.

“Mas não as do mosteiro da cidade. Há outro nas montanhas, e quando o vento sopra nesta direção, o canto delas chega a nós de manhã. Você está escutando o que Tin Win e Mi Mi escutavam. Não era diferente há cinquenta anos.”

Fechei os olhos e estremei. As vozes das crianças pareciam passar por meus ouvidos, para dentro de meu corpo e me tocar como nenhuma palavra, nenhum pensamento e nenhuma pessoa tinham feito antes.

De onde vinha a magia? Eu não conseguia compreender nenhuma palavra do que elas cantavam. O que me afetava tanto? Como uma pessoa pode ser levada às lágrimas por algo que não consegue ver, entender, nem segurar, um som simples que desaparece quase no momento em que surge?

A música, meu pai sempre disse, era a única razão pela qual ele às vezes conseguia acreditar em um deus ou em um poder celestial.

Todas as noites, antes de nos deitarmos, ele se sentava na sala de estar, de olhos fechados, ouvindo a música nos fones de ouvido. É a única maneira de minha alma conseguir descansar à noite, dizia ele, baixinho.

Não consigo me lembrar de um concerto ou ópera no qual ele

não chorasse. As lágrimas escorriam por seu rosto como água de um lago, silenciosa, mas com força, derrubando barragens. Ele sorria o tempo todo.

Certa vez, perguntei a ele o que ele levaria a uma ilha deserta, se pudesse escolher: música ou livros.

Desejei que o canto das crianças não terminasse. Queria que me acompanhasse ao longo do dia. Ao longo de minha vida. E depois dela. Será que eu já havia me sentido tão próxima de meu pai? Talvez U Ba tivesse razão. Talvez ele estivesse por perto, e eu só precisasse procurá-lo.

PARTE TRÊS

Eu quis ver a casa onde meu pai passara a infância e a juventude. Talvez ele e Mi Mi estivessem escondidos ali? U Ba hesitou.

“As construções estão em condições precárias. Você vai precisar de muita imaginação para encontrar traços da infância dele ali”, ele me alertou.

Mas eu já conseguia escutar a respiração de meu pai poucos metros à frente. Ele estava ofegante por tê-la carregado montanha acima. Ela estava mais pesada, e ele, mais velho. Escutei os dois sussurrando. As vozes deles. Mais alguns passos e eu os ultrapassaria.

Só mais alguns passos.

“Preciso fazer algo”, disse U Ba. “Você pode ir em frente.” Ele indicou o caminho e disse que me alcançaria.

Então, subi a montanha sozinha. U Ba havia descrito em detalhes precisos o caminho de lama com buracos profundos e sulcos. Tudo era estranhamente familiar para mim. Fechei os olhos e tentei imaginar meu pai caminhando por ali. Fiquei assustada com os diversos barulhos que escutei de repente. Aves. Gafanhotos. Cigarras. Um zunido alto e desagradável de moscas, os latidos distantes de um cão. Meus pés ficaram presos nos buracos e sulcos da terra. Tropecei, mas não caí. Senti cheiro de eucalipto e jasmim. Um carro de boi me ultrapassou. Os animais eram muito maltratados. Sob a pele, as costelas ficavam aparentes, e os olhos

eram protuberantes, como se estivessem prestes a explodir pelo desgaste.

No topo, eu vi a casa. Diminuí o passo. No portão do jardim, eu parei, desanimada.

O portão estava retorcido, com a dobradiça de baixo quebrada. A grama crescia das frestas dos pilares de alvenaria. A cerca de madeira estava tomada pelos arbustos. Faltava uma ripa a cada duas ou três. A grama no quintal era marrom-acinzentada, queimada pelo sol. A construção principal, uma casa amarela de dois andares, em estilo Tudor, tinha uma grande varanda no segundo andar, do qual era possível ver a cidade e as montanhas. Seus suportes, os beirais e a estrutura da janela eram decorados com entalhes de madeira. Havia um conservatório e diversas janelas salientes. Uma árvore estava saindo da chaminé. A armação fina do telhado estava parcialmente exposta onde várias telhas faltavam. A grade da varanda havia perdido quase todas as hastes, e a chuva havia manchado a tinta da fachada. A maioria das janelas estava quebrada.

Construções vazias me deixavam deprimida, mesmo em Nova York. Na infância, eu sempre me mantinha afastada delas, atravessava a rua sempre que encontrava uma. Eram assombradas. Atrás das janelas com madeiras, havia fantasmas esperando por mim. Eu ousava caminhar por elas apenas quando meu pai estava comigo e, mesmo assim, permanecia do lado da rua.

Aquela casa tinha a mesma atmosfera assustadora. Por que ninguém cuidava dela? Sua beleza de antes ainda podia ser percebida. Qualquer pessoa poderia tê-la mantido sem muito esforço. Poderia.

E o que teria acontecido? O que existia ali dentro? Fantasmas? Duas vidas não vividas?

Atrás dessa casa, havia o casebre pobre no qual Su Kyi e meu pai devem ter morado. Era menor do que nossa sala de estar em Nova

York. Não vi nenhuma janela e apenas o espaço de uma porta, vazio. O telhado de metal corrugado marrom estava destruído pela ferrugem, a parede se desfazia. Vi o local onde era acesa a fogueira, alguns atizadores desgastados e o banco de madeira. Duas mulheres jovens estavam sentadas nele com seus bebês no colo. Elas olharam para mim e sorriram. Ao lado da cabana, quatro *longyis* secavam ao sol, pendurados. Dois cachorros filhotes caminhavam pelo quintal. Um terceiro arqueou as costas para defecar e depois me lançou uma expressão de pesar.

Respirei profundamente duas vezes e atravessei o portão. À minha frente, no gramado, havia um cepo. Devia ser de um pinheiro muito velho e grande. Formigas passavam por seu casco grosso. A madeira era macia e estava roída em diversos pontos, mas o cerne ainda estava inteiro, mesmo depois de tantos anos. Subi nele sem dificuldade. Era úmido e firme. A vista para o vale estava obstruída por diversos arbustos grandes. Eu sabia, agora, por que quisera conhecer aquele lugar a qualquer custo e, ainda assim, o temera. Ali estava a chave para a narrativa de U Ba. Desde que eu escutara as crianças cantando no mosteiro de manhã, a história dele havia deixado de ser uma fábula. Reverberava em meus ouvidos, e eu conseguia sentir seu cheiro e tocá-la com minhas mãos. Aquele era o cepo onde meu pai havia esperado em vão pela mãe dele, minha avó. Onde ele havia quase morrido de fome. Naquele quintal, ele perdeu a visão e vivera naquela cidade estranha onde pouco havia mudado ao longo dos últimos cinquenta anos. Ele e Mi Mi. U Ba estava me levando a eles. Escutei os sussurros deles. As vozes. Só mais alguns passos.

E se a próxima coisa que eu visse fosse os dois, de pé, na minha frente? Fiquei em pânico ao pensar nisso. Talvez Mi Mi e meu pai estivessem escondidos naquela casa velha. Talvez eles já tivessem me visto da janela. Será que eles se esconderiam de mim, correriam ou sairiam da casa e se aproximariam? O que eu diria?

Oi, pai? Por que você nos abandonou? Por que nunca me disse nada sobre Mi Mi? Senti sua falta?

Como ele reagiria? Ficaria irritado comigo por tê-lo procurado e por encontrá-lo quando, obviamente, ele pretendia desaparecer sem deixar vestígios? Será que eu não deveria ter respeitado sua vontade e permanecido em Nova York? Será que ele me abraçaria, apesar de tudo? Será que eu veria aquela luz em seus olhos, a luz da qual eu sentia tanta saudade? Doía não ter certeza de sua reação. Por que eu duvidava de que ele ficaria feliz ao me ver?

“Mi Mi e seu pai não moram aqui.” Era U Ba. Eu não o vira entrando.

“U Ba, você me assustou.”

“Me desculpe, não era a intenção.”

“Como sabia em que eu estava pensando?”

“Em que mais você poderia estar pensando?”

Ele sorriu e inclinou a cabeça. Ele me lançou um olhar carinhoso, um olhar que inspirava ousadia. Eu senti vontade de estender a minha mão para ele. Talvez ele me guiasse naquela casa assombrada, talvez me levasse para casa. Para um local seguro.

“De que você tem medo?”

“Não sei.”

“Você não teria motivo para se preocupar. Você é a filha dele. Por que você duvida do amor dele?”

“Ele nos abandonou.”

“Uma coisa exclui a outra?”

“Sim.”

“Por quê? O amor tem tantas faces diferentes que nossa imaginação não está preparada para ver todas elas.”

“Por que tem que ser tão difícil?”

“Porque vemos apenas o que já conhecemos. Projetamos nossas próprias capacidades — para o bem e também para o mal — em outra pessoa. Então, reconhecemos como amor primeiramente

aquelas coisas que correspondem à nossa própria imagem. Desejamos ser amados como nós amaríamos. Qualquer outra maneira nos deixa desconfortáveis. Reagimos com dúvida e desconfiança. Interpretamos os sinais da maneira errada. Não compreendemos a linguagem. Acusamos. Afirmamos que a outra pessoa não nos ama. Mas talvez ela apenas nos ame de um modo idiossincrático que não reconhecemos. Espero que você compreenda o que quero dizer quando eu terminar a minha história.”

Não entendi. Mas confiei nele.

“Comprei algumas frutas na feira. Se quiser, podemos nos sentar sob o abacateiro, e poderei continuar a nossa história.” Ele se adiantou com passos rápidos, aproximou-se das duas jovens, que aparentemente o conheciam bem. Elas riram juntas, olharam para mim, assentiram e se levantaram. U Ba colocou o banco de madeira embaixo do braço e o levou à árvore, na sombra, onde eu estava esperando.

“A menos que eu esteja enganado, foi seu avô quem fez isto. Teca. Vai durar cem anos, pelo menos. Só tivemos que consertá-lo uma vez.” Ele pegou uma garrafa térmica e dois copos pequenos de uma bolsa e despejou o chá.

Fechei os olhos. Meu pai estava indo para Rangum, e eu tinha a impressão de que acabaria sendo uma viagem angustiante.

Finja-se de morto. Não se mexa. Torça para o tempo passar. Não emita qualquer som. Recuse comida e bebida. Respire de modo raso. Torça para não ser real.

Tin Win estava receoso dentro do trem, sem reação. Ignorou as perguntas dos homens até eles desistirem e o deixarem em paz. As conversas, os batimentos cardíacos de seus companheiros de viagem passavam por ele sem serem notados, assim como a paisagem noturna passava pelos olhos dos outros passageiros.

A atmosfera silenciosa na casa de seu tio tornava as coisas mais simples. Não era preciso mudar de trem nem ignorar as perguntas. Ele estava sozinho. Permaneceu deitado imóvel em uma cama, com os braços e pernas abertos.

Finja-se de morto. Nem sempre ele conseguia.

Ele choraria. Sucumbiria às convulsões que duravam alguns minutos e então passavam. Como a água sendo absorvida pela areia.

“Por favor”, disse ele em um meio sussurro, como se estivesse se dirigindo a alguém na sala, “por favor, não permita que seja isso. Por favor, permita-me acordar.” Ele imaginou a si mesmo deitado em seu tapete de palha em Kalaw, com Su Kyi adormecida a seu lado. Ele permaneceu na cama quando ela acordou. Ele escutou seus movimentos na cozinha. Sentiu o cheiro agriado dos mamões frescos. Escutou Mi Mi sentada à frente dele, chupando uma manga. Rangum era um sonho ruim. Um engano. Longe, bem

longe, como nuvens de tempestade no horizonte, movendo-se em outra direção.

Ele sentiu o enorme alívio que isso traria. Mas tudo já desaparecera como fumaça com o vento.

Bateram à porta. Tin Win não atendeu e bateram de novo. A porta se abriu e alguém entrou. Um garoto, pensou Tin Win. Ele soube pela maneira de andar. Homens e mulheres caminhavam de modo diferente. Os homens eram mais desajeitados, entravam fazendo mais barulho, pisando com o pé todo, enquanto as mulheres pisavam primeiramente com o calcanhar e depois com os dedos, fazendo sons mais suaves. Elas acariciavam o chão com a sola do pé. Os passos do menino eram muito rápidos. Ele colocou uma bandeja sobre uma mesa ao lado da cama. Cheiro de arroz e legumes. Despejou água em um copo. Tin Win deveria beber muito, disse ele. Afinal, ele viera das montanhas e não estava acostumado com o calor da capital. Depois de algumas semanas de aclimatização, ele se adaptaria. Tin Win deveria descansar tanto quanto quisesse e chamar se precisasse de alguma coisa. Seu tio estava fora de casa, mas voltaria na hora do jantar.

Tin Win, sozinho de novo, sentou-se na cama e pegou a bandeja. Comeu um pouco. O curry estava saboroso, mas ele não sentia fome. A água o refrescou.

Algumas semanas de aclimatização. Aquelas palavras, com a intenção de acalmá-lo, pareceram uma maldição. Ele não conseguia imaginar passar mais um dia sem Mi Mi.

Algo estava zunindo acima de sua cabeça, um som totalmente estranho sem qualquer ritmo, odiosamente monótono. Não parava, não diminuía nem aumentava, tampouco enfraquecia. Ao mesmo tempo, ele sentiu uma leve corrente de ar vinda de cima. Só então, notou como estava quente. A brisa suave não o refrescava. O vento estava quente demais para isso. Se ficasse mais quente, queimaria sua pele.

Ele ficou de pé para explorar seu quarto. Prendeu a respiração e escutou. Algumas formigas andavam na parede em frente a ele. Embaixo da cama, escondia-se uma aranha em cuja teia uma mosca estava presa. Ele ouviu a mosca zunindo desesperada, um som que desapareceu aos poucos. A aranha aproximou-se da presa. Havia duas lagartixas no teto pondo a língua para fora, uma de cada vez. Nenhum daqueles sons era especialmente informativo. Ele balançou o braço e deu um passo.

As cadeiras não fazem barulho e não exalam cheiro. As costas de sua mão bateram na beira da madeira, e ele soltou um grito breve. Sentiu a dor no ombro. Ajoelhou-se e andou pelo quarto em quatro apoios. Mesas não fazem barulho e não emitem cheiro. Logo, ele ficaria com um grande hematoma na testa.

Como um inspetor explorando novo terreno, Tin Win aproximou-se de todos os cantos do cômodo, para não voltar a se machucar. Além da mesa e da cadeira, havia um armário grande perto da parede. Ao lado da cama, havia duas mesas altas, porém pequenas, uma luminária em cima de cada uma delas. Em cima da mesa, uma fotografia. As duas janelas altas e entreabertas quase chegavam ao chão. As cortinas estavam fechadas. Tin Win bateu no chão. Teca seca. Emitia um som inconfundível. Ele pensou em explorar a casa toda, mas deitou-se e esperou o retorno do tio.

Uma batida na porta fez com que ele despertasse. Era o mesmo menino que aparecera ao meio-dia. Seu tio o esperava para o jantar.

Tin Win colocou, de modo hesitante, um pé diante do outro ao descer a escada que descia em forma de arco para o primeiro

andar. O eco de seus passos deu a ele a dimensão do cômodo. Devia ser grande, um tipo de átrio que se estendia até o topo da casa. Tin Win ouviu o menino caminhando ao lado dele. No último degrau, ele segurou o braço de Tin Win e o levou por mais dois grandes cômodos, até a sala de jantar.

Enquanto esperava pelo sobrinho, U Saw misturou um copo de água com gás e suco de limão-galego e foi à varanda para observar o jardim atrás da casa. Havia uma grande folha marrom em uma das palmeiras. Um dos jardineiros não deve tê-la visto, um descuido que U Saw não podia tolerar. Ele ficou pensando que talvez fosse o momento, novamente, de despedir um dos empregados. Não havia maneira mais certa de curar a negligência alheia — pelo menos, por alguns meses. Ele pisou no gramado, curvou-se e conferiu se a grama estava aparada corretamente. Algumas partes eram notadamente protuberantes. Ele faria os ajustes necessários no dia seguinte.

U Saw era um dos poucos birmaneses que haviam alcançado alguma afluência sob o domínio britânico. Se fossem considerados os acordos de negócios, imóveis e dinheiro, ele era um dos homens mais ricos do país, além — é claro — de alguns ingleses e outros europeus que viviam em outro mundo, um mundo que tinha pouco a ver com o resto da Birmânia e, assim, não podia ser comparado. Sua propriedade na Halpin Road não se comparava às casas mais esplêndidas dos senhores coloniais. Uma casa com mais de duas dúzias de cômodos, uma piscina e uma quadra de tênis não era encontrada em qualquer esquina, nem mesmo nos bairros de brancos. Como U Saw não jogava tênis, ele insistia para que seus empregados jogassem. Todas as manhãs, quando o sol nascia, dois dos cinco jardineiros jogavam por uma hora, criando a impressão de que o dono da casa usava a quadra com frequência. Assim, os vizinhos e os visitantes o consideravam extraordinariamente atlético. Além dos jardineiros, U Saw

empregava dois cozinheiros, dois motoristas, várias faxineiras, três vigias noturnos, um caseiro, um mordomo e um tipo de coordenador de finanças responsável pelas compras.

Anos atrás, houvera grande especulação a respeito da origem de sua riqueza, mas os rumores foram desaparecendo conforme sua fortuna crescia. Existe um certo status social que protege as pessoas de especulações vãs.

De sua história, tudo o que todos na capital sabiam era que na juventude, no começo do século, ele havia se envolvido em círculos alemães em Rangum. Ele falava o idioma fluentemente e havia obtido bom desenvolvimento para se tornar chefe em um grande moinho de arroz, de propriedade alemã. A Primeira Guerra Mundial havia feito com que o dono e a maioria de seus compatriotas abandonassem a colônia britânica. Ele havia passado seus negócios a U Saw, aparentemente, com a condição de que eles voltassem a ser dele quando voltasse no fim da guerra. Dois magnatas do arroz haviam, supostamente, unido suas terras à dele, vendendo seus negócios a U Saw pelo valor simbólico de algumas rúpias. Nenhum deles voltou a ser visto em Rangum. U Saw nunca dissera nada a respeito dessa feliz mudança do destino.

Os negócios de U Saw se desenvolveram nos anos 1920, e ele foi inteligente o suficiente para virar a Grande Depressão, no começo dos anos 1930 — até mesmo o sudeste asiático sentiu seus efeitos —, a seu favor. Comprou arrozais e moinhos em falência, e então assumiu os negócios de um barão de arroz indiano, de modo a logo controlar o comércio de arroz, da semente à exportação. Mantinha boas relações não apenas com os concorrentes indianos, mas também com a minoria de ingleses e chineses. Aprendera muito antes que os bons contatos não faziam mal a ninguém. Como convinha a uma pessoa em sua posição, ele fazia generosas doações aos dois maiores mosteiros em Rangum. Já havia encomendado a construção de três templos em seu nome e, no

corredor de entrada de sua casa, havia um grande altar budista.

Em resumo, U Saw, aos cinquenta anos, estava mais do que satisfeito consigo e com as coisas que tinha. Nem mesmo a morte trágica de sua esposa, dois anos antes, mudara o modo como se sentia. Para ele, o casamento sem filhos não passara de uma união por conveniência. Sua esposa era filha de um magnata das importações, e U Saw esperava que a união diminuísse os custos de transporte. Como podia saber que o prestigioso importador estava à beira da falência? O casamento era oficial, mas poucas vezes foi consumado.

U Saw não podia dizer que sentia falta da esposa. O que mais o incomodavam eram as circunstâncias nas quais ela morrera. Um astrólogo o havia aconselhado a não fazer uma determinada viagem a Calcutá. Se ele fizesse a viagem, uma enorme calamidade recairia sobre sua família. U Saw foi mesmo assim. Dois dias depois, sua esposa foi encontrada na cama. Havia uma cobra enrolada e adormecida sobre o lençol. Ela deve ter entrado no quarto por uma janela aberta.

Desde então, U Saw não tomou mais decisões importantes sem consultar astrólogos e videntes antes. Duas semanas antes, um astrólogo havia previsto uma catástrofe na vida pessoal e profissional — U Saw não havia compreendido a diferença, mas tampouco pedira mais explicações ao homem — que poderia ser evitada apenas ao ajudar um membro da família em grande desespero. Aquele alerta custara a ele algumas noites sem sono. Ele não tinha consciência de qualquer parente com problemas. Todos eles eram pobres. Sempre queriam dinheiro — por isso ele havia rompido laços com eles anos atrás. Mas e o grande problema? Por fim, ele se lembrou de ter ouvido falar do triste destino de um dos parentes distantes de sua esposa, um menino cujo pai havia morrido. O jovem havia perdido a visão da noite para o dia, e sua mãe o abandonara. Diziam que ele estava vivendo com uma

vizinha que também cuidava da casa de U Saw em Kalaw. Haveria maneira melhor de acalmar as estrelas do que ajudando um menino cego? Ele havia tomado o cuidado de perguntar ao astrólogo se uma doação a um mosteiro — uma doação bem generosa, diga-se de passagem — podia evitar tal catástrofe. Causaria menos complicações. Não? Talvez, então, a construção de mais um templo? Dois? Não. As estrelas eram claras.

No dia seguinte, U Saw havia despachado dois dos assistentes em quem mais confiava para Kalaw.

Ao escutar vozes na sala de jantar, U Saw voltou para a casa. Ficou surpreso ao ver Tin Win. Esperava encontrar um deficiente, um menino subdesenvolvido física e mentalmente cuja situação causasse pena. Mas aquele sobrinho era um jovem robusto e de boa aparência, que era bem mais alto do que seu tio e demonstrava uma curiosa autoconfiança. Vestia uma camisa branca e um *longyi* verde e limpo. Não parecia ser carente. U Saw ficou decepcionado.

“Meu caro sobrinho, seja bem-vindo a Rangum. É um prazer tê-lo comigo, finalmente.”

A voz de U Saw irritou Tin Win logo na primeira frase. Ele não conseguiu interpretá-la. Não despertou nada dentro dele. Era simpática, nem alta nem profunda demais, mas faltava algo que Tin Win não sabia identificar. Fez com que se lembrasse do zumbido do teto. E as batidas do coração de seu tio eram ainda mais esquisitas — inexpressivas e monótonas, como o tique-taque de um relógio na parede do corredor.

“Acredito que a viagem longa não tenha sido muito sofrida”, disse U Saw.

“Não.”

“Como estão os seus olhos?”

“Estão bem.”

“Pensei que você fosse cego.”

Tin Win percebeu a confusão na voz dele. Sentiu que não seria o

momento certo de começar uma discussão sobre a cegueira e a capacidade de enxergar.

“Quis dizer que eles não doem.”

“Isso é ótimo. Puxa! Eu soube de seu problema recentemente, por meio de um conhecido em Kalaw. Naturalmente, eu teria tentado ajudá-lo antes. Um grande amigo meu, o doutor Stuart McCrae, é o médico-chefe do maior hospital de Rangum. Ele cuida do departamento de oftalmologia. Marquei uma consulta para ele examinar você nas próximas semanas.”

“Sinto-me honrado pela sua generosidade”, disse Tin Win. “Não sei como agradecer.”

“Não se preocupe com isso. A medicina está fazendo grandes avanços. Talvez óculos ou uma cirurgia possam ajudar”, disse U Saw, cujo bom humor crescia de modo perceptível. Ele gostou do tom gentil do sobrinho. Já parecia agradecido. “Quer beber alguma coisa?”

“Talvez um pouco de água.”

U Saw despejou água em um copo e o colocou — sem saber como deveria entregá-lo ao sobrinho —, fazendo barulho, sobre uma mesa ao lado deles. Tin Win encontrou o copo e bebeu um gole.

“Pedi a meu cozinheiro para preparar canja e peixe com curry e arroz para você. Acredito que vai gostar.”

“Com certeza.”

“Você precisa de ajuda para comer?”

“Não, obrigado.”

U Saw bateu palmas e chamou alguém pelo nome. O menino voltou e levou Tin Win à cadeira dele. Ele se sentou e tocou os objetos sobre a mesa diante dele: um prato fino com tigela funda, e, ao lado deles, um guardanapo, uma colher, uma faca e um garfo. No mosteiro, U May já havia colocado aqueles utensílios na mão de Tin Win, explicando que os ingleses comiam com tais objetos e

não com as mãos. Por já ter comido um curry com uma colher, Tin Win sabia que, surpreendentemente, era muito fácil usá-la.

U Saw observou, com alívio, que Tin Win conseguia segurar os talheres e que sua cegueira não o impedia de comer do modo correto. Nem mesmo a canja foi difícil. U Saw imaginara, receoso, que o sobrinho poderia precisar ser alimentado todas as noites, que podia babar, talvez, ou derramar comida na mesa.

Nenhum deles disse coisa alguma. Tin Win estava pensando em Mi Mi. Tentava imaginar como ela descreveria seu tio. Ele tinha dedos gordos? Era gordo? Tinha um queixo duplo, como o vendedor de cana-de-açúcar em Kalaw, cujos batimentos cardíacos pareciam igualmente monótonos? Seus olhos brilhavam? Ou seu olhar era tão inexpressivo quanto as batidas em seu peito? Quem ajudaria Tin Win a decifrar aquele novo mundo em que entrara? Os médicos? O que o amigo de seu tio faria com ele? E será que receberia permissão para voltar a Kalaw quando percebessem que não havia nada a ser feito? Com sorte, ele poderia reencontrar Mi Mi no fim da semana seguinte.

E se os médicos restaurassem sua visão? Tin Win não havia pensado em tal possibilidade até então. Nem nos anos anteriores nem desde sua chegada a Rangum. E por que deveria? Ele já tinha tudo de que precisava.

Tin Win tentou imaginar as consequências de uma operação bem-sucedida. Olhos com os quais enxergar. Contornos claros. Rostos. Manteria a arte de escutar? Imaginou a si mesmo olhando para Mi Mi. Ela estava nua na frente dele. Seu corpo esguio, os seios pequenos e firmes. Viu sua barriga lisa e os pelos pubianos. As coxas macias, sua genitália. Era estranho, mas a imagem não o excitou. Não poderia haver algo mais adorável do que acariciar sua pele com a língua, tocar seus seios com os lábios, ouvir seu coração dançar cada vez mais depressa.

A voz de seu tio interrompeu os pensamentos.

“Tenho muito o que fazer nos próximos dias e terei pouco tempo para ficar com você.” Ele pousou os utensílios de comer. “Mas um dos caseiros, Hla Taw, estará à sua disposição o tempo todo. Ele pode levá-lo ao jardim e até à cidade, se quiser. Diga a ele do que precisa. Se eu conseguir, jantaremos juntos no fim de semana. A consulta com o doutor McCrae é na terça-feira.” U Saw hesitou. O astrólogo havia dito quanto tempo ele deveria passar com o membro da família com problemas? Ele não se lembrava de nada do tipo. Para ter certeza, telefonaria para ele de novo no dia seguinte à tarde.

“Obrigado, U Saw”, respondeu Tin Win. “Não mereço sua generosidade.”

U Saw ficou de pé. Ele estava mais do que satisfeito. Seu sobrinho tinha decoro. A ideia de que ele, U Saw, podia restaurar a visão do menino o deixou alegre. Tamanho gesto de magnanimidade, uma generosidade que dificilmente passaria despercebida, com certeza seria recompensada.

Tin Win passava as noites acordado e dormia durante o dia. Teve diarreia. O banheiro parecia cada vez mais distante, e ele passava horas no piso diante do vaso sanitário com medo de não conseguir realizar o trajeto.

Barulhos desconhecidos o assustavam a cada passo. Ouvia estridores e gorgolejos atrás das paredes e sob o chão do banheiro. A aranha embaixo de sua cama estava faminta. As moscas presas nas teias da morte, o quebrar de suas patas, os sons de sugar e mastigar da aranha — tudo aquilo o deixava enojado. Certa manhã, ele escutou uma serpente rastejar-se silenciosamente pelo chão de seu quarto. As batidas de seu coração denunciaram sua presença. Ele escutou sua aproximação. Subindo em sua cama. Passando por suas pernas. Ele sentiu seu corpo frio e úmido pelo lençol fino. Ela silvou ao lado da cabeça dele como se quisesse contar uma história. Horas depois, ela desapareceu por uma janela entreaberta. As lagartixas da parede riram à custa dele. Mais de uma vez, ele tampou os ouvidos e gritou por socorro.

Hla Taw culpava a comida diferente e o calor. Tin Win sabia que eram outras coisas. Ele estava sentado em um cepo. Esperando. Em breve, dissera ela.

Ele respirou profundamente e esperou. Contou os segundos. Quarenta. Sessenta. A pressão em seu peito aumentou. Noventa. Cento e vinte. Ele começou a ficar zozinho. Seu corpo gritava por oxigênio. Tin Win não desistiu. Escutou o próprio coração

gaguejar. Sabia que tinha o poder de fazê-lo parar. Ótimo.

A morte apareceu à distância, aproximando-se com longas passadas, cada vez mais perto, até parar diante de Tin Win.

“Você me chamou.”

Tin Win sentiu medo de si mesmo. Ele havia chamado a morte, mas ainda não queria morrer. Não ainda. Não ali. Precisava ver Mi Mi de novo, senti-la de novo, sua respiração em sua pele, os lábios em sua orelha, a canção de seu coração.

Ele inspirou profundamente.

Descobriria o que seu tio queria dele. Faria o que ele pedisse e então voltaria para Kalaw o mais rápido possível.

Quatro dias depois, Tin Win estava na entrada da casa, na varanda, escutando com atenção. Chovia. Não era uma tempestade, mas, sim, um farfalhar e tamborilar lento. Tin Win gostava da chuva, ela era uma aliada. Na chuva, ele ouviu o sussurro de Mi Mi, aquela voz capaz de tamanha doçura. Dava forma ao jardim e à casa, erguia um véu da propriedade de seu tio. Fazia desenhos. A chuva tinha um som diferente em cada parte do quintal. Ao lado dele, a água batia no telhado de metal que ligava a cozinha à casa. Na frente dele, batia nas pedras da varanda, cujo tamanho ele agora conseguia determinar precisamente, graças à chuva. As gotas caíam mais suavemente na grama. Ele escutou o caminho entre os canteiros de flores, os arbustos e o gramado. O chão de areia engolia a água quase sem som. Batia nas folhas de palmeira grandes, e então descia pelos caules; molhava as flores, arrancando e rasgando os botões. Percebeu que o quintal não era plano, que a água corria, quase sem ser ouvida, em direção à rua.

Teve a sensação de que havia ido à janela em seu quarto, aberto as cortinas e visto o local pela primeira vez.

Conforme a chuva caía com mais força, o tamborilar no telhado de metal aumentava, e Tin Win saiu na varanda. A água era muito mais quente do que em Kalaw. Ele estendeu os braços. As gotas eram grandes e densas. Ele sentiu Mi Mi em suas costas. Queria mostrar o jardim a ela. Ele deu alguns passos e então passou a correr. Atravessou a varanda até o gramado, desviou de uma palmeira, correu ao redor da quadra de tênis, pulou dois pequenos arbustos, correu em forma de arco até o limite da propriedade e então voltou à varanda. Uma segunda vez. Uma terceira. A corrida o deixava livre. Liberava energias que haviam atrofiado nos últimos dias.

A chuva tirava sua ansiedade; ele se sentia mais vivo a cada gota. Mi Mi estava com ele. Porque ela havia aberto os olhos dele, porque era ela, de modo muito real, que via por ele, que sempre estaria com ele. Tudo o que ficava entre eles era seu medo e pesar. U May dissera a ele: o medo cega e ensurdece. A raiva cega e ensurdece. Então, também, a inveja e a desconfiança. Havia apenas uma força mais forte do que o medo.

Tin Win correu até a varanda. Sem fôlego, pingando de alegria.

“Tin Win.” A voz de seu tio. Por que ele havia saído cedo do escritório?

“O doutor McCrae entrou em contato. Devemos ir hoje. Agora.” U Saw observou o sobrinho em silêncio por um momento.

“Vi você correndo. Está mesmo cego?”

Tão perto da verdade e, ainda assim, tão longe.

O exame demorou apenas alguns minutos. Uma enfermeira segurou a cabeça dele. Um médico com mãos poderosas puxou a pele ao redor de seus olhos. Stuart McCrae inclinou-se para a frente. Seu hálito cheirava a tabaco.

McCrae não disse nenhuma palavra durante o exame. Tin Win

concentrou-se nas batidas do coração dele e imaginou se conseguiria inferir o diagnóstico por meio delas. Seu ritmo nunca variava. Não era desagradável, era apenas desconhecido. Parecia constante, confiável. Assim como a voz. McCrae falava com frases curtas que começavam a qualquer momento e terminavam do mesmo modo abrupto, sem alterações. Não desagradável, apenas sem emoção.

O diagnóstico foi rápido e simples. Tin Win era cego. Catarata. Muito incomum em sua idade. Supostamente, um problema genético. Operável. No dia seguinte, se eles quisessem.

*

As anestésias foram a pior parte. Eles o perfuraram com agulhas compridas e grossas acima e abaixo de seus olhos e perto das orelhas. O metal frio penetrava cada vez mais fundo sua carne, como se fosse um espeto. Então, eles removeram os cristalinos. Tin Win sentiu as incisões, mas não a dor. Eles pediam agulha e linha e costuraram sua pele de novo. Como se fosse um pedaço de tecido. Ele usou uma bandagem ao redor da cabeça nos dois dias seguintes.

Agora, os médicos e enfermeiras mexiam em tesouras e pinças, trocando orientações que Tin Win não compreendia. Eles restaurariam sua visão, diziam eles. Ele se sentiria como um recém-nascido. Removeriam as bandagens, e ele veria a luz: a luz quente e brilhante. Reconheceria contornos e formas, e, em poucos dias, quando seus óculos estivessem prontos, ele conseguiria ver de novo. Melhor do que antes de sua cegueira.

Tin Win não sabia se devia acreditar neles. Não que não confiasse neles ou suspeitasse que eles o enganariam. Estavam sendo sinceros, mas pareciam dizer algo diferente.

“O que é mais precioso do que seus olhos?”, perguntara Stuart McCrae antes da operação e também respondeu imediatamente: “Nada. Ver é acreditar”.

Eles agiam como se o tivessem libertado de uma prisão. Como se houvesse apenas uma única verdade. As enfermeiras pediam para ele ser paciente, mas Tin Win queria dizer a eles que ninguém precisava se apressar por ele. Se estava sendo impaciente, era apenas porque queria estar com uma jovem que se movimentava apoiada nas mãos e nos joelhos. Ela sabia que uma pessoa enxergava mais do que com os olhos e que as distâncias eram medidas não apenas em passos. Para o médico e as enfermeiras, no entanto, Tin Win achava melhor não dizer nada.

“Pronto.” McCrae desenrolava a bandagem, e, a cada volta, a tensão na sala aumentava. Até mesmo o coração de McCrae estava batendo um pouco mais depressa do que o normal.

Tin Win abriu os olhos. Ela o atacou com a força de um golpe. A luz. Brilhante, forte. Não fraca, não leitosa, mas branca e brilhante. Verdadeiramente brilhante.

A luz machucava. Feria. Queimava os olhos. Ele sentiu uma dor pungente na cabeça. Ele fechou os olhos, recolhendo-se na escuridão.

“Está me vendo?”, perguntou seu tio. “Está me vendo?”

Não, ele não o via. Nem precisava. A batida do coração era suficiente. Parecia que U Saw o estava aplaudindo.

“Consegue me ver?”, perguntou U Saw.

Tin Win estreitou os olhos. Como se o estreitar dos olhos pudesse filtrar a dor da luz.

Como se tivesse volta.

Os óculos serviram na hora — em cima de seu nariz, atrás das orelhas.

Ele devia abrir os olhos. Como se fosse assim simples. Depois de oito anos.

Ele queria esperar até que Mi Mi estivesse diante dele. Ele queria que ela, e só ela, fosse a primeira coisa que visse. Ele permitiu-se entreabrir os olhos. Espiou por eles como quem espia de um esconderijo.

O véu não estava mais ali. De repente, a névoa cinza e leitosa havia desaparecido.

Tudo o que ele via era claro e definido. A claridade causou uma pontada que partiu de seus olhos, passou entre as sobrancelhas e percorreu a cabeça até a nuca. O dr. McCrae e U Saw estavam diante dele. Olhavam para ele, orgulhosos e ansiosos, como se tivessem acabado de recriar o mundo, só para ele.

O rosto de seu tio. Sim, ali estava. Ele o viu.

Seus olhos se fecharam de novo. Não, não doía. Não, ele não estava zozinho. Não, ele não queria se deitar. Aquilo era demais. Luz demais. Olhos demais olhando para ele. Expectativas demais. Cores demais. Elas o irritavam. O branco leitoso dos dentes de U Saw com as pontas amareladas. O brilho prateado da luminária cromada em cima da mesa do médico. Seus cabelos e sobrancelhas ruivos. Os lábios vermelhos da enfermeira. Tin Win vivera em um mundo em preto e branco. As cores não emitem som. Elas não

borbulham, não gorjeiam, não coaxam. A lembrança que ele tinha delas havia se apagado ao longo dos anos, como símbolos escritos em uma página.

Por favor, abra os olhos de novo. Tin Win balançou a cabeça.

“Tem alguma coisa errada com ele”, disse U Saw.

“Acho que não. É o choque. Ele vai se acostumar.”

Os dois estavam certos.

Tin Win sentou-se em um muro de tijolos à margem do rio Rangum, diante do porto.

Abra seus olhos. Ele tinha que lembrar a si mesmo. Dez dias preenchidos pela luz. Dez dias repletos de imagens. Pungentes. Multicoloridas. Ele não estava acostumado àquilo.

Mais para baixo, havia árvores de metal sem folhas indo de um lado a outro nos trilhos. Seus ganchos desapareciam em cargueiros que reapareciam com dezenas de vagões. No dia seguinte, um deles levava um elefante a bordo. Ele estava pendurado em cordas em lonas enceradas vermelhas, mexendo as patas. Impotente, como um besouro virado de barriga para cima. Diante dos galpões, havia pilhas de caixas e tonéis, com os destinatários escritos em preto. Calcutá. Colombo. Liverpool. Marselha. Port Said. Nova York.

Centenas de barcos atravessavam o porto. Alguns a vela, outros motorizados. Em muitos deles, havia um único remador. Diversos barcos estavam tão cheios de pessoas, cestos e bicicletas que cada onda molhava o interior. Mais acima, casas-barcos abrigavam famílias inteiras. Entre os mastros, havia varais com roupas penduradas. As crianças brincavam no convés. Um senhor cochilava em uma rede.

Tin Win observou as gaivotas voarem sem um bater de asas. Ele nunca tinha visto aves tão elegantes. Estava úmido e quente, apesar da brisa suave que soprava da água.

Mais uma vez, ele fechou os olhos. Escutou o pistão do motor de um navio. As traças na parede do galpão perto dele. As batidas irregulares dos corações dos peixes em um cesto a seus pés. O bater das ondas contra os cascos. Ele sabia pelo tom se um navio era feito de metal ou madeira. Conseguia até distinguir tipos diferentes de tábuas de madeira. Aqueles barulhos deixavam o porto mais vivo do que qualquer coisa que os olhos pudessem ver. Os olhos registravam imagens, uma torrente delas. Cada segundo, cada movimento das pupilas e da cabeça resultavam em novas. Ele observava aquelas imagens, mas elas não o envolviam. Ele era um observador curioso, nada mais.

Por muitos minutos seguidos, seus olhos se fixavam no mesmo ponto, em uma vela, em uma âncora, em um cortador, ou em uma flor do jardim de seu tio. Ele tocava o objeto com o olhar, sentia-o, cada canto, cada margem, cada sombra, como se ele pudesse desfazê-lo e voltar a montá-lo para olhar atrás de suas superfícies, de suas fachadas. Dar-lhe a vida. Não dava certo. Ver algo — uma ave, uma pessoa, um barco de pesca — não tornava o objeto mais real nem o aproximava dele. As imagens diante dele entravam em movimento, mas continuavam sendo imagens. Tin Win sentiu um distanciamento estranho entre ele e tudo o que via. Os óculos eram um substituto ruim dos olhos de Mi Mi.

Ele desceu do muro e caminhou pelo porto. Era ingrato? O que esperava? Seus olhos foram, de fato, práticos no dia a dia. Ele se movimentava com mais facilidade, não precisava se preocupar com escadas ou paredes, nem em tropeçar em cães e raízes de árvores pelo caminho. Eles eram ferramentas que ele logo dominaria. Tornariam sua vida mais segura, simples e mais confortável.

Talvez, a distância que eles criavam fosse o preço a ser pago. A

essência de algo é invisível aos olhos, dizia U May. Aprenda a perceber a essência de algo. Os olhos podem mais prejudicar do que ajudar, nesse aspecto. Eles nos distraem. Adoramos nos deslumbrar. Tin Win se lembrava de cada palavra.

Ele caminhou ao longo do rio Rangum, passou por barcos e guindastes. Ao seu redor, os homens carregavam sacos de arroz do píer para o galpão. Eles caminhavam encurvados, carregavam seus pesos nas costas. Tinham amarrado seus *longyis* acima dos joelhos. O suor deixava seus olhos grudentos. As pernas morenas eram finas como gravetos e os músculos ficavam tensos a cada passo. Imigrantes trabalhavam duramente. Apenas quando Tin Win fechava os olhos, a cena o tocava. Eles estavam gemendo. Baixinho, mas eram gemidos lamentosos. A barriga deles roncava de fome. Seus pulmões tentavam puxar o ar. O coração deles era fraco e cansado.

Pronto. Ele havia adquirido a capacidade de ouvir. Ele considerava a visão um sentido auxiliar. Não causava dano, desde que ele se lembrasse do alerta de U May.

Ele desceu ainda mais o barranco do rio e, então, entrou em uma viela. O ar nela estava quase insuportável. Não havia a brisa do porto, nem a largura das avenidas onde os europeus caminhavam. A maioria das casas, próximas umas das outras, era de madeira, com janelas muito abertas. Ele sentiu como se tivesse descido para o porão da cidade. Era imundo, estreito, barulhento. Recendia a suor e urina. No meio-fio, havia frutas podres, restos de comida, trapos e papel. Por todos os lados, havia pessoas sentadas em banquinhos e bancos tomavam a calçada estreita demais. Muitos quase andavam pela rua. As lojas de um andar eram repletas de produtos até o teto: caixas de tecidos, chá, ervas, legumes, macarrão e, principalmente, arroz. Tin Win não sabia que havia tantas variedades, cada uma com seu aroma distinto. Os transeuntes riam e conversavam em um idioma que ele não

compreendia. Muitos olhavam para ele como se fosse um intruso.

Tin Win pensou se deveria voltar. Fechou os olhos. Não havia nada de ameaçador nos sons que escutou. A gordura fervia nas cozinhas. As mulheres sovavam massas ou fatiavam carne e legumes. Nos andares superiores, crianças riam e gritavam. As vozes na rua não eram hostis.

Nem os corações.

Ele continuou caminhando, percebendo os sons, os cheiros, as paisagens, colocando tudo em seu lugar, embrulhando as impressões e guardando-as para dividi-las mais tarde com Mi Mi.

Ele passou de uma área chinesa para uma região indiana. As pessoas eram mais altas, tinham a pele mais morena, mas o ar não estava melhor, e as ruas eram igualmente lotadas. Outro cômodo no porão. Os cheiros dos alimentos sendo preparados eram mais familiares. Curry. Gengibre. Capim-limão. Pimenta. As pessoas pelas quais passava não o observavam. Tin Win não conseguia determinar, pelas batidas dos corações, se estava descendo uma rua chinesa ou indiana, se estava entre os ingleses ou os birmaneses. Os corações pareciam diferentes de pessoa para pessoa, denunciando a velhice ou a juventude, a alegria, o pesar, o medo ou coragem, mas só isso.

O motorista estava à sua espera, conforme o combinado, no começo da noite, perto do Templo Sule. Eles passaram por lagos que refletiam nuvens da noite em cor-de-rosa claro.

Em casa, U Saw esperava por ele. Tio e sobrinho tinham jantado todas as noites juntos, desde a operação. Naquela primeira ocasião, Tin Win sentira-se tão mal que quase não tocou o arroz e o curry.

Retirou-se, culpando o calor. U Saw não notou sua falta de apetite. Queria saber o que seu sobrinho havia feito naquele primeiro dia com seu presente — o de U Saw. O que você viu? Aonde foi?

As perguntas deixaram Tin Win desconfortável. Ele não queria dividir suas experiências com U Saw. Ele as estava guardando para Mi Mi. Ao mesmo tempo, não queria parecer mal-educado nem mal-agradecido. Ele descreveu as impressões do modo mais sucinto possível. Na quinta noite, Tin Win notou que seu tio não reagiu quando ele contou as mesmas histórias da noite anterior. U Saw não estava ouvindo. Nem estava interessado. Provavelmente as duas coisas. Assim, as coisas ficavam mais fáceis. As mesmas perguntas, as mesmas respostas. E, assim, noite após noite, surgia uma conversa que seu tio sempre interrompia no meio de uma frase depois de exatamente vinte minutos. Enquanto dava a última mordida, ele se levantava e explicava que ainda tinha trabalho a fazer. Desejando boa noite e um bom dia seguinte, ele desaparecia.

Naquele dia foi diferente. U Saw estava em pé no corredor, recebendo um visitante. Eles faziam reverências repetidamente e falavam em um idioma que Tin Win não conhecia. Quando seu tio o viu chegar, fez um sinal para que ele entrasse em seu escritório. Tin Win estava sentado, esperando, na ponta de uma poltrona de couro. A sala estava escura. Perto da parede, havia livros empilhados até o teto. Sobre a mesa com cobertura de couro, havia um ventilador soprando ar quente. U Saw entrou alguns minutos depois. Ele se sentou à mesa e olhou para Tin Win.

“Você frequentou a escola do mosteiro em Kalaw, não foi?”

“Sim.”

“Você sabe contar?”

“Sim.”

“E ler?”

“Sim. Braille. Eu costumava...”

“E escrever?”

“Antes de ficar cego, eu escrevia.”

“Tudo voltará depressa. Quero que você frequente a escola em Rangum.”

Tin Win queria uma passagem de trem para Kalaw. Talvez não no dia seguinte, mas nos próximos. A perspectiva de voltar havia dado a ele a força para sobreviver àqueles dias e explorar a cidade. Agora, ele tinha que ir à escola. Em Rangum. Permanecer. U Saw não deu uma sugestão. Simplesmente anunciou o que tinha que ser feito. O respeito de Tin Win por um familiar mais velho o impedia de fazer qualquer coisa além de mostrar humildade e gratidão. Apenas uma pessoa naquela casa fazia perguntas.

“Não sou digno de sua generosidade, tio.”

“Não é nenhum trabalho. Eu conheço o diretor da escola Saint Paul. Você vai conhecê-lo amanhã cedo. O motorista vai levá-lo. Na verdade, você já está muito velho, mas ele concordou em aplicar uma prova. Tenho certeza de que ele pode nos ajudar.”

U Saw se levantou.

“Agora, devo cuidar de meu hóspede. Amanhã à noite, você me contará a respeito da Saint Paul.”

U Saw entrou na sala, onde o cônsul japonês esperava por ele. Tentou imaginar se a gratidão de Tin Win era sincera. Isso tinha importância? O astrólogo não havia lhe dado opção. Uma doação generosa ao hospital em Rangum não ajudaria. Tinha que ser um parente, e tinha que ser um compromisso a longo prazo. Ele tinha que cuidar do garoto. Além disso, os alertas do astrólogo e a generosidade de U Saw não tinham rendido frutos? Ele não tinha, dois dias depois da operação, assinado o contrato para a venda de arroz ao governo? Em breve, as tropas inglesas na capital não estariam comendo seu arroz? Até mesmo as negociações para a compra de campos de algodão na região de Irrawaddy tinham sido muito promissoras desde a chegada de Tin Win.

Talvez, U Saw pensou, eu tenha trazido um amuleto para dentro

de casa. Ele deve permanecer em Rangum pelo menos durante os próximos dois anos. U Saw poderia até encontrar uma vaga para ele em seus negócios, que estavam em expansão. Tin Win poderia ser um ótimo assistente. Não seria ruim mantê-lo na casa. Além disso, ele sempre contava histórias divertidas à mesa.

5

Você escutou os pássaros esta manhã, Mi Mi? Eles estavam mais barulhentos ou mais quietos? Cantavam de um modo diferente? Eles entregaram a minha mensagem? Ontem à noite, caminhei pelo jardim conversando com eles aos sussurros, e eles prometeram passar a mensagem de arbusto a arbusto e de árvore a árvore a noite toda, através do delta e até o Sittang, montanhas acima até Kalaw. Disseram que pousariam nas árvores em frente à sua casa para dizer a você.

E você, Mi Mi? O que mais desejo é que você esteja bem. Costumo imaginar você realizando suas tarefas diárias. Vejo você sentada na feira, passando por Kalaw nas costas de um de seus irmãos, ou preparando refeições em casa, na cozinha. Escuto você rindo, e escuto a batida de seu coração, o som mais adorável que já escutei. Vejo você sofrendo, mas não desanimada. Vejo você triste, mas não sem alegria e felicidade. Espero não estar me iludindo. Algo dentro de mim me diz que você se sente da mesma maneira que eu me sinto.

Não fique brava, mas devo parar agora. Hla Taw está esperando. Ele leva as minhas cartas ao correio todas as manhãs, e eu não gostaria que um dia sequer se passasse sem que você tivesse notícias minhas. Por favor, mande lembranças minhas a Su Kyi, a seus pais e irmãos. Penso neles com frequência.

Um abraço e um beijo

daquele que ama você acima de todas as coisas,

Tin Win

Querida Mi Mi,

Quando olho para o céu de Rangum à noite, vejo milhares de estrelas, e me sinto confortado pela ideia de que existe algo que podemos compartilhar todas as noites. Vemos as mesmas estrelas. Imagino que cada um de nossos beijos se tornou uma estrela. Agora, lá de cima, elas nos observam. Iluminam meu caminho pela escuridão. E você é o mais brilhante de todos os planetas, meu sol...

U Saw parou de ler. Ele balançou a cabeça, deixou a carta de lado

e puxou um punhado de novos envelopes de uma pilha à sua frente.

Querida Mi Mi,

Por que o tempo para quando você não está comigo? Os dias não têm fim. Até mesmo as noites conspiram contra mim. Não consigo dormir. Fico acordado e conto as horas. Parece que, aos poucos, estou desaprendendo a arte de escutar. Agora que vejo de novo com meus olhos, meus ouvidos estão perdendo a prática.

Ouvir no lugar de ver? Uma ideia assustadora. Seria uma troca ruim. Confio mais em meus ouvidos do que em meus olhos. Até agora, meus olhos são desconhecidos para mim. Talvez eu esteja decepcionado com eles. Nunca vi o mundo de modo tão claro e vívido, tão lindo e tão intenso com os meus olhos, apenas através dos seus. Para os meus olhos, a lua crescente é apenas uma lua crescente, não um melão que parece comido pela metade. Para os meus olhos, uma pedra é apenas uma pedra, e não um peixe encantado, e no céu não há búfalos, nem corações, nem flores. Apenas nuvens.

Mas não pretendo reclamar. U Saw é bom comigo. Eu me concentro na escola e acredito que poderei ver você de novo ao final do ano letivo.

Não se esqueça de dizer a Su Kyi, a boa mulher, que eu a amo. Um beijo e um abraço para você.

Eternamente seu,

Tin Win

Querida Mi Mi,

Faz sete meses agora desde que U Saw me mandou para aquela escola. Ontem, pela terceira vez, eles me mandaram para uma sala mais avançada. Dizem que agora eu estou onde deveria estar para a minha idade. Ninguém compreende como um menino cego, em uma escola de mosteiro em Kalaw, pode ter aprendido tanto. Eles não conheceram U May...

Querida Mi Mi,

Perdoe se minhas cartas das últimas semanas pareceram muito melancólicas. Não gostaria de perturbá-la com minha saudade. Por favor, não se preocupe comigo. Às vezes é difícil não saber quanto tempo mais terei de ser forte até finalmente rever você. Mas não é saudade nem medo o que sinto quando penso em você. É uma gratidão sem limites. Você abriu o mundo para mim e se tornou uma parte de mim.

Vejo o mundo através de seus olhos. Você me ajudou a superar meu medo. Com sua ajuda, aprendi a enfrentá-lo. Meus fantasmas não me vencem mais. Eles diminuíam sempre que você me tocava, todas as horas que tive o privilégio de sentir seu corpo em minhas costas, seus seios contra minha pele, sua respiração em meu pescoço. Diminuídos. Domados. Tenho coragem de enfrentá-los de frente. Você me libertou. Sou seu.

Com amor e gratidão,
Tin Win

U Saw voltou a dobrar as cartas. Ele já tinha lido o suficiente. Onde o amor termina e a loucura começa, perguntou ele enquanto guardava os papéis de novo nos envelopes.

Por que Tin Win continuava a escrever a respeito da gratidão e admiração que ele sentia por aquela mulher? Mesmo depois de grande reflexão, U Saw não conseguia pensar em nenhuma pessoa que ele admirasse em especial. Para ser sincero, ele respeitava alguns dos barões do arroz. Principalmente aqueles mais bem-sucedidos do que ele. Ele também respeitava diversos ingleses, que recentemente se tornavam cada vez mais escassos. E a gratidão? Ele não conhecia ninguém a quem devesse gratidão. Sentira-se grato à esposa sempre que ela se calava o suficiente para ele poder jantar em paz.

Ele olhou para a pilha de cartas em cima da mesa à sua frente. Seu sobrinho havia escrito uma carta para a tal Mi Mi de Kalaw todos os dias no último ano. Um ano todo. Todos os dias. Sem falhar. Tudo isso apesar do fato de não ter recebido nenhuma resposta. Claro, ele separava as cartas enviadas por Mi Mi que chegavam todas as tardes. Eles não se falavam nem tinham notícias um do outro e, ainda assim, nunca deixavam de escrever. U Saw riu de tamanha maluquice. Ele tentou se controlar, mas riu, engasgou, tossiu e puxou o ar. Quando se acalmou, colocou os envelopes de novo na gaveta de cima e abriu a de baixo, onde vinha guardando as cartas de Mi Mi, que não tinham sido lidas até

então. Escolheu algumas aleatoriamente.

... Espero que você tenha alguém para ler minhas cartas a você. Ontem, minha mãe se aproximou e se sentou ao meu lado na varanda. Ela segurou minhas mãos, olhou para mim, e perguntou se eu estava me sentindo bem. Parecia prestes a me contar de sua morte iminente. Graças a você, mamãe, estou bem, respondi. Como você está vivendo sem Tin Win, ela quis saber. Ele já está longe há mais de um mês. Tentei explicar que não estou sem você, que você está comigo desde quando acordo até quando vou dormir, que é você que eu sinto quando o vento me acaricia, que é a sua voz que eu escuto no silêncio, que é você que eu vejo quando fecho os olhos, que é você que me faz rir e cantar quando sei que não há ninguém por perto. Já vi a pena nos olhos dela e não disse nada. Foi um daqueles mal-entendidos em que as palavras não servem para muita coisa.

É muito bonita a maneira com que minha família toda cuida de mim. Meus irmãos sempre me perguntam se quero ir a algum lugar, e eles me carregam por toda Kalaw. Eu penso em você e murmuro baixinho nas costas deles. Eles consideram a minha alegria confusa, às vezes até irritante. Como posso explicar para eles que o que você significa para mim, o que você me dá, não depende de onde você esteja? Que não é preciso sentir as mãos de uma pessoa para sentir seu toque?

Ontem, visitamos Su Kyi. Ela está bem. Ela ficaria feliz se você mandasse notícias. Eu disse a ela que receberemos notícias suas, que veremos você de novo, quando a hora chegar. Mas você a conhece. Ela está preocupada...

Meu grande e forte, meu querido Tin Win,

Há algumas semanas, comecei a enrolar cigarrilhas. Minha mãe achou que eu deveria aprender um ofício para que, um dia, possa ganhar dinheiro e me sustentar. Tenho a impressão de que ela não espera a sua volta. Mas nunca diz isso. Nem ela nem meu pai estão bem de saúde. Os dois sentem dores nas pernas e nas costas, e meu pai está cada vez mais sem fôlego. Ele raramente trabalha no campo. Sua audição também tem piorado. É tocante vê-los envelhecendo. Os dois já têm bem mais de cinquenta anos, uma idade atingida por poucas pessoas em Kalaw. Meus pais têm muita sorte. Eles estão até envelhecendo juntos. Que dádiva! Meu único desejo é que você e eu tenhamos a mesma sorte. Quero envelhecer com você. Sonho com isso enquanto enrolo as cigarrilhas. Sonho com você e com nossa vida.

O trabalho é muito mais simples do que eu esperava. Várias vezes por semana, um

homem chega da cidade com um saco e folhas secas, jornais velhos e folhas de milho (eu as uso como filtro), e um saco de mistura de tabaco. Todas as tardes, eu passo duas horas na varanda, coloco um punhado de tabaco em uma folha, pressiono um pouco, enrolo-a nas mãos até ficar firme, mas não dura, coloco o filtro, dobro a folha e corto a ponta. O homem diz que ele nunca viu uma mulher enrolar cigarrilhas com tanta rapidez e facilidade. Os clientes dele estão muito animados e dizem que minhas cigarrilhas têm um gosto que as distingue das cigarrilhas de outras mulheres. Se elas continuarem a vender tão bem, não precisaremos nos preocupar com o futuro.

Acabou de começar a chover. As chuvas sempre me deixam arrepiada agora...

Meu doce Tigre,

Encontrei uma borboleta morta em nossa varanda há algumas semanas. Eu a empalhei. É uma daquelas cujas batidas de asas você adorava. Certa vez, você disse que as batidas do coração dela se pareciam com as minhas. Não havia som mais agradável...

U Saw soltou a carta. Ficou de pé e foi até a janela. Chovia. Nas poças, as gotas formavam bolhas grandes que rapidamente explodiam.

Tin Win e Mi Mi estavam malucos. Nem uma palavra amarga, nem mesmo depois de um ano de silêncio. Nem sinal de acusação. Por que você não tem escrito para mim? Onde estão as respostas? Estou escrevendo todos os dias, e você? Você não me ama mais? Conheceu outra pessoa?

Ficou aliviado por saber que o amor não era uma doença contagiosa. Caso contrário, ele teria que despedir todos os empregados e desinfetar a casa e o jardim. Talvez até tivesse contraído a doença, poderia ter se apaixonado por uma das empregadas — uma ideia que ele logo afastou.

U Saw analisou se as cartas mudavam seus planos de alguma maneira. Ele tinha certeza de que a paixão passaria. Não havia

emoção forte o bastante que resistisse à força do tempo. Dadas a distância e a passagem dos anos, aquele amor também acabaria se desfazendo.

Em todos os outros aspectos, Tin Win demonstrava ser extraordinariamente competente e útil. Parecia ter driblado a catástrofe prevista pelo astrólogo. Os negócios estavam mais tranquilos do que nunca, apesar da crise no mercado. Além de tudo isso, os professores da Saint Paul — de longe, a escola de maior prestígio na Birmânia — consideravam Tin Win extremamente talentoso. Todos previam um futuro brilhante para ele. Depois de sua formatura, em um ano, ele seria aceito em qualquer universidade da Inglaterra e certamente ofereceriam a ele uma bolsa de estudos, o diretor acreditava. O país precisaria de talentos natos mais adiante.

U Saw sentiu-se honrado, mas a guerra na Europa o preocupava. Ela cresceria. Os japoneses estavam avançando na Ásia, e seria apenas questão de meses, talvez semanas, até eles atacarem o governo britânico. Até quando, então, os ingleses conseguiriam resistir aos alemães na Europa? Para ele, era apenas questão de tempo até a bandeira alemã ser hasteada no Big Ben. A era de Londres como capital do mundo estava chegando a um fim inevitável.

U Saw tinha outros planos.

Tin Win pensava que a partida de uma locomotiva de passageiros era algo festivo. A tripulação a bordo de uniformes brancos. Música. Flâmulas e bandeirolas ao vento. Algumas palavras do capitão, talvez. Mas, em vez disso, os marinheiros passaram por ele com uniformes manchados de óleo. Não havia banda. Nem bandeiras, nem confetes. Ele se recostou na grade, olhando para baixo, para o cais. À sombra de um galpão, havia uma carroça e diversos riquixás dentro dos quais seus donos dormiam. A prancha já tinha sido recolhida. Na frente do navio, alguns homens uniformizados da autoridade portuária ainda estavam esperando. Os parentes de alguns passageiros estavam olhando para o casco preto do navio e acenando, esticando o pescoço como passarinhos. Tin Win não viu ninguém que ele conhecesse. A pedido de U Saw, Hla Taw havia permanecido em casa. Um motorista levou Tin Win ao porto. Dois carregadores levaram seu baú e o colocaram dentro da embarcação. Já fazia bastante tempo que eles tinham partido.

Ele e U Saw haviam jantado juntos na noite anterior e, depois da refeição, U Saw entregou a ele os documentos da viagem. O passaporte com o visto para a entrada nos Estados Unidos da América. Uma passagem para a viagem a Liverpool e outra para a travessia do Atlântico. Uma carta a seu sócio, um indiano importador de arroz em Nova York que deveria cuidar de Tin Win nos primeiros meses. Um envelope com dinheiro. Mais uma vez, ele explicou o que esperava dele. Pelo menos seis cartas por ano

com relatórios detalhados. A conclusão do curso de graduação. Com honras. Ele explicou, de novo, o que o futuro lhe reservava em seu retorno. Ele se tornaria um gerente e, depois, um sócio. Estaria entre os homens mais influentes da cidade. Não lhe faltaria nada.

U Saw desejou a ele muito sucesso. Em sua viagem, com seus estudos. Então, ele se virou e entrou em seu escritório. Não houve contato físico entre eles. Nunca mais se viram.

Ao observá-lo se afastar, Tin Win imaginou quanto tempo uma árvore jovem demorava para formar raízes depois de ser transplantada. Alguns meses? Um ano? Dois? Três? Ele havia vivido em Rangun por dois anos e sentia-se deslocado o tempo todo. Continuava sendo um estranho na cidade. Uma árvore que podia ser erguida e levada por uma rajada de vento.

Na escola, os professores o respeitavam por suas conquistas. Seus colegas o admiravam por sua disposição em ajudar. Não tinha amigos. Não havia ninguém que mantivesse Tin Win em Rangun.

Ele olhou para o porto e para a cidade. O pináculo dourado do Templo Shwedagon brilhava ao longe no sol ao fim da tarde. O céu estava azul, sem nuvens. Nas semanas que precederam sua partida, Tin Win passara muitas noites vagando pela cidade. Pelo caminho, ele escutou os rumores que estavam se espalhando pela cidade como uma nuvem de gafanhotos em um campo de arroz. Todos os sussurros em todas as bancas de sopa criavam um rumor novo. Como se as pessoas só vivessem disso. No golfo de Bengala, o tufão do século estava se desenvolvendo, segundo uma teoria. Um tigre havia atravessado a bacia do porto e atacado uma família de cinco pessoas, além do porco de estimação. O que, acima de tudo — como se não fosse suficientemente trágico por si só —, foi um claro sinal de um terremoto iminente, como qualquer pessoa com a mínima crença em videntes sabia. Navios de guerra alemães bloqueavam os portos ingleses, diziam; e, pior ainda, os japoneses

estavam se preparando para atacar a Birmânia. Os astros não estavam favoráveis para os britânicos, nem na Europa nem na Ásia. A Birmânia estaria em apuros se a invasão ocorresse em uma quarta-feira ou em um domingo.

Tin Win notou esses rumores e, de uma maneira modesta, até contribuiu para sua disseminação. Não porque acreditava neles, mas, sim, pelo senso de dever cívico. O falatório não significava nada para ele. Sim, sua viagem o levaria pelo golfo de Bengala e para os portos ingleses, mas ele não sentia medo. Nem dos terremotos, nem dos japoneses. Nem dos tufões. Nem dos submarinos alemães.

Seu medo havia dissipado aos poucos. Tin Win não sabia quando nem como ele começara. Tinha sido um longo processo. Uma manga não amadurece da noite para o dia. Ele o notou pela primeira vez em um daqueles dias de verão de calor insuportável. Ele estava banhado em suor no parque em Royal Lake. Duas pombas se aproximaram dele, as cabeças retraídas, exaustas demais para gorjear. Ele olhou para a água e pensou em Mi Mi. Pela primeira vez, pensar nela não causou nele aquela saudade dolorosa e forte que roubava seu vigor. Nem medo. Nem mesmo pesar. Ele amava Mi Mi mais do que nunca, mas seu amor não o estava devorando. Não o acorrentava mais. Nem à sua cama, nem a um cepo de árvore.

Quando começou a chover, ele fechou os olhos. Uma tempestade breve, mas intensa. Quando abriu os olhos de novo, a noite havia chegado. Ele se endireitou, deu alguns passos, e sentiu com seu corpo todo que algo havia mudado. Um peso havia sido tirado dele. Ele estava livre. Não esperava mais nada da vida. Não porque estivesse desapontado nem amargurado. Não esperava nada porque não havia nada de importante pelo qual ele já não tivesse passado. Ele tinha toda a felicidade que uma pessoa podia ter. Amou e foi amado. Incondicionalmente. Ele disse uma frase em voz alta,

suavemente, quase sem mexer os lábios.

Enquanto respirasse, ele a amaria e seria amado por ela. Ainda que ela vivesse a dois dias de viagem dele. Ainda que ela não respondesse suas cartas e ele já tivesse perdido toda a esperança de vê-la de novo nos próximos anos. Ele viveria todos os dias como se tivesse despertado ao lado de Mi Mi e fosse dormir com ela.

“Soltar as amarras”, disse o jovem oficial na ponte, tirando Tin Win de seus devaneios.

“Soltar as amarras”, repetiram dois homens no píer. Com um *splash*, as cordas caíram na água. A fumaça preta subia. O navio vibrava. O toque da buzina foi alto e profundo. Tin Win se virou. Um velho ao lado dele olhou para Rangum e brevemente inclinou o chapéu, com uma melancolia curiosa nos olhos. Como se estivesse deixando para trás mais do que apenas uma cidade repleta de pessoas. À frente dele, duas mulheres inglesas acenavam seus lenços brancos e choravam.

Percebi naquele momento que o cansaço havia tomado o rosto de U Ba enquanto ele falava. As marcas ao redor de seus lábios e em sua testa haviam se aprofundado. Seu rosto estava abatido. U Ba permaneceu sentado, olhando através de mim.

Esperei.

Depois de alguns minutos em silêncio, ele enfiou a mão no bolso e, sem nada dizer, pegou um velho envelope. Estava amassado e rasgado, aparentemente já tinha sido aberto e fechado muitas vezes na vida. Tinha um selo de Rangum e era endereçado a Mi Mi. O endereço estava um pouco apagado, mas a tinta azul, as letras grandes e a caligrafia estranhamente extravagante ainda estavam claramente legíveis. Na parte de trás do envelope, o endereço do remetente: 7 Halpin Road, Rangum.

Não tinha como ser a caligrafia de meu pai. Abri o envelope.

Rangum

14 de dezembro de 1941

Cara Mi Mi,

Meu sobrinho Tin Win solicitou que eu informasse a você que ele saiu do país há poucos dias. Enquanto escrevo esta carta, ele está a caminho da América, onde, depois de sua chegada em Nova York, será matriculado na escola de direito.

Ele esteve muito ocupado com os preparativos da viagem durante as semanas que antecederam sua partida, por isso não surpreende que ele não tenha se comunicado com você pessoalmente nem mesmo escrito um bilhete. Tenho certeza de que você compreenderá. Ele me pediu para agradecer você pelas inúmeras cartas que você

escreveu a ele nos últimos dois anos. As responsabilidades de sua vida escolar e pessoal em Rangum, infelizmente, não permitiram que ele respondesse.

Como ele não pensa em voltar antes da conclusão do curso, daqui a alguns anos, pede que você, a partir de agora, não escreva mais.

Ele lhe deseja o melhor.

Respeitosamente,

U Saw

Li a carta uma segunda e terceira vezes. U Ba olhou para mim de modo ansioso. Parecia em alerta e relaxado de novo. Como se a lembrança tivesse causado apenas um momento de tristeza.

Eu não sabia o que dizer. Era impossível comensurar como a carta devia ter magoado Mi Mi. Como ela devia ter se sentido abandonada e traída. Durante mais de dois anos, ela não havia recebido notícias de meu pai. Ela escrevera centenas de cartas, e aquelas linhas tinham sido a única resposta recebida. Em Kalaw, enrolando cigarrilhas, sonhando com meu pai e uma vida com ele, sem saber se ela o veria de novo, dependendo de irmãos que não a compreendiam de verdade. A solidão dela me entristeceu. Foi a primeira vez em que senti algo por ela.

No começo de minha viagem, ela tinha sido um nome, uma primeira parada na busca por meu pai, nada mais. Com o tempo, ela havia recebido um rosto e um corpo. Era uma deficiente que havia roubado meu pai de mim. E agora? Ela tinha sido largada e enganada. A carta de U Saw me enfureceu.

“Como ela recebeu essa carta?”, perguntei.

De dentro do bolso, U Ba tirou uma segunda carta, ainda mais amassada do que a primeira. Selo: Kalaw 26-dez-1941

Destinatário: U Saw, 7 Halpin Road, Rangum.

De: Mi Mi

Respeitável U Saw,

Como posso agradecer por ter se dado ao trabalho de escrever para mim? Sinto-me honrada com seu esforço. O senhor realmente não precisava ter se incomodado.

Sua carta me encheu de uma alegria que tenho dificuldades para descrever. Tin Win está indo para a América. Ele está bem. O senhor não poderia ter me mandado notícias melhores. Apesar de todas as responsabilidades dele e dos preparativos para a viagem, ainda assim ele conseguiu tempo para pedir ao senhor escrever para mim. O senhor não sabe como fico feliz com isso. Mais uma vez, quero que saiba como me sinto grata por ver que o senhor honrou o desejo dele.

Claro, eu, da mesma forma, honrarei o pedido dele.

Com muito respeito,

Mi Mi

U Ba voltou a dobrar a carta e guardá-la no envelope. Trocamos um sorriso. Eu a havia subestimado. Eu a vira como uma vítima indefesa, incapaz de se defender das maquinações de U Saw. Ela era mais esperta e mais forte do que eu julgara. E ainda assim, eu senti pena dela. Como deve ter se sentido solitária. Como viveria sem Tin Win? Como sobreviveu à longa separação de meu pai?

“Não foi fácil no começo”, disse U Ba sem que eu perguntasse. “Os pais dela morreram no ano seguinte. Primeiro o pai; a mãe, dois meses depois. Seu irmão mais jovem se uniu ao movimento de independência e acabou lutando em uma guerra na floresta. Ela nunca mais o viu. Dizem que os japoneses o torturaram até a morte. A família de seu irmão mais velho morreu em um ataque aéreo perpetrado pelos ingleses, em 1945. Foi uma época difícil. E, ainda assim — quase não tenho palavras, Julia —, ainda assim ela se tornava mais linda a cada ano que passava. Sofreu pela família, sem dúvida. Sentia saudade de Tin Win também, mas não sofreu de amor. Essa dor marca o rosto para sempre, mas Mi Mi nunca a sentiu. Seus traços nunca se endureceram, nem mesmo na velhice. Pode ser difícil de compreender, Julia, mas a distância ou a proximidade física eram irrelevantes para ela.

“Sempre tentei definir qual era a fonte de sua beleza, de sua radiância. Não é o tamanho do nariz de uma pessoa, a cor de sua

pele, ou o formato dos lábios ou dos olhos que torna uma pessoa bela ou feia. Então, o que é? Você, como mulher, sabe me dizer?”

Balancei a cabeça, negando.

“Eu vou dizer: é o amor. O amor nos torna bonitos. Você conhece uma única pessoa que ama e é amada, que é amada incondicionalmente que, ao mesmo tempo, é feia? Não precisa pensar nessa pergunta. Não existe pessoa assim.” Ele serviu o chá e tomou um gole.

“Acho que não houve um único homem em toda Kalaw naquela época que não a teria aceitado como esposa. Não estou exagerando. Depois da guerra, apareceram pretendentes de todos os cantos do estado de Shan, diversos até de Rangun e Mandalay. A fama de sua beleza se espalhou até lá. Eles traziam presentes, joias de prata e ouro, pedras preciosas e lindos tecidos que Mi Mi repassava para as pessoas do vilarejo. Ela recusou todas as propostas. Mesmo mais tarde, quando já fazia dez, vinte, trinta anos desde a partida de Tin Win.

“Havia homens dispostos a morrer na esperança de voltar ao mundo como um dos animais dela, um porco, uma galinha ou um cão.

“Mi Mi viveu na casa dos pais com parentes que cuidavam dela. Ela tomava conta dos animais: das galinhas, dos dois porcos, do búfalo e do cachorro. Raramente saía da propriedade. Passava todas as tardes na varanda enrolando as cigarrilhas, balançando para a frente e para trás, com os olhos fechados. Mexia os lábios como se estivesse contando uma história. Qualquer pessoa que tivesse a sorte de vê-la fazendo essa tarefa nunca se esquecerá da elegância graciosa de seus movimentos.

“As cigarrilhas dela realmente tinham um sabor totalmente diferente. Eram mais doces, com um toque de baunilha que ficava na boca. Surgiu um rumor, alguns anos depois da independência, de que suas cigarrilhas, além do gosto extraordinário, também

tinham poderes sobrenaturais. Isso não surpreende, Julia. Você já viu como os birmaneses são supersticiosos.

“Certa noite, um viúvo fumou uma de suas cigarrilhas. Naquela noite, sua esposa falecida apareceu para ele e deu a bênção para que ele se casasse com a filha do vizinho, algo que ele queria havia bastante tempo. Até então, a garota em questão havia recusado veementemente suas aproximações, mas, quando ele se sentou na varanda dela na manhã seguinte, como fazia todos os dias, ela saiu da casa, sentou-se ao lado dele e passou o dia e a noite inteiros com ele. Totalmente feliz, o homem fumou mais uma das cigarrilhas de Mi Mi na noite seguinte e viu o rosto sorridente da esposa, incentivando-o, entre a fumaça. Na manhã seguinte, de novo, a jovem se sentou com ele e, uma semana depois, ela aceitou o pedido de casamento. O viúvo atribuiu sua sorte às cigarrilhas de Mi Mi, e, desde então, nenhum homem em Kalaw deixa de fumar pelo menos uma das cigarrilhas antes de seguir um pedido de seu coração. As cigarrilhas logo foram adotadas como remédio para todos os tipos de males, especialmente perda de cabelo, prisão de ventre, diarreia, dores de cabeça, dores de estômago e para qualquer tipo de problema.

“Com o passar dos anos, Mi Mi se tornou uma espécie de sábia de Kalaw, mais admirada do que o prefeito, os astrólogos e os curandeiros juntos. As pessoas que não acreditavam em astrólogos pediam seus conselhos para resolver problemas com cônjuges, irmãos e vizinhos.”

U Ba ficou de pé, dobrou os envelopes com cuidado e os colocou na faixa da cintura de seu *longyi*. Como elas tinham chegado a ele? Como ele havia tomado conhecimento do conteúdo da correspondência entre Mi Mi e Tin Win? Não com meu pai, que, afinal, não sabia das cartas de Mi Mi. Havia muitos detalhes na descrição dos fatos dada por U Ba que meu pai não poderia ter fornecido.

“Posso fazer uma pergunta?”, perguntei.

Ele esperou.

“Quem contou a você a história de Mi Mi e Tin Win com tantos detalhes?”

“Seu pai.”

“Ele não pode ter sido o único. Você descreve impressões e sentimentos sobre os quais meu pai não teria como saber.”

“Quando terminar de ouvir a história, você não terá mais perguntas.”

“Onde você conseguiu essas duas cartas?”, insisti em saber.

“Com Su Kyi. U Saw foi a Kalaw no início dos anos 1950. A sorte virou-se contra ele depois da guerra. Ou devo dizer que sua sorte secou, o que não é bem a mesma coisa. Durante a ocupação, ele havia colaborado com os japoneses, um fato que não o aproximou nem dos ingleses nem do movimento de independência birmanês. Quando os britânicos reassumiram o país, alguns moinhos de arroz foram incendiados. A causa dos incêndios não foi determinada. Nos anos seguintes à independência, houve muitos assassinatos naquele país e violência sem fim das facções. Com frequência, U Saw viu-se no lado desfavorável, uma circunstância que custou a ele grande parte de sua fortuna. Ele afirmou ter tentado um cargo como ministro. Veio a Kalaw duas vezes e permaneceu poucos dias. Suspeitamos que as coisas tinham se tornado quentes demais para ele na capital. Ele trouxe muita bagagem nas duas vezes, em grande parte, documentos, pastas e arquivos que deixou na casa. Não chegou a fazer uma terceira visita. Su Kyi encontrou as cartas no meio de suas coisas.”

“Como ele morreu? Foi assassinado?”

“Algumas pessoas que o conheciam disseram que sim, tempos depois. Ele foi atingido por um raio enquanto jogava golfe.”

“Você o conheceu pessoalmente?”

“Eu o vi em Rangum, certa vez.”

“Você já esteve em Rangum?”

“Estudei lá por um tempo. Eu era um ótimo aluno. Um amigo de nossa família teve a generosidade de pagar meu curso na Saint Paul por alguns anos. Até ganhei uma bolsa de estudos para estudar física em uma universidade na Grã-Bretanha. Eu tinha talento para as ciências naturais.”

“Você estudou na Inglaterra?”

“Não. Tive que voltar para Kalaw.”

“Por quê?”

“Minha mãe adoeceu.”

“Algo grave?”

“Idade. Ela não sentia dor, mas, a cada dia, a vida se tornava mais difícil para ela.”

“Você não tem irmãos?”

“Nenhum.”

“Não havia outros parentes?”

“Havia.”

Eu balancei a cabeça, perplexa.

“Então, por que eles não cuidaram de sua mãe?”

“Era a minha responsabilidade. Eu era o filho dela.”

“Mas U Ba! Sua mãe não estava gravemente doente. Você poderia levá-la à Inglaterra quando se formasse.”

“Minha mãe precisava de mim logo.”

“Ela era uma inválida?”

“Não, por que pergunta isso?”

Estávamos nos perdendo na conversa. Cada resposta me deixava mais irritada do que a última, e estava claro que eu não conseguiria chegar a lugar algum tentando seguir a lógica.

“Por quanto tempo você cuidou de sua mãe?”

“Trinta anos.”

“O quê?”

“Trinta anos”, ele repetiu. “Ela viveu muito para os padrões

birmaneses.”

Fiz as contas.

“Dos vinte aos cinquenta anos, você não fez nada além de cuidar de sua mãe?”

“Aquilo me ocupava bastante.”

“Não estou dizendo que você estava sendo preguiçoso. Eu, eu... se tivesse estudado na Inglaterra. Você teria todas as oportunidades do mundo.”

Naquele momento, ele não me compreendeu.

“Você poderia ter feito pesquisas como físico. Com um pouco de sorte, poderia conseguir um emprego nos Estados Unidos.” Por que eu estava tão alterada?

“Sou muito satisfeito com minha vida, Julia. Ainda que minha esposa, que eu amava muito, tenha morrido jovem demais. Mas isso poderia ter me acontecido em qualquer lugar do mundo.”

Não estávamos concordando. Será que ele entendia o que eu queria dizer? Cada uma de minhas perguntas nos afastava ainda mais. Eu estava ficando furiosa, enquanto ele estava calmo. Como se fosse eu quem tivesse desperdiçado uma vida.

“Você nunca se arrependeu de ter voltado a Kalaw?”

“Só posso me arrepender de uma decisão tomada de modo consciente e por livre e espontânea vontade. Você se arrepende de ser canhota? Eu fiz o que foi necessário. Qualquer birmanês no meu lugar teria feito o mesmo.”

“Por que você não voltou a Rangum quando sua mãe morreu? Talvez ainda houvesse uma chance de ir para a Inglaterra.”

“Por quê? Todo mundo tem que conhecer o mundo? Neste vilarejo, em todas as casas, em qualquer casebre, você conseguirá encontrar todos os tipos de emoções humanas: amor e ódio, medo e ciúmes, inveja e alegria. Eu não precisaria sair à procura deles.”

Olhei para ele e fiquei tocada com o que vi: um homem pequeno, vestido com trapos e com dentes apodrecidos, que, com

um pouco de sorte, poderia ter se tornado um professor com um apartamento luxuoso em Manhattan ou uma casa em algum bairro nobre de Londres. Qual de nós dois havia perdido o bom senso? Eu, com minhas exigências, ou ele, com sua simplicidade? Eu não sabia muito bem o que sentia por ele. Não era pena. Era um tipo diferente de afeição. Eu queria protegê-lo, mesmo sabendo muito bem que ele não precisava de minha proteção. Ao mesmo tempo, eu me sentia segura — quase confortável — em sua companhia. Como se ele estivesse me protegendo de algo. Eu confiava nele. Até aquele momento, eu pensara que era preciso conhecer uma pessoa para gostar dela ou para se sentir próxima a ela.

Meu pai e eu estamos na Brooklyn Bridge em Nova York. Tenho oito ou nove anos. Um dia de outono com um vento gelado que já anuncia o frio do inverno. Estou com uma roupa fina e estou congelando. Meu pai coloca seu casaco em cima de meus ombros. As mangas são muito compridas. Estou me afogando naquela peça, mas ela me esquentar. Pelas frestas na madeira a meus pés, vejo raios de sol dançando na superfície do East River mais abaixo. Meu pai conseguiria me salvar se a ponte ruísse agora? Calculo a distância até a margem. Ele sabe nadar, e eu não tenho dúvidas. Não sei quantas vezes permanecemos ali, daquela forma. Normalmente, sem nada dizer.

Meu pai adora as partes de Nova York que interessam bastante aos turistas. As balsas da Circle Line que circundam Manhattan. O Empire State Building. A Estátua da Liberdade, as pontes. Como se ele estivesse apenas passando. Ele gostava muito do ferryboat de Staten Island. Às vezes, após um dia agitado no trabalho, ele descia ao píer apenas para pegar o barco, cumprir o trajeto e voltar. Eu me lembro de uma vez em que estávamos na grade do barco, logo acima dos carros, e ele disse que não conseguia acreditar quanto o porto e a arquitetura da cidade haviam mudado. Quando ele fechava os olhos, ainda conseguia ver a mesma imagem que viu naquela amarga manhã fria de janeiro de 1942, quando o vento estava tão frio que quase ninguém, além dele, conseguia permanecer no convés.

Naquela época, eu não conseguia entender o que ele via nos lugares que a maioria dos nova-iorquinos evitava quando não estava na companhia de visitantes que não conheciam a cidade. Mais tarde, achei aquilo entediante. Na adolescência, eu me sentia envergonhada e não ia mais com ele. Agora, acredito que era no meio dos turistas que ele encontrava o distanciamento de que precisava entre ele e a cidade à qual ele nunca pertenceu de fato. Suspeito que eram aqueles lugares aonde ele ia quando a saudade batia forte. Seria ali que ele se sentia mais próximo de Mi Mi? Ele imaginava a si mesmo deixando Nova York de navio ou avião? Sonhava com isso?

U Ba e eu andamos pelo caminho dos bois até o pico. A tarde chegava ao fim. As fogueiras estavam acesas diante dos casebres, e o vento carregava a fumaça pelos quintais. Eu já havia me acostumado ao cheiro de madeira queimada ao entardecer.

Eu não sabia aonde estávamos indo. U Ba dissera que havia apenas um lugar onde ele podia terminar sua história. Ele se levantou, colocou a garrafa térmica e a caneca dentro da bolsa, devolveu o banco e fez um gesto para que eu o seguisse. Ele olhou para o relógio e caminhou mais devagar. Como se estivesse adiantado para um compromisso.

Eu estava nervosa.

“Não há muito mais a contar”, disse U Ba, parando por um momento. “Você sabe mais do que eu a respeito do tempo em que ele passou nos Estados Unidos.”

E me ocorreu de novo a pergunta que eu havia reprimido nos últimos dois dias: O que eu realmente sabia?

Eu tinha lembranças, muitas lembranças belas e suaves pelas quais eu era muito grata, mas de que elas serviam para eu entender meu pai? Era o mundo pelos olhos de uma criança. Elas não podiam responder às perguntas que giravam em minha mente. Por que meu pai não voltou para Kalaw depois da guerra?

Por que ele se casou com minha mãe? Ele a amava? Ele a traiu com Mi Mi ou traiu Mi Mi com ela?

“U Ba, por que meu pai permaneceu em Nova York depois de formado?” Fiquei assustada com meu tom de voz. Era o mesmo tom de minha mãe quando ela tentava conter sua fúria.

“O que você acha, Julia?”

Eu não queria supor nada. Queria respostas. A verdade.

“Não sei.”

“Seu pai teve escolha? Se ele tivesse voltado à Birmânia, teria que se dobrar às vontades do tio dele. Sentia-se em dívida com ele. U Saw havia assumido o papel do pai, e um filho não desafia a vontade de seu pai. Não era Mi Mi que o aguardava em Rangun, mas, sim, uma vida arranjada. Uma jovem noiva. Uma empresa grande. Nova York era a única chance que ele tinha de evitar isso.” Ele olhou para mim como se conseguisse ver em meus olhos se havia me convencido. “Isso foi há cinquenta anos. Éramos um país conservador, assim como agora.”

Pensei na decisão de U Ba de cuidar de sua mãe em vez de ir para a faculdade. Talvez fosse errado da minha parte julgar U Ba ou meu pai de acordo com os meus padrões. Eu podia determinar uma sentença? Eu estava ali para encontrar meu pai, compreendê-lo ou testá-lo?

“Ele poderia ter voltado depois da morte de U Saw.” Era apenas uma sugestão, uma pergunta implícita, não mais uma acusação.

“U Saw morreu em maio de 1958.”

Três meses antes do nascimento de meu irmão.

“Por que ele se casou com minha mãe? Por que não esperou U Saw morrer para voltar para Mi Mi?”

“Receio não poder responder para você.”

Foi a primeira vez em que detectei uma leve irritação na voz de U Ba. Ele estava mais perplexo do que bravo. Eu me lembrei do que minha mãe dissera antes de minha partida. Meu pai recusara-

se a se casar com ela por muito tempo. Ele a havia alertado sobre o casamento deles. Por que acabou concordando? Sentiu-se solitário depois de todos aqueles anos em Nova York? Procurava consolo? Esperava que ela o ajudasse a esquecer Mi Mi? Com base em tudo o que eu sabia naquele momento, parecia muito improvável. Ele a amava? Não parecia. Não, pelo menos, na opinião de minha mãe. Será que ele esperava passar a amá-la? O desejo de ter uma família era tão grande que ele acabou por ceder?

Talvez ele a amasse, mas ela não conseguia perceber, nem acreditar, porque não era a maneira como ela amava.

Minha pobre mãe. Eu via seu rosto endurecido e amargurado. Ouvia sua voz fria e pungente quando meu pai chegava tarde em casa porque, mais uma vez, ele havia pegado o barco para Staten Island. Lembrava-me dos dias que ela passava no quarto escuro. Presa à cama por conta de uma doença misteriosa que eu e meu irmão não sabíamos qual era. Ninguém, à exceção do médico da família, podia vê-la, nem mesmo meu pai. Agora sei que ela sofria de depressão. Meu pai e minha mãe teriam sido mais felizes separados.

Senti pena dos dois. Independentemente do que meu pai sentia por minha mãe, por mais que se divertisse conosco, seus filhos, em determinados momentos, ele não estava onde deveria estar. Não estava com Mi Mi.

Ele podia ser culpado por ter se entregado à persuasão de minha mãe? Ou ela estava errada por querer algo dele que ele nunca poderia dar?

Andávamos em silêncio. O caminho descia levemente e fazia

uma curva diante dos arbustos desgrenhados. Continuamos em frente, passando pelos arbustos, atravessando os trilhos do trem, caminhando por um campo e entrando em uma trilha que nos levava a um canto isolado de Kalaw. U Ba me guiou por vários quintais nos quais crianças brincavam. Paramos diante do portão de um jardim. A propriedade era bem mantida. Alguém a havia limpado recentemente. Havia quirera para as galinhas em uma vasilha. Abaixo da varanda, havia uma pilha de lenha e de atiçadores. A casa, apesar de não ser grande, estava em uma condição muito boa. Na varanda, vi panelas de metal e utensílios de mesa. Nós nos sentamos no alto da escada e esperamos.

Olhei para o quintal. Um eucalipto marcava o limite com a propriedade do vizinho. Na frente do galinheiro, havia uma tábua de madeira para as pessoas se sentarem. Diante dele, um pilão. Olhei para os amplos pilares nas grades da varanda — uma criança conseguiria saltar as grades com facilidade. Demorou um pouco para eu perceber onde estávamos. Eu fiquei de pé e me virei.

Escutei a respiração de meu pai na casa. Escutei Mi Mi rastejando-se pelo chão. Escutei os dois sussurrando. Suas vozes. Eu os havia alcançado.

U Ba retomou a história.

A casa de chá estava silenciosa quando Tin Win terminou de contar sua história. Dava para escutar as velas derretendo e os clientes respirando com calma. Ninguém se mexia. Até mesmo as moscas, imóveis em cima dos doces folhados, haviam parado de zunir.

Tin Win contara tudo o que havia para contar. Agora, sua voz falhava. Seus lábios formavam palavras, mas elas não eram mais audíveis. Ele voltaria a dizer alguma coisa? Ele se levantou, tomou um gole de chá, espreguiçou-se brevemente e caminhou em direção à porta. Já era hora. Ele se virou mais uma vez e acenou, despedindo-se. Um sorriso foi a última coisa que viram dele.

Na rua, havia um caminhão cheio de soldados. Crianças com uniformes verdes. As pessoas pareciam não notá-los, mas, ainda assim, todos davam espaço para o veículo passar. Já estava tarde.

Tin Win ajustou seu *longyi* e desceu lentamente a rua principal. À sua direita, estava o mosteiro. As tábuas tinham se soltado das paredes em muitos pontos, e o telhado de metal corrugado, enferrujado, não parecia oferecer muita proteção da chuva. Apenas os pequenos sinos do templo tilintavam como antes. Caminhando em sua direção, havia dois jovens monges descalços. A poeira havia tornado cinza seus roupões marrons. Ele sorriu para os dois, que retribuíram.

Ele passou pela feira vazia e, na pequena estação de trem, atravessou os trilhos e subiu o monte lentamente, até onde a

propriedade ficava. Ele tinha certeza de que ela ainda vivia na casa de seus pais. Ele parava com frequência para olhar ao redor. Não estava com pressa. Não depois de cinquenta anos. Nem sequer sentia ansiedade. No momento em que seu Thai Air Boeing 737 aterrissou em Rangum, todo o seu nervosismo havia desaparecido, e agora ele permitia a si mesmo o luxo da alegria. Uma alegria sem medidas, não mais manchada pelo medo ou pelo cuidado, aumentando a cada minuto. Ele havia se entregado a essa alegria, que já era tão enorme que ele mal conseguia conter as lágrimas. Meio século havia se passado. Ali estava ele.

Kalaw o fascinava. Desconhecida e familiar ao mesmo tempo. Ele se lembrava dos cheiros. Ele sabia qual era o cheiro da cidade no inverno e no verão, nos dias de feira e nos dias de festas, quando a fragrância do incenso tomava as casas e ruas. E ele conhecia os sons do local. Sua Kalaw gemia e ofegava. Chiava e chocalhava. Conseguia cantar e chorar. Mas ele não sabia como ela era. Ele a vira pela última vez na infância, e, ainda assim, com os olhos nublados. Ele foi ao English Club, e, dentro da piscina vazia, girinos cresciam. Depois dela, ele viu as quadras de tênis, e então, o Kalaw Hotel em estilo Tudor com o telhado vermelho. Exatamente como Mi Mi o descrevera. Em algum lugar atrás do monte seguinte, ele vivera com Su Kyi.

Ficou parado em uma bifurcação na rua, sem saber para qual lado ir. Reto ou à esquerda, na subida íngreme? Durante quatro anos, ele havia carregado Mi Mi por aquele caminho sem enxergar. Fechou os olhos, que não lhe teriam serventia naquele momento. Suas pernas, seu nariz, seus ouvidos teriam que lembrar. Algo o levou para a frente. Com os olhos fechados, ele seguiu. Sentiu cheiro de mangas maduras e jasmim. Tin Win reconheceu a fragrância. Aquela devia ser a rocha plana sobre a qual ele havia descansado algumas vezes. Ele a encontrou com facilidade.

Escutou crianças brincando nos quintais, rindo e gritando. Não

eram mais as vozes de sua juventude, mas o tom não havia mudado. Ficou surpreso ao perceber a confiança com que caminhava de olhos fechados. Quando tentou fazer a mesma coisa em Nova York, trombou com pedestres, bateu em postes e árvores. Certa vez, um táxi quase o atropelou.

Ali, ele não tropeçou nem uma vez.

Parou diante do portão de um jardim.

O cheiro do eucalipto. Pensava com frequência naquela árvore. Passava muitas horas acordado à noite em Nova York imaginando seu cheiro.

Abriu o portão. Muitas vezes havia imaginado aquele momento.

Entrou. Dois cães se aproximaram de seus pés. As galinhas estavam no galinheiro.

Tin Win escutou vozes na casa. Tirou os chinelos. Seus pés se lembravam daquela terra. Daquele solo macio e quente que fazia cócegas em seus dedos. Ele subiu a escada, chegou à grade. Suas mãos se lembravam da madeira. Nada havia mudado.

Ele subiu a escada, degrau por degrau. Não tinha pressa. Não depois de cinquenta anos.

Ele caminhou pela varanda. As vozes estavam abafadas agora. Quando ele parou na entrada, todas cessaram.

Escutou pessoas passando por ele e desaparecendo. Até mesmo as mariposas que estavam voando ao redor da lâmpada voaram pela janela, para o entardecer. Os besouros e baratas rapidamente se enfiaram em frestas na madeira.

Tudo ficou parado.

Ele se aproximou dela sem abrir os olhos. Não precisava mais deles.

Alguém havia feito uma cama para ela.

Tin Win se ajoelhou diante dela. Sua voz. Seus sussurros. Seus ouvidos se lembraram.

Suas mãos em seu rosto. Sua pele se lembrou.

Sua boca se lembrou, e também seus lábios. Seus dedos se lembraram, e também seu nariz. Por muito tempo, sentira falta daquele cheiro. Como conseguira ficar sem ela? Onde encontrara forças para viver um dia sem ela?

Havia espaço suficiente para duas pessoas na cama.

Ela havia se tornado muito leve.

Seus cabelos em seu rosto. Suas lágrimas.

Tanto a compartilhar, tanto a dar, tão pouco tempo.

Pela manhã, a força deles havia se esvaído. Mi Mi adormecera nos braços dele.

O sol logo nasceria, Tin Win percebeu pelo canto dos pássaros. Recostou a cabeça nos seios dela. Não se enganara. O coração dela estava fraco e cansado. Estava pronto para parar.

Ele havia chegado na hora certa. Na hora exata.

Um parente os encontrou perto do meio-dia. Ele já estivera ali uma vez pela manhã e pensou que eles estivessem dormindo.

A cabeça de Tin Win estava repousada no peito de Mi Mi. Os braços dela envolviam seu pescoço. Quando ele voltou algumas horas depois, eles estavam pálidos e frios.

O homem correu até a cidade para chamar um médico do hospital.

O médico não se surpreendeu. Mi Mi não saía de casa havia mais de dois anos. Ela esteve de cama nos últimos doze meses. O médico esperava que ela morresse a qualquer hora. Os sons que ele escutava pelo estetoscópio não eram animadores. Ele não conseguia entender como ela continuava vivendo apesar do coração fraco e dos pulmões inflamados. Ele havia se oferecido diversas vezes para levá-la à capital. O atendimento médico lá, apesar de ruim, era, pelo menos, um pouco melhor do que o dali. Mas ela se recusara a ir. Quando ele perguntava como ela conseguia manter-se viva apesar de todos os problemas de saúde, ela apenas sorria. Poucos dias antes, ele a havia visitado e levado alguns remédios. Ficou impressionado ao vê-la tão bem. Melhor do que nos meses anteriores. Ela estava sentada na cama, murmurando, com uma flor amarela nos cabelos. Como se esperasse companhia.

Ele não reconheceu o homem morto a seu lado. Ele era da mesma idade de Mi Mi, aparentemente de ascendência birmanesa,

ainda que não pudesse ser morador de Kalaw ou redondezas. Apesar da idade avançada, seus dentes eram perfeitos. E o médico nunca vira pés tão bem cuidados. Não eram os pés de um homem que havia passado a maior parte da sua vida andando descalço. Suas mãos não eram como as de um agricultor. Usava lentes de contato. Talvez fosse de Rangum.

Ele parecia estar bem de saúde, e o médico só pôde especular acerca da causa de sua morte.

“Ataque cardíaco”, escreveu em um pedaço de papel.

A notícia a respeito do falecimento de Mi Mi se espalhou pela região com a mesma rapidez com que se espalhara o rumor da volta de Tin Win, na noite anterior. Os moradores mais velhos da cidade chegaram ao quintal dela naquela tarde com ramos de jasmim fresco e buquês de orquídeas, frésias, gladiólos e gerânios. Eles as colocaram na varanda e — quando não havia mais espaço — eles as colocaram nos degraus, em frente à casa e no jardim. Outros levaram mangas e mamões, bananas e maçãs dos montes como oferendas, e construíram pequenas pirâmides de frutas. Mi Mi e seu amor não sentiriam falta de nada. Incensos foram acesos e presos no chão ou em vasos com areia.

Padres chegaram dos campos; monges, de suas clausuras; pais com seus filhos, e as pessoas fracas ou velhas demais para subir as montanhas eram carregadas por vizinhos ou amigos. À noite, o quintal estava repleto de pessoas, flores e frutas. O céu da noite estava limpo, o clima era ameno, e quando a lua atravessou as montanhas, a rua e as propriedades adjacentes estavam tomadas de pesarosos. Eles tinham levado velas, faroletes e lanternas a gás, e quem estava na varanda de Mi Mi via um mar de luzes. Todos sussurravam. Quem não conhecia a história de Tin Win e de Mi Mi tomava conhecimento dela agora, pelos vizinhos, que cochichavam. Alguns dos moradores mais velhos até diziam ter conhecido Tin Win e nunca duvidaram de que ele acabaria

voltando.

Na manhã seguinte, as escolas, as casas de chá e até o mosteiro estavam vazios, e não havia ninguém em Kalaw que não soubesse do ocorrido. A procissão que acompanhou os mortos ao cemitério chorava e cantava, dançava e ria. Em reunião com os militares, o abade e outros dignitários da região, o prefeito havia dado permissão para oferecer uma das maiores honras de Kalaw a Mi Mi e Tin Win: que seus corpos pudessem ser cremados no cemitério.

Desde o começo do dia, uma dúzia de jovens estava reunindo atizadores, gravetos e galhos e colocando-os em duas pilhas. A procissão levou quase três horas para ir da casa de Mi Mi até o cemitério do outro lado da cidade.

Não houve cerimônias nem discursos. As pessoas não precisavam de consolo.

A madeira estava seca, e as chamas, famintas. Os corpos foram tomados em poucos minutos.

Era um dia sem vento. As colunas de fumaça eram brancas como jasmims. Subiram ao céu azul.

A história da morte de meu pai, contada por U Ba, me pegou desprevenida. Por quê? Eu tivera muito tempo. Mas o que na vida pode nos preparar para a perda de um dos pais?

A cada hora que eu o escutara falando, minha confiança havia aumentado. Sua história trouxera meu pai à vida de modo mais vívido do que minhas lembranças conseguiriam fazer. No fim, ele estava tão próximo que eu não conseguia mais imaginar sua morte. Ele estava vivo. Eu nunca mais o veria de novo. Sentei-me ao lado de U Ba nos degraus, certa de que eles estavam dentro da casa. Eu os ouvi sussurrando. Suas vozes.

O fim da história. Eu queria me levantar e entrar. Queria cumprimentá-los e abraçar meu pai. Alguns segundos se passaram até eu entender o que U Ba dissera. Como se eu não tivesse percebido aquele capítulo final de sua história. Não entramos na casa. Eu não queria vê-la de dentro. Não ainda.

U Ba me levou de volta à sua casa, onde eu caí no sono exausta em seu sofá.

Passei os dois dias seguintes em uma poltrona em sua biblioteca, observando-o organizar seus livros. Não conversamos muito. Ele se debruçou na mesa, concentrado em seu trabalho. Examinando as páginas. Mergulhando pedaços de papel na cola. Copiando *as e os*. Desprezando todos os princípios de eficiência.

A tranquilidade com que ele realizava suas tarefas me acalmou. Ele não fez perguntas nem exigiu nada. De vez em quando, ele

olhava para mim por cima do aro dos óculos e sorria. Eu me sentia segura e protegida em sua companhia, mesmo falando pouco.

Na manhã do terceiro dia, fomos juntos à feira. Eu havia me oferecido para cozinhar para ele. Como eu fazia para amigos em Manhattan. Ele pareceu surpreso, mas contente. Compramos arroz, legumes, ervas e pimentas. Eu queria fazer um curry vegetariano que às vezes preparava com uma amiga indiana em Nova York. Perguntei onde estava o descascador de batatas. Ele não fazia ideia do que eu estava falando. Tinha uma faca. Estava cega.

Eu nunca havia cozinhado em uma fogueira. Queimei o arroz. Os legumes ferveram e a água transbordou, apagando o fogo. Ele, pacientemente, voltou a acendê-lo.

Ainda assim, achou tudo bom. Foi o que disse.

Nós nos sentamos de pernas cruzadas no sofá e comemos. Cozinhar me distraiu. Agora, meu pesar retornava.

“Você pensou que o veria de novo?”, perguntou ele.

Assenti.

“Está doendo.”

U Ba não disse nada.

“Seu pai ainda está vivo?” Perguntei depois de uma pausa.

“Não. Ele morreu há alguns anos.”

“Ele estava doente?”

“Meus pais eram velhos, principalmente para os padrões birmaneses.”

“A morte deles mudou sua vida?”

U Ba ficou pensando.

“Eu costumava passar muito tempo com minha mãe, por isso fico mais sozinho agora. Fora isso, pouca coisa mudou.”

“Quanto tempo você demorou para superar essa perda?”

“Superar? Não acho que eu diria isso. Quando superamos alguma coisa, nós avançamos, deixamos isso para trás. Deixamos os mortos para trás ou os levamos conosco? Acho que nós os

levamos conosco. Eles nos fazem companhia. Eles permanecem conosco, ainda que de outra forma. Temos que aprender a viver com eles e com sua morte. No meu caso, esse processo demorou alguns dias.”

“Apenas alguns dias?”

“Quando descobri que não os havia perdido, eu me recuperei depressa. Penso neles todos os dias. Fico pensando no que eles diriam em determinado momento. Peço conselho a eles, até hoje, com minha idade, quando logo terei que pensar em minha morte.” Ele pegou um pouco mais de arroz e prosseguiu: “Não precisei sofrer por meus pais. Eles estavam velhos e cansados, prontos para morrer. Viveram completamente a vida. A morte não lhes causava angústia. Não sentiram dor. Tenho certeza de que no momento em que seus corações pararam de bater, eles estavam felizes. Existe morte mais linda?”.

“Talvez seja preciso ter cinquenta e cinco anos para ver as coisas dessa maneira.”

“Talvez. É mais difícil quando alguém morre jovem. Demorei muito tempo para conseguir aceitar a morte de minha esposa. Ela não era velha, não tinha nem trinta anos. Havíamos acabado de construir esta casa e éramos muito felizes juntos.”

“De que ela morreu?”

U Ba pensou por muito tempo.

“Não nos fazemos essa pergunta, porque raramente temos uma resposta. Você vê a pobreza em que vivemos. A morte faz parte do dia a dia para nós. Acredito que as pessoas de meu país morrem mais jovens do que no seu. Na semana passada, o filho de oito anos de um vizinho teve uma febre da noite para o dia. Dois dias depois, morreu. Não temos remédio para tratar nem mesmo as doenças mais simples. O motivo, a busca por uma causa da morte, é um luxo grande demais em nossas circunstâncias. Minha esposa morreu à noite. Acordei de manhã e a encontrei morta ao meu

lado. É tudo o que sei.”

“Sinto muito.”

Nós dois ficamos em silêncio por muito tempo. Fiquei pensando se já tinha perdido alguém que eu conhecesse bem além de meu pai. Os pais de minha mãe ainda estavam vivos. O irmão de uma amiga havia morrido afogado no Atlântico um ano antes. Às vezes, íamos com ele para Sag Harbor e Southampton nos fins de semana. Eu gostava dele, mas não éramos próximos. Eu não fui a seu enterro. Coincidiu com um compromisso que eu tinha em Washington. A mãe de minha parceira de tênis havia morrido recentemente, de câncer. Eu havia feito aulas de piano com ela, na infância. Ela sofreu por muito tempo, e eu posterguei minha visita a ela no hospital, e foi tarde demais. Aparentemente, a morte não era muito frequente para mim. Havia o mundo dos doentes e moribundos e o mundo dos sãos. Os saudáveis e sãos não queriam saber dos doentes e moribundos. Como se nada tivessem a ver uns com os outros. Como se um passo em falso no gelo fino, uma vela esquecida, não bastassem para levar uma pessoa de um mundo a outro. Um exame de raios X com um nódulo branco no seio.

U Ba levou os pratos para a cozinha. Assoprou o fogo diversas vezes com força, acrescentou uma tora de madeira e colocou um pouco de água.

“Não quero chá, obrigada”, disse eu, e fiquei de pé, virando-me em direção à porta. “Você vem comigo?”

“Claro”, disse U Ba pela parede de madeira. “Para onde?”

Diminuímos o passo. Eu estava sem fôlego, mas não por causa da subida. A inclinação não era muito acentuada. Estávamos a

caminho da última parada em minha busca. Eu havia parado diante da casa onde meu pai morrera. Eu havia comido no jardim onde ele passara a infância e a juventude. Agora, eu queria saber onde a jornada dele terminava.

“Não tem cova nem lápide. O vento espalhou as cinzas dele em todas as direções”, U Ba me avisou.

Fiquei com medo ao ver o cemitério. Como se eu fosse admitir que minha jornada também tinha um fim.

A rua com pavimentação precária logo abriu caminho para a areia e, então, se tornou um caminho incerto, enlameado. Em pouco tempo, consegui ver as primeiras covas escondidas entre os arbustos e a grama seca. Pranchas de concreto, marrom-acinzentadas, muitas delas decoradas com inscrições birmanesas, enquanto outras permaneciam sem adornos e sem inscrições ao pó, como entulho em uma construção há muito abandonada. A grama crescia e saía das frestas em algumas pedras. Outras estavam cobertas por roseiras-bravas. Não havia flores frescas à vista. Nenhuma das covas tinha sido cuidada.

Fomos até o topo do monte e nos sentamos. Um local desolado. Os únicos sinais de atividade humana eram as pegadas que pareciam caminhos de formigas pelas montanhas. Estava silencioso. Nem mesmo o vento soprava.

Pensei em nossas caminhadas. Na Brooklyn Bridge e no ferryboat de Staten Island, em nossa casa e no cheiro dos doces de canela pela manhã.

Eu não poderia estar mais distante de Manhattan. Mas, ainda assim, não sentia saudade. Na verdade, sentia uma paz quase assustadora. Pensei nas noites em que ele me contava contos de fadas. As óperas no Central Park. Cadeiras dobráveis e um cesto de piquenique bem pesado. Meu pai não tolerava talheres de plástico nem copos de papel. Vestiu um terno preto como se estivesse em um teatro. Uma noite quente de verão. Luz de velas. Eu adormecia

em seu colo todas as vezes. Pensei em sua voz suave e em sua risada, seu olhar e mãos fortes que me lançavam ao céu e me seguravam.

Eu sabia por que ele havia permanecido conosco e por que ele havia voltado para Mi Mi depois de cinquenta anos. Tinha sido mais do que um senso de dever que o mantivera em Nova York. Eu tinha certeza de que ele havia amado sua família, minha mãe, meu irmão e eu, cada um a seu jeito. E ele amava Mi Mi. Ele se manteve leal aos dois amores, e eu me senti grata a ele por isso.

“Há mais um detalhe que pode lhe interessar”, disse U Ba.

Olhei para ele, curiosa.

“A pira de Mi Mi ficava aqui”, ele apontou para um círculo redondo a alguns passos, “e a de seu pai, logo ali, cerca de vinte metros depois. As fogueiras foram acesas ao mesmo tempo. A madeira estava seca, e as chamas devoraram os galhos. O vento estava muito calmo naquele dia. As colunas de fumaça subiram diretamente ao céu.”

Ele já havia me dito aquilo, e tentei imaginar aonde queria chegar.

“E?”

“E então, fez-se silêncio”, disse ele, e sorriu.

“Silêncio?”

“Completamente. Apesar de todas aquelas pessoas. Ninguém disse nada. Até mesmo as fogueiras pararam de crepitar e se consumiram em silêncio.”

Ali estava meu pai de novo, sentado à beira de minha cama. Um quarto rosa-claro. Abelhas com listras pretas e amarelas penduradas do teto.

“E os animais começaram a cantar?”, perguntei.

U Ba assentiu.

“Muitas pessoas presentes disseram, mais tarde, que tinham escutado os animais cantarem.”

“E de repente — sem ninguém saber o motivo — as duas colunas de fumaça começaram a se mover?”

“Posso afirmar que sim.”

“Apesar de não estar ventando, elas se aproximaram uma da outra até... ?”

“Nem todas as verdades podem ser explicadas, Julia”, disse ele.
“E nem todas as coisas explicáveis são verdade.”

Olhei para o lugar onde as pilhas de lenha e os corpos estiveram e então para o céu. Estava azul. Azul e sem nuvens.

Acordei na escuridão. Estava deitada na cama do hotel. Um sonho me despertara. Eu tinha doze ou treze anos. Estava no meio da noite em nossa casa em Nova York. Ouvira sons vindos do quarto de meu pai. As vozes de minha mãe e de meu irmão. Meu pai estava puxando o ar, um som alto, assustador, nada humano, que tomava conta da casa toda. De camisola branca, eu me levantei e atravessei o corredor. Senti a madeira fria sob meus pés descalços. Vi uma luz no quarto de meu pai. Minha mãe estava ajoelhada ao lado da cama dele. Ela chorava.

“Não”, ela gaguejava. “Pelo amor de Deus, não. Não, não, não.”

Meu irmão balançou meu pai.

“Acorde, papai, acorde.”

Ele estava ajoelhado perto dele e massageava seu peito, aplicando a técnica de respiração boca a boca. Meu pai batia os braços. Seus olhos viravam. Seus cabelos estavam molhados de suor. Cerrava as mãos. Ele relutava. Não queria ir.

Mais uma vez, ele resmungou alto. Seus braços se mexeram mais lentamente. Contraíram-se e ficaram imóveis. Momentos depois, caíram sem vida para fora da cama.

O sonho havia me despertado, e fiquei feliz por ver como a realidade tinha sido misericordiosa.

Fechei os olhos e tentei imaginar as últimas horas de meu pai com Mi Mi. Não consegui. Tive que admitir que aquela era uma parte dele que eu não conhecia. Mas quanto mais pensava naquilo,

mais eu compreendia que não tinha motivos para sofrer. Sentia uma proximidade com meu pai que não conseguia explicar nem descrever. Era a intimidade de uma criança, natural e incondicional. A morte dele não era uma calamidade, nem para mim nem para ele. Ele não havia resistido. Estava em paz. Morreu na hora e no local de sua escolha. Na companhia da pessoa que ele havia escolhido. O fato de eu não estar a seu lado não tinha importância. Isso, de nenhuma maneira, diminuía o amor que ele tinha por mim. Eu voltei a dormir alguns minutos depois.

Já era fim da manhã quando acordei de novo. Meu quarto estava quente, e o banho frio foi refrescante.

O garçom estava cochilando em um canto da sala de jantar. Ele provavelmente estava ali desde as sete. Mexido ou frito. Chá ou café.

Escutei a mulher da recepção atravessando o salão. Ela seguiu na minha direção e, com uma reverência superficial, colocou um envelope marrom sobre a mesa. U Ba o havia levado cedo naquela manhã, segundo ela. Era grosso demais para ser uma carta. Eu o abri. Tinha cinco fotografias velhas e desbotadas que me fizeram lembrar de cartões-postais dos anos 1920. As datas estavam registradas a lápis na parte de trás. A primeira era de 1949. Uma mulher jovem sentada em posição de lótus diante de uma parede clara. Estava vestindo um casaco vermelho e *longyi*, com os cabelos pretos presos em um coque com uma fita amarela. Um leve sorriso. Tinha que ser Mi Mi. U Ba não havia exagerado. Ela demonstrava uma graça e beleza em seus traços que me tocaram de modo estranho. Seu olhar era muito intenso, como se ela estivesse olhando para mim e só para mim. Ao lado dela, um menino de oito, ou talvez nove anos, de camisa branca. O filho de um irmão? Ele olhava com uma expressão séria para a câmera.

As fotos, tiradas em intervalos de dez anos, sempre mostravam Mi Mi na mesma posição. Na segunda, ela mal parecia ter

envelhecido. Atrás dela, havia um jovem, com as mãos em seus ombros. Os dois sorriam da mesma maneira sincera e simpática, mas com um leve traço de melancolia.

Na foto seguinte, os anos tinham começado a se evidenciar nela, ainda que não tivessem tirado sua radiância. Pelo contrário: na minha opinião, quanto mais velha Mi Mi ficava, mais bela se tornava. Eu não conhecia nenhuma mulher em minha cidade que não havia recorrido a cosméticos ou à cirurgia plástica em uma tentativa vã de postergar — ou pelo menos, mascarar — quaisquer sinais de envelhecimento. Mi Mi parecia estar envelhecendo com dignidade.

Mais uma vez, havia um jovem na foto.

A última foto havia sido feita em 1989, dois anos antes do retorno de meu pai. Mi Mi havia perdido peso. Parecia cansada e debilitada. Ao lado dela, estava U Ba. Eu o reconheci ao analisar a imagem com cuidado. Parecia mais jovem do que agora. Espalhei as fotos à minha frente e reexaminei cada uma com atenção.

Meu coração foi o primeiro a perceber a semelhança. De uma só vez, ele batia com tanta força que doía. Meu cérebro precisou de alguns segundos para formular o pensamento e colocá-lo em palavras. Meus olhos passavam de uma foto a outra. O homem na foto de 1969 era parecido com U Ba. O da foto de dez anos antes também, e a semelhança com a criança ao lado de Mi Mi era inegável. Fiz as contas. Imaginei U Ba à minha frente. O nariz grande. A risada. A voz suave. A maneira com que coçava a cabeça. Eu sabia quem ele me fazia lembrar. Por que não dissera nada?

Quis falar com U Ba no mesmo instante. Ele não estava em casa. Um vizinho disse que ele havia ido à cidade. Já era fim de tarde. Subi e desci a avenida perguntando por ele. Ninguém o havia visto.

Ele já havia ido à casa de chá. Normalmente, ele parava ali duas vezes por dia, explicou o garçom ao me reconhecer. Mas, naquele

dia, com certeza, ele não voltaria. Era dia quinze. Tin Win e Mi Mi morreram no dia quinze e, há mais de quatro anos, no dia quinze de cada mês, as pessoas de Kalaw realizavam uma cerimônia noturna para os namorados. U Ba estava indo à casa de Mi Mi naquele momento. Eu só precisava atravessar os trilhos e seguir a multidão.

Não havia como errar. Assim que cheguei à estação de trem, vi a procissão subindo o monte. As mulheres equilibravam tigelas e cestos de bananas, mangas e mamões na cabeça. Os homens levavam velas, incenso e flores. O vermelho, azul e verde de seus *longyis*, o branco de suas camisas e casacos brilhavam sob o sol do entardecer. Enquanto me aproximava, escutei vozes de crianças. Acompanhadas por sinos tilintando ao vento, elas cantavam a mesma melodia que eu ouvira vinda dos mosteiros nas montanhas alguns dias antes.

Eu não teria reconhecido a casa de Mi Mi. Estava decorada com bandeirinhas coloridas. Sob os beirais, havia uma corrente de pequenos sinos. O quintal e a varanda estavam tomados de pessoas que me receberam sorrindo. Passei com cuidado pela multidão. Ao lado da varanda, as crianças estavam sentadas e cantavam, e muitos dos adultos murmuravam baixinho. Sem parar, as pessoas subiam os degraus e desapareciam dentro da casa, enquanto outras voltavam para o quintal. Onde estava U Ba?

Continuei a subir, acompanhando a multidão até a varanda.

A casa era formada por um único quarto grande, sem móveis, exceto por uma cama. As janelas estavam fechadas. Dezenas de velas, espalhadas pelo chão, banhavam o quarto com uma luz quente amarelo-avermelhada. Em uma prateleira próxima ao teto, havia um Buda grande. Flores, pratos de frutas, folhas de chá, cigarrilhas e arroz estavam empilhados sobre a cama, que estava totalmente coberta por folhas de ouro — as vigas, os pés e a cabeceira, até as ripas que já tinham segurado o colchão. Ela

brilhava à luz das velas. Havia vasos repletos de incenso e mais bacias e tigelas com oferendas no chão. Cheirava a incenso e cigarrilhas. As mulheres trocavam frutas velhas por frescas, pegavam as flores murchas da cama e colocavam arranjos novos em seu lugar.

Eles faziam uma reverência diante do Buda e, então, se aproximavam da cama, fechavam os olhos, erguiam as mãos e passavam os dedos pela madeira. Como se pudessem acordar o vírus. O vírus que existe dentro de todos nós.

“A morte”, dissera U Ba, “não é o fim da vida, mas um estágio dela.” Ele não precisaria se explicar a ninguém ali.

Eu fiquei recostada em um canto, imóvel. A escuridão tomara o quintal. Por uma fresta na parede, vi que o local todo estava iluminado por velas.

De repente, U Ba estava ao meu lado. Sorriu como se nada tivesse acontecido. Eu quis dizer algo, mas ele levou um dedo aos lábios, fazendo sinal para que eu me calasse.

Agradecimentos

Quero agradecer a meus amigos na Birmânia, especialmente Winston e Tommy, pela generosa e incansável ajuda com a pesquisa em Kalaw e Rangum.

Sou especialmente grato à minha esposa, Anna, pois, sem seus conselhos, paciência e amor, este livro nunca teria se tornado real.



SIGRID ROTHE

JAN-PHILIPP SENDKER nasceu em Hamburgo, em 1960, e foi correspondente norte-americano da Stern, de 1990 a 1995, e correspondente na Ásia, de 1995 a 1999. Em 2000, ele publicou *Cracks in the Great Wall*, um livro de não ficção a respeito da China. Desde então, escreveu três romances; *A arte de ouvir o coração* marca sua estreia no idioma inglês. Ele vive em Berlim com sua família.

Copyright © 2002 by Karl Blessing Verlag Esta tradução foi publicada por acordo com Other Press LLC.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Traduzido do alemão por Kevin Wiliarty
TÍTULO ORIGINAL The Art of Hearing Heartbeats
CAPA Joana Figueiredo
PREPARAÇÃO Juliane Kaori
REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Gabriela Morandini
ISBN 978-85-8086-684-1

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Parte 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Parte 2

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Parte 3
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Agradecimientos